D.O. Leitura

São Paulo, 9 (107) abril de 1991

PORTE PAGO
ECT — DR/SP
UNIDADE: Cidade de São Paulo
ISR — 40 — 3051/81

IMESP 100 ANOS 1891 1991

Publicação Cultural da Imprensa Oficial do Estado S.A. — IMESP

Clara Levy
Apt. 302
08
000000000
SP

DIARIO OFFICIAL

DO ESTADO DE SÃO PAULO

ANNO I—3° DA REPUBLICA—N. 1 SÃO PAULO SEXTA-FEIRA 1 DE MAIO DE 1891

DIARIO OFFICIAL

Mais para não contravir os estylos do que para explicar o apparecimento desta folha e o fim a que ella destina-se na imprensa, cumpre-nos aqui expender o pensamento que o seu titulo de si mesmo annuncia.

O *Diario Official de S. Paulo* póde e deve visar, sem duvida, um objectivo social, prestando o seu concurso, minimo que seja, á elucidação dos problemas attinentes á conservação da ordem e á causa do progresso economico, industrial e politico do povo paulista. E' porém, antes de tudo, um orgam da administração, destinado a transmittir o pensamento e as deliberações governamentaes aos habitantes do Estado, esclarecendo e explicando os actos administrativos quando mal comprehendidos, e justificando-os quando censurados.

No desempenho dessa missão é o seu maximo dever interpretar fielmente os intuitos do governo, preservando a idéa que preside a gestão dos negocios publicos do falso conceito ou dos ataques dos adversarios, do que, todavia, não resulta que as o[illegible] sustentadas nesta folha de[illegible] dade du[illegible] redactores, livr[illegible] devotados á causa [illegible] politica don[illegible]

A' [illegible] bem [illegible] der publico, [illegible] dividuaes do seu esp[illegible] natural expansã[illegible] toda a vez que a acri[illegible] suras ou a violencia d[illegible] da os limites da mode[illegible] tezia e da dignidade [illegible] manter-se o orgam [illegible] ção: em tal caso, a [illegible] será o silencio e o desprezo.

Não são nossas palavras uma impertinente admoestação, mas simples prevenção, talvez superflua, ante o cavalheiroso acolhimento que aguardamos de todos os nossos collegas da imprensa.

—

Sobre ser necessariaou apenas util a creação ,do *Diario Official*, é indisputavel que a affirmativa tonar-se-á manifesta desde que se attenda ás exigencias da nova phaseem que vae entrar o Estado, após a sua organisação constitucional, e consequente desenvolvimento do expediente official, determinado pelo maior numero e amplitude das attribuições do governo, bem como ao immenso accrescimo da população, das industrias e do commercio no territorio paulista, que hade forçosamente reflectir sobre os serviços a cargo da publica administração.

Em taes condições é de ver-se que a melhor vontade da industria privada não poderá dentro em pouco, supprir a falta da imprensa official com a presteza e segurança indispensaveis aos trabalhos do governo do Estado.

Acreditamos, pois, que a fundação desta folha antecipa apenas alguns dias a satisfação de inilludivel ne-

dizia estar ameaçada, e o dr. chefe de policia não fez mais do que attender a esse pedido indo ao lugar do conflicto, onde verificou que delle resultara uma morte e alguns ferimentos em empregados do fazendeiro.

Restabelecida a tranquillidade e feitas as diligencias policiaes que o caso requeria, o dr. chefe de policia regressou immediatamente para esta capital.

ACTOS OFFICIAES

Expediente do Governo do Estado de S. Paulo

Dia 28 de Abril

1ª SECÇÃO

Foram exonerados dos cargos de presidentes de conselhos de instrucção os cidadãos seguintes:

Christiano Teixeira Lopes, de Caçapava, por ter-se mudado do municipio;

Dr. Francisco Ignacio Moreira Marcondes, de Pindamonhangaba, a pedido;

—Foram nomeados para eguaes cargos:

De Caçapava, o cidadão Innocencio Teixeira de Mattos;

De Ubatuba, o tenente-coronel Manoel Pereira de Assumpção;

Do Patrocinio das Araras, o cidadão Ignacio Ubaldino de Abreu.

—Declarou-se ao dr. juiz de di- [illegible] 1º substituto da comarca do [illegible] ve relevar ao cida- [illegible] Andrade Rezende, [illegible] poranga, da multa [illegible] sta, pelo não com- [illegible] ento á sessão do jury de 24 [illegible] dezembro ultimo, por estar elle [illegible] po occupado no serviço [illegible] eamento daquelle dis- [illegible]

OS DESPACHADOS

De Antonio Olegario dos Santos [illegible] rdoso, professor publico da 1ª cadeira de Mogy das Cruzes e José Roberto dos Santos Cardoso da de Santa Izabel, pedindo exoneração dos cargos.—Concedo nos termos do art. 132 § 1º do regulamento de 22 de Agosto de 1887.

A 1º de maio de 1891 nascia a IMESP. A história de sua criação e de seus primeiros anos de vida é narrada nas matérias das páginas 2 e 24. Como parte das comemorações do nosso primeiro centenário, esta edição do D.O. LEITURA apresenta também o panorama do que era São Paulo na última década do século passado, procurando mostrar o múltiplo cenário no qual, entre tantas novidades do decênio, se inseria a Imprensa Oficial. Falamos da instalação do primeiro governo republicano, da primeira Constituição do Estado, do ousado empreendimento urbanístico que foi a abertura da Avenida Paulista, da instalação do Museu Paulista — todos comemorando agora o seu primeiro centenário — e também da vida artística, da imigração, dos primeiros passos do movimento operário, dos bairros da cidade e de tantos outros aspectos culturais que dariam a atual fisionomia da nossa cidade e do nosso Estado.

Imprensa Oficial do Estado S.A.
IMESP (1891-1991)

IMESP: o começo difícil de uma grande empresa

Empresa estatal altamente rentável, bem administrada, com um parque gráfico moderno e em permanente modernização, número de funcionários compatível com seu porte, a Imprensa Oficial do Estado S.A. — IMESP está, por qualquer indicador (patrimônio, endividamento, rentabilidade etc.), entre "as maiores e as melhores" indústrias gráficas do País. Responsável pela edição do Diário Oficial do Estado de São Paulo (média diária de 448 páginas, no mês de março, devendo-se notar que a edição de 28 de março teve 704 páginas), a IMESP edita também o Diário Oficial do Município de São Paulo e numerosas publicações oficiais (impressos burocráticos, revistas, folhetos e livros para as Secretarias, as Universidades Estaduais e as empresas públicas e até as cédulas da Justiça Eleitoral), executando um gigantesco trabalho gráfico que abastece numerosos ramos da administração.

O começo, porém, foi bem modesto. Sua primeira gráfica, adquirida de um jornal abolicionista que perdera a razão de ser exatamente porque se consumara a Abolição, foi considerada por um relatório da época "velha, minguada e imprestável herança". O texto abaixo, que narra o início desta empresa, tem valor histórico por dois motivos: um, implícito, porque é a própria história da IMESP; em segundo lugar porque se constitui em rara documentação relativa à história da imprensa no Brasil, considerando a pormenorizada relação de informações, números e outros dados relativos a uma oficina gráfica em São Paulo, no fim do século XIX.

O texto reproduz a parte inicial da "História do Diário Oficial — São Paulo — 1891-1933", do jornalista, escritor e educador Sud Mennucci, que também foi diretor do Diário Oficial de 1931 a 1947. A obra foi escrita especialmente para o Boletim do Ministério da Educação e Saúde e publicada pela Imprensa Oficial do Estado em 1934.

"A história do 'Diário Oficial' do Estado de São Paulo, durante a Primeira República, é uma longa odisséia de quarenta anos de misérias. Custa a crer que uma unidade da Federação como esta, colocada imediatamente à frente de todos os movimentos culturais da República, vanguardeira das boas iniciativas nacionais, se houvesse por tanto tempo esquecido desse departamento que devera ser, de longa data, um modelo de organização econômica e de eficiência técnica.

Proclamado o novo regime político, a necessidade da criação da Tipografia do Estado aparecera logo como urgentíssima, máxime depois que os constituintes de 91 haviam resolvido adotar o sistema federativo para a reconstrução do País. E Américo Brasiliense de Almeida Mello, que governava São Paulo no primeiro semestre de 1891, resolveu levar a idéia ao terreno da prática, publicando o Decreto nº 162, de 28 de abril desse ano, criando o novo serviço, decreto a que se seguiu, com intervalo de três dias, o regulamento de 1º de maio.

Pondo em execução imediata os dispositivos do decreto, o Governo Provisório adquiriu a pequena Tipografia Diniz & Sol, sita no Largo Sete de Setembro, 10, e nesse mesmo local instalou a nova repartição.

O antigo e minúsculo estabelecimento gráfico, que ficava nos fundos da Igreja dos Remédios[1], tinha uma história luminosa. Nele se editara 'A Redenção', a folha abolicionista de propriedade de Antonio Bento Souza e Castro, acolitado por todos aqueles belos e nobres espíritos que se bateram, como leões, pela causa sagrada da emancipação dos escravos.

Sancionada a Lei Áurea, findara-se o prélio glorioso de que saíra mortalmente ferida a estrutura econômica brasileira, mas que salvara os foros de civilização da cultura do País. A missão de 'A Redenção', no conceito público, estava finda. Ainda se tentou, durante alguns meses, prolongar-lhe a existência. Mas, cessada a campanha, cessara juntamente o entusiasmo dos abnegados defensores da causa abençoada, e em 1889 o jornal suspendia as publicações.

Com dois anos de inatividade, a tipografia ficara, naturalmente, desfalcada e desmantelada. E era 'essa velha, imprestável e minguada herança' [2] que coubera em partilha à imprensa oficial, na hora de reconstrução paulista: 'uma máquina pequenina, toda estragada, movida a pulso, só podendo tirar, no máximo, 4 páginas de uma vez (quando forem do tamanho das do 'Diário Oficial'), parando a cada momento e tendo necessidade de ser a miúdo remendada'[2].

Essa pequena máquina era um antigo prelo 'Alauzet', cuja data de entrada no País ninguém sabia, mas que pelo estado de conservação denunciava uma idade avançadíssima... O que não lhe impediu de continuar a trabalhar no 'Diário Oficial' pelo menos até 1899.

A oficina era tão desprovida de meios que não possuía máquina 'minerva', não tinha máquina de aparar (guilhotina), nem tipos novos para o jornal, que os existentes eram poucos e em mau estado, e nem tipos necessários à impressão de obras. Essa evidente situação de inferioridade não foi, contudo, empecilho a que o novo regime lançasse o seu jornal à publicidade.

Foi seu primeiro diretor efetivo o dr. João José Araújo, que em ofício dirigido à Secretaria, e existente no arquivo, declarava ter entrado no exercício do seu cargo a 1º de junho de 1891, bem que o 'Diário Oficial' só registre a sua nomeação a 7 do mesmo mês.

Entretanto, a folha estava em circulação desde 1º de maio. Quem a dirigira, pois, nesse espaço de tempo que medeia entre o aparecimento do 'Diário Oficial' e a posse de seu primeiro diretor? O arquivo da Repartição é mudo a respeito, e de nada informa, porquanto o primeiro copiador de ofícios começa a 29 de julho.

Afirma, contudo, o sr. Arlindo Andrade Glória, decano dos funcionários do 'Diário Oficial', com quarenta e dois anos de casa e dotado de uma excelente memória, que foi o sr. José Pedro Lessa, nomeado a princípio administrador e logo depois promovido a subdiretor, quem geriu os destinos do novo órgão até a chegada do dr. João José Araújo.

As intenções do governo

Como quer que fosse, a 1º de maio de 1891, uma sexta-feira, o 'Diário Oficial' surgia no cenário administrativo de São Paulo, apresentado por este artigo-programa, de que reproduzimos em clichê o fac-símile:

'Mais para não contravir os estilos do que para explicar o aparecimento desta folha e o fim a que ela se destina na imprensa, cumpre-nos aqui expender pensamento que o seu título de si mesmo anuncia.

O 'Diario Oficial' de São Paulo pode e deve visar, sem dúvida, a um objetivo social, prestando o seu concurso, mínimo que seja, à elucidação dos problemas atinentes à conservação da ordem e à causa do progresso econômico, industrial e político do povo paulista. É porém, antes de tudo, um órgão da administração, destinado a transmitir o pensamento e as deliberações governamentais aos habitantes do Estado, esclarecendo e explicando os atos administrativos quando mal compreendidos, e justificando-os quando censurados.

No desempenho dessa missão é o seu máximo dever interpretar fielmente os intuitos do governo,

preservando a idéia que preside a gestão dos negócios públicos do falso conceito ou dos ataques dos adversários, do que, todavia, não resulta que as opiniões sustentadas nesta folha deixem de traduzir a sinceridade duma convicção — a dos seus redatores, livre e espontaneamente devotados à causa da agremiação política dominante.

Àqueles cumpre, ainda assim, a bem da sua solidariedade com o poder público, refrear as tendências individuais do seu espírito e mesmo a natural expansão das suas idéias, toda a vez que a acrimônia das censuras ou a violência do ataque exceda os limites da moderação, da cortesia e da dignidade em que deve manter-se o órgão da administração: em tal caso, a única resposta será o silêncio e o desprezo.

Não são nossas palavras uma impertinente admoestação, mas simples prevenção, talvez supérflua, ante o cavalheiroso acolhimento que aguardamos de todos os nossos colegas de imprensa.

Sobre ser necessária ou apenas útil a criação do 'Diário Oficial', é indisputável que a afirmativa tornar-se-á manifesta desde que se atenda às exigências da nova fase em que vai entrar o Estado, após a sua organização constitucional, e conseqüente desenvolvimento do expediente oficial, determinado pelo maior número e amplitude das atribuições do governo, bem como ao imenso acréscimo da população, das indústrias e do comércio no território paulista, que há de forçosamente refletir sobre os serviços a cargo da pública administração.

Em tais condições é de ver-se que a melhor vontade da indústria privada não poderá, dentro em pouco, suprir a falta da imprensa oficial com a presteza e segurança indispensáveis aos trabalhos do governo do Estado.

Acreditamos, pois, que a fundação desta folha antecipa apenas alguns dias a satisfação de iniludível necessidade.'

Deixando de lado a análise literária desse documento, com todas as características de haver sido escrito sobre a perna, ninguém diria que, com um falar tão altaneiro, nascesse a gazeta oficial tão pobre e tão nua que só possuísse estritamente o mínimo imprescindível para ser posta em circulação diariamente com as suas 4 ou 6 páginas de pequeno formato.

Mas não havia que estranhar, no alto tom de voz, que era simples reflexo do que estatuíra o Regulamento desse mesmo dia quanto às obrigações do novo matutino. É um relato que, embora um tanto longo, precisa ser lido e meditado para edificação de certas preocupações contemporâneas. A visão dos estadistas da República balbuciante diferia ao certo da dos que lhe sucederam ao depois, como este histórico dirá.

Rezava o art. 1º do citado Regulamento:

'O 'Diário Oficial' é o órgão de publicidade do Governo do Estado de São Paulo. Além do que for de lei, nele serão dados à publicidade:

Os despachos e atos do Governo do Estado;

Explicações dos atos do Governador, quando convier;

Os atos, despachos e expediente da Secretaria ou Secretarias do Estado e de todas as Repartições públicas nele existentes;

As declarações, anúncios, editais e avisos das mesmas Repartições bem como dos Juízes e Tribunais;

As leis, decretos e regulamentos do Governo Federal que devam ter execução neste Estado;

Documentos de interesse particular, que acompanharem atos ou despachos oficiais.'

E acrescentava o art. 2º:

"Além das publicações, a que o artigo anterior se refere, o 'Diário Oficial' deverá inserir, sempre que for possível:

A crônica do foro, despachos e sentenças dos Juízes e Tribunais;

Notícias sobre o movimento comercial, industrial, científico e artístico do Estado;

Resumo dos debates do Corpo Legislativo do Estado;

Extratos de relatórios organizados por motivo do serviço público;

Notícias sucintas sobre o movimento público, administrativo, comercial, financeiro, científico e artístico dos outros Estados da República, da Capital Federal e principais nações estrangeiras;

Escritos originais ou vertidos sobre ciências, artes, indústrias, especialmente a agrícola, viação, colonização e outros assuntos de interesse público;

Anúncios, avisos, declarações ou quaisquer outras publicações de caráter particular, uma vez que estejam de harmonia com a índole do jornal.'

E para que não faltasse nada à Repartição, como arma de exploração industrial e como elemento de combate e concorrência no mercado, alargava o art. 5º:

'Nessas oficinas (as do 'Diário Oficial'), serão editados e prontificados os trabalhos de caráter oficial, e, sendo possível, igualmente serão editadas e prontificadas encomendas de caráter particular, desde que não seja prejudicado o serviço público.'

A Repartição nascia, portanto, com todas as características de uma oficina que ia fazer concorrência legítima, e às claras, aos seus colegas já existentes e que não eram poucos, na pequena cidade de província à qual Campinas ainda contendia o direito de ser a capital do Estado.

E contra essa concorrência, embora já eivada do vício de monopólio para certas publicações, monopólio que se foi estendendo de ano para ano, a imprensa desorganizada e impreparada do tempo ainda não aprendera a protestar.

Primeiros passos

O 'Diário Oficial' foi cumprindo a sua missão burocrática, como podia. Tinha uma tiragem média de pouco mais de mil exemplares por dia, aparecendo numa edição que quase nunca ia além das 8 páginas, pessimamente paginadas, e nas quais, apesar das declarações tão peremptórias do artigo-programa e dos dispositivos legais, as informações e o noticiário não ultrapassavam a esfera do movimento estritamente administrativo da véspera, acrescido de alguns anúncios e editais.

Nem era mesmo um modelo de revisão ou de redação o pequeno e ilegível matutino. Encontravam-se despachos, como este que saiu à página 2 do nº 7, edição de 9 de maio de 1891, subordinado ao título 4ª Secção: 'Autorizou-se a Inspetoria dos Jardins a contratar uma música particular para tocar às quintas-feiras no Jardim da Luz.'

As suas instalações eram péssimas, a começar pelo prédio em que se localizara, mantendo as tradições de 'A Redenção'. Ficava, como dissemos, nos fundos da Igreja dos Remédios, abrangendo uma área com frente para o Largo Sete de Setembro, 10, onde existia a porta de entrada, e dando a outra para a Rua Onze de Agosto. O clichê junto (N.R. constante do livro do qual se transcreve o texto) mostra, além de uns cartazes modernissimos, uma série de cinco portas que, ao tempo, não havia, existindo cinco janelas. As dependências, embora fossem em dois pavimentos, eram acanhadas e exíguas, o que não impedia que o governo republicano pagasse por elas aluguel e nelas permanecesse.

O maquinário continuava a ser o mesmo pequeno acervo em que brilhava o prelo 'Alauzet' do antigo jornal abolicionista, máquina que serviria até 1899.

Como não existisse oficina de encadernação, o trabalho de brochagem dos folhetos e livros que o governo encomendava à sua nova Repartição era efetuado na oficina de Casimiro Correa Pinto, sita à Rua Marechal Deodoro, hoje Praça da Sé. E como as encomendas governamentais não eram insignificantes, durante mais de quatro anos essa oficina se encarregou sempre dessa tarefa, recebendo por isso muitas dezenas de contos de réis.

A assinatura do órgão oficial que, em maio e junho de 1891, custava 12$000 por ano, tanto aos funcionários como aos particulares, passou logo a custar para estes últimos 18$000.

Todos esses senões não querem dizer, contudo, que o governo se houvesse desinteressado de sua nova criação. Muito ao contrário. Os copiadores de ofícios acusam que para as despesas de instalação e montagem do 'Diário Oficial' o governo fez entradas no valor global de 53:597$920, quantia respeitável para a época. Esse dinheiro destinara-se não apenas à compra do espólio de 'A Redenção', mas também à aquisição de papel necessário, que veio em abundância, tipos novos e máquinas indispensáveis, encomendadas na Europa.

Foi o dr. João José de Araujo quem fez as primeiras encomendas de material na Europa. Não chegou a recebê-las, porquanto o primeiro diretor, cujo efetivo exercício no cargo não foi maior que um semestre, a 15 de dezembro afastava-se em licença, substituído pelo sr. Pedro Braga, administrador do 'Diário Oficial'.

É difícil, com a falta de dados notada, acompanhar esses primeiros tempos da repartição, quanto ao pessoal. Quem devia substituir o diretor seria o subdiretor que, como vimos, era o sr. José Pedro Lessa. Mas, em dezembro, este já não estava no 'Diário', que abandonara em virtude da deposição do dr. Américo Brasiliense. Aliás, outros funcionários, que haviam sido nomeados, desapareceram do quadro sem deixar vestígios de sua passagem. Tal qual como se deu com José Pedro Lessa, perde-se a notícia dos seguintes funcionários: dr. Marcolino Pinto Cabral, Francisco Augusto de Andrade, Antonio Coelho de Souza, que foram do 'Diário Ofical' e que não existem mais em 1892.

A República, mal surgira, já sabia dispensar os seus serventuários sem nem sequer se dignar conceder-lhes o decreto de exoneração.

A primeira reforma

A licença do dr. João José de Araújo foi motivada pela saída do dr. Américo Brasiliense do Governo do Estado e pelas surpresas que poderiam aparecer em virtude da aprovação do art. 41 da lei orçamentária, Lei nº 15, de 11 de novembro de 1891 'autorizando o Governo a reorganizar os serviços das diversas Repartições públicas do Estado, harmonizando-as com o plano que adotar para a organização das Secretarias de Estado e equiparando os empregados de carteira e subalternos da mesma categoria, incluindo nesta disposição o 'Diário Oficial'.

Efetivamente, a 12 de março de 1892, surgia o Decreto nº 31, que 'marcava' o pessoal do 'Diário Oficial'. Este decreto, além de suprimir o nome de 'Tipografia do Estado', que fora dado à Repartição pelo art. 4º do Regulamento de 1º de maio, tinha a preocupação de restringir o pessoal, ao mesmo tempo que elevar os vencimentos dos que ficassem.

Pela primitiva organização, o pessoal era o seguinte: 1 diretor, 1 subdiretor, 2 redatores, 3 revisores, 1 administrador, 1 arquivista, 1 chefe de oficina de obras e máquinas, 1 chefe de oficina do jornal, 1 encarregado de remessa, 1 chefe de contabilidade, 2 escriturários e 1 contínuo.

Total, 16 funcionários, custando ao erário 41:520$000 anuais. E para quem verificou a mesquinha organização do 'Diário Oficial', ao nascer, esse exército de empregados era verdadeiramente excessivo. Parecia que houvera o empenho de colocar apenas protegidos, porque serviço, por certo, não havia para tanta gente.

Pela reforma o pessoal ficava reduzido a: 1 diretor-redator, 2 auxiliares de redação, 1 gerente, 1 chefe de oficinas, 1 encarregado da remessa, 1 escriturário, 1 auxiliar e 1 contínuo.

O corte era sensível, mas apenas em o número dos funcionários, que passavam de 16 a 9. Não nas despesas, que continuavam a ser, com os gastos da revisão, 41:500$000 anuais. Economia: 20$000 por ano.

Ao mesmo tempo que se reorganizava a Repartição, nomeava-se-lhe o novo diretor, Horácio de Carvalho, que no cargo devia permanecer, contando-se-lhe as comissões e as licenças, nada menos de 39 anos, isto é, de 11 ou 12 de março de 1892 a 9 de janeiro de 1931.

A luta pelo prédio

Horácio de Carvalho distinguiu-se logo por uma fase de intensa atividade, clamando reiteradamente contra o estado miserável em que lhe entregavam o 'Diário Oficial', se é que ele de fato merecia esse nome.

Deu de pronto balanço da situação, comunicando-o ao Governo pelo ofício de 11 de maio extenso memorial em que estudava os vários aspectos das necessidades da imprensa oficial.

Horácio de Carvalho encontrava-se em aperturas. Havia chegado a Santos o material encomendado na Europa, mas não era possível montar as máquinas porque não cabiam no prédio em que se instalara o 'Diário Oficial'. E este, com o material que possuía, em estado precaríssimo, punha a imprensa na iminência de suspender a publicação do órgão. Era preciso cuidar, e urgentemente, da mudança do prédio ou de adquirir um próprio, o que seria mais acertado.

Horácio de Carvalho, ainda no início de sua longa carreira e cheio de entusiasmo, conseguiu que o dr. Cesário Motta, então Secretário do Interior, e seu velho amigo desde o tempo da propaganda republicana, se interessasse por esta última solução. Depois de muitas 'demarches' e vistorias, autorizou-se a compra do prédio nº 21 da Rua Onze de Agosto, que pertencia aos herdeiros do Senador Nicolau de Campos Vergueiro, compra ajustada por 80:000$000. A adaptação do prédio foi confiada a Teodoro Sampaio, o ilustre engenheiro que nesse tempo residia em São Paulo e pertencia ao quadro da Diretoria de Obras Públicas.

A vitória do diretor do 'Diário Oficial' não teve longa duração. Logo depois de efetivada a compra, a Secretaria da Justiça pleiteou lhe fosse entregue a maior parte do edifício para nele instalar o Fórum Criminal, isto é, os cartórios e o Tribunal do Júri, e obteve do Governo do Estado ganho de causa. É o que se colige do Decreto nº 232, de 20 de fevereiro de 1894, cujo artigo 1º reza:

'É declarado de utilidade pública, para ser desapropriado, a fim de alargar-se a área destinada ao prédio em construção para o 'Diário Oficial' e para o Fórum, o terreno sito na Rua do Quartel, adjacente à casa nº 23 da mesma rua, e pertencente ao Convento do Carmo, com as seguintes dimensões: frente, 5,95; fundo, 35,40, dividindo de um lado com a casa citada, do outro com terreno do dito Convento e pelo fundo com terrenos que são em parte dependências da referida casa nº 23, compreendendo a área total de 206,06 metros quadrados'.

Embora citado em primeiro lugar no decreto, o 'Diário Oficial' só apanhava do prédio pouco mais ou menos a parte alargada, que seria insuficiente para as suas necessidades. Mas não lhe adiantava discutir. O Fórum instalou-se em primeiro lugar e o 'Diário Oficial' precisava mudar-se para qualquer parte o mais depressa possível. Teve de aceitar o que lhe ofereciam, mesmo porque em outubro de 1894 perdera o seu diretor, comissionado para escrever a história da Revolta de 1893, ou coisa parecida, comissão que durou até outubro de 1898, mas que a julgar, pelo grifo que Horácio de Carvalho apôs a uma nota de seu próprio punho, num dos seus cadernos de apontamentos, mais parecera o ato do governo propósito de afastá-lo do 'Diário Oficial' que propriamente intenção de obter o livro de que se falava.

Aliás, a história da Revolução de 1893, se foi escrita, o que é possível, porquanto Horácio de Carvalho era um escritor infatigável e fluente, nunca foi publicada.

E isso parece dar razão ao grifo do citado caderno de apontamentos.

O diretor efetivo foi substituído, durante esse tempo, a princípio pelo gerente Pedro Braga, isto é, de outubro de 1894 a julho de 1895, e por morte deste, pelo novo gerente, sr. Miguel Cardoso Júnior, nomeado a 5 de julho e empossado no cargo de diretor, interino, a 17 do mesmo mês.

A mudança do 'Diário Oficial' para a sua nova sede deu-se na última década de abril de 1895, pois a 2 de maio o diretor comunicava que já se achava em suas novas dependências. Com a mudança se fizera também a montagem do novo prelo 'Derriey', encomendado à firma Nebiolo & Cia., de Turim, na Itália, e cuja capacidade se afirmava ser de 5.000 exemplares por hora.

O prelo custara 15 mil francos, aproximadamente, e sua montagem fora entregue ao mecânico Ernesto H. Muller, que se prontificara a fazê-la por 3:397$800. Terminados os trabalhos, verificou-se que o prelo não andava, que estava fora de nível e com as peças mal ajustadas. Foi preciso desmontá-lo e corrigir os defeitos. E como o

prelo 'Alauzet', coitado, já não podia dar mais nada, o 'Diário Oficial' viu-se na contingência de mandar imprimir as suas edições fora, o que se fetuou na Tipografia Schettini, sita na Rua da Glória.

A segunda montagem mais as despesas com a instalação das outras máquinas custaram ao erário público a bagatela de réis 10:575$970.

O inventário de 1895

Vimos páginas atrás o que a repartição possuía em 1891. Em 1895, dando conta da inauguração da oficina de encadernação, que se efetuara a 14 de novembro, o diretor interino fez questão de arrolar o novo material que existia agora na imprensa oficial, e que, comparado ao antigo, já era algo, bem que para o serviço que a esperava aquilo fosse dotação ridícula. Era o seguinte:

1 prelo 'Derriey', novo, máquina enorme e pesada, prometendo 5.000 exemplares por hora, cousa que nunca cumpriu, porquanto foi sempre má e viveu em constantes consertos;

1 prelo 'Alauzet', movido a pulso, que vinha do tempo de 'A Redenção' e que era, nesse período, apenas um espectro e servia, quando muito, para motivo ornamental das oficinas, e que foi logo depois vendido;

1 máquina 'Le Soleil', tipo minerva, cuja data de entrada ou de compra não conseguimos averiguar, podendo apenas asseverar que ainda existe na Repartição, onde presta serviços, pelo menos, há 39 anos;

1 máquina de dourar, que ainda trabalha admiravelmente;

1 de costurar, com fios de arame;

1 de encadernar;

1 de cortar papelão (facão), que ainda existe em ótimo estado;

1 de serrilhar (picotar);

1 de aparar (guilhotina), que também ainda existe e presta serviços;

1 de dobrar;

1 prensa;

1 torno.

E Miguel Cardoso Júnior, aproveitando-se da oportunidade, fazia uma carga cerrada contra o prelo 'Derriey', para condená-lo e pedir um prelo novo 'Marinoni', em substituição, cousa moderna, que devia orçar aí por uns vinte contos de réis.

O Secretário do Interior, diante das ponderações, atendeu ao pedido e autorizou a compra. O prelo chegou a Santos em setembro de 1896, mas só foi instalado em julho de 1897, porque chegara com duas peças quebradas, e foi necessário substituí-las.

Miguel Cardoso Júnior dirigiu, interinamente, o 'Diário Oficial' durante mais de três anos. A não ser a lembrança que teve de solicitar uma 'fundidora de tipos', para economia da repartição, nada mais se encontra no arquivo que se possa levar ao seu ativo como iniciativa para tentar ao menos aparelhar as oficinas que administrava, pondo-as em harmonia com o progresso crescente do Estado.

Pelo contrário até, num dos seus relatórios anuais, frisou a circunstância de estar a repartição preparada para os serviços que dela exigiam. Não chegou a desconfiar que aquilo mal chegava a ser a tentativa de um esboço.

Finda a sua interinidade, ainda permaneceu na casa, na sua função de gerente, até falecer em 1915.

A volta do diretor efetivo

A 7 de outubro de 1898, Horácio de Carvalho reassumia o exercício de seu cargo, deixando, portanto, a comissão em que estivera.

Voltou com a mesma disposição de batalhar pelo seu 'Diário Oficial', de pô-lo à altura das necessidades de São Paulo, de transformá-lo, enfim, num órgão administrativo capaz de prover a todos os pedidos das outras Repartições.

O seu relatório de 1898, escrito em janeiro de 1899, três meses, portanto, depois da reassunção, é mais um apelo nesse sentido. Pedia mais amplas dependências, isto é, ou um prédio novo ou que lhe deixassem tomar maior espaço no que estava ocupando; dando ensanchas para que a Repartição crescesse. Reiterava a solicitação da máquina fundidora de tipos, que um ano antes fora feita por Miguel Cardoso Júnior. Pedia material novo em tipos, e, pela primeira vez, uma máquina de pautar.

Estes dois últimos pedidos foram autorizados e a máquina foi adquirida à Casa Laemmert & Cia., do Rio de Janeiro, por 2:800$000. Veio uma, primeiro, que foi recusada por não satisfazer as condições exigidas, e a segunda, aceita, era uma Will nº 2, que em agosto de 1899 já se encontrava funcionando e ainda aqui se encontra, apesar dos seus 34 anos de uso. É toda de madeira, e trabalha otimamente, embora o seu tipo antiquado a torne mais propriamente candidata a um lugar honroso num Museu Técnico-Profissional.

Das demais medidas pleiteadas, nada se fez. A intenção de melhorar o 'Diário Oficial' ficava ainda mais nas palavras que nos atos. É que já surgira a acusação, que ainda continua, de que ele é uma Repartição deficitária, apesar dos balanços anuais que demonstravam saldos líquidos, contínuos e permanentes, como se pode ver, no fim do volume, no quadro geral da produção do 'Diário Oficial' durante toda a sua existência.

Como se impunha ao ouvinte distraído esse estranho juízo, que era e é a negação da lógica e da verdade? Com um simples sofisma. Perguntava-se com ar sabido quanto havia arrecadado, em dinheiro, o 'Diário Oficial', no ano tal. Digamos, 120 contos de réis. Qual foi o total das despesas nesse ano? Digamos, 230 contos. Logo, o 'deficit' é de 110 contos de réis.

O raciocínio é simplista em demasia e denuncia claramente o vício de origem. Porque a análise da questão dá resultado bem diverso.

Em primeiro lugar, o 'Diário Oficial' ou Imprensa Oficial não é uma Repartição, mas duas: o jornal e a tipografia. E a prova está em que, em São Paulo, não há nenhum jornal que explore as duas atividades ao mesmo tempo. Um, e grande, que o tentou, acabou desembaraçando-se da oficina de obras para só ficar com o jornal.

Ora bem, a arrecadação do 'Diário Oficial' é feita exclusivamente pelos serviços que o jornal presta ao público, desde que a venda de obras avulsas, no montante da renda global, figura apenas com um contigente desprezível que mal chega a 1% do total.

Logicamente, pois, essa arrecadação, que hoje orça por réis 1.200:000$000, devia servir para custear as despesas do jornal, cousa que ela faz e com saldos insofismáveis e indiscutíveis.

Mas — e aqui entra em jogo a petição de princípio — exige-se que o 'Diário Oficial', com essa arrecadação exclusiva do jornal, custeie também as despesas da tipografia, pagando as obras, folhetos, impressos e avulsos que o governo encomenda à repartição, exigência estólida, cuja inconsistência lógica aparece logo a quem seja um bocadinho guarda-livros. Felizmente o Estado não encomenda ao 'Diário Oficial' todos os impressos de que tem necessidade, repartindo-os a empresas particulares. Mas se um dia se resolvesse a fazê-lo, o argumento vinha a dar nesta beleza de conclusão: que a Imprensa Oficial, arrecadando 1.200:000$000 anuais, devia, além de pagar as despesas do jornal, pagar ainda todos os impressos, que devem orçar em mais de 3.000 contos. Isso importa em dizer que o 'Diário Oficial', do nada, teria de tirar uma porção de milhares de contos de réis.

A balela, contudo, ganhou foros de cidade desde os primórdios da Repartição, insuflada naturalmente por quem sentia as desvantagens de sua existência — e é mais gente do que parece — e vive por aí, gorda e feliz, ainda nestes nossos modernos tempos de estudos intensivos de economia política e de tecnocracia.

Ramerrão

De 1900 em diante, o 'Diário Oficial' continuou a arrastar-se, vegetando sem o carinho da administração, que, na 1ª República, nunca compreendeu a Repartição e não foi capaz de a levar às magníficas realizações a que, por exemplo, Mussolini levou a sua 'Libreria dello Stato'. Já não falamos na Imprensa Oficial dos Estados Unidos, que ocupa cerca de 5.000 operários, e que é capaz de preparar um folheto, com o volume de um livro, em poucas, pouquíssimas horas. Lá a mentalidade foi sempre outra. No decênio, de 1921 a 1930, a Imprensa Oficial norte-americana custou ao erário público 128.635.276 dólares, e apenas arrecadou, em dinheiro, 10.615.764 dólares. E não consta que lá a considerem, por isso, deficitária!

Aqui, onde não se fez nada por ela, até 1930, ninguém se lembrou, por exemplo, de a aparelhar para a produção intensiva dos livros escolares. É inacreditável que, numa terra onde os grandes empreendimentos encontram meio propício, a Imprensa Oficial não imprima nas suas oficinas essas centenas de milhares de exemplares de obras didáticas, que o governo espalha beneficamente, às mãos-cheias, pelas crianças de seus milhares de estabelecimentos de ensino.

De 1900 a 1906 pouca coisa há que registrar. Em junho de 1901, o diretor dava parecer contrário a um pedido da Light & Power para a instalação de um motor elétrico, pelo preço de 2:500$000, cobrando outro tanto pelo fornecimento de energia elétrica anual. Horácio de Carvalho sustentava que o motor a gás era, no caso em apreço, mais econômico e mais cômodo para a Repartição, o que o não impediu de aceitar, quatro anos mais tarde, o citado assentamento por 1:500$000 e 200$000 mensais de fornecimento de força.

Em 1902 foi adquirida mais uma máquina de costurar para a encadernação, seção esta que vivia sobrecarregada de trabalho e de pedidos, sem que nunca se houvesse cuidado de dar-lhe o desenvolvimento de que carecia. Em janeiro de 1904, já Horácio de Carvalho reclamava a construção de um puxado para tal oficina, que só viu transformada em realidade em abril de 1906. Mais de dois anos para obter um melhoramento que ficou em 3:646$030!

E apesar de tão pequenos e ínfimos esses melhoramentos, não há remédio senão citá-los porque, do contrário, nada haveria que contar. A vida do 'Diário Oficial' era tão sem importância, figurava tão mesquinhamente no tabuleiro do xadrez administrativo, que para traçar-lhe a história não se pode fugir ao registro dessas miudezas insignificantes.

O golpe

Em 1906, inesperadamente, houve um governo que se preocupou com o 'Diário Oficial', e tratou de reformá-lo, o que obteve com a autorização contida no art. 43, da cauda orçamentária, da Lei nº 1.059 de 28 de dezembro desse ano. Mas não foi para ampliá-lo que a reforma veio, foi para mutilá-lo. Porque, sem a menor consulta ao diretor, explodia a 31 de agosto de 1907 o Decreto nº 1.505, pelo qual 'a repartição do 'Diário Oficial' teria a seu cargo exclusivamente a publicação do jornal 'Diário Oficial', ficando suprimidas as oficinas de obras, de encadernação e outras quaisquer que lhe estejam anexas'.

O português não é, positivamente, uma maravilha, mas as intenções não deixam margem a dúvidas de interpretação. Aliás, quem as tivesse, perdê-las-ia por certo com a leitura do art. 28 do mesmo decreto, que determinava:

'As obras, cuja impressão estiver começada e as encadernações já principiadas, serão terminadas com a máxima presteza; aquelas que ainda não tiverem sido iniciadas, não terão andamento, sendo os originais das obras e livros e papéis enviados para encadernar, devolvidos às repartições que os remeteram'.

O português continua a ser um modelo de tautologia, mas ninguém pode alegar que não entende o que o legislador deseja com tantas explicações: destruir as oficinas de obras do 'Diário Oficial' com a maior velocidade possível.

Não no conseguiu, entretanto. Esse próprio artigo — garrote que indicava a marcha da eliminação das oficinas, foi que as salvou. Havia em andamento várias obras de fatura lenta pela própria natureza do trabalho: o volume da 'Coleção de Leis e Decretos do Estado de São Paulo', e o 'Anuário Demógrafo-Sanitário', que nesses belos tempos vivia rigorosamente em dia. O governo ficava entre as duas alternativas: ou deixar terminá-las ou perder a enorme massa de trabalho já feito, pois que o decreto de reforma alcançava a repartição em setembro, quase no fim do ano. Teve que optar pela primeira solução, o que protelava, contra a vontade do governo, a extinção das oficinas.

Consultado o diretor sobre o tempo que exigiriam os trabalhos existentes para terminar, mostrou este que antes de junho de 1908 não era possível executá-los. E como não queria assistir à degringolada daquilo que lhe custara tanto esforço para criar, solicitou lhe fosse concedida a licença-prêmio de seis meses a que tinha direito, e entrou no seu gozo em princípio de março. Prolongou depois o seu afastamento, com mais três meses de licença comum.

Foi o prazo necessário a que o governo tivesse o tempo de refletir e de voltar atrás. Tendo verificado que a economia (sic), isto é a diminuição de despesas resultante da extinção das oficinas orçava por 100 contos de réis, e tendo apurado que só a impressão de duas obras de que tinha necessidade, no ano de 1908, ficar-lhe-iam em mais de 150 contos, o governo mudou de tática, continuando a mandar trabalhos ao 'Diário Oficial, até que em fins de novembro concordou em deixar reorganizar as oficinas, sem contudo revogar os dispositivos expressos do decreto de 31 de agosto de 1907.

Quando, em meados de dezembro, Horácio de Carvalho reassumiu o exercício, encontrou a sua repartição refeita do tremendo golpe que lhe havia desferido o governo Jorge Tibiriçá.

O tempo, entretanto, mostraria que não adiantara nada a prova feita da necessidade do 'Diário Oficial', nem mesmo esse fato concreto, contra o qual a administração se chocou, da impossibilidade de viver sem a sua oficina de obras. Nem mesmo recuando, depois da decisão assentada e sancionada, seria isso capaz de mudar a mentalidade reinante a respeito da utilidade da repartição.

Mais de um ano teve ela que esperar a revogação do decreto de 1907. Só a 4 de agosto de 1910, o Decreto nº 1922, valendo-se da autorização concedida pelo art. 49, letra D, da Lei nº 1.197 de 29 de dezembro de 1909 — sempre a cauda orçamentária — estatuiu que a repartição do 'Diário Oficial' teria a seu cargo não só a impressão e distribuição do jornal, como também oficinas para confecção de trabalhos concernentes à arte tipográfica, à encadernação e à pautação, tanto oficiais como particulares.

A reforma em 1910 repunha, portanto, o 'Diário Oficial' na mesma situação em que nascera em 1891. Além de poder atender a pedidos de particulares para as obras, o jornal publicaria, afora a matéria oficial:

artigos originais ou traduzidos sobre instrução pública, viação, colonização, estatística, ciências, artes e quaisquer assuntos de interesse geral;

'notícias de ocorrências notórias, políticas, comerciais, literárias e de outras ordens'.

Os legisladores e estadistas da velha guarda, como se vê, teimavam em assegurar ao 'Diário Oficial' o direito de concorrer na praça com a indústria privada.

E embora os dispositivos registrassem apenas veleidades que nunca chegariam a se efetivar na prática, a administração insistia, contudo, em deixar patente que não abria mão da prerrogativa e que a faria valer a qualquer tempo.

É isso, pelo menos, o que se pode deduzir dos decretos."

•

Hoje, a IMESP tem suas atribuições legais discriminadas pela Lei nº 228, de 30 de maio de 1974, que não incluiu na sua competência "o direito de concorrer na praça com a indústria privada".

Notas

1 — Nessa mesma Igreja, Antonio Bento, fazendo-a como que uma dependência do seu jornal, colecionava todos os instrumentos de tortura da raça desgraçada que os caifazes apanhavam, coleção que se foi enriquecendo a ponto de ser motivo para uma demorada visita dos curiosos, e que desapareceu, inexplicavelmente, sem deixar vestígios.

2 — Frases de Horácio de Carvalho, segundo diretor efetivo da Repartição, que nela permaneceu cerca de 39 anos, quando escreveu o seu primeiro relatório, referente a 1892, que é, aliás, o primeiro do "Diário Oficial".

Às margens do Ipiranga: museu e teatro da História

O Salão Nobre do Museu Paulista é, neste artigo, objeto de minuciosa e original apreciação que chama a atenção para o fato de tratar-se de "uma antologia de figuras — quase 150 — que se articulam no repertório iconográfico da Independência", constituindo "não somente um monumento arquitetônico, mas a reencarnação figurada de um gesto gerador da nacionalidade". Conhecido popularmente por Museu do Ipiranga, o Museu Paulista, hoje parte integrante da USP, é uma instituição emblemática de São Paulo e se coloca entre as mais importantes realizações da cultura paulista na última década do século XIX.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses

Museu Paulista da Universidade de São Paulo

Há cem anos, em 1890, foram dadas por encerradas, apesar do acabamento incompleto, as obras do Monumento à Independência, erigido no sítio em que ela fora "proclamada". As primeiras propostas de comemorar o evento e mobilizar sua significação, fixando-lhe lugar preciso e um referencial de leitura imediata, começaram já em 1823 e se estenderam para além de meados do século. Dificuldades diversas fizeram com que a celebração começasse a tomar corpo apenas a 25 de março de 1885, quando se iniciaram efetivamente os trabalhos de construção do monumento projetado pelo engenheiro italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi (1).

O monumento era um edifício, não um marco ou conjunto escultórico, ou algo semelhante. Mais ainda, era um palácio de derivação neo-renascentista, que o Ecletismo colocou em voga. Durante algum tempo discutiu-se o uso que se faria desse edifício. Acabou vingando, após muita confusão, um objetivo utilitário e se destinou o prédio a um museu. Criado em 1893, o Museu Paulista, que incorporou o recém-criado Museu do Estado e a Coleção Sertório, inaugurou-se em 1895 (a USP o assumirá em 1963).

Ainda que o modelo, para o museu, fosse o de História Natural, então de grande prestígio na Europa e nos Estados Unidos, a função de memorial da Independência foi preservada e se reforçou. O próprio projeto arquitetônico de Bezzi previa, no saguão de entrada, na escadaria monumental e no salão nobre do segundo andar, nichos, suportes e vazios emoldurados, que aguardavam decoração — indispensável num memorial.

Hermann von Ihering, naturalista alemão convocado para ser o primeiro diretor (1894-1916), apenas preencheu alguns desses espaços reservados ao culto cívico. E com Affonse de Escragnolle Taunay (diretor de 1917 a 1946), que o memorial atinge sua máxima expressão e eficácia. Esse politécnico convertido à História Pátria vai não só aproveitar a oportunidade dos festejos do 1º Centenário da Independência, em 1922, como também capitalizar os benefícios simbólicos da Independência em harmonia com o projeto hegemônico de São Paulo na República Velha (já então assediado por contestações).

Seu programa é direto, preciso, coerente, articulado e mobiliza, num crescendo, os três espaços disponíveis (2). Ao saguão, com suas 15 colunas de aparato, coube a responsabilidade de referenciar a formação e ampliação (por obra e graça dos paulistas) do território brasileiro. Daí a presença, em quadros e pinturas murais, por J. Wasth Rodrigues, dos primeiros habitantes, como Martim Afonso, João Ramalho, Tibiriçá e o "rei povoador", Dom João III, juntamente com os brasões de São Bernardo e Cananéia. Daí, também, a explicação das figuras do bandeirante, entidade cujo conteúdo ideológico e expressão iconográfica têm, em Taunay e no Museu, uma raiz identificável: com 3,5m de altura, as esculturas de Luigi Brizzolara encarnam Raposo Tavares e Fernão Dias Paes, que se voltam, cada um, para as áreas que respectivamente desbravaram.

Já a escadaria monumental dá conta da integração desse território. As ânforas com suporte em bronze, por De Giusto, colocadas ao longo da balaústre, contêm água dos principais rios nacionais, assinalando, assim, a amplidão do espaço. No patamar, de um lado e outro do nicho em que se entronizou a estátua heráldica de D. Pedro I, por Rodolfo Bernardelli, as ânforas misturam as águas do Oiapoque e Chuí e do Capibaribe e Javari, rios extremos norte-sul e leste-oeste. Por mais dilatado que seja, portanto, o território, mantém-se íntegro, não se desmembrou ou compartimentou como sucedeu alhures na América.

Mas é em torno do primeiro Imperador que se dá não só a integração do território mas sua transformação em nação. Por isso é que ao longo das paredes ou na sanca, até o teto, os medalhões, quadros e esculturas sobre pedestais (por Henrique Bernardelli, Oscar Pereira da Silva, Amadeu Zani, Nicolau Rollo, H. van Emelen, João Batista da Costa, Rodolfo Amoedo, Fernando Machado) apresentam novas figuras de bandeirantes e dos ciclos de ocupação (caça ao índio, gado, ouro, Amazônia), mas, também os precedentes da Independência (Inconfidência Mineira, Revolução Pernambucana de 1817) e os protagonistas do processo vitorioso de 1822, cujas figuras se irradiam a partir da de D. Pedro I: os Andradas, Vergueiro, Barata, Cockrane, Labatut, Soror Joana Angélica, etc. etc.

No entanto, é no Salão Nobre que a alegoria histórica se expande e atinge vitalidade e eficácias totais — o que, de certa forma, se faz em detrimento de conteúdos mais particularizadamente "paulistas".

A localização, no andar superior, na desembocadura da escadaria monumental e as dimensões excepcionais (9,10 x 20m, 10,40m de pé-direito) sinalizam hierarquia. A disposição lateral dos acessos e a modulação das janelas, acentuada por requintada modenatura em gesso, que incorpora motivos heráldicos, por sua vez reforçam a hierarquia interna, privilegiando a grande parede do fundo, que receberá a tela-fetiche de Pedro Américo, "Independência ou Morte", vulgarizada como "O Grito do Ipiranga" (7,60 x 4,15m). Diante dela, de um lado e outro, com dimensões semelhantes (2,77 x 3,35m), duas telas de Oscar Pereira da Silva: à esquerda (de quem se coloca em face da tela do "Grito"), o "Incidente da Fragata União" e, à direita, a "Sessão das Cortes de Lisboa". Nas paredes laterais, com as mesmas dimensões (1,33 x 2,33m), de novo em correspondência, por Domenico Failutti, a Imperatriz Leopoldina e seus filhos, do lado esquerdo e, do outro, Maria Quitéria em uniforme militar. Coroando a grande parede, em medalhão de 2m de diâmetro, também por Pereira da Silva, no eixo que divide a tela e a sala (e, atravessando a janela axial e o parque, centraliza o Monumento do Centenário da Independência e divisa a Avenida Pedro I até o Parque D. Pedro II), a efígie do primeiro imperador, acompanhada por medalhões semelhantes para Gonçalves Ledo (esquerda), Clemente Pereira (direita), José Bonifácio (parede lateral esquerda) e Feijó (lateral direita).

Em suma, a arquitetura e a pintura se integram, não há objetos num espaço, há objetos produzindo um espaço qualificado. Nesta operação, a supremacia cabe ao pictórico. O Salão Nobre torna-se, assim, uma antologia de figuras — quase 150 — que se articulam no repertório iconográfico da Independência.

A peça mais antiga, a grande tela, data de 1888 (encaixou-se no lugar para ela reservado apenas em 1890). As mais recentes, os óleos de Pereira da Silva, são de 1922. Está claro, pois, que não podem ser utilizadas como documentos históricos (fontes de informação primária) da Independência. Tanto mais que, sabemos, foram todas objeto de encomendas (a de Pedro Américo, pelo Governo Imperial, antes que o Museu existisse; as demais, por Taunay), todas acompanhadas de especificações precisas: assim, o modelo para D. Leopoldina foi uma gravura austríaca de 1824; para Maria Quitéria, uma gravura de Maria Graham, de 1822. Já a megatela pagou seu tributo à linguagem da pintura histórica vigente na Europa, com seu arsenal de poses, movimentos, atributos e modismos plásticos. Não obstante, Pedro Américo freqüentemente veio ao Ipiranga, para conhecer-lhe a luz, a topografia e outros traços presentes ao final do século XIX, como a "Casa do Grito" (3).

Este volumoso imaginário visual desdobra-se, dessa forma, em quatro planos. O primeiro, óbvio entre todos, é o da tela principal, simbólico. De fato, ali há alguma ação (homens e cavalos em agitação), mas nenhum efeito concreto previsível, nenhum desdobramento inferido, como seria, por exemplo, a derrota de um inimigo. No momento seguinte à cena, poder-se-ia supor um arrefecimento dos ânimos, as espadas seriam reembainhadas, o cortejo, reorganizado, podendo retomar seu rumo. Talvez apenas as fitas com as cores portuguesas, que algumas personagens arrancaram do uniforme, não viriam repostas. Toda a eloqüência, portanto, se canaliza apenas na produção de sentido, de um significado, indicando valor novo para as coisas que permanecem.

As telas em frente introduzem ações igualmente dramáticas, mas para as quais, ao contrário, se podem prever conseqüências imediatas e tangíveis. Constituem o nível político. Aqui (na corte do Rio de Janeiro, a 8/2/1822), D. Pedro ordena, sob ameaça, que o General Avilez volte a Portugal; lá (nas Cortes de Lisboa, a 9/5/1822), a deputação brasileira investe contra a portuguesa, impedindo a recolonização do Brasil.

Aos homens cabem papéis extremamente diferenciados, mas às mulheres, apenas dois, cristalizados, radicalizados, opostos. As telas laterais comportam a regra e a exceção (ignoramos a sombra feminina que embala um bebê, na janela da casa em Pedro Américo): de um lado, a Imperatriz, mãe com sua prole, vetor de tranqüilidade e continuidade nesse clima de insegurança; de outro, Maria Quitéria, mulher, porém guerreira porque, numa situação de risco, não se podem medir esforços e, além disso, a Independência é aspiração universal.

No alto, a efígie do herói protagonista é acolitada por quatro dos "próceres da Independência". Esta, assim, não é uma ação individual, fruto de alguma inspiração exclusiva ou rompante personalista, que apenas teria acompanhantes de cena. Mas também não é ação social (o carreteiro de Pedro Américo que o diga, ele que, como seus dois companheiros, nada está a entender do que ocorre). É, no entanto, ação coletiva. Por isso mesmo, é que tem caráter matriz.

No espaço interno do Salão, deixa-se o mundo visual para confronto com objetos materiais: já não se trata mais de representações. Reiterando o eixo principal, está uma pequena vitrina centralizada, verdadeiro escrínio, em que chamam a atenção madeixas de D. Leopoldina, D. Tereza Cristina, D. Amélia, Princesa Isabel. Nas vitrinas laterais, sobressaem objetos tridimensionais e manuscritos.

A da direita é a mais interessante e inclui um capacete de latão, uma dragona de coronel, uma espada. Seriam, afinal, documentos históricos? Ao menos são contemporâneos da Independência, embora não sincrônicos do "Grito". E também são coisas reais, elas próprias, não intermediações ou reelaborações. Os cabelos são até mesmo relíquias orgânicas, corporais. E os manuscritos? Não é, por acaso, em papéis que os historiadores costumam buscar, por excelência, sua matéria-prima? No entanto, nesta cenarização museológica, deve-se concluir que o caráter de documento está sobrepujado pelo de caução, aval. Estes objetos todos servem não propriamente para dar alguma informação mas para caucionar, avalizar a informação basicamente já fornecida pelas imagens, para autenticar o que nelas aparece — e os valores decorrentes. Tudo aquilo que está nas pinturas, convergindo para a maior delas, é, pois, *verdadeiro*. O vistoso capacete de longas crinas é bem aquele que Pedro Américo pintou (não importa que os Dragões da Independência, com sua indumentária de aparato, sejam posteriores ao fato que os gerou); José Bonifácio deixou seu selo pessoal na carta de 1822 que escreveu a D. Leopoldina; esta, também, foi figura de carne e osso — e cabelos. A própria ruptura de tom (do heróico ao banal, do grandiloqüente ao prosaico, do nacional ao pessoal) tem por efeito autenticar como real o conjunto, pois a tensão do real não pode ser permanente, senão saturaria. Por isso, no fundo, talvez o carreteiro alienado e as madeixas descoloridas testemunham, em uníssono, a autenticidade da mesma mensagem: a nação foi fundada.

Ao pé da grande tela, o golpe de misericórdia: num modesto suporte, a caixa de ferro e a pedra fundamental do Monumento da Independência, de 1825. Voltando-se para si própria, completa-se a alegoria, em círculo fechado.

O memorial, portanto, não é somente um monumento arquitetônico, mas a reencenação figurada de um gesto gerador de nacionalidade e que, pela evocação, permite a celebração, com seus efeitos pedagógicos. Estão aqui presentes todos os elementos que tornam esse conjunto precioso documento histórico para compreender, não a Independência, mas o imaginário da Independência — e suas funções — do final do século XIX em diante. Com efeito, essa verdadeira catedral cívica é ainda lugar cultuado por massas de "romeiros" que, particularmente na Semana da Pátria, acorrem ao Ipiranga. As práticas podem ter mudado, assim como os conceitos, expectativas, ideologias, clichês, em torno de núcleos de sentido como dependência/independência, nação, pátria, herói, ação, história memória, etc. etc. Mas a alegoria montada ainda é eficaz.

Transformar o Museu Paulista num verdadeiro museu histórico não é eliminar, como purgação das manipulações ideológicas, esta alegoria e sua prática, mas incorporá-las a seu campo de documentação e de trabalho reflexivo.

Notas

1 — O catálogo da exposição **Às margens do Ipiranga: 1890-1990,** com que o Museu Paulista da USP comemora, de 5-12-90 a 28-4-91, o centenário do edifício que abriga, contém o histórico do monumento e do museu e sua análise como construção física, ideológica e simbólica, além do registro da documentação pertinente e bibliografia básica.

2 — Para o programa conceitual e ilustrações, são fundamentais as obras de A. de E. Taunay, **Grandes vultos da Independência brasileira.** São Paulo, Melhoramentos, 1922; **Guia da Secção Histórica do Museu Paulista**. São Paulo, Imprensa Oficial, 1937; e **Comemoração do cinqüentenário da solene instituição do Museu Paulista no Palácio do Ipiranga.** São Paulo, Imprensa Oficial, 1946. Para fotografias das principais peças e ambientes aqui tratados, ver o catálogo de Orlando Marques de Paiva, ed., **O Museu Paulista da USP,** São Paulo, Banco Safra, 1984.

3 — Ver Pedro Américo de Figueiredo, **O Brado do Ypiranga e a proclamação da Independência do Brasil. Algumas palavras acerca do facto histórico e do quadro que o comemora.** Florença, Typographia da Arte della Stampa, 1888.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses é diretor do Museu Paulista da Universidade de São Paulo e professor titular de História da mesma Universidade. Endereço do autor para correspondência: Museu Paulista - Caixa Postal 42503 - 04299 — São Paulo — SP

História da Avenida Paulista

Até 1890 era apenas uma trilha de boiadas no alto do espigão. Em 1891 foi aberta e urbanizada pelo engenheiro Joaquim Eugênio de Lima. Hoje, ao comemorar o seu primeiro centenário, embora esteja longe de ser uma das vias mais antigas da cidade, transformou-se no símbolo de São Paulo. Em torno dela, nasceram novas ruas, novos bairros e instituições que já se confundem com a história da cidade e do Estado. Aristocrática desde o berço, a Avenida Paulista tem aqui contada sua história de pioneirismo, de beleza, de religiosidade e romantismo. Nela e junto com ela aparecem muitos e muitos nomes daqueles que construíram São Paulo.

Duílio Crispim Farina

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

O acadêmico e historiador Nuto Sant'Ana, no 5º volume de *São Paulo Histórico*, diz: "...Lá por 1890, quando se abriu a Avenida Paulista, todo o vasto espigão jazia inculto, com uns restos da exuberante mata do Caaguaçu *nome original do espigão; em tupi, mata grande ou mato grosso* entre a Consolação e o Paraíso". E logo a seguir: "... nada existia na paragem senão ilhotas de vegetação, caminhos sinuosos; para um lado, as extensas várzeas de Santo Amaro e, para outro, a paisagem montanhosa, vendo-se ao fundo, no primeiro plano do cenário, o casario multiforme da urbe princípio-de-século, preparando-se para a explosão das suas forças em potencial..." E "foi crescendo, enquanto com ela crescia o bairro em derredor, povoando toda a imensa Avenida, que veio a ser, em certo tempo, a principal da metrópole e que é ainda, graças à sua situação privilegiada, uma das belas e aristocráticas da Capital paulista..."

Em 1890, a futura Avenida Paulista, inicialmente concebida para ser Rua Real Grandeza, era apenas uma trilha aberta no alto do espigão. O presidente da Intendência Municipal de São Paulo em 1892, doutor Clementino de Souza e Castro, fez constar de seu Relatório dos Trabalhos Executados pelo órgão a ele subordinado: "A expensas e iniciativa dos cidadãos João Garcia, Eugênio de Lima e José Borges de Figueiredo, proprietários da chácara Bela Cintra, foi rasgada uma grande avenida a partir do Largo Paraíso aos Pinheiros, numa extensão de cerca de 2.800 metros sobre 30 de largura, toda beneficiada a pedregulho, com largos passeios de cada banda e toda arborizada. É hoje um dos mais apreciáveis e concorridos passeios da Capital, muito principalmente depois dos bondes da Ferro Carril. O custo desta obra montou em algumas dezenas de contos".

Antonio Egídio Martins, ao referir-se ao lançamento da pedra fundamental das obras da primeira caixa de abastecimento de água para a cidade, no alto da Consolação, diz: "O portão de ferro que existe na entrada da antiga chácara, onde está a mesma caixa, tem o nº 159 e fica em frente à Rua Piauí, sendo que os terrenos da mesma chácara confinavam com os que pertenceram a Joaquim Eugênio de Lima, que mandou, entre os anos de 1890 a 1894, abrir neles diversas ruas e a Avenida Paulista, havendo a Companhia Viação Paulista, logo depois de concluídas as obras e arborização da mesma avenida, mandado construir nela a linha de bondes, que foi substituída, há poucos anos, pela que ora existe e pertence a The São Paulo Tramway Light & Power Company Limited, que inaugurou a sua linha nesta Capital, a 7 de maio de 1890".

Joaquim Eugênio de Lima, filho de Joaquim Manuel Pereira Lima e de d. Maria Polonia Moreyra Rios, nasceu em Montevidéu, Uruguai, a 6 de setembro de 1845. Diplomado em Agronomia na Alemanha, após viajar pela Europa e percorrer vários Estados do Brasil, integra-se em São Paulo, e pioneiro urbanista (jornalista e filantropo), com fecunda existência, lega desenvolvimento e ilustre progênie.

Possuidor de grande área de terras na Liberdade, dividiu-a em lotes, abrindo ruas e facilitando a venda desses terrenos e pronta edificação. José Jacinto Ribeiro enaltece-lhe essa ação de proselitismo, logo completada pela Avenida Figueiredo, na Mooca, hoje Rua Borges Figueiredo.

Logo volta-se para o que será sua obra máxima. Antes da construção da Avenida Paulista havia no local uma trilha primitiva, denominada Real Grandeza, que era o percurso feito pelas boiadas em demanda do matadouro e pelos carros de boi.

Essa trilha começava, mais ou menos, na Rua da Consolação até encontrar a Rua Augusta e continuava, a serpear, pelo alto do espigão do Caaguaçu, descia pela ribanceira do vale que vinha do Riacho do Anhangabaú, ia para a baixada do Rio Pinheiros, subia novamente pelo espigão, pelas alturas do ponto em que esteve instalado o Observatório Astronômico (lado direito do atual Museu de Arte) e continuava pelo referido espigão até a Rua Vergueiro.

No Largo do Rosário, 3A (hoje praça Antônio Prado), sediou-se o escritório de Eugênio de Lima, de compra e venda de terrenos na Capital. Os três beneméritos cidadãos, por sua conta e risco, contrataram o agrimensor Tarquino Antonio Tarant, que executou o plano ideado. Aterrou o vale por onde hoje passam os Túneis 9 de Julho, executou todo o movimento de terras, arruou, pavimentou, arborizou e cercou todos os terrenos marginais da Avenida Paulista, tendo rasgado as alamedas transversais (traçadas por Bartolomeu Banchia). Às ruas abertas no lote que fica para o lado da cidade deram os nomes de Alamedas Amparo (hoje Campinas), Ribeirão Preto; e ao lote do lado oposto, do atual Jardim América, os nomes de Rio Claro, Casa Branca, Limeira (atual Peixoto Gomide), Jundiaí (hoje Ministro Rocha Azevedo). Estas no sentido transversal à avenida, e no longitudinal a ela, Alameda Santos, Jaú, Itu, Tietê e Lorena.

Fora destinado um quarteirão para um parque, Parque da Avenida (hoje Siqueira Campos). Contrataram um francês, Paul Villon, célebre pela ação na Guanabara, e que se encarregou do ajardinamento do parque e construção de um Pavilhão em que foi instalado ótimo restaurante que a crônica do tempo aplaudiu por nada ficar a dever aos existentes nos parques das grandes cidades européias. Esse parque foi inaugurado em 3 de abril de 1892. A obra realizada fora concebida, planejada e executada com redobrados esforços e metas persistentes. Dinheiro, labores, aquisições inúmeras e não foi fácil abrir o boulevard onde era trilha mal traçada.

No ponto em que até há pouco existia o Trianon, página de nossa história social, mostra de costumes e hábitos de várias décadas, necessitou-se fazer grande aterro, pois nesse local o espigão era cortado pelo vale que vinha do Anhangabaú e pelo Córrego Saracura, e caminhava para as várzeas de Santo Amaro, seguindo este corte exatamente a direção dos atuais Túneis 9 de Julho.

Em 17 de maio de 1891, Eugênio de Lima recebeu a visita do governador Américo Brasiliense de Almeida Mello às obras da Avenida Paulista, com seu séquito composto pelo senador Rangel Pestana, pelo doutor Clementino de Souza Castro (presidente da Intendência) e ainda pelo dr. Julio de Mesquita (intendente e redator do jornal *O Estado de S. Paulo*), e outras pessoas de projeção. Após o término da inspeção foi servido na Chácara Bela Vista "um delicado lanche". Chega logo a iluminação e Teodoro Sampaio muito colaborou para que a rede de água e esgoto fosse estendida à nova via.

Tomando como ponto de partida o largo do Paraíso, a via do lado esquerdo era destinada aos bondes, a do centro às carruagens e a do lado direito aos cavaleiros. O leito de todas elas era recoberto de pedregulho branco em contraste com a arborização. A inauguração deu-se aos 8 de dezembro de 1891. Pensou-se em chamá-la Prado de São Paulo ou Avenida das Acácias, mas venceu a atual denominação: "Será Paulista, em homenagem aos Paulistas", asserção final do criador Joaquim Eugênio de Lima.

Atanásio Caravaggio obteve contrato para ser o guarda-matas da Avenida, tornando-se posteriormente funcionário da Prefeitura do Município.

No dia da inauguração, em lanche oferecido na residência do dr. Fernando Albuquerque, na rua de Santo Antônio, o velho Milliet, no discurso de saudação, depois de louvar a iniciativa de Eugênio de Lima e historiar a sua vida, terminou dizendo: "Este homem merece, com a gratidão dos paulistas, uma estátua".

O homenageado retribuiu com festa magnífica na sede da Chácara Bela Cintra, situada nas proximidades da atual Rua Padre João Manuel, entre as atuais Alamedas Franca e Tietê, cujo portão se achava situado na Avenida Paulista, exatamente onde começa hoje a citada Rua Padre João Manuel.

Na esquina da nova via com a atual Avenida Brigadeiro Luís Antônio, uma bonita mesa de doces foi servida ao público; um quadro de Jules Martin, agora no Museu Paulista, retrata o episódio do dia da inauguração do mais arrojado feito urbanístico que até então havia sido realizado nestas plagas.

Surgiam uma via e novos bairros, e com eles novos modismos de uma cidade em transformação. Além da Capela de Santa Catarina, só havia mais uma pequena ermida, quase sempre fechada, apenas a abrir suas portas por ocasião das festas anuais do Divino Espírito Santo; e esporadicamente em alguns domingos para ser rezada missa. Eugênio de Lima contratou o padre Pascoal Gazineu para, daí em diante, todos os domingos, celebrar os ofícios religiosos. Donativos e oferendas, por ocasião dos festejos religiosos, pelos moradores das imediações (inclusos os da Rua Augusta) permitiram o surgir da Igreja do Divino Espírito Santo, a marcar capítulo novo naqueles recantos, com o bulício de comemorações álacres, leilões e festejos, retratos de um tempo de singeleza e fé.

O *Diario Popular*, de 9 de dezembro de 1891 inseria em seu noticiário a inauguração de nova linha de bondes que, partindo da Rua Boa Vista, seguindo pela de São José, São João, Formosa, Santo Antonio (no Bexiga), Abolição, Santo Amaro, dirigia-se à Avenida Paulista. Trajeto realizado em pouco mais de trinta minutos, apesar das longas e íngremes subidas do percurso. Com a linha perfeitamente assentada, os carros correram rapidamente e sem o menor acidente. Os convidados, diretores etc. tomaram lugar "num novo carro, semelhante, descontando o tamanho, aos de 1ª Classe da Estrada de Ferro do Norte". Na avenida foi servido um bem preparado lanche aos convidados, e na volta o sempre bom anfitrião dr. Fernando de Albuquerque oferecia "na sua poética residência, à Rua de Santo Antonio, um delicado *lunch* aos cavalheiros que vinham no carro inaugural". Houve troca de brindes, a salientar os méritos e serviços da maioria dos presentes.

Parque da Avenida

O Parque da Avenida Paulista, em 1894, surgia com aspecto imprevisto e panorama deveras surpreendente. A avenida arborizada, incessantemente percorrida por cavaleiros, peões e carruagens, já oferecia diariamente um quadro animador. Esperava-se o surgir, num futuro próximo, de numerosos palacetes, num contexto aristocrático. O *Estado de S. Paulo*, de domingo, 6 de maio de 1894 (traduzido do *L'Echo du Brésil* descrevia "um pavilhão que recosta sobre a verdura o seu perfil", a aparecer no fundo do anfiteatro formado pela mata. Era o Parque do Coronel Figueiredo (sócio de Lima e Garcia), ocupado por M. Villon, criador de jardins no Rio de Janeiro, a dirigir agora obras de encantamento: "Sob a espessa folhagem dessas árvores seculares, sobre cujo tronco o cipó se enrosca, em uma temperatura igual, as crianças podem brincar à vontade, e este canto feérico tornou-se há muito o passeio predileto da elegante população paulista". Florestas de fetos em miniaturas, com largas folhas como finas rendas; aléas de palmeiras variadas, rosas multicores desabrochando nos tabuleiros, suaves e delicados perfumes. O Parque Villon, com belezas recém-introduzidas, excelente orquestra aos domingos, esplêndida cozinha, vinhos escolhidos, preços razoáveis, afabilidades da gerente Mme. Evrard, eram "outros tantos atrativos para as pessoas inimigas do *spleen*".

Ainda soberba construção estilo árabe complementava o conforto. Num primeiro andar grande sala de banquete, para conter cem pessoas, quatro gabinetes reservados, seis aposentos, cômodo para a administração, sala de banhos, duchas... No apartamento térreo, grande salão para recepções, gabinete de leitura, bilhar, cinco gabinetes reservados, salas de banhos etc., atrações para "habitués", os mais exigentes. Outros dias, outros ademanes, um pouco de Paris transplantado para os trópicos...

No magnífico parque, ribeiros, quiosques, conchas, rochedos e cascatas, pavilhão de música, ponte rústica, camélias multicores a reproduzir jardins da Itália, orquídeas em estufas, usos e costumes dum tempo d'antanho de "savoir dire, savoir faire, savoir penser...".

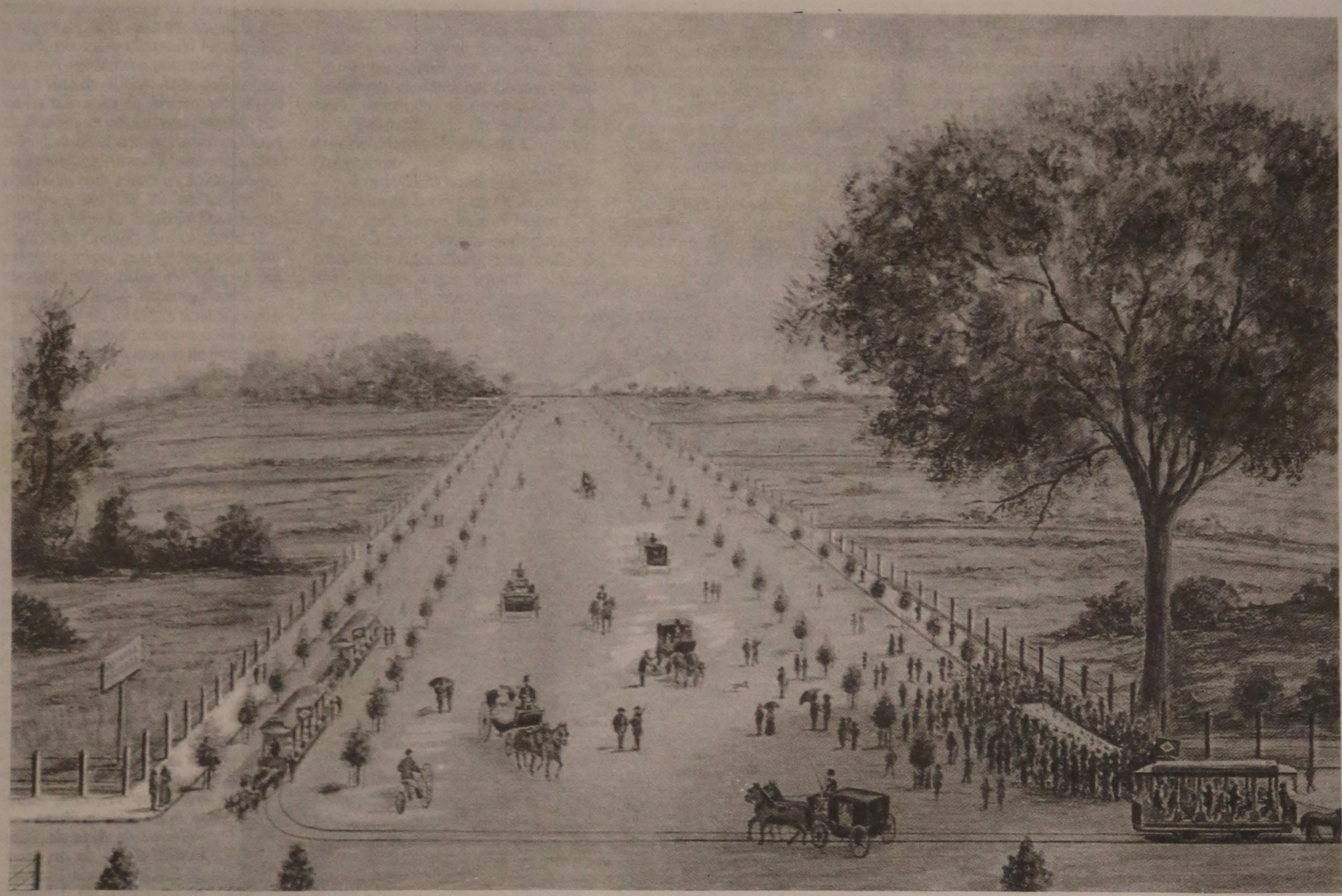
É necessário recordar a colocação de numerosos bichos-preguiça, encanto da meninice d'outrora, feliz em localizá-los dentro da cerrada mata, em altos galhos, com dificuldade se deslocando.

Boiadas na Paulista

Progresso, evolução, mas nem por isso o belo ponto da cidade deixa de ser motivo de críticas acerbas. Ainda em maio de 1894 o velho *Estadão* alerta para a continuada passagem de boiadas em direção ao matadouro, com grande prejuízo da arborização. Baldada a Lei nº 100 da municipalidade, baixada com o fim de proibi-lo, o abuso continuou. As árvores novas, cercadas de engradamento para que pudessem prosperar, com o continuado trânsito de bois, e por célebres corridas de pequenos veículos aos domingos, estavam fadadas à destruição. As pessoas que guiavam charretes ou cabriolés, no entusiasmo das disputas, disparavam os cavalos, os veículos entre as árvores, resultando ora em uma delas resvalarem, ora quebrar um engradamento...

O jornal volta à carga, por mais de uma vez: já seria necessário um serviço de bondes superior ao atual; o material rodante deixava a desejar quanto ao asseio. O percurso, sendo penoso, deveria ser feito com animais suficientes, para não expor o passageiro a um trajeto tão longo, que poderia ser efetuado em poucos minutos... Reclamava-se, conclamava-se, evoluía-se...

O *Diario Popular*, de 14 de junho de 1902, ao noticiar o transpasse de Joaquim Eugênio de Lima, expres-



Tomando como ponto de partida o Largo do Paraíso, a via do lado esquerdo era destinada aos bondes, a do centro às carruagens e a do lado direito aos cavaleiros. O quadro, do pintor e arquiteto francês Jules Victor André Martin (o mesmo que projetou o primeiro Viaduto do Chá) retrata o dia da inauguração da Avenida Paulista, (8 de dezembro de 1891). A direita (onde hoje há o cruzamento com a Brigadeiro Luís Antonio), foi servida ao público uma mesa de doces. (O quadro, aquarela sobre papel, 800×590 mm, está no Museu Paulista da Universidade de São Paulo.)

sava o reconhecimento da terra paulistana, ao enfatizar as virtudes do varão que acrisolara São Paulo com melhoramentos e belezas sem conta: "inolvidável prestador de serviços à Piratininga, de que tão justamente se orgulham os paulistanos, aberta na outrora tão conhecida Chácara da Bela Cintra, de sua propriedade, e os Bairros de Perdizes, Mooca, Tatuapé, Paraíso..." (1).

É mister referir que, quando da morte de Carlos de Campos, presidente do Estado de São Paulo, em 1926, a Avenida Paulista tornou-se Avenida Carlos de Campos, por breve período, nome mudado após o cessar da Revolução de 1930, para Avenida Siqueira Campos. Este componente do Tenentismo teve seu nome logo mais restrito ao Parque, em frente ao Trianon.

Leonardo Arroyo, brilhante pena, enalteceu também as facetas de jornalista de Eugênio de Lima, sempre a terçar as armas por São Paulo e suas causas, máxime nos velhos jornais, por volta de 1873, com os nomes de *Omnibus* e a *Cidade de S. Paulo*.

Com sua distinta consorte Dona Margarida Joaquina Álvares de Toledo Lima, Joaquim Eugênio morou em autêntico solar paulista, no Largo de São Gonçalo (que desapareceu com a abertura da atual Praça João Mendes; São Gonçalo é o nome da igreja que lá continua até hoje), sendo a oficina de trabalho, como já referimos no Largo do Rosário. Veio a residir na Avenida Paulista, filha dileta, até os seus últimos dias.

Vacas na Avenida

Tal como fora concebida e executada, permaneceu a Avenida Paulista até 1908, quando o prefeito Conselheiro Antonio Prado manda alargar os passeios e substituir por ligustruns a arborização. Reduziu-a de quatro para dois renques, e transformou o antigo calçamento em asfalto. Depois vem a administração do Barão de Duprat, que faz edificar o Trianon com seus terraços, o Belvedere, suas pérgolas e seu amplo salão de festas. A ulterior e subseqüente gestão Washington Luís inaugura o Trianon, harmoniza com este o parque fronteiro, erguendo a bela colunata, infelizmente mais tarde demolida, planta ipês entre os ligustruns e entrega a um paisagista inglês a remodelação do parque (2).

Como aves de arribação chegaram os novos moradores. Laura Oliveira Rodrigo Otávio, esposa de Rodrigo Otávio Filho, filha de Numa de Oliveira, escreveu *Elos de uma corrente*, repositório de hábeis informes sobre São Paulo d'outrora, e principalmente dos primeiros tempos da Avenida Paulista, quase despovoada. Seu tio Horácio Sabino construiu nova residência na Alameda Santos, vindo da Vila Buarque: "não sei dizer o ano, mas lembro-me de meu avô Sabino nessa casa e ele morreu em 1902".

O ciclismo, novo esporte, como sempre aumentando adeptos que "iam com suas máquinas fazer exercícios na larga avenida, sem ninguém que os perturbasse. As moças usavam calças bombacha, cobertas por saia fendida apesar de usarem bicicletas especiais, e chapeuzinho canotier, em palha (chapéu bilontra); e a criançada ficava na calçada de espectador..."

Eram poucas as casas de moradia. Horácio Sabino, primeiro na Alameda Santos, "possuiu casa de um só pavimento, tendo uma sala interna como se fosse pátio, para onde abriam todos os cômodos e onde eram as brincadeiras", quando o tempo não deixava as crianças ficarem no jardim (3).

O terreno enorme permitia a permanência de uma vaca que propiciava "leite quentinho pela manhã". O jardineiro italiano tinha esposa sempre a fabricar pão em casa, forno no quintal. Horácio Sabino, avançado de idéias, foi precursor de venda de terrenos a prestações. Abriu ruas naquele bairro para o lado da várzea de Pinheiros e "aos domingos oferecia cerveja aos fregueses que vinham fazer negócios, com xaranga para alegrar mais o ambiente, e assim se fez a Vila América, nome de sua mulher".

Em recordações saudosas, a autora de páginas utilíssimas para levantar modismos de uma época, toda simplicidade e fineza, encontramos doces evocares: "de manhã havia o leite fresco, passeio pela Avenida, visita ao Parque Paulista onde víamos a preguiça pendurada numa árvore".

Sabino, num terreno amplo, quarteirão inteiro, tinha plantado de antemão para que a futura casa, ao ser edificada, já tivesse o parque formado: "era lindo, frutas, horta, vaca". Avenida Paulista 46 (esquina da Rua Augusta), construída no auge do "art nouveau", risco de Victor Dubugras, arquiteto francês a marcar a arquitetura de alguns decênios. Laura esplendeu: "a avenida foi se povoando, belas residências foram construídas e meus tios ali permaneceram até o fim da vida, em 1950. Nesse jardim tão bem tratado foram plantados dois ciprestes. De repente se juntaram e formaram uma só árvore que tio Horácio dizia ser a imagem dele e da tia América; e realmente parecia. Acabaram a vida com intervalo de dias; um não pôde viver sem o outro".

Simbolismo de uma era já perdida na distante curva do passado, expressão sociológica de uma família bem estruturada, união para a eternidade, floreira com amores-perfeitos, semeeira a espoucar em farta messe... (4).

O Instituto Pasteur

Moradias apontam nos espaços, até então vazios. De forma subtânea vão se albergar, na nova Avenida, centros de medicina e saúde.

Aos 29 de novembro de 1903 a Diretoria do Instituto Pasteur adquiriu, pela quantia de 40 contos de réis, o prédio localizado na Avenida Paulista nº 224, "situado em lugar ameno e aprazível, com vastas acomodações". E ali a sede definitiva do Instituto, convenientemente adaptada, foi solenemente inaugurada, "com a presença dos dignos membros do governo, autoridades, grande número de cavalheiros e de distintas famílias de nossa sociedade", conforme consta do Relatório.

Em 1903 os drs. Inácio Wallace da Gama Cochrane, Azurem Furtado, Bettencourt Rodrigues, Ivo Bandi, Ulisses Paranhos, tomaram a decisão de fundar, na cidade de São Paulo, o Instituto Pasteur, cujos Estatutos foram aprovados no dia 1º de outubro daquele ano. De iniciativa particular exclusivamente, o estabelecimento, produto de subscrição pública, logo foi considerado como "Instituição científica e humanitária" disposta a modelar-se, quanto possível, pelo tipo de outros Institutos congêneres existentes no estrangeiro" e com os quais se esforçaria por estabelecer e manter as mais estreitas relações. Naturalmente, calcado no Instituto Pasteur, de Paris, as finalidades propostas não eram simples, e sim capazes de atender às necessidades sócio-sanitárias do burgo em franca expansão. Era corolário natural e conseqüente das proposições pioneiras da empresa para atuar em nosocômios e órgãos sanitários, a que não foram estranhos homens da estatura de Luís Pereira Barreto, Carlos Botelho, Arnaldo Vieira de Carvalho e outros mais. Em 14 de novembro de 1888, tinha-se inaugurado o Instituto Pasteur, em Paris, decorrência do gênio experimental do insigne descobridor dos tratamentos, preventivo e curativo, da raiva. Felix Le Dantec, filho dileto da grande escola, é destacado por Pasteur, e a convite do governo do Estado de São Paulo veio para a criação de núcleo sanitário, com os encargos iniciais de fundar em Santos um laboratório de combate à febre amarela. Aqui estrutura o Instituto Bacteriológico com os objetivos de realizar trabalhos no domínio da microscopia e da bacteriologia em geral, em suas aplicações ao estudo de epidemias, endemias e epizootias que surgiram com gravidade ascendente em nosso meio. Cabia-lhe também o preparo e a remessa de vacinas destinadas à defesa e tratamento de diferentes enfermidades. Le Dantec foi seu diretor durante o primeiro ano de atividades.

Com rápida e fugaz passagem, mas suficiente para orientar o Instituto e indicá-lo à confiança do governo paulista, foi a presença do dr. Adolfo Lutz, sucessor emérito de Le Dantec.

No recém-criado Instituto Pasteur, de São Paulo, integravam a diretoria os doutores Inácio Cochrane, Matias Valadão, Alberto Seabra, Alberto de Menezes Borba e o desembargador José Maria do Valle. Assinaram os estatutos, em outubro de 1903, além desses membros fundadores, mais os seguintes: doutores Bettencourt Rodrigues (6), Arnaldo Vieira de Carvalho, Paulo Bourroul, Azurem Furtado, Roberto Hottinger, Ulisses Paranhos, Ivo Bandi, Pedro Baptista de Andrade e os senhores Francisco Matarazzo, Guilherme de Andrade Vilares e Clemente Vuono Netto.

Os Hospitais da Paulista

Em torno da velha Capela de Santa Catarina, nasceu o hospital do mesmo nome. Lá pontificou Walter Seng, de origem austríaca, mas que se enraizando na Paulicéia aqui construiu família, casando-se com a filha do grande jornalista José Maria Lisboa. Rubião Meira enalteceu-o em *Médicos de Outrora* como trabalhador incessante, muito inteligente e muito culto, grande cirurgião e que conhecia a sua arte como poucos. Foi durante toda a sua existência chefe clínico da Casa de Saúde Santa Catarina onde ainda hoje, à porta, sua herma patenteia o grande apreço dos discípulos e continuadores, entre os quais, Benedito Montenegro, Décio Pacheco Pedroso, Fábio Schmidt Goffi, e tantos mais.

O ano de 1911 assiste à ereção de modelar estabelecimento de medicina e cirurgia, o Instituto Paulista.

Antônio Cândido de Camargo e Luís Felipe Baeta Neves, somando sonhos e esforços, são os lidadores de obra perfeita para o tempo. Em sistema pavilhonar abrigam-se centros cirúrgicos, sob influxo dos novos conceitos de assepsia de França, casa de saúde para moléstias nervosas e mentais, núcleos de ortopedia, fisioterapia, gabinete radiológico, todos os ademanes de então para a melhor assistência médico-hospitalar. A eles se agregam Enjolras Vampré, Nicolau Moraes Barros pai, Rezende Puech, Luís do Rego, seguidos por Paulino Watt Longo, Domingos Define, Orlando Pinto Souza, Sergio Paiva Meira, Antônio e Alfredo Bahia, Floriano de Alencar, imensa corte de facultativos pelas gerações e decênios.

O bloco nosocomial levantou-se em um alqueire de terra, parte da antiga chácara da Bela Vista, a congregar muito da mata original do Caaguaçu, com espécimes raros de flora, árvores seculares. A tradição oral aponta-nos que ilustre figura do patriciado paulista, alienado nos últimos anos da existência, retirara-se para essa gleba, em pequena casa, de conforto relativo, mais tarde morgue do Instituto Paulista, a receber os prolongamentos de vidas ceifadas pela insídia desta e aquela moléstia. Baeta Neves e Antonio Camargo, esculápios, conhecedores da chácara-albergue, adquirem-na para soerguer o hospital que por quase 70 anos assistiu ao evolver da sociedade paulistana. A área compreendia chãos limitados hoje pelas ruas Antônio Carlos, Peixoto Gomide e avenida Paulista, com entrada pela alameda Rocha Azevedo (7).

Em 18 de agosto de 1894, fato singular acontecido com o dr. Bráulio Gomes, em visitação diária aos

No mesmo ano em que começava a São Silvestre, 1924, realizavam-se também na Paulista as corridas de automóvel. A foto mostra a chegada em frente ao Trianon, onde se acha hoje o Masp - Museu de Arte de São Paulo. (Foto do arquivo de Sílvia Laraia Kawal, reproduzida do Álbum Iconográfico da Avenida Paulista, de Benedito Lima de Toledo. Editora Ex-Libris e João Fortes Engenharia São Paulo, 1987.)

clientes, acarreta a gênese da Maternidade de São Paulo. A deambular pelas ruas da velha urbe, ainda pacata e provinciana, Bráulio Gomes divisa na calçada, estirado, um vulto feminino. Ao aproximar-se identifica mulher grávida, de extrema pobreza, a necessitar urgentes socorros. Cobre-a com a capa e leva-a para a sua morada, oficina de trabalho médico, onde lhe propicia conforto e assistência moral. Como afirmou Eduardo Martins Passos (8) essa morte tornou-se memorável pelo alto sentido social decorrente, pois Bráulio convidou amigos e com eles vai criar e edificar a primeira casa de assistência e proteção à mãe pobre. Oito dias depois, em 26 de agosto de 1894, São Paulo ganhava uma casa de caridade, obra de Braulio, Rodrigues dos Santos, Cesário Mota, José Alves Guimarães e das senhoras Ana Maria de Moraes Burchard, Irene de Avelar Brandão Penteado, Francisca de Campos, Adelina Mota, Maria da Glória de Araújo Guimarães, Zerbina Libero, Claudina de Paiva Macedo.

Em fevereiro de 1897, a baronesa de Limeira doa à Maternidade uma casa situada na Ladeira Santa Ifigênia nº 25, para onde se transferem as suas instalações a 8 de dezembro do mesmo ano, lugar em que se iniciou de fato a assistência à mãe pobre de São Paulo.

Em 1903 é feita a compra de um terreno em ponto distante do centro, na Rua Frei Caneca, próximo à Avenida Paulista, com magnífica área que hoje ostenta orgulhosamente esse monumento ímpar de filantropia e benemerência que é a Maternidade de São Paulo. Inicia-se em 12 de março de 1904 a construção da primeira ala de um dos edifícios próprios da Maternidade à qual se seguiram outros com o decorrer dos anos. Longa trajetória com Sylvio Maia (1899 a 1933), Antonio Vieira Marcondes (1934 a 1948), na direção, com Raul Carlos Briquet, Nicolau Moraes Barros, Waldemar de Souza Rudge, Eduardo Martins Passos, legião de espíritos de escol, capítulos importantes da História da Civilização de Piratininga.

Batalhas de flores

Não havia somente casas santas para amenizar a dor e vencer as doenças. A aristocrática via presenciou momentos de euforia. Jorge Americano escreveu que "como em Nice tivemos batalhas de flores". Descreve aquela do distante 1909 com landôs, vitórias abertas, ou automóveis de capota arreada. Os veículos eram entregues, para adornos, à Loja Flora, Hortulânia ou Lojas da China, do Japão ou Ceilão, nomes de exotismos orientais, já que se tornaram comuns passeatas comemorativas de datas ou eventos pátrios de destaque, à luz das lanternas, em noites festivas "marches aux flambeaux".

Por um prodígio de arquitetura, o veículo virava pagode chinês, todo de hortências. Outro figurava caramanchão de cravos vermelhos. Ou barco de vela de azaléas e casco de rosas. E um cisne de dálias brancas. Outros carros só apresentavam festões de folhagem e "bouquets" de flores de dois em dois em palmos. Mas, recorda Americano, o carro sem enfeites não era admitido a entrar na Avenida Paulista: "apareciam caminhões adornados, quotizavam-se várias famílias, alugavam e enfeitavam o caminhão, armado em barraca com festões, folhagens e flores, enchia-se de moças e rapazes, e as indispensáveis mães ficavam amedrontadas no banco comprido central, com assentos de um lado e de outro. Dentro de cada carro, cestas de flores, acompanhadas de sorrisos e cumprimentos".

Aduz mestre Jorge Americano, em lembranças e saudades de *São Paulo naquele Tempo:* "Era caro, e não durou muito".

Entretanto deverá perdurar a certeza de que São Paulo já foi romanesca e mui ditosa...

Oh! Tempos, oh! mores!

"O footing, o desfile de viaturas (túlburis, faetons, cabriolés etc.) em domingos de sol, ou em tardes de verão e primavera, vão ser modificados com "o rodar sereno, suave, lento, majestoso, aristocrático, de "limousines", além de baratinhas maxixeiras, onde não raro se divisavam, sorridentes e amáveis, personalidades em relevo na política e até S.S. Exas. os senhores presidentes do Estado". Informe de Paulo Cursino de Moura que enfatiza "o encontro, ali, de sorrisos que se compreendem, na frase do poeta, na promessa ardente, tecido de leveza e de graça, na refulgência de um céu primaveril".

No Carnaval, sucessor do entrudo, "nesse carnaval circunspecto dos paulistas, o corso zumbindo, ligeiramente, um ruído agoniado de ceticismo, procurando apenas evidenciar, aos olhos da plebe, acotovelando-se nas calçadas, o desperdício, no jogo de serpentinas policrômicas, na ostentação de esvaziar o bolso, com alarde, do muito ouro, da nababesca riqueza".

A Avenida Paulista, agora, observa e registra o perpassar das gerações. No seu término, na perpetuidade do bronze, o monumento a Olavo Bilac, ressaibos da Campanha Nacionalista. Nas pérgolas do Parque, notáveis trabalhos: "Aretusa", "Nostalgia", "Pecador", "Ubirajara", obras de Leopoldo e Silva. Na instrução, ainda e sempre, o Grupo Escolar Rodrigues Alves, nas vizinhanças do Instituto Pasteur e dos palacetes dos construtores da incipiente indústria paulista: Crespi, Matarazzo, Gamba, Pugliesi, Carbone, Falchi, Bras Alario, Paraventi, Scuracchio, Camasmie, detentores das auréolas do poder. Junto à Consolação até a Avenida Angélica a figura patriarcal de Pereira Inácio (português, fundador das Indústrias Votorantim), estruturador de raça de gigantes que vão atingir vértices nos anos vigentes. Já estão o fidalgo Colégio São Luís, transplantado de Itu, e na caridade e humanitarismo, o Instituto Paulista e o Sanatório Santa Catarina. Efêmera a nova nomenclatura, Avenida Carlos de Campos. Em 1930, logo após a quartelada outubrista, o 1º Concurso de Miss Mundo ganho pela gaúcha Iolanda Pereira, encontra nota de verve e graça com o desfile de Miss Turquia, em Chevrolet, "com a capota baixada", assentada em colchas de brocados e damascos, na verdade pilhéria dos estudantes de Direito. A odalisca era acadêmico travestido...

Entre o novo cemitério do Araçá e o seu precursor, o da Consolação, estímulos e realizações da Marquesa de Santos, ainda se abria um vazio, apresentando hiatos, sem solução, para as bandas do Sumaré e Pinheiros. A falha largamente será compensada, porém, com o aparecimento da Vila Cerqueira César, loteada à mão direita de quem percorria o velho Caminho do Sertão, no começo da vertente oposta, rumo ao vale do Pinheiros. Essa iniciativa se deveu ao capitalista José Oswald de Andrade, pai do escritor Oswald de Andrade que, para tanto, adquiriu e se utilizou das terras da chácara Água Branca dos Pinheiros e do Sítio Verde. Na área que tão diligentemente urbanizou, se situam hoje os primeiros quarteirões da Rua Teodoro Sampaio e Cardeal Arcoverde (9). Em bela chácara vizinha a ambas, no declive desses quarteirões, morou e passou a infância e juventude o insigne mestre Edmundo Vasconcelos, cirurgião excelso e orgulho da Casa de Arnaldo e tradutor de Paul Valéry.

A Igreja do Divino Espírito Santo

Desde os primeiros balbuciares do novo conglomerado urbano, a ermida, depois Igreja do Divino Espírito Santo ou Igrejinha da Bela Vista, somou a freqüência dos novos moradores. Cursino de Moura relembrou-a, rua longa e torta, a começar em bairros de casas mal alinhadas para terminar, entre alas de esplêndidos palacetes, na suntuosa Avenida Paulista. No trajeto descansava em plácido ancoradouro, onde a ermida, suave e plangente, da Bela Vista, num promontório de graça e de sedução, domina a planície de Saracura Grande.

Leonardo Arroyo em *Igrejas de São Paulo* conta-nos a história da igreja: José Paim Pamplona, açoriano residente no Rio de Janeiro, era casado e possuía duas filhas, uma da quais, Maria Isabel, casou-se com Mariano Antonio Vieira, também português, proprietário de muitas terras loteadas para vender aos patrícios, no local que denominou Bela Cintra, por lembrar-lhe a famosa Cintra dos arredores de Lisboa. A mulher de José Paim Pamplona ficou doente, tal seria a dura vida que levava na ajuda ao marido para a defesa do pão de cada dia. E por essa razão teve de voltar à ilha de São Miguel, nos Açores, em busca de saúde. Levou os filhos consigo e deixou o marido no Rio, onde grassava terrivelmente a febre amarela. Com o coração em sobressalto partiu para a terra, fazendo promessas ao Divino Espírito Santo para que resguardasse o esposo dos perigos que o cercavam. Essa promessa consistiu numa novena tão logo regressasse para o Brasil; um ano depois, regressava com os meninos e com a saúde recuperada. Encontrou o marido são e salvo a braços com a exploração da pedreira da Gamboa. Em 1880 mudou-se para São Paulo José Paim Pamplona, trazendo a família e residindo na Bela Cintra numa casa própria quase fronteira à Rua São Miguel (10). Ao aqui chegar morou inicialmente na casa do genro Mariano Antonio Vieira, pois a sua moradia ainda estava a construir-se. Aí, na casa de Mariano é que começaram as novenas pagadoras da promessa. Dessa novena nasceu a igreja e, no ano seguinte, em 1881, constituía-se a Irmandade do Divino Espírito Santo, cujos exercícios religiosos transcorreram na sala particular provisoriamente transformada em capela de Mariano Antonio Vieira.

A freqüência em incremento fez surgir a idéia de uma capela. Tinha apenas uma única porta e enfeites de

madeira no frontispício. Ficava entre a hoje rua Pamplona e a alameda Rio Claro, no então chamado Monte Alegre, um verdadeiro patamar, a dominar a vista da cidade. Anos depois, ainda na narrativa de Arroyo, por efeito da doação de um terreno próprio, por iniciativa de Mariano Antonio Vieira e sua mulher, a capela tomou mais importância com a instituição do seu patrimônio. No dia 26 de agosto de 1887, o cônego Eugênio Dias Leite, vigário da Consolação, celebrou ali a primeira missa, que foi bastante concorrida, seguindo-se de festejos em louvor ao Divino Espírito Santo.

Em 1903 foi feita a segunda construção do templo: ocupava então a superfície de quatro metros de frente por seis de fundo com seis degraus de entrada, dois sinos e uma frontaria de chalé. Um desses sinos ainda bimbalha na torre da igreja do Divino Espírito Santo. Em 1908 começou a vida legal da paróquia, sendo seu primeiro vigário o padre Adoniro Krauss, que melhorou a capela existente, pondo-lhe arcadas laterais, construindo a capela-mor e sacristia. Exatamente a mesma igreja que lá se encontra hoje, na rua Frei Caneca, perto da Maternidade São Paulo (11). Em 1931 foi nomeado vigário Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo, historiador de largos conhecimentos, autor da monumental *A Igreja na História de São Paulo*, em 7 volumes. Natural de Santana de Parnaíba escreveu a história de seu pequeno burgo, mas tornou-se figura invulgar e característica do bairro, ainda nos anos 60, até o seu desaparecimento (12).

O Observatório da Avenida

Bento Sanches d'Orta, astrônomo, matemático, químico, examinador das virtudes das águas de ribeiros e fontes, andou por São Paulo, a soldo do Rei, e sob ordens de Bernardo José de Maria Lorena e Silveira, 5º Conde de Sarzedas, governador e capitão-general de São Paulo, durante 9 anos. Indicado pelo Vice-Rei, Sanches d'Orta chegou a Piratininga nos dias de Lorena e, em 31 de julho de 1789, daqui saíam suas primeiras "observações astronômicas", em relatos a Portugal, e realizadas com "o óculo de observação" do Conde Sarzedas. Aos 30 de julho de 1790, quase um ano depois, chega a São Paulo o primeiro telescópio. Vinha de Londres, mas em péssimo estado a ponto de merecer más referências de Sanches d'Orta e de Francisco de Oliveira Barbosa, ambos matemáticos, membros da Expedição que deveria explorar o Rio Igureí: "Achavam que o óculo de observação dos satélites, vindo de Londres, presentemente tinha uma ramificação no centro bem contrária ao ajustado da observação, de sorte que, se não houver outro, hão de servir-se de um pequeno que era de posse de Bernardo de Lorena." É do labor de Sanches d'Orta o relatório pleno de observações astronômicas com o propósito de facilitar a entrada de navios na barra de Santos. Faleceu ele em 21 de dezembro de 1794. No século passado, em seu último decênio, ainda existia um "aparelhamento para observações de astronomia", na propriedade de Couto Magalhães, junto ao Rio Tietê, na ponte velha, chácara do brigadeiro, mais tarde sede da Atlética São Paulo de Regatas. A morada da Ponte Grande era velho sobradão "com um canto em forma de torre quadrangular, coberto da abóboda movediça de aço, que conteve, há 50 anos, o famoso observatório astronômico, doado tempos depois à Escola Politécnica". Aureliano Leite, em sua biografia do último presidente da Província de São Paulo (o general de brigada Couto de Magalhães), quando da queda do Império, também refere que "o fato de correr justamente por sobre este recanto da Paulicéia o Trópico de Capricórnio teria sugerido ao espírito investigador do Brigadeiro a montagem dos seus telescópios à orla do Tietê".

Também exaltou o posto de observações Horácio de Carvalho, jornalista mineiro radicado em São Paulo, no seu *Bouquet de Cousas*, sob a epígrafe: "O Solitário da Ponte Grande" (13).

Os primeiros trabalhos oficiais sobre a Meteorologia paulista foram realizados em 1887, na antiga Comissão Geográfica e Geológica, por Albert Löfgren, botânico, sob a direção do ilustre Orville Derby, geólogo. Criou-se, depois a secção de Botânica e Meteorologia, chefiada por Löfgren; mais tarde, os estudos passaram a cargo de F. J. Schneider, no denominado Escritório Meteorológico da Comissão Geográfica.

Em 1902 os quadros reorganizados levam ao Serviço de Meteorologia, sendo José Nunes Belfort Matos (14) convidado por Cândido Rodrigues, secretário da Agricultura, para chefiar o novo serviço, o que fará até o ano de 1926. A sede do Serviço, com sua parte administrativa, ficava no Pátio do Colégio a dois passos do antigo Palácio do Governo. Além de uma considerável rede espalhada por todo o Interior do Estado, havia um observatório instalado na Praça da República, na antiga Escola Normal, depois Instituto Caetano de Campos. Mas o principal centro de observações era a própria residência de Belfort de Matos, desde 1902, ao montar em sua casa na Avenida Paulista um observatório meteorológico.

Fábio Belfort, autor de *A Vida de um Cientista Brasileiro (Belfort de Matos)*, relembrou a velha Avenida que conheceu a partir de 1907: "Era uma reta traçada no meio de uma zona quase deserta, calçada a macadame e ainda não possuía passeio de cimento. Ensombravam-na grandes e belas árvores, dispostas em quatro linhas, duas a duas, formando de cada lado dois renques, interrompidos apenas nas esquinas. As casas eram raras e muito espaçadas. De uma banda e de outra desciam terrenos cobertos de vegetação, indo ter, de um lado, ao grotão que hoje se chama Avenida 9 de Julho; de outro, se prolongando até o Jardim América, uma zona alagadiça, idêntica às que hoje ainda podemos ver em São Paulo, nas margens do Tietê. Um ou outro lampião de gás fornecia a iluminação. Era, afinal, uma "ponta de cidade", por onde cortavam caminho tropas de animais e onde mascates tatalavam suas matracas. Não havia automóveis, os bondes, muito pequenos, eram escassos, e o silêncio, quase absoluto; um tal lugar se prestava admiravelmente para um observatório meteorológico."

A casa de propriedade de Belfort Matos, construída em 1901, começou no ano seguinte a receber os primeiros aparelhos. Surgia o que passou a ser denominado de Observatório da Avenida, e que não deve ser confundido com o Observatório de São Paulo, mais tarde levantado em terreno adjacente ao primeiro, de propriedade do Governo do Estado.

Determinada a aquisição de um terreno contíguo ao da residência do cientista, no início de 1912, achava-se terminado e em grande parte aparelhado, sendo inaugurado em 30 de abril do mesmo ano, quando se extinguira o quatriênio do governo Albuquerque Lins. No ato inaugural, além do presidente Lins, presentes o secretário da Agricultura Pádua Sales, o vice-presidente Fernando Prestes de Albuquerque, e mais Washington Luís, Olavo Egídio de Souza Aranha e Altino Arantes.

O dr. Belfort e o Observatório da Avenida espelham momento de esplendor da velha trilha Real Grandeza transformada em via também de ciência e labor...

A Revolução de 24

Durante a Revolução de 1924, chefiada pelo general Isidoro Dias Lopes, as tropas revolucionárias abriram trincheiras na velha Avenida e, no início da Avenida Rebouças, paralelepípedos e sacos de areia. Metralhadoras guardavam a região, em iminência de assédio e ataque. Soldados sob o mando do tenente Cabanas, com certa simpatia dos populares, permitiam o difícil abastecimento feito nas Casas Montenegro, na Rua Augusta, empórios Latorre e Barateiro, da Rebouças e padaria do italiano Manzoni, afamado no tempo por doces e pães variados. A maior parte das famílias, ao contrário do que sucedera em outros bairros, permaneceu nas residências passando boa parte das horas nos porões das habitações, naqueles dias, costumeiros (por habitáveis), mesmo em moradas de conforto e gradação. Poucas as escaramuças guerreiras e as baixas dos combatentes. Entretanto, fato lamentável aconteceu na região: um sargento, antigo funcionário do Hospital do Isolamento, e que de lá fora despedido por irregular conduta, aproveita-se da revolta, invade o nosocômio, prende o administrador Perez e o fuzila sumariamente; intensa comoção cercou o infeliz episódio. Após a luta armada o miliciano recebeu pena de prisão, após julgamento. Aureliano Leite também conhecia o evento e o processo, narrando-o em seu livro de evocações da contenda.

As trincheiras acima mencionadas foram abertas pelas tropas revolucionárias do general Isidoro desde o Paraíso até a vertente do Pacaembu, onde terminava (e termina ainda) a Avenida Paulista. Abrigados juntos ao Largo Guanabara, no dia 5 de junho massacram os fuzileiros navais chegados de Santos para a retomada da cidade. Morticínio sangrento com baixas imensas nas tropas do governo. Logo depois, São Paulo é bombardeada por ordem do presidente Artur Bernardes.

Ainda em 1924, no fim da Avenida, junto à descida do Pacaembu, ao lado do monumento a Olavo Bilac (anos depois destruído por iconoclastas adversários da campanha cívica iniciada pelo poeta) é realizada, a 31 de dezembro, a primeira corrida de São Silvestre.

Minha casa

Avenida Rebouças nº 6, encostada à avenida dos Paulistas, e com raízes no antigo Caminho dos Pinheiros, sobradão vetusto e firme, bem alicerçado a vingar pelo eterno, ninho e celeiro, célula primaz e fronde copada, morada de meus avós maternos, edificado em 1897, onde nasceu minha mãe, e durante 34 anos, abrigou-nos a todos nós (herdeiros de Vitória e Bartolomeu P. Crispim) ramos de rijo tronco, despertando-nos para a vida em manhãs fagueiras, Sabedoria, Cristianismo autêntico. Do alto do último andar, verdadeira Torre do Tombo familiar, o autor destas notas sentiu os primeiros queixumes de todas as dores que acrisolam a alma humana e o esplendor de dias felizes de um clã alicerçado pelo labor e estudo, em comunhão de Amor e Respeito, certezas da eternidade no presente... ao tombar para sempre pelo camartelo do falso progresso a suscitar antecipadamente jubilosas lembranças, abria caminho para o culto, perenidade de uma via, avenida Paulista, que há de perdurar enquanto viver o sonho e a saudade...

Notas

1 — Eugênio de Lima projetou um Viaduto que partindo do Largo do Palácio ligasse a Praça da Sé à rua da Boa Vista e cuja denominação seria Viaduto da Esperança. O projeto se concretizou mais tarde, Viaduto Boa Vista, destinado a eliminar o hiato existente entre o largo do Palácio (onde ficava o prédio do Palácio do Governo; hoje Pátio do Colégio) e a rua da Boa Vista. Imaginava ligar a rua Vergueiro ao Paraíso, por uma ponte que seria construída sobre o grande vau da rua Sant'Ana do Paraíso. Pugnou pelo Viaduto do Chá. Nos arquivos da Câmara Municipal e Prefeitura de São Paulo existem documentos que atestam ter sido um dos incorporadores da Sociedade Anônima Companhia Viaduto do Chá, associado ao Visconde de Parnaíba, Pamphilo de Carvalho, Augusto Freire da Silva, John Neave, João Monteiro, Jules Martin, João Pinto Queiroz Carreira, Margarido da Silva, Eugenio de Carvalho e Pedro Vicente de Azevedo. Abriu em terrenos de sua propriedade a rua São Joaquim, a qual serviu de via de comunicação rápida para os bairros do Lavapés e Mooca. Nos terrenos que possuía no Tatuapé, povoando também o afeto familiar, deu às ruas que abrira os nomes de Margarida de Lima, em homenagem à sua esposa virtuosa e dedicada; e Maria Eugênia, sua primogênita, que foi a esposa do Ministro Rocha Azevedo.

2 — Às 15 horas do dia 13 de junho de 1952 inaugurou-se nos jardins do Parque Siqueira Campos a herma do engenheiro agrônomo, jornalista e urbanista Joaquim Eugênio de Lima que o Centro Acadêmico da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz ofereceu a São Paulo.

3 — Ver "A avenida Paulista, As Casas de Tio Horácio na alameda Santos e avenida Paulista", in **Elos de uma Corrente**, de Laura Oliveira, Rodrigo Octávio, Livraria S. José, 1974, pág. 45 a 48.

4 — Laura Oliveira, à pág. 49, obra citada, refere que "quando entrei para o colégio, os bondes eram puxados por burros, íamos ao Bexiga. A rua Santo Antônio que saía do Piques, tinha, no final uma rampa muito forte. Os burros não agüentavam subir com o carro cheio. Então descíamos todos e subíamos a ladeira a pé; no topo os malandros dos burros nos esperavam. Parece que os papéis se invertiam ..."

5 — Aos 7 de março de 1895 constituía-se a mais antiga de nossas entidades médicas, a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Nasceu como decorrência de um desagravo à figura exponencial da História da Medicina Paulista, Luís Pereira Barreto que seria também o seu primeiro presidente. Reunidos os esculápios, na homenagem, surgiu a idéia da sociedade. Foram seus paladinos e estruturadores Sérgio Meira e Matias Valadão. A primeira sessão preparatória realizou-se a 24 de fevereiro de 1895, no escritório do dr. Sérgio Meira, na rua de São Bento 23. Presentes à reunião as mais lídimas expressões da classe, ao tempo: Teodoro Reichert, Pereira Barreto, Inácio de Rezende, Pedro de Rezende, Matias Valadão, Amarante Cruz, Cândido Espinheira, Erasmo do Amaral, Luís de Paula, Marcos de Arruda e Evaristo da Veiga, sendo considerados presentes e fundadores, Carlos Botelho, Arnando Vieira de Carvalho e Jaime Serva. A instalação solene foi efetuada no dia 15 de março de 1895, no edifício da Faculdade de Direito de São Paulo, cedido pelo diretor Barão de Ramalho.

6 — No dia 5 de novembro de 1903, em seu consultório localizado na rua 15 de Novembro nº 22, o Dr. Bettencourt Rodrigues aplicou, pela primeira vez no Brasil, a vacina anti-rábica, "descoberta pelo imortal Pasteur, de saudosíssima memória, em proveito da humanidade e glória à ciência" (nos dizeres enfáticos da época).

7 — Em 1956, com a valorização das terras da região, dissolveu-se o velho Instituto Paulista. Alguns médicos integrantes de seu corpo clínico, na rua Itapeva (antiga Monte Alegre) continuam a jornada até 1981, extinção definitiva de velha glória da Medicina Paulista. A nova unidade erguia-se em terrenos de Nestor de Barros, conservado o palacete deste, construído por Ramos de Azevedo, com escadaria de mármore de Carrara. Outros dias, outras épocas de fausto e grandeza.

8 — A propósito deste singular episódio ver **"A Maternidade de São Paulo na História Obstetrícia Paulista"**, de autoria de Eduardo Martins Passos (Separata dos Anais da Maternidade de São Paulo. Ano VI 1960-61).

9 — No Sumaré, em seus começos, sediou a Municipalidade o seu Forno do Lixo, na verdade crematório dos resíduos da limpeza pública. Enormes carroções faziam o despejo, transitando pesadamente pelas Avenidas Municipal e Rebouças (então da Av. Paulista ao Hospital do Isolamento); os moradores a partir da década dos anos 20 eram sobressaltados, durante à noite, pelo passar interminável de carros, todos puxados por bestas ou cavalos, inclusas certas viaturas com esteiras girantes para retirar a poeira, mas na verdade levantando-a em nuvens altíssimas. No início da Av. Rebouças, a 20 metros da Avenida Paulista, um bebedouro para os animais das carroças pintava o local com cambiantes de cenas de Debret e Rugendas no velho Rio. A atoarda de carroceiros, mais de uma vez, paralisava o tráfego dos também pesados bondes para Pinheiros ou Araçá. Costumeiras as presenças de Pelotões ou Companhias das tropas de Quitaúna em deslocamentos ou previsão de revoluções ou quarteladas (1920, 1922, 1924 e 1930). Havia também o deslocamento dos carroções-cozinhas, mais de uma vez acampados nas imediações do polígono Rebouças — Alameda Santos — Rua Minas Gerais, até as portas do Isolamento.

10 — Ver A. Paim Vieira, Chácara do Capão, in **Revista do Arquivo Municipal**, vol. CXLVIII, pág. 29, publicação do Departamento Municipal de Cultura, São Paulo, 1952. O autor destas notas morou em sua infância na Rua Itararé, 38, travessa da Rua Peixoto Gomide, nos anos 1927 a 1928 em frente à chácara que fora do velho Paim. Ocupava meio quarteirão da Rua Itararé, com fundos para a Rua São Miguel. Era dado ao cultivo de hortaliças, videiras e mamoeiros que os então detentores da propriedade vendiam à vizinhanç[illegible]

11 — O escritor destas simples linhas, de evocação de um tempo e de locais ligados à sua vida e à dos seus, morou na Rua Frei Caneca, no primeiro quarteirão entre a Avenida Paulista e a Rua Luís Coelho, nos anos de 1924 a 1927, em residência fronteiriça à do Conde Dino Crespi e ao palacete em que mais tarde morou o industrial Falchi. Na esquina da Rua Luís Coelho morava o saudoso Altino Arantes, prefeito e governador de São Pa[illegible]lo, [illegible]dêmico e homem de letras, lhano, [illegible] espírito religioso. Ao seu lad[illegible] Luís Coelho, morava a insigne pa[illegible]igos lota Pereira de Queiroz, mé[illegible] en-te, política, apóstola do M[illegible]deral titucionalista de 1932. O au[illegible] de assistiu às festas do Divin[illegible] s de concorridos lembrando-se [illegible] festeiros participaram m[illegible] membros das famílias Ar[illegible] casou Queiroz, Filizola (este m[illegible] Porto, templo), e Washington Lu[illegible]uilherme za. As prendas eram ofer[illegible] muitas vezes vindas de faz[illegible] ou de sítios para além do Embu, Sant'Ana do Parnaíba e Cabreúva (inclusos leitões, cabritos e perus, arrematados em intensas disputas). Seu progenitor, para seu gáudio, arrematou e ofertou-lhe uma miniatura perfeita em madeira de um "bonde aberto" da linha São João, donativo da então famosa Casa Fuchs, fundada em 1885 (desse tempo até 1900 à Rua São Bento, 83A). Nos anos vinte e até a metade da década de trinta esteve na Rua Líbero Badaró quase junto à Avenida São João, próxima ao prédio que abrigou a Cruz Vermelha Brasileira.

12 — O autor destas notas a partir de 1948 e até 1982 foi médico e diretor do Instituto Paulista, antigo hospital da região da Av. Paulista. Lá prestou assistência ao Monsenhor Camargo e suas manas, iniciando prolongada amizade em culto contínuo de acontecimentos da História Paulista. Convivências de nossos maiores. Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo era incomensurável repositório das tradições e conhecimentos de nosso passado. Saudade e reverência à memória deste bom e excelso sacerdote, símbolo dos religiosos da velha Piratininga, da têmpera de Feijó, Paulo Rolim Loureiro, do Cônego Eugênio Leite, Monsenhor Passalaqua e tantos mais.

13 — Horácio de Carvalho, em 16 de novembro de 1889, foi designado para fazer parte do primeiro governo republicano de São Paulo. A Junta Provisória, formada por Joaquim de Sousa Mursa, Prudente de Morais e Rangel Pestana, escolheu para os vários cargos do primeiro escalão do governo: Bernardino de Campos, Álvaro de Toledo, Júlio Mesquita, Horácio de Carvalho e José Alves Cerqueira César. A partir de 1892, e durante 39 anos, Horácio de Carvalho foi diretor da Imprensa Oficial do Estado.

14 — Em 1903 foi fundada em São Paulo a Sociedade Científica de São Paulo a congregar a fina flor dos intelectuais e pessoas de projeção da Cidade. Belfort Matos ingressou desde logo na agremiação, tendo ocupado vários cargos de direção, inclusive a presidência. Nomes ilustres a constituíam: Pereira Barreto, já próximo do apogeu; Orville Derby, geólogo norte-americano consagrado; Sílvio Romero, o autor da famosa **História da Literatura Brasileira**; Osvaldo Cruz; Rodolfo Von Ihering, do Museu Paulista; Teodureto de Camargo, mais tarde diretor do Instituto Agronômico de Campinas; Samuel das Neves, arquiteto inovador; Magalhães Gomes, professor da Escola Politécnica; Felix Otero, reputado mestre de música e compositor; Ramos de Azevedo, construtor de quase todos os prédios oficiais da época, professor e, mais tarde, diretor da Escola Politécnica; Adolfo Lutz, egrégio bacteriologista e epidemiologista; Carlos Botelho, fazendeiro e Secretário da Agricultura; Carlos Stevenson, engenheiro que foi durante muitos anos Inspetor Geral da Companhia Mogiana; Walter Levy e Desidério Stapler, cirurgiões de nomeada; Américo Brasiliense; Afonso Taunay, mestre da Politécnica e depois diretor do Museu Paulista e historiador das Bandeiras Paulistas; Antonio Carini, fundador e diretor do Laboratório Paulista de Biologia; Alexandrino Pedroso, bacteriologista e professor da Faculdade de Medicina; Dino Bueno, o político acatado; Alfredo Löfgren, o botânico; Ascendino Reis, erudito professor de farmacologia na Faculdade de Medicina; Álvaro Guerra, o fino cultor da língua pátria; Carlos de Campos, presidente do Estado e museólogo, autor da ópera "A Bela Adormecida"; Coronel Schmidt, rei do café; Gabriel de Rezende, diretor da Faculdade de Direito; Henrique Lindberg que regeu com brilho a cadeira de otorrinolaringologia da Casa de Arnaldo; Geraldo de Paula Souza, futuro professor de Higiene e diretor da Faculdade de Higiene e Saúde Pública; Francisco Matarazzo; Veiga Miranda; Brant de Carvalho; Oscar Nobiling, da Casa de Arnaldo; Rezende Puech, patriarca de ortopedia em São Paulo. Do Exterior, Von Prowazek, o descobridor das inclusões do tracoma e estudioso das moléstias tropicais; Oliveira Lima, diplomata e escritor; Guilherme Ferrero, de Turim, autor de **Grandeza e Decadência dos Romanos;** Enrico Ferri, de Roma, mestre da Antropologia Criminal; o diplomata Domício da Gama; e professores da Universidade de Stanford e Cornell, de Berlim e Genebra. Em 1910, ingressam no grêmio Cândido Rodrigues, Ricardo Severo, Henrique Santos Dumont, Otoniel Mota e Ovídio Pires de Campos. Em 1911, afluem Elói Chaves, Francisco Machado de Campos, José Martiniano Rodrigues Alves, Numa de Oliveira, Oscar Rodrigues Alves, Freitas Vale (professor do Ginásio do Estado, político, poeta, mecenas, senhor da Vila Kyrial), Olímpio Portugal. Verdadeiro cenáculo de homens de renome e nomeada. Sociedade Científica de São [illegible] ugo para o Suplemento Cultural (Nº 34, de 3/6/1977) de **O Estado de S. Paulo**.

Luiz de Almeida Nogueira Porto, diplomata e ex-embaixador do Brasil em vários países, é autor de muitos estudos e pesquisas sobre a história do Vale do Paraíba. Endereço do autor para correspondência: Fazenda Maruzen — 12850 — Bananal — SP.

Brás, Bexiga e Barra Funda

Em 1890 (um ano antes da fundação da IMESP), São Paulo abrigava 65 mil habitantes. Dez anos depois, 240 mil. Como morava e vivia esta multidão de pobres, em geral imigrantes, chegados em tão pouco tempo? Este artigo faz um retrospecto das condições que permitiram o fenômeno, e descreve, com documentação da época, três bairros que, ontem como hoje, fazem parte essencial da fisionomia urbana de São Paulo: o Brás, o Bexiga e a Barra Funda.

Paulo Miceli
Universidade Estadual de Campinas

No dia 15 de julho de 1789, um dia depois da Tomada da Bastilha, o Senado da Câmara de São Paulo reunia-se para "consultar o povo se seria útil estabelecer, na cidade, um armazém de sal e azeite de peixe, conforme requeria Joaquim Leite da Silva..." (1). Um século depois, em termos populacionais, a cidade de São Paulo aparecia no censo de 1872 em 9º lugar dentre as capitais de províncias: depois da capital do Império, com cerca de 275 mil habitantes, as cidades mais populosas do Brasil eram Salvador (129 mil habitantes), Recife (116,5 mil), Belém (62 mil), Niterói (47 mil), Porto Alegre (44 mil), Fortaleza (42,5 mil), Cuiabá (36 mil), São Luís (31,5 mil) e São Paulo (31.385 habitantes). Finalmente, à época da proclamação da República do Brasil, a importância econômica do Estado pode ser avaliada se soubermos que, enquanto os portos do Rio de Janeiro e Bahia exportavam mais de um milhão de libras e o da Paraíba 42 mil, o porto de Santos só atingia modestas 15 mil libras.

•

Depoimentos de observadores nacionais e estrangeiros que visitaram a cidade de São Paulo em meados do século passado oferecem detalhes do cotidiano daquelas vinte e poucas mil pessoas, prestes a assistir (e sofrer) rápidas e profundas transformações no seu modo de vida, embora já — e desde sempre — pouco pacato, mas ainda provincianamente singelo. O historiador Richard Morse recolheu algumas dessas observações e compôs um quadro razoavelmente preciso da vida paulistana naqueles tempos nostalgicamente rememorados pela crônica. Assegurada a habitação modesta da população — o que ainda não representava problema sério — e o vestuário grosseiro — fornecido pelos produtores locais de tecidos de algodão e lã —, a sobrevivência dependia de se conseguir alimentos para suprir necessidades de paladares pouco ou nada exigentes. Também essa questão não era de difícil solução, em que pese a baixa qualidade dos produtos mais generalizado. Os laticínios faziam-se sem asseio, de modo que a manteiga logo ficava rançosa e o queijo não prestava"(2).

O acesso da população a essa fartura pouco higiênica e mal-organizada não dependia de complexos mecanismos de mercado: "os processos de negociar eram tão diretos, que havia constante interpenetração da cidade e do campo, não só no nível econômico, como no nível social. Os produtos de fácil deterioração podiam ser vendidos nas ruas, apresentando-se nos tabuleiros das pretas ou nas mulas dos caipiras vindos das redondezas mais distantes, como Cotia e Juqueri. Ou então podiam encontrar-se empilhados na rua da Quitanda, diante de negras acocoradas. Os produtos de maior duração eram vendidos em barracas escuras e enfumaçadas na Rua das Casinhas. De dia esta rua fervilhava com o movimento e o burburinho do comércio, com o trânsito de mulas e os pregões dos vendedores de doces, biscoitos, amendoim torrado" (3).

A auto-suficiência das propriedades rurais tinha como contrapartida a auto-suficiência da "cidade", onde proliferavam as chácaras. E afora a preparação manual de tecidos grosseiros, as atividades dos habitantes de São Paulo ligavam-se diretamente à lavoura: beneficiamento de alguns produtos agrícolas, feitura de conservas, curtimento de peles e destilação de aguardente — desde sempre um produto de grande aceitação...

São Paulo era assim... Muitos outros dados e aspectos curiosos aparecem se recuarmos aos primeiros tempos da colonização, principalmente se a visão preguiçosa da história celebrativa for preterida em favor da recuperação dos traços da vida cotidiana da população, mas essas informações são suficientes para mostrar um cenário que se imutável, lentamente composto e mantido através de séculos.

São Paulo era assim, e foi assim até que as terras do Estado, trabalhadas e umedecidas com o suor de escravos e imigrantes, abrigaram um produto de grande aceitação no primeiro mercado mundial. Ri-

Aduz Morse procura demonstrar em lembrando o que, já na primeira me- *Paulo naquele* século passado, manifes- não durou mem São Paulo fortes

Entretanto politas, mas a realiza- teza de que São anseios, impedida pela ca e mui ditos uma fonte de riqueza

Oh! Tem ntasse, só foi possível

"O footing volvimento da lavou-

1904 a construção da primeira ala de um dos edifícios próprios da Maternidade à qual se seguiram outros com o decorrer dos anos. Longa trajetória com Sylvio Maia (1899 a 1933), Antonio Vieira Marcondes (1934 a 1948), na direção, com Raul Carlos Briquet, Nicolau Moraes Barros, Waldemar de Souza Rudge, Eduardo Martins Passos, legião de espíritos de escol, capí-

ra cafeeira, que rapidamente monopolizou terras, braços e capitais, inscrevendo-se, com destaque absoluto, na vida da Cidade, do Estado e do País.

A riqueza que impulsionou a cidade ameaçou-a logo de início, mostrando o reverso amargo: "Os presidentes da década de 1850 repetidamente se queixavam da escassez e dos altos preços dos gêneros de primeira necessidade. Em 1853, o preço do toucinho subiu de $080 ou $100 para $800 ou 1$000, depois se estabilizou em $400. O feijão, mesmo no conturbado ano de 1842, custava apenas 1$000 o alqueire; em 1857 chegou a 20$000. E quando uma epidemia atingia os trabalhadores do café, mais escravos eram desviados das lavouras dos gêneros de subsistência" (4).

É bom lembrar, ainda, que o café não permitia — salvo nas plantações recentes — o cultivo de feijão e outros gêneros alimentícios, expediente a que normalmente se recorria nas fazendas de cana-de-açúcar. Os gêneros de primeira necessidade, outrora abundantes, começaram a escassear com a mesma velocidade com que a cidade de taipa cedia seu centro aos edifícios de tijolos. E a população, que era de 31 mil habitantes em 1872, subiu para 65 mil em 1890, saltando para 240 mil em 1900.

A valorização do solo empurrou os pobres para regiões então distantes do centro, como o Brás e a Mooca. Nesses bairros, onde logo depois se concentrariam fábricas e operários, as famílias amontoavam-se em cortiços, e a exigüidade de espaço, acrescida das dificuldades na obtenção de recursos primariamente necessários como a água, dificultava — se não tornava impossível — as tentativas de suprir as necessidades alimentares com hortas e criações domésticas. O mesmo Richard Morse informa que um inquérito feito já em 1895 com 204 famílias operárias revelou que apenas 15 delas possuíam hortas e somente 9 criavam mais de 10 galinhas.

"Em resumo — escreveu esse autor —, o fundamental nas décadas de 1880 e 1890 foi que elas viram São Paulo perder a aparência colonial que ainda tinha, embora fosse o centro intelectual do Império, para tornar-se uma cidade completa, economicamente dinâmica e impaciente com os programas políticos e literários anteriores, exceto na medida em que estes pudessem justificar ou embelezar a vida material"(5).

A partir dái, uma nova ordem social assumiria, em curto espaço de tempo, contornos claros e nítidos. As leis de mercado imputariam à sociedade outros ritmos de produção e novas formas e valores inerentes ao sistema industrial, atribuindo a cada homem ou mulher uma função, um papel, um valor, um determinado espaço na rígida hierarquização social que sustenta o processo de industrialização. Desse processo, ninguém ficou de fora: homens e mulheres, nacionais e estrangeiros, brancos e negros, adultos e crianças... A todos, indistintamente, o sistema de fábrica absorveu, recriando paisagens urbanas e substituindo cenários para desempenho das funções da produção industrial.

Crônicas da imigração

Da velha ordem pouco sobrou, e na constituição da nova os imigrantes representaram papel fundamental: em 1893, 55% dos habitantes de São Paulo eram estrangeiros. A absorção desse elevado contingente de italianos — principalmente —, portugueses e espanhóis, além de outros grupos numericamente menos representativos, não se fez sem conflito. O historiador Boris Fausto escreveu que "cada grupo social reagiu a seu modo ou sofreu as conseqüências da onda imigratória: a oligarquia que indiretamente a promovera, na busca de braços para o campo, tratou de contê-la dentro das fronteiras da ordem, reservando para si as áreas que institucionalmente podia bloquear — os postos mais altos da administração do Estado e o comando político; a reduzida pequena burguesia comercial e industrial sofreu o impacto de uma concorrência ativa que produziu ressentimentos; os negros e mulatos foram cristalizados em sua maioria no subemprego ou nos empregos inferiores, não obstante sua convivência física com os brancos pobres, em locais como os cortiços do Bexiga" (6).

Muitas vezes, ultrapassando os limites estreitos da rejeição preconceituosa ou da resistência cultural, a fixação dos imigrantes provocou ocorrências graves, como aconteceu, por exemplo, com os italianos. Expulsos da península por causa das perseguições fiscais que sucederam o processo de unificação italiana, responsável pela expropriação maciça dos pequenos proprietários(7), centenas de milhares de *contadini* dirigiram-se para o Estado de São Paulo, trabalhando nas fazendas e depois nas fábricas que se concentravam na capital. No bairro paulistano do Brás, que hoje assiste à "invasão" de nordestinos — igualmente expulsos de sua terra de origem por conta das desigualdades sociais —, abriam-se casas de comércio que tinham à porta pipas de vinho, barris de azeitona e queijos de Parma. Mas, além de suas festas, roupas e hábitos alimentares, juntamente com sua tão apregoada "capacitação técnica", esses imigrantes também trouxeram fortes aspirações sociais, inscrevendo no nascente movimento operário brasileiro a marca indelével do anarquismo, duramente combatido — pela direita e pela esquerda... — nas primeiras décadas deste século. Este número do *D.O. Leitura* traz um artigo sobre o anarquismo, razão pela qual essa questão fundamental para compreender a importância histórica do processo de imigração vai aqui apenas mencionada.

Mas, além da *Guerra Sociale* e outros jornais de militantes anarquistas, os italianos editavam aqui o *Roma*, a *Tribuna Italiana*, a *Tribuna del Popolo*, o *Bricchina* e o *Fanfulla*, um dos mais conhecidos. O *Roma*, por exemplo, esteve no centro de vários conflitos ocorridos no final do século entre italianos e brasileiros, e foi apedrejado em represália à destruição de uma bandeira brasileira, no largo de São Bento: "era a época do *Protocolo* ou, melhor, dos *Protocolos*, motivados por diversas ocorrências. O primeiro foi referente à morte do capitão Mário Anatra, em Santos, em 1892; morte do marinheiro Giovanni Micelli, no Rio, um ano depois; os feridos do largo do Paiçandu, o apedrejamento do *Roma*" (8). Sob pressão dos representantes consulares italianos, sucediam-se as indenizações, mas os ânimos só foram sendo serenados após dura intervenção policial. Entretanto, mais do que diferenças de costumes ou dificuldades de comunicação; muito mais do que disputas nacionalistas, as tensões provinham do campo, principalmente das condições subumanas em que se dava o trabalho nas fazendas, o que levou o governo italiano a proibir a imigração para o Estado do Espírito Santo, em 1895, estendendo essa restrição para todo o Brasil, em 1902, através do conhecido Decreto Prinetti.

Assim, enquanto a cidade via desfilar em suas ruas os conflitos do campo, que seriam acompanhados pelas grandes manifestações

Ilustração de Marlene Crespo

operárias do início do século, os bairros pobres de São Paulo acumulavam pessoas e problemas, tratados abundantemente pela imprensa mantida pelos imigrantes.

Longe de assemelhar-se aos combativos jornais anarquistas, o diário *Fanfulla*, criado em 1893, "era um firme defensor da população italiana de São Paulo" (9). Além disso, "embora a sua posição política no máximo pudesse ser considerada como liberal, o jornal não deixava passar a oportunidade de criticar as condições de vida nos bairros pobres da cidade" (10).

O Brás

Em 1889, vários artigos foram publicados no *Fanfulla*, denunciando principalmente o descaso do poder público com relação às zonas mais pobres de São Paulo, habitadas em sua maior parte por operários e imigrantes. Ao bairro do Brás, como não poderia deixar de ser, foi dedicado o primeiro deles. Advertindo que "não se poderia fazer a história contemporânea nem num só dia, nem numa semana, de uma vasta região povoada por cerca de 30 mil pessoas, sem limitar-se às proporções miúdas da crônica diária" (11), seu anônimo autor afirma que "só de tal maneira poderão as autoridades formar um conceito claro da situação moral e material das populações, que se pode dizer abandonadas a si mesmas, porque nem o Conselho Municipal, nem o Conselho de Higiene, nem, enfim, a polícia acham-se dignamente ali representados" (12).

"...Paremos nas ruas feias, cheias de lama, sujas, fétidas, impraticáveis", escreveu o cronista depois de enumerar os estabelecimentos comerciais e industriais do bairro, certamente desconhecido do prefeito. "Nós acreditamos que o referido senhor conhece do Brás somente a avenida Rangel Pestana, mas nenhuma das ruas transversais, nem mesmo a que leva ao Mercado Velho e ao Gasômetro, que é uma das mais freqüentadas da cidade, e entre as mais cheias de poças, fossas e precipícios de todo gênero. Nessa rua, que cremos não ter nome, os animais quebram as pernas, os carros perdem as rodas e os viandantes afundam até a cintura, lançando imprecações e blasfêmias que, felizmente, não chegam ao seu destino, pois doutra forma o céu já teria caído sobre suas cabeças"(13).

Convidando o leitor para imaginar "o cheiro de tais ambientes", se até a rua Visconde de Parnaíba, uma das principais do bairro, tinha "imundícies suficientes para adubar todos os terrenos mortos da Marema Toscana", o autor prosseguia suas críticas, indicando as razões pelas quais "no Brás têm sede predileta, endêmica, a escarlatina, a varíola, as febres palustres, as febres tifóides e vários outros benefícios do Senhor" (14).

Bexiga e Barra Funda

No mesmo tom singelo de uma imprensa que se prestava a ser lida, em grupos, nas portas dos botequins, repleto de frases de efeito, o artigo de 16 de março de 1899 foi dedicado à Barra Funda. Logo no primeiro parágrafo, a pena irônica do cronista nos informa que "certamente não se cometeria um erro escrevendo que, da mesma forma que muitas cidades européias, com o passar dos séculos a *Barra Funda* modificou o próprio nome. Na origem devia chamar-se *Barro Fundo* (...) e desta verdade histórica deve persuadir-se certamente qualquer um que ponha os pés no bairro que ontem visitamos e que, pode-se dizer, é cem vezes pior que o Brás" (15).

No bairro, também funcionavam indústrias importantes, ilhadas num espaço que, a exemplo do Brás, permanecia ignorado pelas autoridades municipais e pelo conselho de higiene. Para consolo do autor, no Brás, as ruas principais eram calçadas, havia iluminação (embrora medíocre), cloacas, água limpa corrente e calçadas por onde podiam andar os moradores. "Na Barra Funda, ao invés, falta tudo. Até nas ruas principais não há um metro de calçamento nem um palmo de calçada, nem um conduto subterrâneo, nem, enfim, um cano para água corrente que não esteja roto. Como resultado, a natureza, por conta própria, cavou fossas que margeiam os canais, o que levou os habitantes a construírem pequenas pontes primitivas para entrar na própria casa. (...) as latrinas são em forma de buracos sem saída. E quando estão cheias são cobertas por pouca terra e não se abrem novas; o ar se torna pestilento e as febres dominam. A água que se bebe é impura e tem uma cor amarelada." (16)

Ao passar pelo Bexiga, nosso cronista revela-se cativado pelo bairro, apesar do sofrimento da viagem proporcionada pela "Viação Paulista", que cobria o trajeto entre o Mercado de São João e a Conselheiro Ramalho com apenas um veículo, aliás, uma espécie de "carruagem que usavam os antigos peregrinos"... (17). Ali estavam os "lugares que serão um dia os mais procurados dentre os dos arredores da Capital, não só pela posição encantadora e pelo ar balsâmico que ali se respira, mas também por estar bem perto do centro" (18).

As vantagens do bairro ("mérito único da natureza"...) nada deviam às autoridades públicas que, ao contrário, eram responsáveis apenas e sempre pelos desacertos, como aconteceu quando uma rua de acesso entre a Santo Antônio e a Consolação desmoronou, graças à imperícia do engenheiro contratado pela prefeitura, criando-se ali um "precipício", que a população logo batizou como "O Buraco".

O passeio desse italiano pela cidade prosseguiu, mas vamos deixar agora sua companhia. Na simplicidade de um de seus muitos cronistas revela-se o caos urbano que, cem anos atrás, já prenunciava no que iria dar o crescimento de São Paulo, baseado principalmente na constituição de indústrias e no assentamento de trabalhadores, nacionais e estrangeiros, destinados à produção fabril e às atividades de comércio. Sabe-se bem que os italianos, aqui tomados como exemplo, não foram os únicos imigrantes. A eles, para caracterizar a predominânc igos devem ser acrescentados i engueses e espanhóis, seg deral pois pelos alemães, turc de nos, iuguslavos, lituan s de poloneses, austríacos, ja

Na convivência diária d casou grantes com a populac a Porto, com o imenso contingu ilherme grantes que, tangidos p procuraram o Sul para tentar os lances derradeiros de sua batalha pela sobrevivência, São Paulo forjou os personagens de suas ruas e as paisagens do seu cotidiano, formadas principalmente pelos contrastes entre as privações de tantos e a fartura de alguns; contrastes de que nenhuma crônica já consegue mais dar conta.

Notas

1 — Sylos, Honório de. **São Paulo e seus caminhos**, São Paulo, Editora McGraw-Hill do Brasil, Ltda., 1976, pág. 9.
2 — Morse, Richard. **Formação histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole), São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970, pág. 49.**
3 — **Idem, ibidem.**
4 — **Idem**, pág. 164.
5 — **Idem**, pág. 216.
6 — Fausto, Boris. **Crime e cotidiano — criminalidade em São Paulo (1880-1924)**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1984, pág. 10.
7 — "...Na Itália entre 1873 e 1881, nada menos de 61.831 pequenas propriedades foram tomadas pelo fisco por falta de pagamento de impostos, que muitas vezes não iam além de poucas liras; entre 1884 e 1901, o número de propriedades perdidas pelos **contadini** por impossibilidade de satisfazer o fisco elevou-se a 215.759; as vendidas judicialmente por dívidas particulares somaram a 70.774, entre 1886 a 1900". (cf. Lima, Heitor Ferreira, **Contribuição italiana ao desenvolvimento do Brasil**, São Paulo, Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, 1976, págs. 20-21).
8 — Sylos, Honório de **Op. cit.**, pág. 61.
9 a 18 — Pinheiro, Paulo Sérgio e Hall, Michael M. **A classe operária no Brasil — 1889-1930. Documentos**, vol. II. "Ca[illegible] tigo para o Suplemento Cultural (Nº 34, de 3/6/1977) de **O Estado de S. Paulo**.

Luiz de Almeida Nogueira Porto, diplomata e ex-embaixador do Brasil em vários países, é autor de muitos estudos e pesquisas sobre a história do Vale do Paraíba. Endereço do autor para correspondência: Fazenda Maruzen — 12850 — Bananal — SP.

Dos barões do café aos empresários modernos

A partir dos meados do século XIX, vários fatores, entre os quais a Abolição, deram novos rumos à economia brasileira. Era o nosso capitalismo dando seus primeiros passos significativos. A economia agrária seria diretamente atingida pelo processo e os barões do café começavam a sair da cena. A história da Fazenda Resgate, em Bananal, é bem exemplificativa do curso dos acontecimentos. Exatamente há cem anos, em 1891, ela saia das mãos de uma série secular de proprietários de uma mesma família e era absorvida pelos novos protagonistas: os investidores de capital na produção cafeeira.

Luiz de Almeida Nogueira Porto

Referindo-se ao latifúndio cafeeiro, Oliveira Viana escreveu que é, como o engenho de açúcar, um rigoroso selecionador de capacidades: "Só prosperam, com efeito, na cultura dos cafezais, as naturezas solidamente dotadas de aptidões organizadoras, afeitas à direção de grandes massas operárias e à concepção de grandes planos de conjunto. O tipo social dela emergente é, por isso, um tipo social superior tanto do ponto de vista das suas aptidões para a vida privada como do ponto de vista da vida pública. Daí formar-se nas regiões onde essa cultura se faz a base fundamental da atividade econômica, uma raça de homens magnificamente providos de talentos políticos e capacidade administrativa"[1].

Pois esse é o retrato do *barão do café*, personagem central da vida social, econômica e política do 2º Reinado nas regiões produtoras do país, cuja réplica se vai encontrar no *senhor de engenho* do Nordeste brasileiro.

A fazenda de café, surgida no vale médio do Paraíba desde o primeiro quartel do século 19, constitui o que Alberto Lamego denomina de "imperativo natural da terra, exigindo sua divisão em latifúndios, pois nela é que se alicerça toda a base econômica da nossa existência imperial"[2].

•

Paradigma dessas fazendas foi o Resgate, em Bananal, na então Província de São Paulo, cuja produção em meados do século alcançou a culminância (meio milhão de arrobas em 1854) proporcionando ao município a maior renda de toda a Província, inclusive do município da capital.

A origem da fazenda remonta ao Brigadeiro Inácio Gabriel Monteiro de Barros, filho do Visconde de Congonhas do Campo, casado com uma bananalense, Alda Romana de Oliveira Arruda, fi-
se a baixa qualidade dos produtos
1904 a construção da primeira ala de um dos edifícios próprios da Maternidade à qual se seguiram outros com o decorrer dos anos. Longa trajetória com Sylvio Maia (1899 a 1933), Antonio Vieira Marcondes (1934 a 1948), na direção, com Raul Carlos Briquet, Nicolau Moraes Barros, Waldemar de Souza Rudge, Eduardo Martins Passos, legião de espíritos de escol, capí-

diz "senhor e possuidor do Resgate, parte desmembrada das Três Barras e havida por dote de seu falecido sogro Braz de Oliveira Arruda".

Poucos anos depois daquela data a fazenda foi adquirida por José de Aguiar Toledo, descendente do fidalgo português D. Francisco de Toledo, que veio ao Brasil em 1625 na frota de D. Fradique de Toledo, e que mais tarde, em 1638, radicou-se na ilha Terceira, dos Açores.

José de Aguiar Toledo de lá veio para o Brasil, desembarcando em Angra dos Reis onde, do porto do Ariró na Baía da Ribeira, engajou-se numa tropa com destino à Campanha da Princesa, em Minas Gerais. De lá veio para o Bananal em 1770 onde se casou com Maria Vallim (a "Maria Formosa") e estabeleceu-se no bairro do Retiro, fundando alí a fazenda da Formiga à beira do rio Bananal, e a Bahia, no vale do Rio Manso, em cujas terras surgiu mais tarde a fazenda Bela Vista de seu neto José de Aguiar Toledo, Barão da Bela Vista, depois Visconde de Aguiar Toledo.

Por morte de José de Aguiar Toledo (avô) em 1838, o Resgate coube ao sexto filho do casal, Manoel de Aguiar Vallim. No inventário então procedido, a fazenda foi descrita como tendo "1.200 braças do nascente ao poente e 2.500 de norte a sul" com uma área calculada em 300 alqueires geométricos avaliada em 19:200$000, uma lavoura de café com 321.000 pés avaliada em 55:550$000, servida por 153 escravos, enquanto o valor da casa e mais construções foi fixado em 15:964$000.

Manoel de Aguiar Vallim (feito comendador mais tarde) casou-se com a filha de outro potentado cafeeiro, o Comendador Luciano José de Almeida, da Boa Vista, neto do sesmeiro do Caminho Novo, Pedro Rodrigues de Al-
Leal, nos vales dos rios
omprida e Pirapetinga, ses-
ssa datada de 1780.
casal teve sete filhos, todos
na aristocracia da Provín-
Corte, sendo os homens
s com baronatos: Fran-
u com seu tio Luiz An-
meida, filho do Comen-
no; Amélia casou com

o Conselheiro Pedro Luiz Pereira de Souza, político de primeira grandeza do Império e poeta consagrado; Luciano José de Almeida Vallim (Barão de Almeida Vallim), político local e senador, casou com América Brasília, filha do Barão da Bela Vista, depois Visconde de Aguiar Toledo; Cândida casou com o médico Dr. José Alvares Rubião; Manoel de Aguiar Vallim Filho (Barão de Aguiar Vallim), foi casado em primeiras núpcias com Eudóxia Rubião e em segundas com Maria da Glória Rabello, filha do Dr. Eduardo Rabello; Guilhermina casou com o Dr. João Alvares Rubião Jr., deputado à Constituinte de 1891, senador, figura preeminente na vida social e política de São Paulo: Eduardo Vallim, diplomata, foi casado com uma senhora francêsa, Justine Duprat[3].

•

O nome Resgate dado à fazenda teve origem, supõe-se, na operação assim chamada de compra de escravos na África, geralmente já escravizados como prisioneiros resultantes de lutas tribais, e assim *resgatados* pelos traficantes portugueses e brasileiros.

Uma fantasiosa versão foi publicada recentemente pela revista *Ícaro*, distribuída pela Varig a seus passageiros, onde se lê que foi o *resgate* de uma dívida do governo imperial, saldada pelo fazendeiro, que teria dado nome à fazenda. Além da grosseira desinformação, o autor ainda atribui nome errado ao artista decorador dos murais de sua sede. Aliás, de "contribuições" dessa ordem para sua história Bananal tem sido vítima predileta de jornalistas de ouvir dizer, ignorantes, levianos ou mal informados, em reportagens tipo 2º Caderno, publicadas em órgãos principais da imprensa paulista e carioca. A irresponsabilidade informativa já chegou ao cúmulo de noticiar um deles que o sobrado da cidade do Comendador Vallim fora berço de Monteiro Lobato, e outro que as carrancas decorativas de Villaronga no salão nobre do mesmo sobrado eram obra dos chineses do Bananal!

•

O Resgate possuiu ramal ferroviário da Estrada de Ferro do Bananal, construída aliás, às ex-

pensas da fazendeira viúva, D. Domiciana, para escoamento do café de suas fazendas e o de outros produtores, o que era, até então, feito a lombo de burro através da serra da Bocaina até os portos de Jurumirim, Bracui e Ariró, na Baía da Ribeira.

A memória de seus descendentes, transmitida a sucessivas gerações, preservou informações valiosas não apenas sobre a auto-suficiência do Resgate, como de costumes e práticas da vida familiar, econômica e religiosa da fazenda, comuns a outras do mesmo padrão.

Segundo depoimentos pessoais, o Resgate importava então apenas sal e peixe seco provenientes do litoral, transportados por suas tropas de torna-viagem. Além do café, produzia todos os gêneros alimentícios e ainda anil, fumo, açúcar e algodão com o qual eram tecidos nos teares da fazenda panos grosseiros para roupa de escravos. Fabricavam-se alí os arreios e ferraduras para as tropas, bem como os veículos de transporte (carros a boi), móveis e ferragens de todo tipo.

Tinha enfermarias separadas para homens e mulheres, farmácia (botica) e médico assistente (Dr. Jardim) que fazia visitas periódicas.

Em sua capela realizavam-se missas e todas as cerimônias religiosas da família, dos escravos e agregados.

No final do dia, a viúva D. Domiciana vinha para a varanda da frente, acolitada por seus quatro capatazes, para ouvir o relato dos serviços do dia e dar instruções para os do dia seguinte. Logo depois recebia "o louvado" dos escravos: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!" e o responso: "Para sempre seja louvado..."

Às 6 da tarde "Mestre" Marcos, mulato escravo ladino e destroso em todos os ofícios — era quem consertava e dava corda a todos os relógios da fazenda — dirigia-se ao enorme sino para fazer soar as badaladas da Ave Maria. Acendiam-se as luzes da casa; paralisava-se toda atividade da fazenda: era a hora do recolhimento, quando patrões e empregados, contritos, de cabeça baixa, faziam o sinal da cruz. A seguir, o beija-mão: todos os familiares, agregados e criados da casa vinham receber a benção de D. Domiciana[4].

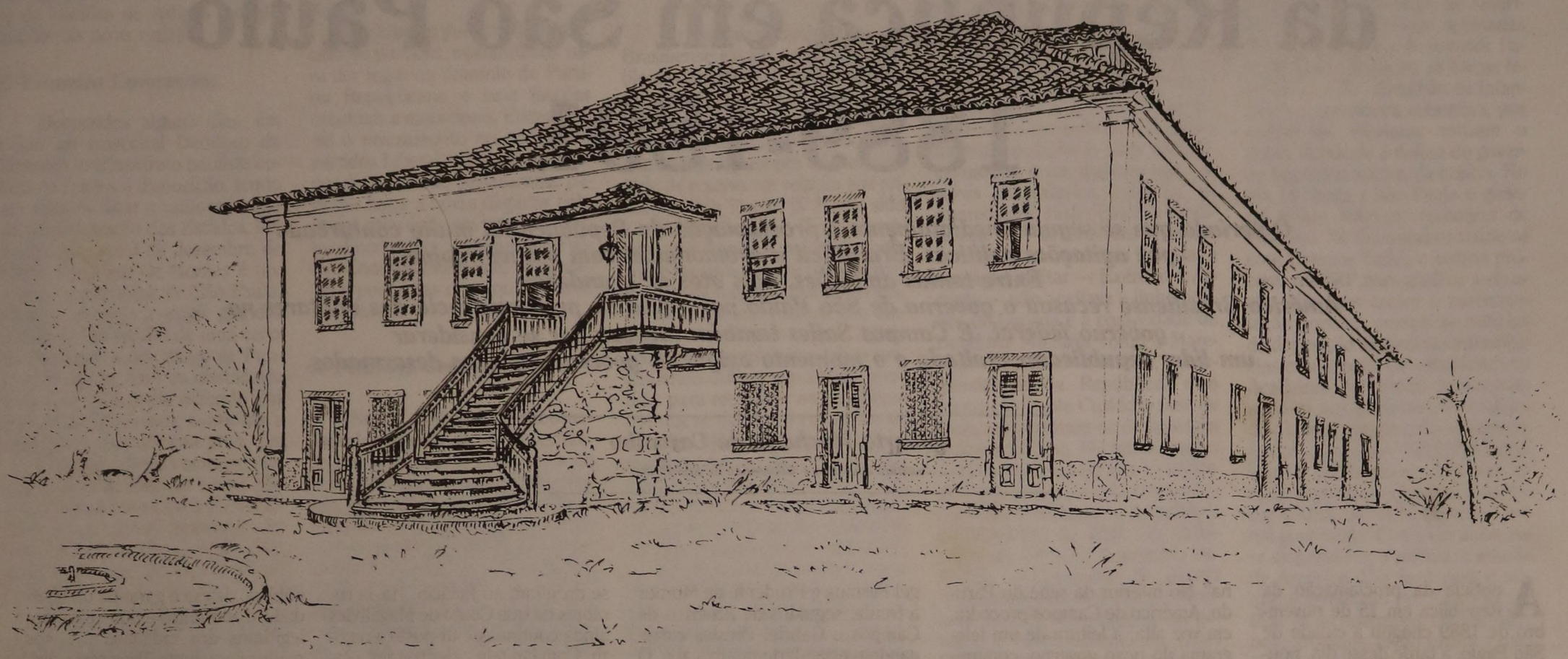
"O Resgate possuía padre capelão residente, boticário, parteira, sapateiro, seleiro, marceneiro, colchoeiro, serralheiro e alfaiate. Ali se fabricava açúcar, aguardente, velas de cebo, farinha de milho e de mandioca, tecidos de lã e algodão, meias, rendas de vestido e até linha de coser, tudo sob a direção do mecânico e arquiteto irlandês Patrício Croes que mais tarde passou a guarda-livros, quando nós, os mais jovens da família, o conhecemos"[5].

Manoel de Aguiar acrescentou às terras herdadas as que adquiriu de D. Genoveva Campos da Paz, as do sítio do Veríssimo e as do "Chico Cantador", Por seu falecimento em 1878 a fazenda era a capital de um imenso império cafeeiro que incluía as fazendas anexas e dependentes das Três Barras, Independência, Cruz e Bocaina.

Em 1849, segundo depoimento do Barão de Almeida Vallim, essas terras ocupavam "2.081 alqueires de 100 x 100 braças quadradas, com 1.353.700 cafeeiros e 662 escravos. Além desses haveres seu pai possuía 1.012 apólices da dívida pública no valor nominal de 1:000$000 e cinco no valor de 500$000; 115 letras hipotecárias do Banco do Brasil no valor de 11:000$000; 39 letras do mesmo banco no valor de 3:900$000; 53 títulos da dívida dos Estados Unidos no valor de 98:460$000; 267 outros títulos no valor de 344:610$000 e mais 1.200 contos em depósito no banco Knowles & Foster, de Londres[6].

Cabe aqui a observação de que a data deve ter sido a de 1879, quando se processou o inventário, erro compreensível num documento não datilografado pelo autor.

É desconhecida a data da construção da casa atual, o que deve ter ocorrido entre a herança e o casamento, pois, em período anterior não se conhecem em Bananal esses grandes sobradões de taipa como os do Resgate ou da Boa Vista, obras de fazendeiros da segunda geração; a pioneira anterior contentava-se com moradias rústicas, modestas e como que provisórias, das quais não restam vestígios.



Sede da Fazenda Resgate, em Bananal, restaurada e bem conservada. A data da construção é desconhecida, mas anterior a 1850 (Ilustração de T. Maia).

Ao atual sobrado refere-se Augusto-Emílio Zaluar, onde se hospedou quando de sua passagem por Bananal em 1860: "Tive ocasião de visitar, além das do Barão da Bela Vista a (fazenda) do Comendador Manoel de Aguiar Vallim, que se tornou notável não só por ser uma das melhores propriedades do lugar, como pelo bom gosto com que são pintadas as salas e a capela de sua casa de moradia campestre. As pinturas são devidas ao hábil pincel do Sr. Villaronga"(7).

A essas pinturas murais até hoje bem conservadas cabe referência especial. José Maria Villaronga, pintor e decorador catalão, chegou ao Brasil, da Espanha, como refugiado político em data desconhecida, mas anterior a 1850, pois as pinturas mais antigas que dele se conhecem no Brasil, na igreja da Sagrada Família, do Tinguá, são daquele ano(8).

Na sala de entrada, para a qual dá ingresso a escada de pedra fronteira à casa, o artista presta homenagem às plantas que fizeram a prosperidade agrícola da fazenda: além do café, em lugar de honra, a cana, o milho, o feijão e a mandioca sobem dos rodapés e se enroscam paredes acima contornando as janelas com suas ramagens.

Ainda nessa sala pintou quadros e pássaros, destinados por suas sombras projetadas, a criar ilusões óticas, ingênuos *trompe d'oeil* que deviam deleitar o pintor e o gosto simples, então em voga, de seus clientes.

No salão de jantar sua fantasia teve rédea livre: num grande painel, uma gaiola de pássaros solta no espaço domina uma plantação de café, ao pé da qual, de uma caixa-forte aberta jorram torrentes de papel-moeda do Império; no painel ao lado figuram motivos chineses em moda na época, e com boas razões em Bananal, para onde uma imigração daquela nacionalidade fora iniciada na década anterior.

Nas portas dos grandes armários embutidos do mesmo salão, pintou pilhas de pratos, garrafas de vinho, serviços de porcelana, uma fruteira com cajus e um pacote embrulhado em jornal, onde aparece um selo "olho-de-cabra" azul, como se tudo estivesse guardado no interior dos armários....

Outra fantasia do mesmo duvidoso gosto se encontra nas paredes da balaustrada que circunda a capela, excetuado o altar, ao nível do salão nobre, onde pintou, e com muito realismo, portas ilusórias, como se dessem acesso a cômodos inexistentes.

No res do chão dessa capela, que tem o mesmo gabarito do sobrado, Villaronga pintou um painel de 8 metros de comprimento por 2,12 de altura, hoje em bem mau estado, representando a Natividade mas onde também figuram cenas de fantasia, sem relação entre si (não raras em pinturas da época) de uma Arábia bucólica com cúpulas e minaretes por onde circulam, entre palmeiras, pastores e cavaleiros com turbantes; e, ao lado dela, outra de paisagem tropical com ruínas e águas encaixoeiradas...

O salão principal é de grande beleza e harmonia, decorado com sobriedade e bom gosto em cores nobres, vermelho, azul, dourado, valorizando o branco-marfim das paredes. Nos painéis das portas, pássaros e frutas do país e no teto, em torno do lustre central, carrancas grotescas, talvez representando os sete pecados mortais.

•

O Resgate e demais fazendas de D. Domiciana, juntamente com a estrada de ferro, foram vendidos por ela ao empresário português Domingos Moitinho que trouxe, para administrá-las, os filhos engenheiros Álvaro e Fernando, em 1891.

A motivação da venda daquelas propriedades da família por D. Domiciana, que as administrou pessoalmente desde a morte do marido em 1878, foi devida a um fenômeno econômico-social comum, naquela quadra, a Bananal e suas irmãs do Fundo do Vale, Barreiro, Areias e Silveiras: a exaustão das terras, a Abolição e a fragmentação dos latifúndios cafeeiros.

A lavoura de café é exigente no que respeita à fertilidade do solo e abundância de mão-de-obra que sua manutenção requer. Nas derradeiras décadas do século passado, já nenhuma dessas condições era satisfeita: a lavoura nunca recebera, mediante adubação adequada, a reposição dos elementos orgânicos e minerais que o café absorve da terra, e a extinção da mão-de-obra escrava, para as limpas anuais e as colheitas, tornaram inviável aquela cultura.

Em 1872 a produção do município ainda se mantinha num pico de 554.600 arrobas, colhidas em 70 fazendas servidas por 7.622 escravos (Quadro Estatístico referente ao ano de 1872 transcrito no livro de Atas da Câmara Municipal), condições sem comparação com as das décadas seguintes, quando o declínio se acentuou.

A esse fator econômico somou-se o social, mediante a fragmentação das fazendas, mercê de doações por casamento (dote das filhas) e partilhas em inventários. Da convergência deles resultou o enfraquecimento das famílias, seu conseqüente empobrecimento e dispersão. Os filhos dessa geração já tiveram que abandonar o campo e emigrar para a capital para engajar-se nas profissões liberais ou angariar empregos públicos como meios de subsistência.

Foi esse o destino dos Aguiar Vallim, mas também o de outras grandes famílias bananalenses contemporâneas como os Barbosa da Silva, Arruda, Almeida-Nogueira, Magalhães Couto, Ribeiro Barbosa, Carvalho Rodrigues.

•

A primeira tentativa para a construção de uma estrada de ferro ligando o município à Central do Brasil, em Barra Mansa, data de 1870, devida aos engenheiros Silva Reis e Alves da Silva, segundo consta de ofício dirigido à Câmara Municipal e constante de seu Arquivo. Essa tentativa não teve prosseguimento.

Em 1880, tendo em vista a construção da estrada, realizou-se uma reunião de fazendeiros de café presidida pelo Visconde de São Laurindo (Laurindo José de Almeida, irmão de D. Domiciana) e nesse mesmo ano foram aprovados os estatutos e uma empresa criada para aquele fim, cuja primeira diretoria era composta pelo Barão de Ribeiro Barbosa (Cândido Ribeiro Barbosa), Dr. João Alvares Rubião Júnior (genro de D. Domiciana) e o Barão de Almeida Vallim (Luciano José de Almeida Vallim, filho da mesma Senhora).

Em 1887 a estrada estava a meio de construção quando a empresa entrou em estado de insolvência. Veio em socorro dela D. Domiciana, que constituiu uma nova empresa com seu genro José de Aguiar Vallim, adquirindo ativo e passivo e dando prosseguimento e conclusão à obra. No dizer pitoresco de um jornal da época, esses beneméritos "expondo-se ao sacrifício de um enorme capital, salvaram a empresa de uma ruína certa, ou antes, ressuscitaram-na quando já cadaver!" *A Nova Phase* de 20/10/1888.)

Posteriormente a firma José de Aguiar Vallim & Cia. (genro e sogra) vendeu por motivos já mencionados, a estrada de ferro juntamente com as fazendas de D. Domiciana ao empresário Domingos Moitinho. Em 1918 foi aquela encampada pelo Governo Federal mediante indenização de 694:114$000 aos herdeiros de Moitinho.

Fernando Moitinho casou com Laura Pereira da Silva Porto, filha do Comendador Guilherme Porto, em 1894, e o casal residiu no Resgate. Por morte de Fernando, em 1912, a viúva transferiu-se para as Três Barras e vendeu, em 1918, as duas fazendas ao estancieiro uruguaio Pedro Velleda; e este, em 1922, à firma Barbosa & Albuquerque, do Rio de Janeiro. Passaram aquelas fazendas por outras mãos, até que o Resgate foi adquirido por Gustave Masset, que o vendeu em 1970 ao seu verdadeiro restaurador, Carlos Eduardo Kramer Machado da Silva. Homem de recursos, de bom gosto artístico, amigo de antigüidade e antiquário ele mesmo, dedicou seus últimos anos de vida, de 1970 a 78 quando faleceu, à recuperação daquele monumento exemplar da civilização do café.

O Resgate assim restaurado foi vendido então a seu atual proprietário, o empresário carioca Carlos Henrique Ferreira Braga.

Em 8 de maio de 1969 foi procedido o tombamento do sobrado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, medida promovida por seu então diretor o Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade.

Notas

1) Oliveira Viana: **Evolução do Povo Brasileiro.**
2) Alberto Lamego: **O Homem e a Serra.**
3) Geraldo Cardoso de Melo: **Os Almeidas e Nogueiras do Bananal.**
4) Pedro Luiz Pereira de Sousa: Uma Grande Fazendeira do Tempo do Império. Artigo para o **Jornal do Commercio**, de 23/12/1961.
5) Depoimento escrito de José Vicente Alvares Rubião.
6) Depoimento escrito pelo Barão de Almeida Vallim e recolhido por Afonso Bandeira de Melo.
7) Augusto-Emílio Zaluar: **Peregrinação pela Província de S. Paulo 1860-1861.**
8) L. de A. Nogueira Porto: Villaronga, um Pintor Esquecido da Corte do Rei Café. Artigo para o Suplemento Cultural (Nº 34, de 3/6/1977) de **O Estado de S. Paulo**.

Luiz de Almeida Nogueira Porto, diplomata e ex-embaixador do Brasil em vários países, é autor de muitos estudos e pesquisas sobre a história do Vale do Paraíba. Endereço do autor para correspondência: Fazenda Maruzen — 12850 — Bananal — SP.

A proclamação da República em São Paulo 1889-1891

O período que se seguiu imediatamente à proclamação da República foi muito conturbado por agitações políticas. Era difícil a acomodação com o novo regime. Entre tantas ambições, dois atos de grandeza: Américo Brasiliense recusou o governo de São Paulo por causa da predominância dos militares no governo federal. E Campos Salles também recusou por se considerar um líder republicano exaltado e o momento exigia no governo espíritos desarmados.

Roberto Machado de Carvalho
Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

A notícia da proclamação da República em 15 de novembro de 1889 chegou à cidade de São Paulo, à tarde desse dia, pouco depois dos acontecimentos registrados no Rio de Janeiro. Os becos, ruas e praças do centro velho foram tomados pelo povo e manifestações de regozijo com "vivas à República" espocaram em todos os cantos. O brigadeiro José Vieira Couto de Magalhães, presidente da Província de São Paulo, passa seus últimos momentos como chefe do Executivo paulista, nomeado pela Monarquia, no Palácio do Pátio do Colégio. Mal deu tempo de terminar o seu jantar do dia 15 e um boletim com informações do Rio de Janeiro chega-lhe às mãos. Após a atenta leitura, volta-se para as poucas pessoas presentes e anuncia que a "República está feita". E com expressão sizuda, num total silêncio na sala, repete a frase. Refeito do primeiro impacto, dá algumas ordens visando tranqüilizar a população e manter a ordem. Paira em seu espírito certa desconfiança em relação ao ato do Marechal Deodoro. Afinal, não havia recebido notificação oficial. E se fosse verdade, não tinha dúvidas quanto à breve duração da República.

Ao anoitecer, crescia o movimento nas ruas. Todos queriam saber das últimas. Nas proximidades do Clube Republicano, situado na Rua de São Bento, era grande o movimento de políticos e populares. Relata Gabriel Piza, testemunha ocular, que "populares aglomerados nas ruas de São Paulo quiseram assaltar o palácio do presidente da Província, para de lá retirar o general Couto de Magalhães. Na presença de Prudente de Moraes, Campos Salles, Rangel Pestana, Bernardino de Campos, Cerqueira César, Luís Pereira Barreto, Antônio Francisco de Paula Sousa e outros, que resolviam, em reunião reservada, sobre o futuro governo de São Paulo e sobre as medidas que deviam ser tomadas para garantir a ordem, concorri com esforço, contra companheiros exaltados, para que se dispersasse a multidão em paz e se esperasse da ação espontânea do Dr. Couto de Magalhães, depois do completo conhecimento das ocorrências do Rio, o abandono do seu cargo aos seus naturais sucessores, depositários da confiança republicana". No interior da sede do Partido, Américo de Campos procedia, em voz alta, à leitura de um telegrama do novo governo, comunicando a proclamação da República. Assim, o destino desta, em São Paulo, estava em mãos dos republicanos civis. Era preciso formar o Governo Provisório de São Paulo. No embalo do telegrama, Américo de Campos propôs os nomes dos republicanos Prudente José de Moraes Barros, Francisco Rangel Pestana e coronel Joaquim de Souza Mursa. As aclamações foram gerais. Outros nomes haviam sido lembrados: Américo Brasiliense, notável organizador das bases do Partido Republicano, e Campos Salles, presidente da Comissão Permanente do Partido em São Paulo e, naquele momento, o principal articulador do movimento. Ambos recusaram a indicação. Américo Brasiliense por desinteresse diante da predominância do elemento militar na proclamação, e Campos Salles por achar que seus arroubos durante a fase da propaganda lhe deram desafetos e o momento era de espíritos desarmados. Vingou a fórmula do triunvirato.

Incumbidos de receber o governo, adentraram o Palácio — já quase meia-noite — os próceres republicanos Bernardino de Campos e Júlio Mesquita. Encontraram resistência no brigadeiro Couto de Magalhães, que exigia provas oficiais da proclamação. "Ainda sou presidente e permanecerei no cargo até segunda ordem", deixou bem claro. E com a altivez que o cargo lhe outorgava, disse preferir a morte a sair sem honra do Palácio. Essa situação foi mantida até a manhã do dia seguinte, 16 de novembro. Nesse dia, as atenções voltaram-se, primeiramente, para o prédio da Câmara Municipal, localizado no então Largo de São Gonçalo, atual Praça João Mendes. Os vereadores, sob a presidência de Domingos Sertório, estavam reunidos para receber os novos governantes. Eram 11 horas quando os membros do Governo Provisório — exceto o coronel Mursa, que estava no interior da Província —, acompanhados de líderes republicanos e grande massa popular, deixaram o Clube Republicano e dirigiram-se à Câmara. Mais parecia uma romaria cívica, com Rangel Pestana e Prudente de Moraes à frente, seguidos de Américo de Campos e Gabriel Prestes carregando o estandarte republicano. O edifício da Câmara estava engalanado com diversas bandeiras republicanas e suas sacadas repletas de entusiasmados adeptos do novo regime. Ao adentrar o recinto lotado, os membros do Governo Provisório foram recebidos com vibrantes aplausos pelos populares que se distribuíam nos corredores, escadas, sala de sessões e salas próximas. A República ia ser proclamada, oficialmente, em São Paulo. Todos acomodados, abriu-se a sessão, presidida por Rangel Pestana e Prudente de Moraes. Inicialmente foi lido o seguinte ofício:

São Paulo, em 16 de novembro de 1889.

Ilmos. Srs. Tendo ontem sido aclamados membros do Governo Provisório desta Província os cidadãos coronel Joaquim de Sousa Mursa e os doutores Prudente de Moraes Barros e Rangel Pestana, ao fazer a aclamação, o povo desta capital resolveu reunir-se, hoje, às 11 horas do dia, no Paço da Câmara Municipal para proclamar a República nesta Província, o que comunico a Vs. Ss. para os devidos efeitos, em nome e por ordem do Governo Provisório, que conta com a cooperação patriótica da Câmara Municipal de São Paulo. *O secretário interino, Manoel Ferraz de Campos Salles.*

Em seguida, falou Rangel Pestana, jornalista e educador, traçando um panorama da situação política, econômica e administrativa de São Paulo, fazendo apelos para a manutenção da ordem e a decisão de desenvolver a economia paulista, representada pela indústria e comércio. Falou ainda sobre o significado da República então implantada e a proteção que recebeu do Exército e da Marinha. Terminou dando vivas à Pátria, à República, ao Exército, à Marinha e a São Paulo.

Na mesma linha falaram Prudente de Moraes e Martinho Prado. Este lembrou que previra aquele momento, seis anos antes, isto é, que a República seria proclamada no ano do centenário da Revolução Francesa. Os populares não se cansavam de aplaudir os oradores.

Encerrada a solenidade, todos se dirigiram ao Palácio. Havia rumores de que Couto de Magalhães ainda continuasse disposto a resistir. Com cautela, adentraram a sala de despachos. Os presentes se acomodaram em pé, frente a frente ao governante renitente. Falou Rangel Pestana comunicando a Proclamação da República e a aclamação, pelo povo, de uma Junta Provisória do Governo de São Paulo. Couto de Magalhães, inconformado, oferece um último lance de dramaticidade. Ao reconhecer que não dispunha de forças para resistir, estende os punhos, pede que coloquem as algemas e se considera prisioneiro. Pouco depois, é convencido a deixar o governo, pois todos os fatos estavam consumados. A saída do Palácio é honrosa para o último governante da Monarquia em São Paulo. Altaneiro, Couto de Magalhães depara-se com a multidão. Há uma certa disposição para apupos. Ao lado, a figura esguia e corajosa de Prudente de Moraes desanuvia o ambiente carregado. Ao descer as escadas, amparado por Prudente, a multidão silencia e o respeito prevalece. Couto de Magalhães atravessa o jardim, chega ao portão e entra num carro que o conduziria à chácara que possuía na Luz.

O primeiro governo

Nomes dos mais representativos da sociedade paulista ocuparam cargos no primeiro governo republicano de São Paulo. Além dos membros da Junta, foram designados: para a Chefia de Polícia, Bernardino de Campos; oficiais de gabinete, Álvaro de Toledo e Horácio de Carvalho; secretaria, Júlio Mesquita; tesouraria, José Alves Cerqueira Cesar. Horácio de Carvalho, jornalista e escritor, seria posteriormente, durante muitos anos, diretor do Diário Oficial do Estado, órgão que está comemorando, neste 1991, cem anos de fundação.

O primeiro decreto do Governo Provisório oficializa a República em São Paulo. Determina que o Estado adira à República Federativa Brasileira, passando a ser um dos Estados Unidos do Brasil, e estabelece que o governo, ora instalado, tomará "todas as providências necessárias para a manutenção da ordem e da segurança pública, defesa e garantia da liberdade, dos direitos e dos interesses legítimos dos cidadãos ...". Aos paulistas, a Junta Provisória dirigiu a seguinte mensagem:

Cidadãos

Revive a Nação! Pelo seu órgão mais autorizado, o povo, foi proclamada a República no País!

Já anunciada pelas manifestações da opinião pública, profundamente radicada na consciência nacional, aparece agora como um fato consumado.

Sob a bandeira da República desapareceram os velhos partidos e unem-se todos os brasileiros para felicidade da Pátria.

Chegou o período de organização, e é preciso que todos os homens de boa vontade se congreguem para salvar a Pátria do perigo que ia correndo. A generosidade do povo brasileiro, o seu amor à ordem, o seu espírito de paz, garantem desde já a mais completa tranqüilidade no novo regime de paz, de justiça e de concórdia!

O povo, no exercício de sua soberania, aclamou o governo provisório que se esforçará para manter firme esse regime. Sem ódios, sem velhos ressentimentos, distribuirá justiça, levará a todos os pontos do Estado o sentimento que domina a nação neste novo período que se lhe abre, cheio de esperanças que se hão de tornar uma realidade, afirmando a grandeza, o progresso e a civilização da Pátria.

Unamo-nos, Cidadãos! e prestemos culto à Liberdade, à Justiça, à Igualdade e à Fraternidade que devem prender os membros de uma grande Nação.

Rangel Pestana
Prudente de Moraes

Não foi somente a Capital que vibrou com os acontecimentos do Rio de Janeiro. Diversos municípios organizaram festas populares e mandaram seus representantes nas cerimônias de São Paulo. Ao mesmo tempo, depuseram as autoridades locais e aclamaram governos provisórios. Dias depois, diante da ordem reinante, tais governos foram extintos e nomeadas novas autoridades. Foi extinta a secretaria da Assembléia Provincial, aumentado o efetivo da força poli-

cial e elaborado um novo regulamento para a Hospedaria de Imigrantes. A principal tarefa da Junta havia sido cumprida, isto é, manter a ordem e o respeito às novas instituições. As manifestações de júbilo decorreram sem incidentes, dando a nítida impressão de que a República já estava, de há muito, plantada na alma dos paulistas. Foi significativo também o número de adesões de antigos monarquistas ao novo regime.

O Primeiro Governador

Decorridos alguns dias, em ofício ao marechal Deodoro da Fonseca, o triunvirato paulista coloca os cargos à disposição, tendo em vista facilitar a uniformização da administração dos Estados. Foi assim que, aos 3 de dezembro de 1889, Prudente de Moraes é nomeado governador de São Paulo. Pesado encargo a exigir grandes esforços. Um trecho de uma carta de Prudente a um amigo de Piracicaba retrata bem os obstáculos a vencer: "Cá estou fazendo das fraquezas forças para continuar a carregar a pesadíssima cruz que me puseram sobre os ombros; ninguém deve admirar-se se eu não puder chegar com ela até ao Calvário porque afinal de contas não sou Cristo, que para chegar com a dele precisou do auxílio de um Cirineu."

Homem do interior do Estado — era natural de Itu, fez carreira política em Piracicaba — Prudente assinou em 15 de janeiro de 1890 um decreto de interesse dos municípios, até então sob a tutela administrativa do poder central, criando os conselhos de intendência municipal, administrados por um presidente eleito entre os intendentes. O cargo correspondia ao de prefeito atualmente. Outro importante decreto tratou da reforma do ensino, começando por reorganizar a Escola Normal para formação de professores primários e criando as Escolas Modelos. Encontra em Caetano de Campos, médico e educador, seu braço direito na árdua tarefa. Nesse contexto foi construído o imponente edifício da Praça da República. Os recursos foram obtidos com a transferência da quantia de duzentos contos de réis — proveniente da arrecadação das loterias — e que, inicialmente, era destinada à construção de uma nova igreja catedral.

Prudente de Moraes assumiu o governo em momento tormentoso, como acontece em período de transição. Atuando, porém, com tirocínio, ponderação e austeridade, conseguiu atrair o respeito da população e a admiração até de políticos que vinham da Monarquia. Administrou o Estado evitando ferir melindres, atenuando os efeitos das frustrações de ferrenhos adeptos do regime anterior e buscando suavizar os exageros de um republicanismo radical. Aproximou-se o mais possível da orientação emanada das autoridades federais, apesar dos desentendimentos no seio do próprio Governo Provisório da República. Desenvolveu, com sucesso, uma política de união e pacificação dos espíritos, sem perder de vista o fortalecimento de seu Partido.

Considerando sua eleição em 15 de setembro de 1890 para o Senado — iria assumir uma cadeira no Senado e presidir a primeira Constituinte da República — Prudente solicitou, após onze meses, exoneração do cargo de governador que lhe foi concedido por decreto de 14 de outubro.

Nessa ocasião, a cidade de São Paulo começava a sentir os efeitos da atividade econômica do Estado, bafejado pela expansão da lavoura do café e seus elementos correlatos: a expansão da rede ferroviária, a entrada de novos imigrantes, o investimento urbano de capitais e o crescimento da indústria e comércio. O ritmo da vida econômica dava os primeiros sinais da grande transformação da cidade, de provinciana em cosmopolita.

No aspecto político, desaparecem os partidos monárquicos para dar lugar ao domínio do Partido Republicano e suas facções estaduais e municipais. Encerrava-se o revezamento no poder dos partidos Liberal e Conservador, segundo o sistema parlamentar, para dar lugar a novas disputas pelo poder, através de um processo eleitoral que exigia a conquista de votos. Conseqüentemente, fortalecia-se o poder das oligarquias e seus "coronéis".

A Primeira Constituição

Nesse contexto, era aconselhável a escolha de um governante que reunisse os predicados de uma liderança jovem, competência, visão administrativa e política, perfeitamente integrado com o dinamismo que caracterizava o período. E a indicação do marechal Deodoro foi feliz, pois recaiu num jovem de 36 anos, que possuía, além daquelas qualidades, um lastro republicano proveniente da herança paterna: Jorge Tibiriçá filho de João Tibiriçá Piratininga, republicano que presidiu a Convenção de Itu em 1873. Educado sob moldes europeus, aliava a tradição republicana da família com os conhecimentos científicos. Entendido em questões econômicas — herdou fazendas no Interior — conhecia os problemas do Estado e sabia como liderar o seu crescimento. Seu programa de governo dava destaque à uma moderna organização administrativa (menos concentrada) e às realizações econômicas e sociais que o Estado exigia. Aperfeiçoar as técnicas agrícolas — fez a reforma da Estação Agronômica de Campinas — ampliar o parque industrial e fortalecer as instituições de crédito eram suas principais metas.

No plano político, prosseguiu com a ação pacificadora de seu antecessor, criando uma harmonia partidária que possibilitasse dar andamento às iniciativas do governo. Acrescente-se que, em seu governo, Jorge Tibiriçá convocou o Congresso Constituinte Estadual e promulgou a primeira Constituição republicana de São Paulo, em 31 de dezembro de 1890.

Para realizar tal tarefa, Jorge Tibiriçá contou com o geral apoio da sociedade paulista. A situação da política federal, entretanto, não agradava o novo governante. Seu desejo era ver na presidência da República um republicano civil. Não foi o que aconteceu na eleição de 25 de fevereiro de 1891, quando o Marechal Deodoro da Fonseca obteve maioria de votos no Congresso, vencendo seu concorrente Prudente de Moraes, candidato preferido por Tibiriçá. Este, decepcionado, não dá a devida importância ao ato, abstendo-se de enviar qualquer manifestação de adesão. A atitude foi tomada como acintosa por Deodoro, mormente em se tratando de um governante nomeado por ele. Poucos dias depois, em 4 de março, veio o decreto de exoneração e no dia 7, Jorge Tibiriçá passava o governo a Américo Brasiliense de Almeida e Mello. O gesto intempestivo de Deodoro provocou reações desfavoráveis em São Paulo. A maneira independente, proba e eficiente do governo Tibiriçá vinha agradando a todos. O telegrama enviado por Prudente de Moraes reflete bem o desapontamento: "Parabéns pela vossa demissão. Caiu convosco o Partido Republicano Paulista. Acompanham-vos os aplausos de toda a população desinteressada."

Período Conturbado

Ao assumir o cargo, Américo Brasiliense estava ciente dos problemas de um período muito conturbado. Questiona-se sobre o motivo da aceitação do encargo pelo velho organizador das bases republicanas, pois, sempre manteve atitude de reserva em relação aos militares. Seu nome já havia sido cogitado logo após o 15 de novembro para governar o Estado, bem como recebeu convite para exercer o cargo de ministro plenipotenciário do Brasil em Lisboa. Em ambos os casos houve recusa. Agora aceitava a incumbência, talvez pretendendo utilizar seu antigo prestígio para reunificar os republicanos que se debatiam em atritos de opiniões. Na justificativa da nomeação pode-se entrever tal conclusão. Sua missão era estabelecer "uma política de confraternização de todos os elementos aproveitáveis dos antigos e novos partidos".

O Marechal Deodoro mantinha-se em descompasso com os princípios republicanos. Dada sua fragilidade em termos de amparo político, seu governo, numa tentativa de recuperar a cambaleante autoridade, tendia para o autoritarismo, eivado de doses conservadoras. Tal situação o incompatibilizava com a maioria dos civis republicanos, representados, principalmente, pelo forte grupo de São Paulo. As divergências começavam no interior do próprio governo. O primeiro sério sinal de crise política foi dado em 21 de janeiro quando o primeiro ministério renunciou. O pretexto foi a concessão, dada a um amigo de Deodoro, da garantia de juros às obras do porto de Torres (Rio Grande do Sul). A situação agravou-se com a nomeação do Barão de Lucena, velho monarquista, para formar o novo ministério. O experimentado político do Império, devido às suas hábeis manobras, orientava os passos do Marechal, o que provocava enérgicas reações dos republicanos. Estes estavam em maioria no Congresso, o que se traduzia num quadro de oposição do Legislativo ao Executivo. Como agravante da crise política, a praça do Rio de Janeiro foi vítima do desenfreado jogo da bolsa, o famoso "encilhamento" que fazia fortunas aparecer e desaparecer da noite para o dia. Assim, os políticos da oposição enfrentavam o autoritarismo de Deodoro e a crise financeira.

Havia ainda uma crise de caráter militar. Os quartéis viviam dias agitados, onde a disciplina e a hierarquia, dois apanágios do Exército, eram postos à prova. Mesmo os militares favoráveis à participação política, encaravam como grave o crescente descrédito da autoridade federal e os perigos que rondavam as unidades militares. Por outro lado, o Congresso queria limitar as atribuições do presidente, o que impossibilitava qualquer entendimento com a situação. Os republicanos históricos mantiveram-se na oposição, recusando a conciliação com um governo cada dia mais propenso a restringir a autonomia estadual e a fortalecer o poder central.

O primeiro golpe

Nos Estados, após um primeiro momento de tranqüilidade, crescem as agitações, reflexos do que se passava a nível federal. Desencadeiam-se os atritos entre oligarquias que buscavam o poder estadual, todos interessados em manter a política dos "coronéis", ligados aos problemas locais. São republicanos radicais e moderados, ex-monarquistas e militares, os que mais agitam e saem em busca do apoio federal, agindo em torno de seus líderes.

Em São Paulo, o destino do governo Américo Brasiliense estava amarrado ao governo federal. Enfrentava, no âmbito estadual, a mesma oposição a nível federal. Chegou-se a um impasse que envolvia os próprios militares, os mesmos que sustentaram a candidatura do Marechal em fevereiro de 1891. Cada vez mais irritada, a oposição militar — Exército e Armada — não aceitava a linha política de Lucena e a passividade de Deodoro. Militares como o Marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da República, e o contra-almirante Custódio José de Melo aproximavam-se da oposição civil republicana. Foi nesse quadro político-institucional que o condestável Barão de Lucena convenceu Deodoro a deflagrar o golpe de 3 de novembro de 1891. Na justificativa do Decreto, o governo denuncia o Congresso de querer "concentrar nas suas mãos a faculdade que lhe era estranha, do governo e administração do País". Outro motivo, insinuado pelo Decreto, é a tentativa dos "adeptos das depostas instituições (monárquicas) de levantar a bandeira restauradora". Tais argumentos baseavam-se menos em qualquer ranço de verdade do que na impossibilidade de uma convivência harmoniosa e democrática com o Barão de Lucena que guardava uma profunda antipatia aos membros do Congresso.

O golpe é apoiado pelos governadores dos Estados, exceção feita a Lauro Sodré, do Pará. Em São Paulo, Américo Brasiliense faz crescer a oposição, diante do apoio. Difícil é entender a atitude de Américo Brasiliense. O velho organizador do PRP em São Paulo quebrava, abruptamente, a fidelidade aos princípios republicanos e ao sistema de representação política. Considerou ao pé da letra os termos do Manifesto de Deodoro, acreditando que as autonomias estaduais seriam respeitadas e que uma força restauradora estava em marcha. Além disso, não levou na devida conta as dissidências do Exército que enfraqueciam o governo de Deodoro. Naquela altura, a maioria dos militares estava com a oposição.

Campos Salles aglutinava a oposição do PRP paulista e publica um Manifesto no "Correio Paulistano" contra o golpe. Um grupo de parlamentares da Câmara dos Deputados de São Paulo aprova uma moção condenando o golpe e reafirma fidelidade à Constituição vigente.

No Rio de Janeiro, a posição de Deodoro tornara-se insustentável. Pressionado pelos militares, e doente, resolve renunciar a 23 de novembro, entregando o governo a Floriano Peixoto. Imediatamente inicia-se a "caça às bruxas" com o objetivo de afastar os políticos que apoiaram o golpe. Em São Paulo, o PRP e os partidários de Floriano exigiam a saída de Américo Brasiliense como meio de pacificar a família paulista. Resistia, porém, o velho combatente, amparado por uma certa tolerância de Floriano que, num primeiro momento, desejava manter o governo legal. Preferia deixar o problema para os civis da oposição, liderados por Campos Salles, Bernardino de Campos e Francisco Glicério que açulavam a população contra a permanência de Américo Brasiliense no Governo. A imprensa colaborava para manter o clima adverso. Em 9 de dezembro, uma reunião realizada no "Correio Paulistano" aprovou o uso da força armada para a deposição de Américo Brasiliense. Seriam acionadas tropas da capital e do interior. Para agravar a situação, as forças federais — o 24º Batalhão de Infantaria —, que davam cobertura, por ordem de Floriano, retiram o apoio, deixando a defesa do governo nas mãos apenas da polícia. No dia 13 chega a São Paulo o general Sólon Ribeiro, emissário de Floriano. No dia seguinte reúne-se com Campos Salles e outros próceres do PRP para analisar a situação. Nas ruas cresce a movimentação popular; correm as notícias de deposição de diversas intendências municipais. Os estudantes da Academia de Direito proclamam adesões aos protestos, considerados como "movimento revolucionário" para depor Américo Brasiliense. Verificam-se choques de ruas. Populares começam a depredar a sede de "A Federação", jornal governista. Entra em ação, para dispersá-los, a polícia, a mando de Américo. Um foco para o ataque é a redação do "Correio" na Rua 15 de novembro. Os soldados, bem armados, estão prontos para invadir o jornal. Um tiro acidental desvia a atenção da soldadesca para o Pátio do Colégio. Foi um dia de grandes agitações — correrias e gritarias — no centro velho da cidade; até os bombeiros foram chamados para jogar água nos agitadores. À noite, continuavam as escaramuças. Bem tarde, é que Américo Brasiliense sentiu que era impossível resistir e resolveu renunciar. Sua intenção era entregar o governo a uma alta patente. Não foi possível, pois o general Carlos Machado Bitencourt, a mais alta autoridade federal em São Paulo, alegando motivos familiares, não foi ao Palácio. Contentou-se em passar o governo ao coronel Sérgio Castelo Branco, inspetor de polícia, que dormira no Palácio. Era a manhã de 15 de dezembro de 1891. Retirou-se acompanhado de seu fiel secretário Carlos Vilalva. Algumas horas depois, o governo foi entregue ao vice-presidente José Alves Cerqueira Cesar.

Bibliografia

Amaral, Antônio Barreto do. **Prudente de Moraes, uma vida marcada**, publicação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1971.

Amaral, Tancredo do. **A História de São Paulo ensinada pela Biografia**. Alves & Cia., Editores, Rio São Paulo, 1985.

Debes, Célio. **Campos Salles**, vol. 1, Edição do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1977.

Leite, Aureliano. **História da Civilização Paulista**, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1946.

Júnior, Rodrigo Soares. **Jorge Tibiriçá e sua época**, vol. 1, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1958.

Menezes, Raimundo, **São Paulo dos nossos avós**. Editora Saraiva, s.d.

Moraes, João. **Proclamação da República em São Paulo**, Revista IHGSP, vol. 8º, p.7.

Peixoto, Silveira. **A Tormenta que Prudente de Moraes venceu.** Editora Guaíra Ltda., 1942.

Vilalva, Carlos. **Dr. Américo Brasiliense**. Revista do IHGSP, vol. 8º, p. 187.

Leite, Aureliano, **Retratos a Pena**, Nova série, 1930.

Maranhão, Ricardo. **Américo Brasiliense, Organizador da República**, suplemento do Centenário de "O Estado de S. Paulo", nº 9, 1975.

Roberto Machado de Carvalho é secretário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Academia Paulista de História e da Academia Cristã de Letras. Endereço do autor para correspondência: Rua Palmares, 908 — 04623 — São Paulo-SP.

"Declaramos independente o Estado de São Paulo"

"Declaramos de ora em diante independente o Estado de São Paulo", mas, prudentemente, acrescentava: "e parte integrante do Brasil", era o que dizia a primeira Constituição Paulista, votada em 1891. Esses pruridos federalistas, porém, não tiveram grandes ressonâncias. Fonte de problemas, com graves repercussões políticas dentro e fora de São Paulo, foi o artigo que determinava a revisão constitucional de 10 em 10 anos, "a fim de verificar se alguma das suas disposições está no caso de ser reformada".

Célio Debes
Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Proclamada a República, o Brasil, que era um país unitário, se transformou numa federação. O espírito legalista, predominante entre os bacharéis que participavam do Governo Provisório, fez com que, menos de vinte dias depois da derrubada do trono, se baixasse, a 3 de dezembro de 1889, aniversário do manifesto republicano de 1870, o Decreto nº 29, nomeando uma comissão para elaborar "projeto de Constituição dos Estados Unidos do Brasil". Seus integrantes (Saldanha Marinho, Américo Brasiliense, Rangel Pestana, Santos Werneck e Magalhães Castro), trabalhando sobre três elaborações distintas de seus membros, acabaram por oferecer um projeto. Submetido este a uma revisão, mais de cunho formal, pelos integrantes do Governo Provisório, foi adotado como a Constituição sobre a qual se manifestaria a Assembléia Constituinte. De seus dispositivos, entravam em vigor, de imediato, os relativos à eleição e funcionamento do Poder Legislativo (Decreto 510, de 22 de junho de 1890, que "publica a Constituição dos Estados Unidos do Brasil").

Pouco depois, no intuito de tornar realidade a República Federativa, é publicado outro ato determinando e disciplinando a convocação das Assembléias Legislativas dos Estados. Na conformidade de suas normas, os Governadores (assim se designavam os dirigentes estaduais nomeados pelo Governo Provisório) promulgariam a Constituição de seus respectivos Estados, a servir de base para a elaboração da Carta definitiva. Os legisladores então eleitos teriam, primeiramente, funções constituintes e, posteriormente, meramente legislativas (Decreto 802, de 4 de outubro de 1890).

Na esteira dessas regras, o Governador Jorge Tibiriçá expede o Decreto 104, de 15 de novembro daquele ano, através do qual convoca "o primeiro Congresso do Estado de São Paulo" e publica sua Constituição.

As coisas iam nesse ritmo, quando os acontecimentos políticos verificados na área federal aqui repercutem. As divergências entre o Marechal Deodoro e os paulistas, desde os tempos em que Campos Salles e Glicério, integravam o Governo Provisório e Prudente de Morais presidia a Assembléia Nacional Constituinte, se acentuavam. A sucessão de fatos tendia a agravá-los. Prudente candidata-se à Presidência da República em oposição a Deodoro; além disso, seu companheiro de chapa, Floriano Peixoto, se elege Vice-Presidente e em decorrência presidente nato do Senado. Como não comparecia, seu Substituto legal passaria a dirigir essa Casa do Congresso. E, por coincidência, este era o próprio Prudente. Os partidários de Deodoro lograram fazer o presidente da Câmara dos Deputados. No entanto, premido pelas circunstâncias, não se mantém no cargo, sendo substituído por outro paulista, Bernardino de Campos, adversário declarado do Marechal. Em represália, este passa a vetar as leis votadas pelo Congresso.

Dessa forma, ganha preeminência o papel oposicionista da gente de São Paulo. Dado, porém, seu peso no Legislativo, o situacionismo procura seu apoio. Tentativa inábil do Barão de Lucena, em nome do governo que integrava, inviabiliza uma conciliação. Em seguida, Tibiriçá é substituído por Américo Brasiliense, a quem se declarava: "sois o mais idôneo para desempenhar o difícil e melindroso encargo de constituir a pátria paulistana em bases largas e firmes, iniciando uma política de confraternização de todos os elementos aproveitáveis dos antigos e novos partidos" *(Annaes do Congresso Constituinte de 1891* (São Paulo), p. 30).

Nessas palavras, não ia nenhum exagero. Fora ele o autor do projeto acolhido pelo Decreto 104 e seriam suas as alterações com que o apresentou à análise da Constituinte (Idem, ibidem). Ademais, se a raiz de seu mandato se vinculava a uma delegação do poder discricionário federal, o Congresso paulista sanaria esse mal de origem. Em sua primeira sessão ordinária, vota, em caráter de urgência, projeto criando os cargos de Presidente e Vice-Presidente do Estado, e, ato contínuo, elege, por unanimidade, Américo Brasiliense para o primeiro cargo e, por maioria, Cerqueira Cesar, Vice.

Os constituintes dão-se pressa na realização de seu trabalho, de modo que, a 14 de julho, é promulgada a Carta política. Fazendo coro a seu presidente, a Assembléia proclama em voz alta:

"Nós, representantes do povo paulista, optamos, decretamos e promulgamos a presente Constituição, e declaramos de ora em diante independente o Estado de São Paulo, e parte integrante do Brasil" (idem, idem, p. 285).

Eram os pruridos federalistas a predominar, dando a impressão de que a União decorrera da espontânea junção de Estados independentes. Dava-se corpo à idéia dos teóricos separatistas, que previam a fragmentação do Império para, pela incorporação das antigas Províncias, convertidas em Estados livres, originar a Federação (cf. Célio Debes, *O Partido Republicano de São Paulo na Propaganda (1872-1889)*, p. 64-75).

A Carta fora elaborada sob o influxo do princípio de que "uma Constituição deve ser a revelação de fatos sociológicos, a expressão da evolução política da vida do povo a que se destina. Assim, para que seja perfeitamente normal, ela tem de traduzir os dois elementos de sua gênesis — o histórico e o evolutivo". E, em decorrência, estava assente que "a evolução modifica historicamente a índole das leis, melhorando-as e adaptando-as às novas exigências da civilização" (*Annaes* cit., p. 67).

Nesta senda, o projeto de Constituição, revisto pela Comissão encarregada de revê-lo adiciona-lhe artigo, que, no texto definitivo, seria o 71, segundo o qual,

"O Congresso procederá, de dez em dez anos, nos dias que forem designados na sessão de encerramento dos trabalhos do penúltimo ano daquele período, à revisão integral da Constituição, a fim de verificar se alguma das suas disposições está no caso de ser reformada."

E isto, sem prejuízo da possibilidade de ser ela emendada a qualquer tempo (art. 72).

Esta salutar medida iria dar margem à primeira crise parlamentar e à mais grave cisão havida no Partido Republicano Paulista, cujos mais remotos efeitos conduziriam à queda da chamada Primeira República.

Em 1901, nos albores do século XX, deveria ocorrer a revisão pioneira da Constituição paulista. Instalada a Constituinte, desenvolviam-se seus trabalhos normalmente, quando, ao entrar em terceira discussão o conjunto das emendas apresentadas, surge a acusação de que o Governo do Estado intervinha em suas deliberações.

O deputado Candido Mota, em discurso de crítica ao projeto final, com as emendas acolhidas, assinala que "o *Correio Paulistano*, dando notícia dos trabalhos da comissão revisora, declarou que era ponto assentado a supressão do lugar de vice-presidente e a modificação do período presidencial. Veio o trabalho da comissão revisora e nele encontramos a modificação do período presidencial, mas nada da supressão do lugar de vice-presidente". A estranheza decorria da interpretação de que, não extinto este último cargo, cada presidente teria dois vices, porque o mandato destes não se alterara!

Na defesa do projeto, o senador Duarte de Azevedo, seu relator, é acossado, entre outros, pelo deputado Júlio de Mesquita, que acusa. "Há questões fechadas no Congresso Constituinte de São Paulo!" (*Annaes do Congresso Constituinte de 1901* (São Paulo), p. 485). Na mesma linha, outro parlamentar sustenta que "influência estranha está intervindo no Congresso Constituinte de São Paulo". Buscando esclarecer a vaga afirmação, o relator insiste em saber de quem é a influência estranha; seus opositores, escapando a uma afirmação, insistem em que é do conhecimento dele, relator, a autoria. Mesclam-se as objeções. Interferência e questão fechada. Intervindo na discussão, o senador Frederico Abranches, presidente da Comissão Diretora do Partido Republicano Paulista, ao negar a existência de questões fechadas, declara que "há questões em que o governo pode ter interesse". Foi a gota d'água. "O governo intervindo no Congresso! Ahi está a confissão de que precisávamos", redargue Ezequiel Ramos. E, dando ênfase à asserção, "o presidente da Comissão Central do Partido Republicano de São Paulo declara que o governo intervém no Congresso Constituinte! Registre-se!".

E o registro se operou. Na sessão seguinte, de 4 de setembro, Júlio de Mesquita, após a rejeição do projeto da comissão revisora, por não haver logrado o quorum de dois terços, lê declaração de voto dos integrantes da oposição.

"Votamos contra a primeira, e votaremos sistematicamente contra todas as emendas oferecidas ao texto da Constituição de 1891, até mesmo contra as que por nós o foram. Não pode ser outro o nosso procedimento, à vista do que sucedeu na sessão de ontem. Corriam livremente os trabalhos deste Congresso (...). Ontem, porém, o nosso colega dr. Frederico Abranches declarou, com toda a sua reconhecida autoridade, que havia nesta casa questões fechadas pelo governo do Estado. Desapareceu, pois, no momento decisivo, em terceira discussão, toda a liberdade de voto. Contra o Congresso Constituinte de São Paulo, que é, de direito, seu poder supremo, ergue-se outro poder, que, infelizmente, de fato, é mais forte. Nestas condições, o que o patriotismo e o nosso amor à República nos aconselham é que deixemos de pé a Constituição de 1891, discutida e votada em época de mais independência e de mais respeito à opinião dos representantes do povo de São Paulo. (...) Cumpre-nos ponderar que a intervenção do poder executivo nas deliberações desta casa se manifestou especial e caprichosamente no sentido de assegurar o governo do Estado de São Paulo, nas futuras eleições, ao candidato de s. exc. o sr. presidente da República. Esta ponderação, como é evidente, agrava a falta contra a qual muito conscientemente nos revoltamos, e mais contribuirá, estamos certos, para que aprovem o nosso proceder aqueles que sinceramente desejam a prosperidade e a glória da República" (idem, p. 520-521).

A questão, estava claro, ganhava cunho eminentemente político, relegando a segundo plano seu aspecto doutrinário.

Para que se compreenda o desenrolar dos fatos é necessário que se retroceda um pouco no tempo.

Dois acontecimentos políticos se registrariam, um à margem da Constituinte e outro quando de sua instalação.

Este, ligava-se à escolha da mesa diretora de seus trabalhos. Cerqueira Cesar, concorrendo à presidência, é derrotado por Lopes Chaves. Reagindo, Alberto Salles, cunhado daquele e irmão do Presidente da República, faz estampar no *O Estado de S. Paulo*, do dia imediato (18 de julho), violento e alongado artigo intitulado "Balanço Político", cujo subtítulo era "Necessidade de uma reforma constitucional". Referia-se à Carta Federal e atacava o presidencialismo, que chamava "planta exótica (...) que transplantada para a nossa pátria, degenera e desfigura-se em franca ditadura política". Posto que assevere não se referir a Campos Salles, na verdade o atinge e, ao perfilhar o revisionismo da Constituição da República, se alinhava contra seu pensamento. Nesta contenda, os personagens principais são todos membros de uma mesma família. Campos Salles e Alberto são cunhados de Cerqueira Cesar, sogro de Júlio de Mesquita. E, quando o *Correio Paulistano* entra na contenda, surge outro parente, Antonio Piza, cunhado dos dois primeiros.

O outro fato se liga à renovação da Comissão Central do Partido Republicano de São Paulo, que se daria no curso da Constituinte. Sua importância ganhava expressão, na medida em que seus integrantes é que iriam indicar o sucessor de Rodrigues Alves, na Presidência do Estado. Era ele o candidato à chefia da Nação. As

preferências recaíam em Bernardino de Campos. Prudente de Morais sugeria que além dele, Prudente, integrassem o órgão Bernardino e Cerqueira Cesar, além de mais dois elementos a serem indicados. Campos Salles, ouvido, entendia que os principais mentores do Partido não deviam integrá-la, para evitar-se melindres e entraves em seu funcionamento. Propõe e, vencendo relutâncias, logra que cada qual deles aponte um representante. Assim são eleitos Frederico Abranches (Rodrigues Alves), Pádua Salles (Campos Salles), Lacerda Franco (Bernardino), José Alves Guimarães Jr. (Prudente) e Alfredo Guedes (Cerqueira Cesar). Mas, o divisor de águas estava delineado.

Essas divergências vinham de antes, de quando ainda Deodoro estava no poder. Seu antagonismo com o Congresso Federal atingiria o auge, quando ele resolve dar o golpe de estado e fechar o Legislativo. Os paulistas reagem, levando o Marechal à renúncia. Assume Floriano, que, por não se legitimar como Presidente, governa, sempre, como Vice-Presidente. Acontece que, em São Paulo, o chefe do Governo, Américo Brasiliense, apoiaria Deodoro, incompatibilizando-se com a maioria dos parlamentares seus conterrâneos. Evidenciava-se a inviabilidade de sua permanência no cargo. Mas no plano estadual, Brasiliense encontrara adeptos. Prestigiaram-no Cerqueira Cesar, Rangel Pestana, Júlio de Mesquita e outros mais. Davam-lhe combate, chegando mesmo a articular sua deposição *manu militari*, Prudente, Campos Salles, Bernardino, seguidos por nomes prestigiosos. Ainda que, no momento da queda de Presidente do Estado, todos (ou a grande maioria) estivessem unidos, as fissuras verificadas no antigo bloco monolítico permaneceram. Evoluíam para a desagregação.

Fixados esses pontos, entende-se a manifestação de Almeida Nogueira, durante os debates na Constituinte, sobre a insistência dos oposicionistas na extinção do cargo de Vice-Presidente do Estado. "É que com a eliminação do vice-presidente caberia a sucessão do governo, segundo o texto constitucional, ao presidente do Senado. E assim, revogado pelo legislador constituinte o mandato do honrado cidadão eleito pelo povo paulista para o cargo de vice-presidente, iria o governo do Estado, na eventualidade de faltar o presidente, diretamente para as mãos do ilustre paulista sr. Cerqueira Cesar, sogro do sr. Júlio de Mesquita, que é o chefe do movimento revisionista" (idem, p. 515; cf. *Centenário de Júlio de Mesquita*, São Paulo, Anhembi, 1964, p. 177).

A decorrência mais grave desses acontecimentos, foi a cisão do Partido Republicano Paulista, de que o insucesso da revisão da Carta estadual representa parte menor. A Dissidência, encabeçada por Prudente de Morais e Cerqueira Cesar, embora desaparecesse como facção política, persistiu ao longo do tempo, congregando seus elementos no seio do PRP, até a cisão derradeira, coroada com a formação do Partido Democrático e desaguando na revolução de 30.

Célio Debes é membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e autor, entre outros, de ***Campos Salles — Perfil de um Estadista*** *(2 volumes),* ***O Partido Republicano na Propaganda (1872-1889)*** *e* ***Júlio Prestes e a Primeira República.*** *Endereço do autor para correspondência: Av. Piassanguaba, 295 — 04060 — São Paulo — SP.*

O imigrante árabe em São Paulo

A imigração árabe para o Brasil, iniciada em 1880, caracteriza-se por dois aspectos: era espontânea (e não dirigida pelo governo, como aconteceu com a maioria das outras etnias) e, em conseqüência, tinha melhores condições para fixar-se nos centros urbanos.

Neuza Neif Nabhan
Universidade de São Paulo

O canivete é de madrepérola. Pacientemente ele amacia a palha e a coloca entre os dedos; em seguida, pica o fumo goiano e enrola seu cigarro de palha. Acende uma, duas, três vezes, até sentir o sabor forte do fumo. Salim, o patriarca, que tem a seu redor quatro gerações de sua família, relembra, com serenidade e orgulho, sua longa trajetória nesta terra brasileira:

— O navio era italiano — Princesa Mafalda — e levamos sessenta dias para chegar ao porto de Santos. Paramos em Gênova e ficamos nove dias naquela cidade...

O velho Salim acende novamente o cigarro de palha e conta que ficou impressionado com o cemitério de Gênova, pois cada túmulo era uma obra de arte, com estátuas de mármore que pareciam falar. E continua narrando sobre sua vida:

— Poderia ter escolhido o caminho por Marselha, mas preferi Gênova, pois me disseram que lá havia um hotel de libaneses. Realmente o dono era simpático e procurava nos agradar, cozinhando à nossa moda. Chegando ao porto de Santos, fiquei hospedado à Rua General Câmara. O proprietário era de Hamma (uma cidade da Síria) e, depois de alguns dias, vim para São Paulo. Tinha o endereço de um amigo da minha cidade. Eu queria progredir e, assim, vim para o Brasil.

Com desembaraço e revivendo a chegada em São Paulo, o ancião continua contando sua história:

— Comecei vendendo de casa em casa, carregando miudezas numa maleta. No início tudo foi muito difícil; aprendi a falar o português na rua, freqüentando a escola da vida. Não tinha parentes no Brasil. Nos finais de semana, eu me reunia com meus patrícios. O tempo foi passando e me casei com uma moça da colônia. Abri uma loja e a esposa me ajudava no comércio. Os filhos foram crescendo (três rapazes e quatro moças). O mais velho estudou contabilidade. Fui ampliando os negócios e chamei dois irmãos para o Brasil.

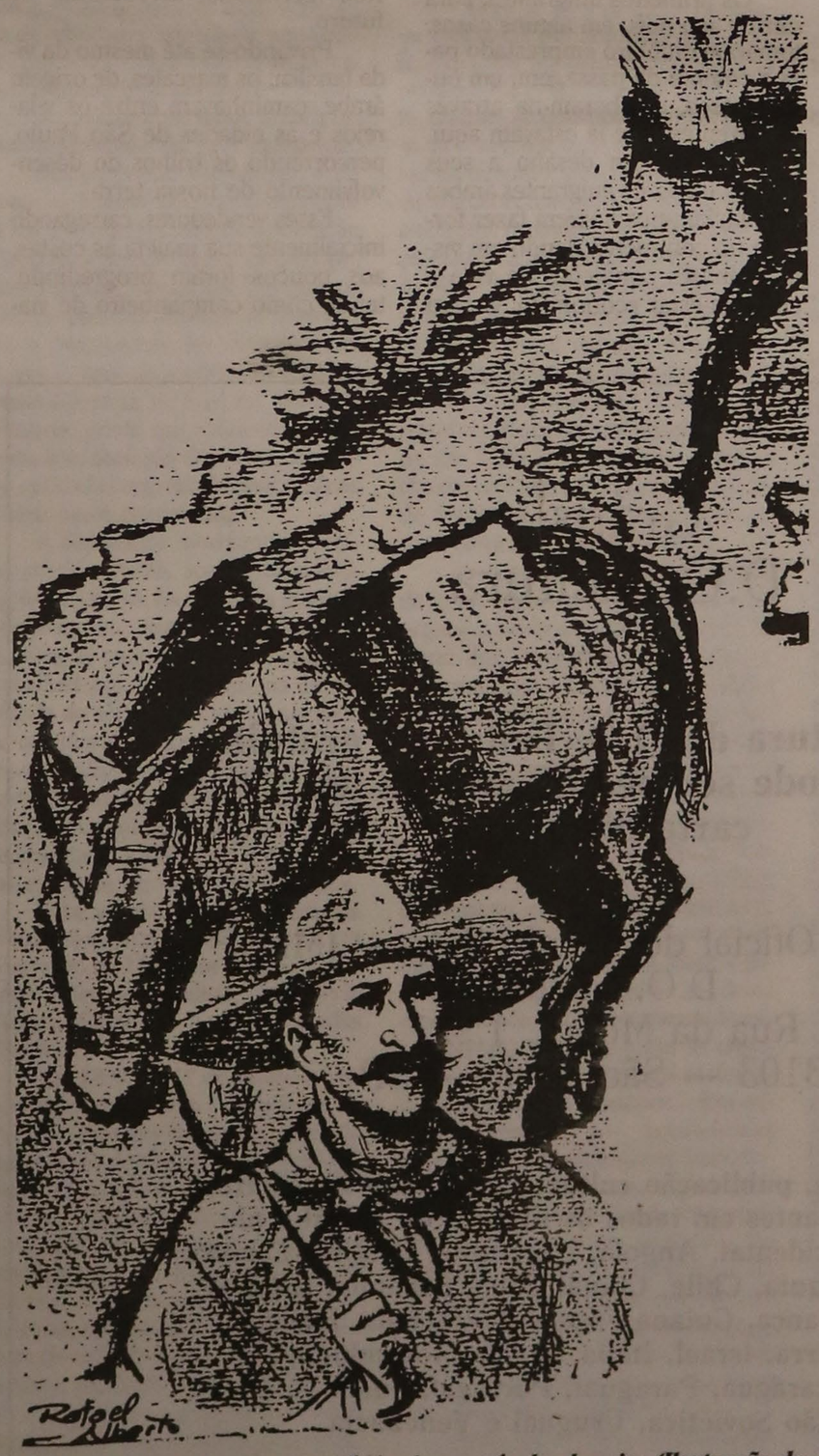
Consciente de sua vitória e com muito orgulho, Salim fala de sua família:

— Todos os meus netos estudaram. Na família tem engenheiro, médico, advogado e professora. Meu neto mais velho gosta muito de política e já foi prefeito no interior de São Paulo. Tenho dez bisnetos e alguns já estão na faculdade. A vida, como imigrante, foi muito dura. Lembro, com saudade, de minha terra e de alguns parentes que eu nunca mais encontrei. O Brasil é minha segunda pátria e foi em São Paulo que construí meu patrimônio.

A história de Salim, um modelo, repete-se como a narrativa da maioria dos imigrantes sírios e libaneses, que vieram para São Paulo desde as últimas décadas do século passado, a partir de 1880. Da vida de mascate para o desempenho na vida política brasileira, do comércio para a profissão liberal, as trajetórias das famílias de imigrantes árabes, grosso modo, assemelham-se.

A nova condição de vida, implicando o processo de acomodação e adaptação à sociedade dominante, define o comportamento psicossocial destes imigrantes. As duas culturas — a árabe e a brasileira — integram-se no cotidiano destes homens mas, no princípio desta mobilização espacial, a *rua* e a *casa* demarcaram espaços diferençados.

Nas primeiras gerações destes imigrantes árabes, observa-se o agrupamento entre os que vieram dos territórios da Síria e do Líbano: a exigência do casamento entre descendentes de árabes, as escolas bilíngües — português e árabe —, os ritos de passagem no credo original cristão (ortodoxo, maronita e melquita) e muçulmano, a fundação de clubes sociais e desportivos, conforme as cidades de origem: Homs, Alepo, Ghazi; os jornais em língua árabe ou bilíngüe (português e árabe), os programas de rádio para a coletividade.



O turco ***mascate e seu companheiro inseparável, o burrico (Ilustração de Rafael Alberto para o livro "O Mascate", de Assis Féres — 1947).***

A chegada do imigrante

Diversos motivos levam o indivíduo, ou um grupo de indivíduos, a emigrar da terra natal, e o mais forte é o seu descontentamento, resultante de opressões políticas, ou de carência econômica.

A presença dos imigrantes árabes em nosso país — em sua maioria oriundos dos territórios da Síria e do Líbano — faz parte do grande fluxo imigratório para a América, no final do século XIX e início deste. Estudiosos do tema mostram que as causas para esse fluxo imigratório repousaram nos fatores políticos e religiosos, intrinsecamente ligados ao domínio do Império Otomano, então vigente nos países do Oriente Médio. A esses fatores soma-se a depressão econômica, causada pela exigüidade territorial disponível para a lavoura, notadamente no Líbano.

A insegurança política, sob o domínio turco; as dificuldades econômicas; a escassez de terra para a cultura e as lutas pelo controle da água de irrigação e os problemas religiosos entre muçulmanos e cristãos certamente se constituíram nos principais fatores que conduziram ao processo da emigração. No princípio as populações saíam de seus vilarejos em direção das cidades maiores, no momento seguinte em direção à capital, em seguida, para outras possessões turcas no Mediterrâneo e, finalmente, o grande salto para a América.

Condições iniciais

No século passado, com a independência dos países americanos, inaugurou-se a tradição de "porta aberta" para imigrantes de todas as procedências e culturas com destino à América.

Os novos países independentes tinham necessidade de equacionar e resolver os problemas da ocupação efetiva do solo, a fim de garantir a soberania nacional, a segurança e a valorização econômica através, sobretudo, dos organismos e entidades adequadas para sua realização. Essa diretriz dominou praticamente, por mais de um século, a imigração e colonização na América.

Em 1820, aprova-se, no Brasil, uma lei que concedia terras a imigrantes católicos, com o objetivo de atrair a colonização alemã. A entrada indiscriminada de imigrantes e, sobretudo, os repetidos fracassos em muitos empreendi-

mentos colonizadores provocaram críticas violentas, que tiveram ressonância ampla nos meios parlamentares. Em conseqüência, a imigração torna-se, no Brasil, após o estabelecimento de núcleos coloniais por iniciativa do governo de D. Pedro I, questão política.

No Império Brasileiro, observam-se duas práticas imigratórias: uma oficial, quando o governo criou núcleos coloniais de estrangeiros; e outra particular, mas estimulada pelo próprio governo, que visou à obtenção de braços assalariados, para o trabalho agrícola nas grandes fazendas de café. E, em função das condições peculiares das diversas províncias, desenvolveu-se uma política provincial imigratória diferenciada.

Foram constituídas, também nessa época, Companhias de Colonização, caracterizadas como empresas, que entraram em grande concorrência entre si, no Exterior ou no Brasil, sobretudo no tráfico de imigrantes e em sua importação.

Instalou-se, a partir daí, uma engrenagem de pessoas para atuarem: funcionários nos portos, nas repartições públicas, inspetores de núcleos; enfim, muitos passam a viver dos serviços de imigração e colonização.

Esse movimento populacional não só contribuiu para o desenvolvimento econômico do Barsil, mas também instituiu um novo mercado de trabalho, através da requisição de material humano, para auxiliar essas companhias de imigração.

A política imigratória no Brasil (e que se estendia ao longo da América) justifica, de certo modo, a facilidade de entrada dos árabes, no início de sua imigração. Tal fator acrescenta-se à conturbada situação político-econômica, pela qual esses imigrantes passavam na terra de origem. Esse panorama, no entanto, não seria convincente, se o emigrante não tivesse estímulo pessoal e de grupo, além de perfeitas condições físicas para a mudança. Em sua maioria eram jovens ambiciosos, com espírito de luta e que tinham esperança e vontade de trabalhar, buscando novas oportunidades numa terra livre, que eles acreditavam sem perturbações sociais. O desejo de fazer fortuna e as oportunidades, que aqui se apresentaram, propiciaram a vinda de diversos grupos sírios e libaneses.

Embora o Brasil necessitasse de mão-de-obra para a lavoura, os imigrantes árabes não se dedicaram a tal atividade, apesar de a maioria ser constituída de agricultores. O fato se explica, porque os imigrantes, que se ocuparam da lavoura, vieram sob forma de colonos — exigência do governo brasileiro —, como no caso dos italianos, alemães e japoneses no início do século XX. Esses grupos de estrangeiros, que vieram trabalhar na agricultura, caracterizavam-se como mão-de-obra eficiente e de baixo custo.

A imigração espontânea

A imigração árabe no Brasil é caracterizada como espontânea. Os sírios e os libaneses desembarcaram em pequenos grupos, principalmente nos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Os pioneiros dessa imigração, quando saíram em direção à América, tinham em mente os Estados Unidos, porém alguns chegaram ao Brasil porque pressentiram que seria mais fácil tirar o visto para aquele país por aqui, e acabaram ficando. Depois de algum tempo, espalharam-se entre eles notícias das dificuldades para entrar nos Estados Unidos; dirigindo-se, a partir de então, definitivamente para o Brasil.

Os primeiros imigrantes, para sair de seu país, em alguns casos, tomaram dinheiro emprestado para a compra da passagem; em outros casos, receberam-na através de parentes, que já estavam aqui. Promovendo um desafio a seus conterrâneos, os imigrantes árabes persuadiam-nos a virem fazer fortuna no continente, tendo em vista melhores condições de vida e um bem-estar econômico. E para comprovar seu sucesso no Brasil, enviavam sempre, determinadas quantias aos parentes e familiares das terras da Síria e do Líbano.

Sem contrato de trabalho e impossibilitados, em sua maioria, de se empregar na lavoura, esses imigrantes iniciaram suas atividades no comércio.

De caixeiro viajante ao **turco** da lojinha, o árabe foi se espalhando na cidade de São Paulo e no interior do Estado.

Os obstáculos iniciais foram inúmeros. Além das dificuldades inerentes ao processo imigratório, e que se referem à adaptação aos padrões da cultura dominante e à Brasil, esses imigrantes não encontraram um meio de trabalho adequado e que pudesse garantir a sobrevivência.

O comércio, que não era praticado no país de origem pela maioria dos imigrantes, transformou-se em seu meio de vida. *Fazera mala* com miudezas — pentes, gravatas, linhas, lenços, sabonetes, tesouras, agulhas —, vendendo-as de porta em porta, ou nas fazendas distantes, definiu o modelo do mascate de origem árabe no Brasil.

A mobilização espacial dos sírios e dos libaneses às *terras da promissão* (Duoun:1944) levou esses imigrantes a uma demonstração de força espiritual e de luta para seu sustento diário. De sol a sol era preciso aceitar as novas imposições, que determinavam a forma de vida do grupo imigratório. A chama, que emergia desses jovens árabes, não os definia apenas como pessoas ambiciosas e com o desejo de fazer a fortuna; acima de tudo, esses pioneiros demonstraram resistência, acreditando no futuro.

Privando-se até mesmo da vida familiar, os mascates, de origem árabe, caminhavam entre os vilarejos e as cidades de São Paulo, percorrendo os trilhos do desenvolvimento de nossa terra.

Esses vendedores, carregando inicialmente sua maleta às costas, aos poucos foram progredindo, tendo como companheiro de viagem um burrico que, em muitas horas, partilhava de suas alegrias e dissabores.

O mascate, andarilho desde sua origem e confirmando seu caráter beduíno, freqüenta a escola da vida. De vendedor ambulante passa para o comércio estabelecido; é o *turco* da lojinha (deve-se ressaltar que estes imigrantes sírios e libaneses tinham, em seu passaporte, a nacionalidade turca, devida ao domínio otomano) que, no século passado, cativava sua clientela, oferecendo alguns centímetros a mais na metragem do tecido.

O movimento associativo

A narrativa, que inicia este breve estudo, caracteriza, de forma peculiar, a identidade do imigrante árabe com o meio recebedor. Os sírios e os libaneses, grosso modo, aceitaram os valores e os padrões da cultura brasileira, mas não ignoravam totalmente os seus. Na dinâmica do processo de transculturação, houve uma seleção de valores da cultura brasileira, que mais se identificavam com a maneira de ser deste homem árabe.

As dificuldades, encontradas no meio estranho contribuíram para a troca de experiências entre o contingente árabe em São Paulo, ao mesmo tempo em que motivou um relativo agrupamento destes imigrantes, quer através dos bairros, da região do Mercado na cidade de São Paulo, por exemplo, quer através das cidades — São Paulo, Campinas, Santos, Franca etc.

A imigração espontânea, de certa forma, não impunha um compromisso do governo brasileiro quanto à tutela dos imigrantes sírios e libaneses, como acontecia com os grupos alemães, italianos, portugueses etc. Essa situação, que permitia uma certa liberdade de atuação dos imigrantes árabes, contribuiu para a formação dos movimentos associativos destes imigrantes uma década após sua chegada para São Paulo, como forma de apoio entre grupo árabe e como possibilidade de preservação dos valores culturais.

Nesse sentido, constata-se a fundação de entidades de benemerência, que objetivavam o auxílio material aos árabes menos favorecidos. Citamos, como exemplo, duas sociedades fundadas no ano de 1897: Sociedade Maronita de Beneficência, na cidade de São Paulo e a Sociedade Beneficente Síria, na cidade de Franca.

A prática religiosa, com ritual do Oriente, também contribuiu para a aglomeração destes imigrantes. Os cristãos-ortodoxos árabes, no ano de 1897, alugaram um salão na região do Mercado (São Paulo), reservando o local para a celebração de cultos religiosos, construindo, mais tarde, o templo. Junto à igreja fundaram a Sociedade Ortodoxa que, além de transmitir os ensinamentos religiosos aos filhos dos imigrantes, proporcionava a reunião social entre eles.

A preservação da língua árabe, junto a essas famílias de imigrantes, serviu como fonte da cultura nativa. A prática das duas línguas — o português do Brasil e o árabe — definia os dois mundos destes imigrantes — a rua e a casa; e nesse sentido havia a obrigatoriedade do uso da língua árabe no meio familiar. Cabe ressaltar que, ao longo desta presença imigratória em nosso País, nos séculos XIX e XX, houve uma relativa ausência quanto ao uso da língua árabe no meio familiar; nesse sentido fizemos um estudo mais amplo sob o título *Nossos Árabes*, publicado no *D.O. Leitura* de fevereiro de 1986, onde abordamos as diversas fases do ensino e do aprendizado da língua árabe pelas gerações de filhos destes imigrantes em São Paulo.

Na primeira fase da imigração, no entanto, houve um grande impulso no aprendizado formal do árabe e, em 1897, foi fundada, em São Paulo, a Escola Sírio-Francesa; em 1898 aparece a Escola Chediak.

A imprensa é utilizada como meio de preservação da língua árabe e sua cultura. No final do século XIX aparecem os seguintes jornais: *Al Faihã* em 1895, na cidade de Campinas; *Al Brasil* em 1897, na cidade de Santos; *Al Asmahi* em 1898, *Al Brasil* em 1898, *Al Munãzir* em 1899, todos na cidade de São Paulo.

As promessas do retorno

Os pioneiros da imigração árabe em São Paulo, no final do século XIX, saíram das terras do Líbano e da Síria com as promessas de breve regresso à terra natal.

Os obstáculos encontrados para o desempenho no trabalho, a dificuldade da prática da língua portuguesa do Brasil e as mudanças de hábitos, até mesmo na alimentação, tais fatores, contrariando as regras, contribuíram para o melhor desempenho destes imigrantes árabes, no processo de aceitação e acomodação ao meio ambiente dominante.

O sonho destes imigrantes era o de fazer fortuna nas terras da promissão, mas a realidade não favorecia suficientemente. O caminho foi muito árduo. A luta pela sobrevivência marcou estes bandeirantes da imigração árabe em nosso País e o trabalho, como lema, limitou a sua qualidade de vida. Retornar às terras de origem era quase impossível, e o fracasso não poderia ser notado junto aos amigos e familiares do Oriente distante.

A esperança de dias melhores, somada ao esforço constante, serviram de estímulo aos imigrantes. Da vida difícil de vendedor ambulante, eles conseguiram se estabelecer em pequenos comércios.

A partir daí, o retorno ao país de origem significou, para alguns, somente a visita ao berço natal e aos familiares e, para outros, a busca da esposa e dos filhos ou da mulher com quem formaria a sua família nas terras brasileiras.

Sonho e realidade nortearam a vida desses imigrantes árabes que hoje, nas cinco gerações de família, que os rodeiam, contribuem, de forma efetiva, na sociedade em que vivemos.

Bibliografia

1 — Duoun, T. (1974). **A Emigração Sírio-Libanesa às Terras da Promissão**. São Paulo, Tipografia Editora Árabe.
2 — História da Imigração no Brasil: As famílias. s/d. São Paulo, Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileiro.
3 — Jorge, Salomão. s/d. **Álbum da Colônia Sírio-Libanesa no Brasil**. São Paulo, Sociedade Impressora Brasileira.
4 — Knowlton, Clark S. s/d. **Sírios e Libaneses: Mobilidade Social e Espacial**. São Paulo, Anhambi.
5 — Kurban, Taufik (1933). **Os Sírios e os Libaneses no Brasil**. São Paulo, Sociedade Impressora Paulista.
6 — Nabhan, Neuza Neif (1989). **O Imigrante Libanês em São Paulo: Estudo da Fala**. São Paulo, FFLCH-USP.
7 — Safady, Jorge S. (1972). **A Imigração Árabe no Brasil (1880-1971)**. Tese de Doutorado, mimeografada. São Paulo, FFLCH-USP.
8 — Tanus, JOrge Bastani (1945). **Líbano e os Libaneses no Brasil.** Rio de Janeiro.
9 — Zeghidour, Slimane (1982). **A Poesia Árabe Moderna e o Brasil.** São Paulo, Brasiliense.

Neuza Neif Nabhan é professora associada de Língua e Literatura Árabe na Universidade de São Paulo. Endereço da autora para correspondência: Alameda Lorena, 983, ap. 142 — 01424 — São Paulo — SP.

Grátis!
D.O. Leitura

A assinatura do D.O. Leitura é gratuita e pode ser pedida através de carta dirigida à

Imprensa Oficial do Estado S.A. — IMESP
D.O. Leitura
Rua da Mooca, 1.921
03103 — São Paulo — SP

D.O. Leitura, publicação cultural de estudos brasileiros, tem assinantes em todos os Estados do Brasil e na Alemanha Ocidental, Angola, Argentina, Bélgica, Canadá, Checosiováquia, Chile, China, Cuba, Espanha, Estados Unidos, França, Guiana Francesa, Holanda, Hungria, Inglaterra, Israel, Itália, Japão, Moçambique, Nicarágua, Paraguai, Portugal, Suíça, União Soviética, Uruguai e Venezuela.

O movimento operário em São Paulo (1890-1900)

Juntamente com as primeiras indústrias de São Paulo, nascia também o movimento operário, com suas pequenas organizações e jornais permanentemente perseguidos pela polícia. Era o começo do sindicalismo, que levou quase um século para se consolidar.

Dainis Karepovs
Centro de Documentação do Movimento Operário

A Abolição, em 1888, enquadra-se na lógica do desenvolvimento capitalista que exigia a transformação do trabalho escravo em trabalho assalariado, pois aquele era um obstáculo à expansão das forças produtivas. Houve, logicamente, uma oferta "natural" de força de trabalho. Ao mesmo tempo, isto propiciou um incremento na imigração, pois a escravidão intimidava os imigrantes, que nela viam um obstáculo ao trabalho assalariado.

A imigração tinha por fim fornecer mão-de-obra à cultura do café, que era um desenvolvimento tipicamente capitalista. Dado seu caráter de monocultura, ela fazia com que todos os meios de produção convergissem para um único objetivo, desenvolvendo um "fundo de acumulação" e gerando, assim, crédito, dívida pública, comércio importador, ferrovias, indústrias, portos, desenvolvimento urbano etc.

Seqüência lógica deste processo, surge a República, consolidando a hegemonia da burguesia paulista.

É dentro deste quadro que examinaremos os primórdios da organização dos trabalhadores em São Paulo, que evidentemente se liga à imigração.

São Paulo passa de uma população de 1.384.753 para 2.279.608 habitantes na década 1890-1900. Sem dúvida, esse crescimento se deve à imigração, que, de 1887 a 1900, fez chegar 909.417 pessoas, das quais, de 1890 a 1900, 430.243 eram italianas. Evidentemente, é preciso levar em conta que, de 1884 a 1902, 304.843 italianos voltaram ao seu país, desiludidos com o Brasil.

O desenvolvimento propiciado nesta década pelo incremento da mão-de-obra fez com que em 1900 o Estado de São Paulo tivesse 144 estabelecimentos industriais, empregando 11.590 operários, concentrando-se nos setores de tecelagem, calçados, mecânicos e alimentação, com cerca de 90% da mão-de-obra estrangeira. Só a indústria têxtil, onde se constituiu a primeira categoria de trabalhadores industriais modernos, possuía 17 estabelecimentos com 4.579 operários. Na cidade de São Paulo havia 120 estabelecimentos com 8.397 operários, ocupando os restantes 22 do Interior 3.193 trabalhadores.

Quanto ao ambiente de trabalho, nada de novo para a época: jornadas de até 14 horas, trabalho feminino e infantil (crianças de até 5 anos trabalhavam), ambientes insalubres, muitos acidentes, ausência de legislação regulamentando o trabalho, agressões e espancamentos por parte de chefias etc.[1].

Esta situação, aliada ao regime autoritário vigente no país, servia de matéria-prima aos jornais operários. Sua existência significava que, mesmo reduzido, um grupo de pessoas possui consciência de sua integração a uma classe e que devem apresentar tais posições publicamente, transcendendo o âmbito pessoal. Portanto, sua existência pressupõe a necessidade de expressão de posições coletivas. Cerca de meia centena de jornais, em sua grande maioria de curta duração, aqui existiram de 1890 a 1900. Além de São Paulo, foram publicados em Santos, Ribeirão Preto, Itatiba e São José do Rio Preto. Parte significativa era impressa em língua estrangeira — italiano e espanhol sobretudo. Foi por intermédio dessa imprensa que a classe trabalhadora tomou contato com as idéias socialistas, anarquistas e anarcossindicalistas, iniciando seu processo de organização e conscientização. E foi através dela que muitas de suas lutas ficaram documentadas, como as greves, por exemplo.

Na última década do século XIX, de acordo com levantamento realizado por Azis Simão, ocorreram 12 greves na Capital e 10 no Interior.

Das greves na Capital, duas aconteceram em setor de empresa, nove em empresas e uma em setor profissional. As categorias envolvidas foram ferroviários, trabalhadores de serviços e obras públicas, gráficos, trabalhadores em transportes urbanos, químicos e chapeleiros.

Em novembro de 1896 o fabricante de chapéus João Adolfo Schritzmeyer comunica aos operários de sua fábrica que reduziria seus salários, pois estava com um estoque alto. O Centro Socialista propõe-se a intermediar a negociação e, juntamente com a recusa à proposta patronal, apresenta uma contraproposta com sete itens: aumento de 25%; trabalho idêntico ao de outras empresas do ramo; o operário só executaria trabalho compatível com suas forças; se não houvesse mais tarefas a executar, o operário poderia retirar-se; as demissões seriam apreciadas por uma comissão de trabalhadores; redistribuição das tarefas, na falta destas; e fim das punições.

As contrapropostas foram recusadas, assim como a mediação do Centro Socialista. A resposta foi a greve, que em seu desenvolvimento recebeu a adesão dos chapeleiros de outras empresas, estendendo-se por 15 dias, até meados de fevereiro. Graças à repressão desencadeada pela polícia, a greve é derrotada, seguida de muitas demissões.

Das greves ocorridas no Interior, sete são em seção de empresa, uma em empresa, uma em setor e uma generalizada. As dez greves abrangeram ferroviários, trabalhadores da alfândega, trabalhadores da construção civil, doqueiros e calçados. Oito delas ocorrem em Santos, onde havia uma predominância de trabalhadores portugueses e espanhóis, inclusive a greve geral da cidade, em maio de 1891.

Nela, reivindicando melhores salários, os estivadores paralisaram a movimentação de café no porto. Com duração de oito dias, envolveu diversas categorias: todos os trabalhadores do porto, trabalhadores em matadouro, ferroviários, trabalhadores em cemitério, trabalhadores da construção civil, operários canteiros, comerciários e bancários. Realizaram-se passeatas pela cidade. A greve abrangeu no mínimo dois mil trabalhadores de Santos. Solicitadas ao governo do Estado, as tropas não surtem efeito imediato. Tanto é que a Associação Comercial de Santos faz vir do Rio de Janeiro o tenente José Augusto Vinhaes, deputado constituinte e presidente do Partido Operário do Rio de Janeiro, para mediar o conflito. De imediato, Vinhaes consegue que a polícia se retire do porto, sob promessa de que acalmaria os grevistas, chegando a obter assistência financeira para a continuidade do movimento. Diante do revés, a Associação Comercial pede e obtém a expulsão de Vinhaes da cidade pela polícia. Intensifica-se a repressão, são enviados de São Paulo fura-greves, navios da Marinha intervêm e a greve acaba em 21-5-1891.

As greves e outras mobilizações, que, em sua grande maioria, não obtêm quaisquer conquistas, têm ao menos o mérito de estimular a organização dos trabalhadores em associações. São entidades embrionárias, a maioria de atividades artesanais, agrupando, por vezes, trabalhadores de outras nacionalidades ou por bairros, e que, por isso, acabam não tendo grande representatividade em suas categorias.

Neste período surgem seis entidades na Capital (Società Cosmopolita fra Lavoratori Capellai, Federação Tipográfica de São Paulo, Centro Operário Paulista, Associação Tipográfica, Círculo Operário Italiano do Bom Retiro e Federazione dei Lavoratori del Libro) e uma no Interior (Sociedade União Operária, de Santos). Além das entidades gerais, que reúnem trabalhadores sem distinção de ofícios, há quatro entidades organizadas por gráficos e uma pelos chapeleiros.

A história do movimento operário em São Paulo, apesar de mobilizações aqui e ali, foi a história dos precursores, ou seja, dos pequenos círculos, de pouca penetração entre os trabalhadores. No entanto, na última década do século XIX são os socialistas que têm alguma projeção. Os anarcossindicalistas serão hegemônicos a partir de meados da década seguinte; antes expunham sua doutrina, dedicando-se a tratar mais de assuntos europeus do que dos brasileiros.

Cabe aos socialistas a primazia na criação dos partidos operários. Já em dezembro de 1889, em Santos, é fundado o Círculo Socialista, por Silvério Fontes, Sóter de Araújo e Carlos Escobar.

Em 1892, de 1º de agosto a 6 de setembro, reúne-se o I Congresso do Partido Operário Brasileiro, cujos dirigentes são de origem alemã: José Winiger, August Lux, Otto Bendix e Nikolaus Schneider. O POB edita *O Socialista*. No congresso é aprovado um programa de 40 pontos, contendo reivindicações como jornada de oito horas, revisão da Constituição, abolição do exército permanente, reforma agrária, proibição de trabalho infantil. Em relatório apresentado ao congresso da II Internacional, em 1893, em Zurique, dão um panorama do movimento operário:

"...a maioria das associações de trabalhadores sem disciplina socialista tendem a se submeter aos partidos políticos dos quais dependem. Esta é a razão pela qual o socialismo não é melhor difundido no Brasil. Um dos maiores inconvenientes, que dificulta consideravelmente o desenvolvimento da idéia, é a ausência de compreensão entre os trabalhadores. Sem exageros, somente cinco a dez por cento dentre eles juntam-se às corporações operárias... Esta ausência de compreensão dificulta o desenvolvimento da idéia, pois, sem meios, não é possível difundir as publicações destinadas a esclarecer os trabalhadores, em traduzir as obras dos melhores autores de nossa escola na língua do país, nem fazer ensinar nosso evangelho por agitadores que percorreriam este imenso país".

Apesar disso, o documento não consegue fugir do tom propagandístico e iluminista.

Em 15 de abril de 1894, reúnem-se socialistas e anarquistas na II Conferência dos Socialistas Brasileiros (a primeira foi a realizada em 1892), para debater as resoluções do congresso da II Internacional, lutar pelas 8 horas de trabalho, pela regulamentação do trabalho feminino e formação de sindicatos profissionais e deliberar os preparativos para comemoração do 1º de Maio. Acabam não podendo comemorar a data pois foram presos a pedido do Cônsul italiano. Foi só em 1895, em recinto fechado em Santos, que se comemorou o 1º de Maio, por iniciativa daquela organização fundada em 1889 e que agora passava a chamar-se Centro Socialista, publicando um jornal, *O Socialista*, e uma revista teórica, *A Questão Social*.

No congresso da II Internacional de 1896, em Londres, novamente uma organização de alemães, a Associação Geral dos Operários de São Paulo, apresenta um relatório que, embora mais acurado que o de 1893, não perde seu caráter doutrinário e iluminista:

"Para compreender um pouco a situação particular do Brasil é preciso recordar que a escravidão foi abolida há oito anos. A existência prolongada desta instituição deixa ainda hoje suas marcas sobre a mentalidade, o caráter do povo... Ele não exerce atualmente qualquer influência sobre o governo, muito pelo contrário, ele deixa esse cuidado às classes possuidoras, àqueles que possuem todas as riquezes e que, além disso, têm a exclusividade de educação superior... Em outros termos, os verdadeiros proprietários do país são os fazendeiros... Este povo é incapaz, a curto prazo, de tomar a iniciativa de uma reorganização do regime político... Na realidade, o regime é autoritário. As ações da classe dirigente não são animadas pela vontade de favorecer o bem público, de fazer do Brasil um país civilizado; ela só quer enriquecer-se às custas do todo..."

Neste mesmo ano, os grupos socialistas de São Paulo unificam-se no Partido Democrata Socialista, com bases organizadas em Jundiaí, Rio Claro, Ribeirão Preto, São Simão e Sorocaba. O seu órgão é *O Socialista*, editado em português, alemão e italiano.

O fato é que o socialismo acaba não vingando. As pequenas dimensões da classe trabalhadora, sua estrutura e composição étnicas, a indústria atrasada, as grandes distâncias separando os pequenos grupos locais são alguns dos motivos. No entanto, deve-se buscar as causas nas posições reformistas da II Internacional. Na Europa, com uma base social, a chamada aristocracia operária, tais posições tinham resultado; no entanto no Brasil as difíceis condições de trabalho e o regime autoritário as tornavam pouco atraentes, e eram vistas quase como uma acomodação com o sistema. Não é por outra razão que os anarcossindicalistas ocupam o espaço de liderança do movimento operário.

Por fim, é preciso realçar o fato de que no período de 1890-1900 há um movimento de precursores, restrito a uma pequena vanguarda, em sua maioria composta de imigrantes. Iniciar foi seu mérito.

NOTA

(1)— É esta situação que motivou a organização dos trabalhadores e não as ideologias revolucionárias trazidas pelos imigrantes. É preciso acabar com a "visão conspiratória" da História.

Bibliografia

Fulvio Abramo e Dainis Karepovs (orgs.) **Na Contracorrente da História.** SP, Brasiliense, 1987.
Zuleika M. F. Alvim. **Brava Gente!** 2ª ed. SP, Brasiliense, 1986.
Paula Beiguelman. **Os Companheiros de São Paulo**. 2ª ed. SP, Global, 1981.
Gisálio Cerqueira Fº. **A influência das idéias socialistas no pensamento político brasileiro — 1890/1922.** SP, Loyola, 1978.
Boris Fausto. **Trabalho Urbano e Conflito Social.** RJ/SP, Difel, 1977.
Maria Nazareth Ferreira. **A Imprensa Operária no Brasil.** Petrópolis, Vozes, 1978.
Francisco Foot e Victor Leonardi. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil**, SP, Global, 1982.
Boris Koval. **História do Proletariado Brasileiro**. SP, Alfa-Omega, 1982.
Sheldon Leslie Maram. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro.** RJ, Paz e Terra, 1979.
"Militants sociaux-démocrates allemands au Brésil (1893-1896). **Le Mouvement Social.** Paris, 84, jul-set. 1973
Astrojildo Pereira. "Silvério Fontes, pioneiro do marxismo no Brasil", **Estudos Sociais.** Rio de Janeiro, 12, abr. 62.
Edgar Rodrigues. **Nacionalismo & Cultura Social.** RJ, Laemmert, 1972.
———. **Socialismo e Sindicalismo no Brasil.** RJ, Laemmert, 1969.
José Luiz Del Roio. **1º de Maio.** SP, Global, 1986.
Decio Saes. **A Formação do Estado Burguês no Brasil.** RJ, Paz e Terra, 1985.
Azis Simão. **Sindicato e Estado.** 2ª ed. São Paulo, Ática, 1981.
Angelo Trento. **Do Outro Lado do Atlântico.** SP, Nobel, 1989.

Dainis Karepovs é jornalista e pesquisador do Centro de Documentação do Movimento Operário Mario Pedrosa. Endereço do autor para correspondência: Rua Marconi, 124, sala 810 — 01047 — São Paulo — SP.

Música erudita em São Paulo (1890-1900)

A última década do século XIX registrou um dos mais férteis períodos de execução de música erudita em São Paulo, na quantidade e na qualidade. Este artigo resenha os acontecimentos, colocando em destaque a atuação de dois dos maiores nomes de nossa música: Alexandre Levy e o Maestro Chiaffarelli.

José da Veiga Oliveira
Sociedade Brasileira de Musicologia

Em 1890 a cidade de São Paulo contava aproximadamente com 65.000 habitantes. Todavia, já em 1770 era inaugurada a Casa da Ópera, para abrigar representações teatrais de variada natureza; não apenas o *dramma per musica* ou a ópera lírico-dramática no sentido específico da expressão.

A capital da província ostentava um nível musical sobremodo modesto.

Não havia orquestra sinfônica permanente, nem formações corais, nem conjuntos de câmara, como trios, quartetos, quintetos. Fazer música partia da iniciativa particular. Foi assim que, a 30 de julho de 1851, Carlos Gomes estreava seu *Hino Acadêmico* em um concerto que incluiu uma página de Haydn *(Souvenir)*, executada por Sant'Anna Gomes ao violino, juntamente com um tema e variações para clarinete e piano, sobre a romança *Alta Noite*, de autoria do próprio Carlos Gomes.

Por essa época o Theatro do Largo de Palacio (sic) apresentou durante quatro noites "Grandes festas carnavalescas dançantes", impulsionadas pela "orchestra, dirigida pelo professor Antonio Carlos Martins", com músicas "tocadas pela primeira vez em S.Paulo". Juntamente com "quadrilhas, polkas, valsas (sic) inteiramente novas", o público apreciou uma *Grande Symphonia*, da lavra do regente.

Em 1864, o menino Henrique Oswald, mais tarde notável compositor, discípulo do renomado mestre francês Gabriel Giraudon, estreava-se como recitalista de piano.

Na derradeira década do século XIX, a Capital contava com diversos teatros. O São José é inaugurado a 4 de setembro de 1864 no Largo Municipal, atualmente Praça João Mendes, com um considerável crédito de 58 óperas, num total de 453 representações, desapareceu lamentavelmente num incêndio, a 15 de fevereiro de 1898. No decurso de sua existência, essa casa de espetáculos capitalizou o melodrama lírico, vitalizado pelas sucessivas companhias que vinham da Europa. Um novo teatro — São José de nome — foi inaugurado a 28 de dezembro de 1909. contíguo ao Viaduto do Chá e Rua Xavier de Toledo, onde atualmente está o edifício da Eletropaulo, sucessora da Light & Power. Havia concomitantemente os teatros Politeama e Politeama Nacional. O movimento teatral era considerável. Junto com a ópera floresciam o teatro de prosa, cômico e dramático; o espetáculo de variedades; o teatro de revista; a opereta; a zarzuela, forma tipicamente espanhola; a declamação poética; o discurso, o improviso literário.

"O ano de 1876 — registra o historiador Antonio Barreto do Amaral — marca o progresso da sensibilidade artística da Paulicéia." Com efeito, a Companhia Italiana de Óperas, dirigida pelo empresário Jorge Mirândola, com um distinto elenco vocal, incluiu em repertório as óperas *Il Barbieri di Siviglia* (Rossini), *Luisa Miller, Ernani, La traviata, Rigoletto, Il trovatore* (Verdi), *Poliuto, Lucia di Lammermoor* (Donizetti), *Lucrezia Borgia* (idem), totalizando dez récitas de assinatura. Nos anos subseqüentes, sucederam-se numerosas primeiras-audições, no Teatro São José, com lotações esgotadas e pleno êxito.

Música de concerto

Duas sociedades de concerto fizeram época na Capital: o Club Haydn (1883-87), que realizou 35 concertos de música sinfônica e de câmara; e o Club Mendelssohn, que especialmente contemplava a música vocal. Tais iniciativas devem-se ao entusiasmo, idealismo, cultura, amor ao trabalho de um jovem pianista, crítico musical, regente e compositor paulista, Alexandre Levy (1864-1892), prematuramente fulminado por um ataque cardíaco, aos 27 anos. Filho de musicista e comerciante, despontou-lhe com rapidez incoercível vocação artística. Recebeu sólida orientação técnica do referido pianista, maestro e pedagogo francês Gabriel Giraudon. Aos oito anos estreava-se como recitalista numa audição de música de câmara, ao mesmo tempo em que vinham a lume seus primeiros trabalhos de composição, no estilo pós-romântico da época.

Num gesto assombroso e inédito para uma cidade de província, que apenas despontava para a música de concerto, conseguiu Levy formar uma orquestra de 25 instrumentistas, um coro de 32 elementos, juntamente com um grupo de denodados cantores amadores, para montagens e representação a caráter, na língua original alemã, das óperas *Martha* e *Alessandro Stradella* de Friedrich von Flotow (1812-1883).

Homenagem a Dona Isabel

Isabel de Bragança, Condessa d'Eu (A Redentora), encontrando-se em viagem pela Província de São Paulo, anotou em seu Diário, a 22 de novembro de 1884:

"À noite, concerto no Club Haydn, de que mando o programa, soporífico, por causa da falta de *nuances*, ritmo e movimento adequado. Assim mesmo, fizeram muito para os meios de que dispunham, e sobretudo atendendo a que a orquestra era dirigida pelo Pons, que ouvimos outrora cantar em Petrópolis. Falei com o Sant'Anna Gomes, que me pareceu inteligente e tocar bem. Ele me disse ter falado com Papai, no concerto do Club Beethoven."

Esse registro é importante na medida em que documenta as aleatórias condições musicais de São Paulo. O historiador e genealogista Ricardo Gumbleton Daunt, que publicou, anotando de forma exímia, o *Diário de Viagem* da Princesa Isabel, transcreve notícia estampada no *Correio Paulistano* da mesma data (22-nov.-1884), informando que, além do Quarteto de Cordas do Club Haydn,, integrado por Sant'Anna Gomes, Fuchs, Regis e Stupakoff, "funcionaram a sra. Alice Serva, os srs. Arsênio Marques, Alexandre e Luiz Levy, pianistas; sras. Ailly Fischer e Anna Toledo, soprano e mezzo-soprano; E. Pons, barítono, que também regeu a orquestra de 16 elementos".

À última hora "o concerto que começará às 8 horas em ponto" teve de ser transferido, por motivos não explícitos, "para o salão do Teatro S. José, em que costuma a associação celebrar as suas magníficas sessões musicais", conforme se lê nas colunas do *Correio Paulistano*.

Em termos repertoriais o sarau perfilhou o modesto estilo misto da época, inclusas partituras de fôlego, juntamente com excertos vocais e instrumentais avulsos. A peça vestibular foi o *Poco Adagio, Cantabile* (não "Andante", como por lapso constou do jornal) do Quarteto em Dó maior, op. 76 nº 3 (Índice Hoboken III, 77), composto em 1795 por Joseph Haydn, e tradicionalmente denominado "Quarteto do Imperador" *(Kaiserquartett)*, por motivo da inclusão temática do futuro hino austríaco *Gott erhalte Franz den Kaiser* ("Deus proteja o Imperador Francisco"), trabalhado magistralmente numa seqüência de quatro variações, para dois violinos, viola e violoncelo. Seguiram-se uma balada extraída da ópera *L'Africaine* de Giacomo Meyerbeer, e a ária de Ofélia, do IV ato da ópera *Hamlet* de Ambroise Thomas. A audição prosseguiu cmm a Sonata "quasi una fantasia", nº 14, em Dó sustenido menor, op. 27 nº 2, a célebre *Ao Luar*, de Beethoven, que presumimos interpretada pela pianista Alice Serpa, juntamente com uma *Sérénade* para piano, harmônio, flauta, violino e violoncelo, da lavra de Charles-Marie Widor (1845-1937), notável compositor, organista e pedagogo francês, sucessor de César Franck na classe de órgão do Conservatório de Paris. Por via de conseqüência, um autor contemporâneo.

Da segunda parte do concerto constou, na íntegra de seus quatro movimentos, a Sinfonia nº 1, em Dó maior, op. 21 (1800) de Ludwig van Beethoven.

Das condições técnicas de execução dessa primícia sinfônica beethoveniana escasseiam notícias, ao que se saiba, fora, naturalmente, o perspicaz reproche da Princesa Isabel: carência de matizes sonoros, frouxidão rítmica, fraseado pedestre, passáveis andamentos. Ademais, a indicação dos movimentos é claudicante (Allegretto - Andante - Menuetto - Finale). Em sua configuração autêntica, o primeiro movimento compreende Adagio molto, interligado ao Allegro con brio. O segundo movimento é Andante cantabile con moto. A indicação do compositor para o *Minuetto* é Allegro molto vivace; Trio; enquanto o Finale compreende um Adagio vestibular, seguido por um Allegro molto vivace.

Se a orquestra do Club Haydn, como se viu, compreendia modestamente dezesseis elementos, é mais que evidente que não se encontrava em condições de enfrentar a contento uma partitura que prevê flautas, oboés, clarinetes, fagotes, trompas, trompetes, tímpanos aos pares; quinteto de cordas (primeiros, segundos-violinos; violas, violoncelos e contrabaixos).

Na segunda parte, páginas de Zarembski, Gounod, Liszt, e o primeiro movimento da Segunda Sinfonia de Beethoven.

•

Como se verifica, a música artística em São Paulo era impulsionada basicamente pela iniciativa particular. Não há notícia de promoções oficiais, do Estado ou da Câmara Municipal. O Club Haydn, do qual Alexandre Levy foi maestro e diretor artístico, desempenhou papel de fundamental importância. Estudioso, incansável batalhador em prol da música, Levy apresentou sinfonias de Haydn em redução pianística, uma *Ouverture* de Otto Nicolai (provavelmente *Die lustigen Weiber von Windsor* - "As Alegres Comadres de Windsor") de sua conhecida ópera. Ademais não se deve esquecer que, paralelamente, Levy se votou de corpo e alma à composição de obras sinfônicas, vocais, instrumentais de câmara. Mantinha-se a par das correntes européias coevas. Não desaparecesse tão prematuramente, por certo seria compendiado, sem dificuldade, ao lado de Carlos Gomes, Alberto Nepomuceno, Henrique Oswald entre as legítimas expressões do incipiente nacionalismo, haja vista a *Suite Brésilienne* para orquestra (I - Prelúdio; II - Dança Rústica - Canção triste; III - A beira do regato; Samba).

Piano em evidência

O pianoforte imperava, não apenas no Brasil, como praticamente no mundo inteiro. Converteu-se no instrumento indispensável dos saraus domésticos, nas românticas declamações poéticas, na formação estética das donzelas de boa família, em cujas residências era de preceito um Pleyel, um Perzyna, um Bechstein, um Érard, um Broadwood de meia cauda ou de armário. O estudo do piano, desde os métodos de aprendizado, importados de França, Inglaterra, Itália ou Alemanha, até as técnicas mais sutís e transcendentais, somente poderia medrar sob a égide de professores de exímia virtude pedagógica, ademais domiciliados e residentes na própria cidade.

Na década conclusiva do século XIX em São Paulo salientaram-se duas personalidades de notável envergadura didática: Gabriel Giraudon (1830-1906) e Luigi Chiaffarelli (1856-1923).

O francês Édouard Gabriel de Chénerille Giraudon, à volta de 1870, veio radicar-se em São Paulo. Ostentava apurada formação musical. Por trinta anos lecionou piano, canto, harmonia e composição. Integrou-se no ambiente musical paulistano. Entre seus numerosos discípulos incluem-se Henrique Oswald, Alexandre Levy, Luiz Levy, Antonietta Rudge, Magda Tagliaferro etc. Foi também

chefe de orquestra, assumindo destacada colaboração às companhias líricas que regularmente se apresentavam na cidade.

Luigi Chiaffarelli, natural da cidade italiana de Isernia, estudou a princípio com seu pai, musicista; em seguida prosseguiu com Gustavo Toffano, em Bolonha; em Estugarda (Stuttgart), Alemanha, na classe do provecto Siegmund Lebert. Bacharel em Letras, professor de italiano, francês e alemão, Chiaffarelli era um formidável poliglota, dominando fluentemente treze idiomas. Ao conciliar as atividades de concertista e pedagogo, fixou residência em São Paulo, onde exerceu, durante quarenta anos, o magistério do piano: primus inter pares, sem concorrência ou similar em todo o território nacional.

Justo é, portanto, que dediquemos a essa enciclopédica personalidade mais dilatadas ponderações, tendo em vista que Chiaffarelli tornou-se o mais egrégio dos artífices do progresso artístico da metrópole piratininga. O exemplo e o método de trabalho que ele soube pôr em prática não oferecem absolutamente símile algum nos dias de hoje. Asseveramos e justificamos nosso inabalável ponto de vista, porventura sem a mínima possibilidade de dúvida ou contestação.

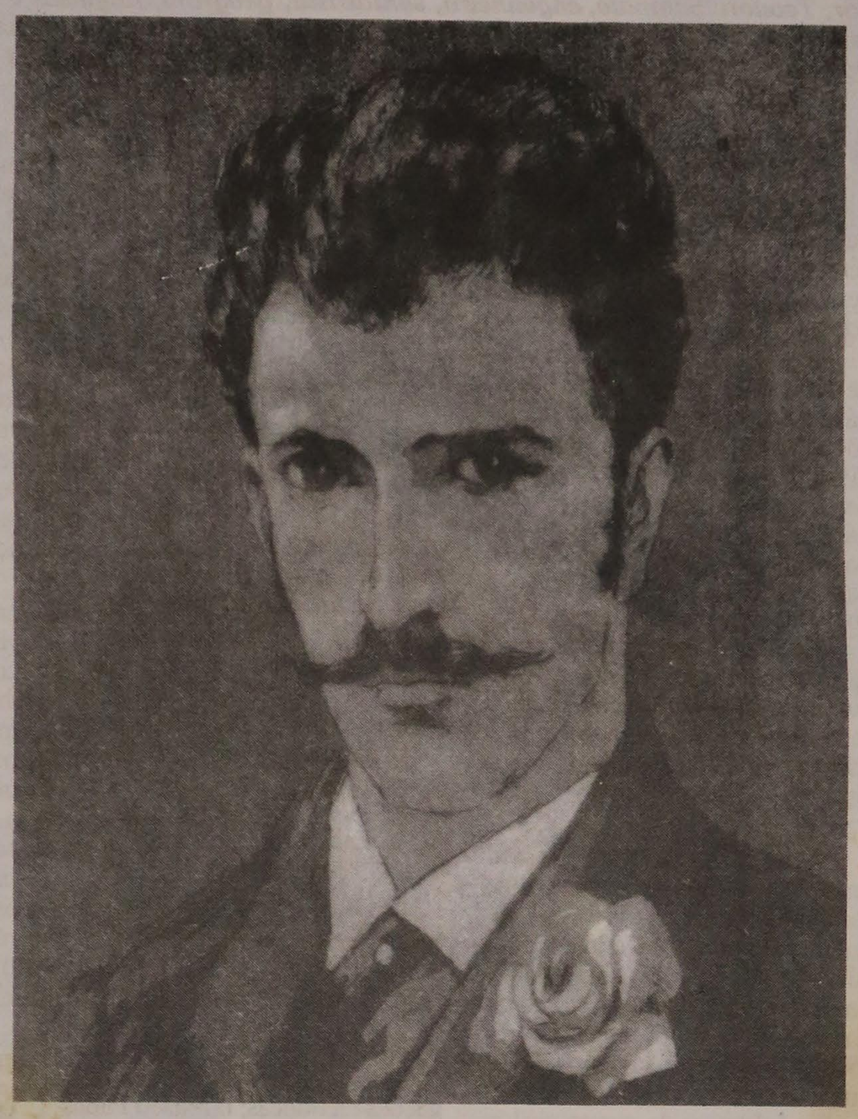
René Thiollier, escritor, memorialista, futuro secretário da Academia Paulista de Letras, soube sintetizar com rara perspicácia:

"O professor Chiaffarelli, nesse tempo, havia chegado ao primeiro lugar na sua profissão em São Paulo. Pela sua averiguada proficiência, pontificava. Havia como que um certo orgulho, um sinal de distinção em se ser o seu aluno. As senhoras, nos salões, se não fartavam de contar: "A minha filha está estudando com o professor Chiaffarelli!"

Mas a ação do professor Chiaffarelli não se limitava unicamente aos seus alunos. Homem de tomo e de saber vastíssimo, a par de um apurado gosto e nobilíssimo caráter, nunca fora ele o que vulgarmente se chama "um homem de negócios". Não viera cá fazer sordidamente a América. Movido desde logo de amor pela terra fidalga que o acolhia com carinho, dela fazia a sua segunda pátria: em cheio tomava a si diligenciar com empenho inexcedível pelo engrandecimento do seu ambiente artístico.

E foi desse modo que, em boa hora, acertou de organizar um curso gratuito de iniciação aos haveres privativos da arte musical, subordinados ao título de "Concertos Históricos". Eram concertos que ele previamente ilustrava de uma aclarada "causerie" à francesa, elegante e ligeira. Realizava-os quinzenalmente no antigo salão Steinway, com a desvelada coadjuvação das mais distintas das suas alunas, sempre perante um numeroso e luzido auditório que, de ouvido alerta, o acompanhava atenciosamente.

Tão proveitosa foi essa sua obra que não tardou o tempo em lhe consumar os benefícios: de São Paulo conseguiu fazer o centro musical mais adiantado do Brasil. Foi das suas mãos que saíram as notáveis pianistas Guiomar Novaes, Antonietta Rudge Miller, Alice Serva, Victoria Serva Pimenta, Clélia Serva, Antonietta Serva, Lucília de Mello, Maria Edul Tapajós, Esmeralda Escobar Luné, Elvira Guimarães da Fonseca, Isabel Azevedo Ihering, Carmen Nogueira Botelho, Kita de Ulhôa Canto, Gilda de Carvalho, Francisca França Pinto, Rosa Forster, Maria Amélia Lopes Martins, Ottilia Machado, Thereza Vicente de Azevedo, Sylvia Mendes Cajado, Sarah Ramos, Marietta Lion — e, ultimamente ainda, esse admirável artista que é Souza Lima."



Alexandre Levy água-tinta de Carlos Oswald, a partir de fotografia.

A partir de 7 de junho de 1894, estendendo-se até 2 de setembro de 1916, promoveu Chiaffarelli a vasta e impressionante série dos "Concertos Históricos", pari passu aos "Saraus Musicaes". Eram audições integradas. Nelas assinavam ponto não apenas pianistas, como também cantores, cantoras, violinistas, violoncelistas. Não sendo possível o preparo de partituras concertantes em sua severa e autêntica configuração piano/orquestra, cingia-se Chiaffarelli às reduções (Klavierauszug) do capítulo sinfônico para pequeno contingente de arcos ou para um segundo piano, que o mestre, o mais das vezes, presidia pessoalmente.

Com esse admirável e gigantesco esforço, Chiaffarelli ofertou à sociedade paulistana uma visão abrangente da atividade musical internacional, com obras de recente data, numa imperturbável linha de ecletismo e alta expressão estética. Sucederam-se composições de Vianna da Motta, Saint-Saens, Grieg, Sauer, H. Oswald, Moszkowski, Liadov, Widor, L. Miguez, Westerhout, Albéniz, Rachmaninov, Brazilio Itiberê, Rubinstein, Chaminade, Rey Colaço Hiller, Busoni, Dubois, Fauré, A. Levy, Philipp, H.Rügger, Massenet, A. Napoleão, Debussy, Ravel, Max Bruch, A.Longo, Boito, Dvorák, Hahn, Rabaud, R.Strauss, F.Braga etc.

Fica-se aturdido perante a envergadura qualitativa das obras: fenômeno que, repetimos, não teve seqüência até os dias de hoje. Para uma pálida idéia desse autêntico "embarras de richesse", cuidamos de anotar alguns expressivos exemplos. Se J.S.Bach, Handel, Schubert, Liszt, César Franck aparecem em plano modesto, Mozart e Beethoven, com seus Concertos e Sonatas, assumem representação de óbvia grandeza.

De Johannes Brahms (1833-1897), então um desconhecido para São Paulo, aparecem a Sonata em Dó maior, op.1 (Victoria Serva), as "Variações e Fuga sobre um Tema de Handel" (Antonietta Pasquale), bem como os dois formidandos cadernos das dificílimas e poderosas "Variações Paganini" op.35. Curiosamente não se nos deparam a Sonata em Fá menor, op.5, os *Intermezzi*, op.117, as *Klavierstücke*, op.119.

Para as Sonatas beethovenianas houve presença ampla, com primazia na *Patética*, *Ao Luar*, Appassionata. Alice Serva distinguiu-se pela inusitada e fortíssima envergadura de seu trabalho artístico, a propósito das derradeiras Sonatas (opp. 101, 106, 109, 110, 111). Em 1898 p.ex., num único recital, inscreveu as duas séries de vinte e quatro *Études* (op.10, 25) de Chopin, juntamente com as *Variações Paganini* de Brahms e mais páginas de Chopin, Weber, Brahms!

Rosa Forster investiu seu talento na *Kreisleriana*, op.16, de Schumann. Antonietta Rudge, que seria, na maturidade, uma das mais conspícuas expressões da arte pianística brasileira, já se fazia notar em 1898, quando enfrentou a *Appassionata*! E a 24 de maio de 1901, outra menina, Guiomar Novaes, tocava uma Sonatina de Beethoven, para piano a quatro mãos, juntamente com o próprio Chiaffarelli...

De volta ao lírico

"So far so good"... Os teatros São José, Politeama, Ginásio, Provisório, em fins do século XIX registraram extraordinária atividade. Vinham as companhias européias — em sua esmagadora maioria italianas — à América do Sul com elenco integral, compreendendo maestro-titular, maestro-substituto/preparador, coro, orquestra, cenários, guarda-roupa, encenadores, contra-regra, iluminadores etc. Havia espetáculos de operetas, comédias leves. A ópera italiana brilhava em todo seu esplendor na então pequena capital da província de São Paulo. Para um exemplo apenas, a "saison lyrique" proposta pela Empresa Angelo Ferrari no ano de 1893 realizou no Teatro São José nada menos de doze récitas de assinatura. Além das óperas *Aida*, *Otello (Verdi)*, *Lohengrin* (Wagner), *Mefistofele* (Boito), *Les Huguenots* (Meyerbeer), segundo a versão italiana, "Gli Ugonotti", *La Gioconda* (Ponchielli), *La Favorita* (Donizetti), ocorreram três importantes estréias de melodramas de recente data: *Falstaff* (Verdi), cuja "première" absoluta se deu no Teatro alla Scala, Milão, 9 de fevereiro de 1893; *Pagliacci* (Leoncavallo), encenada no Teatro dal Verme, Milão, 21 de maio de 1892; *Manon Lescaut* (Puccini), representada pela primeira vez em Turim, no Teatro Regio, 1º de fevereiro de 1893. Inéditas, novas em folha!

Em contrapartida a esse surpreendente e fulgurante festival operático, o miserável statu quo da música lírica em todo o país denota uma autêntica vergonha nacional, se considerarmos que, ao contrário do que sustentam alguns desavisados e ignaros energúmenos, a ópera de alto nível criativo está mais vigorosa e presente do que nunca em todos os centros artísticos verdadeiramente civilizados!

Referências bibliográficas: Paulo Oliveira Castro Cerquera, **Um Século de Ópera em São Paulo**, 1954, 421 págs.; Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, **150 anos de Música no Brasil** (1500-1800), Rio de Janeiro, J.Olympio Editora, 1956, 423 págs.; Ricardo Gumbleton Daunt, **Diário da Princesa Isabel (Excursão dos Condes d'Eu à Província de São Paulo, em 1888)**, São Paulo, Editora Anhembi, 1957, 105 págs.; Carlos Penteado de Rezende, **A Música em São Paulo**, em São Paulo Terra e Povo, Porto Alegre, Editora Globo s.d., págs. 251-274; idem, **Cronologia Musical de São Paulo**, separata do vol. II **São Paulo em Quatro Séculos**, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1954, págs. 233-268; Luigi Chiaffarelli, **Migalhas — Notas de Litteratura e pedagogia do Piano**, fascículos I-II; René Thiollier, **Luigi Chiaffarelli**, em **A Cigarra**, nº 199, Anno X, 1º de janeiro de 1923; **Ao Maestro Luigi Chiaffarelli, suas alumnas agradecidas**, São Paulo, 1916, 73 págs.; Orlando Nasi, **Cinco Décadas de Música e Drama em São Paulo, A Gazeta**, 18 de maio de 1956; João C. Caldeira Filho, **A Música em São Paulo**, em **O Estado de S. Paulo**, 25 de janeiro de 1954; Antonio Barreto do Amaral, **História dos Velhos Teatros de São Paulo**, 1979, XII-459 págs.

José da Veiga Oliveira é crítico de música erudita, membro da Sociedade Brasileira de Musicologia, da Academia Paulista de História e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Endereço do autor para correspondência: Rua Racine 760 - 05086 - São Paulo - SP.

Grátis!
D.O. Leitura

A assinatura do D.O. Leitura é gratuita e pode ser pedida através de carta dirigida à

Imprensa Oficial do Estado S.A. — IMESP
D.O. Leitura
Rua da Mooca, 1.921
03103 — São Paulo — SP

D.O. Leitura, publicação cultural de estudos brasileiros, tem assinantes em todos os Estados do Brasil e na Alemanha Ocidental, Angola, Argentina, Bélgica, Canadá, Checoslováquia, Chile, China, Cuba, Espanha, Estados Unidos, França, Guiana Francesa, Holanda, Hungria, Inglaterra, Israel, Itália, Japão, Moçambique, Nicarágua, Paraguai, Portugal, Suíça, União Soviética, Uruguai e Venezuela.

São Paulo (1889-1900), segundo Teodoro Sampaio

Este texto, já divulgado em livro, tem grande importância histórica quer pelo período focalizado — ao qual se dedicou esta edição do D.O. Leitura — quer pelo autor, Teodoro Sampaio, engenheiro, sanitarista, geógrafo, lingüista e historiador baiano, que deixou sua marca na cultura paulista em todas essas áreas. O texto foi escrito em 1900, para fazer um balanço da história e da economia paulista no século XIX. Dele destacamos a parte referente à administração pública em São Paulo entre 1889 e o último ano do século.

Depois da reforma social, não se fez esperar a reforma política que derribou o império aos golpes da revolução de 15 de novembro de 1889.

Quase simultâneas nos seus efeitos, as duas reformas não podiam deixar de pesar profundamente sobre a vida da Nação, ajuntando aos perigos, sobressaltos e desfalecimentos oriundos de uma, os males inevitáveis das agitações em desmedida, das ambições insofridas, das revoltas, apanágio da outra nas condições em que se achou o Brasil depois de 1889.

São Paulo não podia escapar, decerto, aos efeitos dessa situação aflitiva, por mais aparelhado que estivesse para resistir aos violentos abalos de uma e de outra reforma.

Mas a verdade é que aqui, como em nenhuma outra parte do Brasil, foram muito menos intensos, muito menos sensíveis os sintomas alarmantes que as duas crises afetaram.

De fato, a imigração curara de pronto os males decorrentes da abolição, dominando a crise do trabalho. A organização do Estado, por sua vez, moldando-se pela mais ampla autonomia dentro da República, amparou-lhe a administração, garantiu-lhe a ordem e a segurança pública, desenvolveu-lhe os recursos, e rasgou-lhe novos horizontes.

A Província, por cuja administração, no tempo do Império, passaram vultos eminentes como Aureliano, Manuel Felizardo, Nabuco, Nébias, Saraiva, Carrão, Saldanha Marinho, João Alfredo, Rodrigues Alves, Pedro Vicente, Couto de Magalhães e tantos outros, organizada em Estado autônomo, sob a forma republicana, viu continuar na sua administração pelos próceres do novo regime as tradições honrosas de outro tempo.

Prudente de Morais, que sucede a um triunvirato de poucos dias, deixa, na sua passagem pelo poder, um modelo de tolerância, de respeito e de honesta gerência dos públicos negócios, que até se impôs ao reconhecimento dos seus naturais adversários.

Jorge Tibiriçá, Américo Brasiliense, Cerqueira César, Bernardino de Campos, atravessando período mais ou menos agitado, e Campos Sales, Peixoto Gomide, Fernando Prestes, completando a série até quase os nossos dias, fazem a administração honrada das reformas dos melhoramentos.

Nesse período de pouco mais de onze anos, tão cheio de inolvidáveis sucessos, em que as agitações lá fora se refletem cá dentro tão vivas, provocando mutações do cenário político; em que as lutas da guerra civil vêm ecoar intenso nas fronteiras ameaçadas, luta-se aqui também, mas trabalha-se e consolida-se.

Enquanto as colunas de guerra correm céleres aos campos do Sul, e as levas de patriotas oferecem barreira aos revoltosos nos portos de mar, não ficam em abandono os misteres da paz e do trabalho.

Bernardino de Campos, com uma plêiade de auxiliares distintos: Rubião Júnior, Cesário Mota, Siqueira Campos na administração; Júlio de Mesquita no congresso e na imprensa, Guimarães Júnior, Ezequiel Ramos, Luís Pisa, e tantos outros, punha em prova, por entre os estremecimentos e os encargos dolorosos da guerra civil, o organismo com que acabava de aparelhar-se a administração pública sob o novo regime.

As rendas do Estado entram em franca prosperidade. A arrecadação de ano para ano acusa os mais lisonjeiros resultados.

A receita pública octoplica em sete anos e sobe, de pouco mais de 6 mil contos em 1889, a 50.172:167$470 em 1895. Acumulam-se no tesouro grandes saldos. E, então, começa esse período de melhoramentos em que a aplicação mais sensata dos dinheiros públicos se demonstra pela organização e desenvolvimento do ensino primário e superior, segundo os moldes mais adiantados e em que se distingue, como auxiliar dos mais prestantes e devotados, Cesário Mota, pela edificação de verdadeiros palácios para as escolas públicas, para a Escola Normal, para a Escola Politécnica, para as Secretarias de Estado; demonstra-se ainda pela atenção especial que se dedica à saúde pública, iniciando-se obras de saneamento na Capital, encampando-se e desenvolvendo-se as de abastecimento de água e as de esgotos (N.R. Sob a direção do próprio Teodoro Sampaio), organizando-se um serviço sanitário com um aparelhamento dos mais notáveis: hospital de isolamento, que é um modelo no seu gênero; instituto vacinogênico, desinfectórios, institutos bacteriológico e de análises químicas, farmácia do Estado, quase todos instalados em edifícios construídos a caráter. E prosseguindo nessa administração fecunda, reorganiza-se e aumenta-se a força pública, instalada em novo e vasto quartel com um excelente hospital anexo; reformam-se repartições públicas; desenvolvem-se ou criam-se outros serviços importantes. A Escola Politécnica torna-se, dirigida pelo Dr. Antônio Francisco de Paula Sousa, uma instituição modelo; a Comissão Geográfica e Geológica, que vinha desde o Império sob a direção de notável homem de ciência, o Dr. Orville Derby, é dotada mais largamente e alarga o círculo das suas investigações científicas; o Museu Paulista, dirigido por um naturalista dos mais competentes, o Dr. Herman von Ihering, instala-se no monumento do Ipiranga e enriquece as suas coleções. Contratam-se os estudos do saneamento da cidade de Santos, cujo porto começa a exibir esse cais monumental de cantaria, tão ricamente aparelhado que já hoje é o primeiro do País na ordem dos melhoramentos que caracterizam um porto marítimo de primeira ordem.

Nas administrações que se sucedem, o mesmo programa de melhoramentos e de reformas se mantém. Desenvolve-se a colonização, funda-se o núcleo colonial do Funil, hoje Campos Sales; cura-se mais largamente do saneamento do interior do Estado; combate-se a epidemia da febre amarela, que invade as cidades mais prósperas e populosas; executam-se importantes obras de abastecimento de água, e, moderando um pouco o curso já vertiginoso dos melhoramentos, volta-se, após certa reforma na administração, ao regime dos saldos orçamentários que, por várias causas, e por algum tempo, se esqueceram.

Ao mesmo passo que tão grande progresso se realiza pela ação direta do Estado, outros ramos da humana atividade, que já vinham muitos deles do passado regime, se desenvolvem com sucesso não menos auspicioso, quer pela iniciativa particular quer pela ação do município.

A cidade de São Paulo, cujo crescimento excede a todas as previsões, com a sua população ora computada em 200.000 almas, melhora e desenvolve os seus serviços municipais, reforma a sua administração, eleva por simples efeito de uma arrecadação mais cuidadosa a cerca de 4 mil contos de réis as suas rendas, aformoseia as suas praças e jardins, aperfeiçoa e estende o calçamento de suas ruas, regulariza e faz macadamizar as estradas principais de acesso no perímetro urbano.

Os meios de transporte na Capital recebem o mais assinalado impulso de progresso com a instalação dos bondes elétricos pela companhia americana The S. Paulo Tramway, Light and Power, graças à qual a eletricidade vai entrando mais confiadamente nos misteres industriais e domésticos.

Atendendo aos reclamos de maior contingente de força, a operosa Companhia imprime às grandes obras, das mais importantes no seu gênero, que empreendeu para o represamento do Tietê nas cachoeiras do Parnaíba, cerca de 30 quilômetros distante da cidade, a maior atividade, estende as suas linhas por toda a cidade e seus subúrbios, e, enquanto não consegue para aqui transportar os 4 mil cavalos de força que, por agora, espera captar nos tombos do Tietê, vai trafegando as suas linhas com eletricidade gerada a vapor.

*(Transcrito do livro **São Paulo no Século XIX e Outros Ciclos Históricos**, de Teodoro Sampaio, Editora Vozes, 1978.)*

REVISTAS

Suplemento Literário de Minas Gerais — nºs 1.160 e 1.161 (Publicação da Imprensa Oficial de Minas Gerais) — Avenida Augusto de Lima 270 — 30190 — Belo Horizonte-MG.

Revista da Bahia — nº 19 (Publicação da Empresa Gráfica da Bahia) — Rua Melo Morais Filho 189 — Fazenda Grande do Retiro — 40340 — Salvador-BA.

Jornal da USP — nºs 162, 163 e 164 (Publicação da Divisão de Editoração e Jornalismo da Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade de São Paulo) — Edifício da Antiga Reitoria, Travessa J, 374, 2º e 3º andares — Cidade Universitária — 05508 — São Paulo — SP.

Estudos Avançados — nº 18 (Publicação do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo) — Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374 — Cidade Universitária — 05508 — São Paulo — SP.

Enfoque Campus — nº 3 — Ano 17 (Publicação do Centro de Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos — Unisinos) — Av. Unisinos, 950 — 93020 — São Leopoldo — RS.

Linguagem Viva — nº 19 — Caixa Postal 10112 — 03098 — São Paulo-SP.

Artcultura — nº 7 (Suplemento de A Mococa) — Caixa Postal 52 — 13730 — Mococa-SP.

Notícia Bibliográfica e Histórica — nºs 134 e 135 (Publicação do Instituto de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas) — Caixa Postal 1539 — 13100 — Campinas-SP.

Revista de Informação Legislativa — nº 109 (Publicação da Subsecretaria de Edições Técnicas) — Senado Federal — Anexo I — 70160 — Brasília-DF.

CRL — Centro Referencial de Literatura Infantil e Juvenil — (Publicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) — Rua Jacinto Gomes 540 — conj. 513 — 90040 — Porto Alegre-RS.

Carta Mensal — nºs 428 e 429 (Publicação da Confederação Nacional do Comércio) — Av. General Justo 307, 7º andar — 20022 — Rio de Janeiro-RJ.

Novos Tempos — nºs 43, 44 e 45 — Puchkinskaia Plochad, 103782, Moscovo, URSS.

Revista da APE — nº 5 (Publicação da Associação Paraense de Escritores) — Travessa Frutuoso Guimarães 756 — 66020 — Belém-PA.

Ranhura Revista Literária — Caixa Postal 520 — 58100 — Campina Grande-PB. Autores Gaúchos — nº 30 "Laury Maciel" e nº 1 "Cyro Martins (5ª edição)" (Publicação do Instituto Estadual do Livro) — Rua Riveira 104 — 90160 — Porto Alegre-RS.

Problemas Brasileiros — nº 283 (Publicação da Superintendência de Comunicação Social da Federação e Centro do Comércio do Estado de São Paulo e dos Conselhos Regionais do Serviço Social do Comércio-SESC e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial-SENAC) — Av. Paulista 119, 5º andar — 01311 — São Paulo-SP.

Suplemento Literário A Ilha — nº 36 — Caixa Postal 812 — 89200 — Joinville — SC.

Garatuja — nº 11 (Suplemento Literário do Jornal Laconicus) — Rua Saldanha Marinho 484 — 95700 — Bento Gonçalves — RS.

A Cigarra — nº 5 (Publicação da Associação Literária Mocoquense) — Rua Catulo da Paixão Cearense 108 — 13720 — Mococa-SP.

Arte & Palavra — nº 5 (Suplemento Cultural do Jornal da Manhã) — Rua São Cristovão 302 — 49010 — Aracaju-SE.

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

Edições Loyola. Rua 1.822 nº 347 — 04216 — São Paulo — SP.

A Creche em Busca de Identidade — Perspectivas e conflitos na construção de um projeto educativo, Lenira Haddad.

Pátria, Civilização e Trabalho — O Ensino de História nas Escolas Paulistas (1917-1939), Circe Maria Fernandes Bittencourt.

Lembranças de José Antônio, José Antônio Frederico da Silva. (Co-edição com a Editora Giordano.)

Maria, não me mates, que sou tua mãe! — O Cego de Landim, Camilo Castelo Branco. (Co-edição com a Editora Giordano.)

Reavaliações e Buscas em Musicalização, Maura Penha.

"Só Deus é Grande" — A mensagem religiosa de Antonio Conselheiro, Alexandre Otten.

Trabalho, Aspirações e Realidade, vários autores.

Movimentos Sociais e Luta pela Moradia, Maria da Glória Gohn.

Edições Paulinas. Rua Dr. Pinto Ferraz 183 — 04117 — São Paulo — SP.

O Caminho da Igreja Segundo os Atos, Javier Saravia.

Mortas Paisagens, Milton Oliveira.

A Oração em Tempo de Sofrimento — Subsídio para a pastoral da saúde, Alberto Pinto Rocha.

A Validade Permanente do Mandato Missionário, Carta Encíclica de João Paulo II Redemptoris Missio.

O Ano Litúrgico — História, Teologia e Celebração, vários autores, tradução de José Raimundo Vidigal.

O Pai — Deus em seu mistério, François-Xavier Durrwell, tradução de Benôni Lemos.

Dor de Cabeça — Esse labirinto tem saída, Dr. Alexandre S. Feldman.

Ritual de Bênçãos (Ritual Romano). (Co-edição com a Editora Vozes. Rua Frei Luís 100 — 25689 — Petrópolis — RJ.)

Instituto Estadual do Livro. Rua Riveira 104 — 90610 — Porto Alegre — RS.

O Teatro de Simões Lopes Neto — volume I, Simões Lopes Neto.

Memórias de um Pobre Homem, Dyonellio Machado.

Circo, Álvaro Moreyra.

Adão, Eva e Outros Membros da Família, Álvaro Moreyra.

Érico Veríssimo, Sergius Gonzaga.

As Amargas, não...(Lembranças), Álvaro Moreyra.

João Goulart, Luiz Roberto Lopez.

Fellipe D'Oliveira (Obra Completa), vários organizadores.

Descaminhos, Orual Sória Machado. (Co-edição com a Editora Igel.)

O Fazedor de Auroras, Jorge Adelar Finatto. (Co-edição com a Editora Igel.)

Grupo de Risco, Jaime Lerner. (Co-edição com a Editora Igel.)

Noturnos do Amor e da Morte, Lourenço Cazarré. (Co-edição com a Editora Igel.)

Itaimbé-Taim, Jorge Umberto Béria. (Co-edição com a Editora Igel.)

Teatro: Textos e Roteiros — A Fonte, Luiz Arthur Nunes. (Co-edição com a Editora Igel.)

Editora da UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas. Rua Cecílio Feltrin 253 — Cidade Universitária Barão Geraldo — 13083 — Campinas — SP.

Indústria Fonográfica — Um estudo antropológico, Rita C. L. Morelli.

Introdução à Tecnologia e Economia do Hidrogênio, Ennio Peres da Silva.

Ensaios Inéditos, Oliveira Vianna.

Entre o Escândalo e o Sucesso — A semana de 22 e o Armory Show, Eliana Bastos.

História e Memória, Jacques Le Goff, tradução de Bernardo Leitão

Fundação Joaquim Nabuco — Editora Massangana. Rua Dois Irmãos 15 — 52071 — Recife — PE.

O Declínio das Nações e Outros Ensaios, Nelson Saldanha.

Nabuco e a República, Joaquim Nabuco, Leonardo Dantas Silva (organizador).

Contos de Pernambuco, Cyl Gallindo (organizador).

Gente da Nação — Cristãos-Novos e Judeus em Pernambuco (1542-1654), José Antônio Gonsalves de Mello.

Edições Siciliano. Alameda Dino Bueno 492 — 01217 — São Paulo — SP.

Tempos Capitais — Relatos da conquista do tempo, Eric Alliez, tradução de Maria Helena Rouanet.

Eternamente em Berço Esplêndido — A fundação de uma literatura nacional, Maria Helena Rouanet.

Livraria Pioneira Editora. Praça Dirceu de Lima 313 — 02515 — São Paulo — SP.

Perfil Forense da Medicina, Irany Novah Moraes.

O Futuro do Sindicalismo no Brasil — O diálogo social, Nelson Gomes Teixeira (organizador).

Summus Editorial. Rua Cardoso de Almeida 1.287 — 05013 — São Paulo — SP.

Da Educação do Corpo ao Equilíbrio do Espírito, L. Ehrenfried, tradução de Maria Ângela dos Santos.

Relação de Troca ou Relações de Poder? — Supervisão em fonoaudiologia, Ivone Carmen Dias Gomes.

O Caminho do Rio — A ciência dos processos do corpo onírico, Arnold Mindell, tradução de Maria Silvia Mourão Netto.

Editora Moderna. Rua Afonso Brás 431 — 04511 — São Paulo — SP.

A Morte Brilha no Mar, Luiz Galdino.

Uma Idéia Solta no Ar, Pedro Bandeira.

O Merecedor de Sonhos, Odette de Barros Mott.

Sabido e Danado, Flávia Muniz.

Editora FTD. Rua Rui Barbosa 156 — 01326 — São Paulo — SP.

Artes e Ofícios, Roseana Kligerman Murray.

21 de Abril — Tiradentes — Sonho de Liberdade, Alfredo Boulos Jr.

Livraria Nobel. Rua da Balsa 559 — 02910 — São Paulo — SP.

Trabalhar e Desfrutar — Equilíbrio entre vida pessoal e profissional, Renato Bernhoeft.

Urbanização e Centralismo Autoritário, Geraldo Serra. (Co-edição com a Edusp — Editora da Universidade de São Paulo.)

João Scortecci Editora. Rua Teodoro Sampaio 1.704, loja 13 — 05406 — São Paulo — SP.

Plurais (a tentação de plural), João Scortecci.

O eu em mim, João Scortecci.

Água e Sal (Fragmentos de Tempo Algum), João Scortecci.

A Morte e o Corpo, João Scortecci.

Espumas do Rio Vida, Edilberto Di Carvalho.

Companhia Editora Forense. Av. Erasmo Braga 299 — 20020 — Rio de Janeiro — RJ.

Legitimidade e Discricionariedade — Novas reflexões sobre os limites e controle da discricionariedade, Diogo Figueiredo Moreira Neto.

Artpress Editora. Rua Javaés 681 — 01130 — São Paulo — SP.

Revivendo o Brasil-Império (Coletânea), Leopoldo Bibiano Xavier.

Editora Atlas. Rua Conselheiro Nébias 1.384 — 01203 — São Paulo — SP.

A Medida Provisória na Constituição — Doutrina e Decisões Judiciais, Marcelo de Oliveira Fausto Figueiredo Santos.

Livraria José Olympio Editora. Rua Marquês de Olinda 12 — 22251 — Rio de Janeiro-RJ.

Amar — A mais alta constelação (Sonetos), Carlos Nejar.

Editora Matéria Médica. Rua Joaquim Floriano 733, 9º andar — 04534 — São Paulo-SP.

As Duas Faces da Homeopatia, Anthony Campbell, tradução de Roberta Samara Massaioli.

Nova Stella Editorial. Alameda Lorena 1.326 — 01424 — São Paulo-SP.

Maimônides — Os 613 mandamentos: Tariag Ha-Mitzvoth, Moshé ben Maimon, tradução de Giuseppe Nahaïssi.

Editora UFSC — Universidade Federal de Santa Catarina. Campus Universitário — Trindade — Caixa Postal 476 — 88049 — Florianópolis-SC.

Literatura: O Universo Brasileiro por trás dos Livros, Tânia Maria Piacentini.

Contemplação do Amor — 20 anos de poesia recolhida, Alcides Buss.

Edições Paraibuna. Caixa Postal 298 — 36001 — Juiz de Fora-MG.

Nos Meandros da Política — Ensaio de ciência e política, Wilson de Lima Bastos.

RG — Editores Associados. Rua da Consolação 393, 11º andar, conj. 112 — 01301 — São Paulo-SP.

Companheiros de Viagem, Raymundo Farias de Oliveira.

Empresa Gráfica da Bahia — EGBA. Rua Melo Morais Filho 189 — Fazenda Grande do Retiro — 40340 — Salvador-BA.

Bahiano Tietê, Osório Alves de Castro.

Editora Queima-Bucha. Rua Almeida Castro 42 — 59600 — Mossoró-RN.

Cidade Íntima, Leontino.

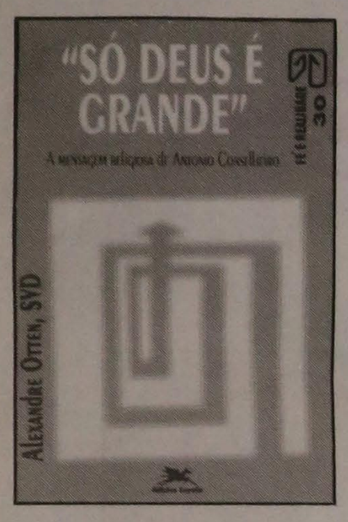
Editora Tecnoprint. Caixa Postal 1880 — 20001 — Rio de Janeiro-RJ.

Dicionário Lusitano Brasileiro — O que os portugueses falam que nós brasileiros não entendemos, Eno Teodoro Wanke e Roldão Simas Filho.

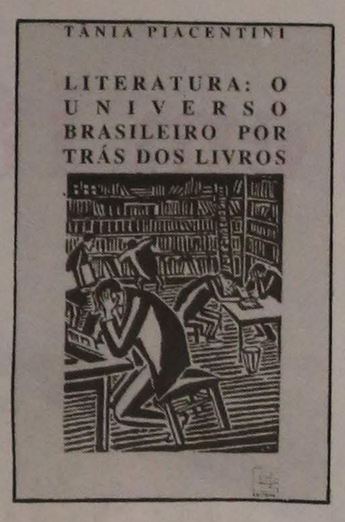
Projeto Petrônio Portela. Praça Marechal Deodoro 816 — 64020 — São Paulo-SP.

Laços de Poder, Francisco Miguel de Moura.

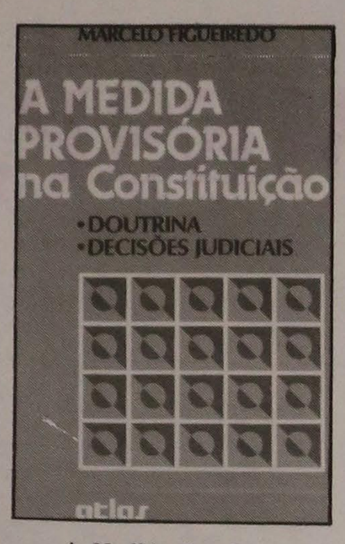
Interpretações, Aluízio Napoleão. (**Edição do autor.** SHIS QL 16 — conjunto 5 — casa 20 — 71600 — Brasília-DF.)



"Só Deus é Grande" — A mensagem religiosa de Antonio Conselheiro, de Alexandre Otten. Nas palavras do próprio autor: "Esta pesquisa se propõe recuperar a imagem de Antonio Conselheiro como líder religioso. Ela tenta desvelar sua espiritualidade de profeta popular. Desse modo, apresenta-se como um estudo histórico-teológico. Serão destacadas e avaliadas as idéias religiosas que moveram o beato e que estão na base de sua pregação e atuação. Esta descrição das idéias religiosas, embora muito importante, não é o suficiente para a interpretação da espiritualidade. Deve ser mostrado e valorizado o ambiente histórico como condicionante da sua pregação e atuação. O falar e agir são tratados e considerados como respostas tanto ao chamado de Deus como à situação de crise que atinge os sertanejos na segunda metade do século XIX." O autor é membro da Congregação Sociedade do Verbo Divino e o trabalho foi sua tese de doutoramento na Universidade Gregoriana de Roma. (Edições Loyola. Rua 1822 nº 347 — 04216 — São Paulo-SP.)

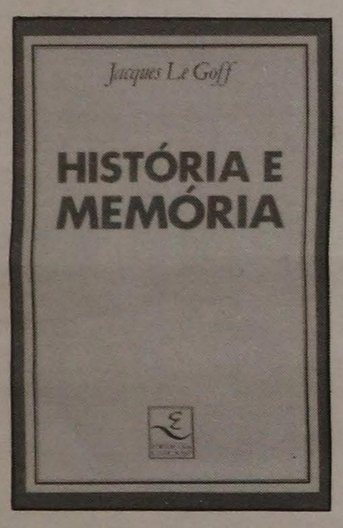


Literatura: O Universo Brasileiro Por Trás dos Livros, de Tânia Piacentini, professora de Prática do Ensino de Português na Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho — apresentado e aprovado como tese de mestrado na Unicamp — procura revelar de que maneira se realiza o texto literário e em que condições trabalha um ficcionista até chegar ao que pretende. Para isso, recolheu e analisou o depoimento de 12 escritores brasileiros, de diferentes regiões, e cada qual com uma visão peculiar do processo de criação literária. Mas a autora não se satisfaz com a inquirição ao universo do entrevistado; vai além. Quer saber qual o papel do editor em relação ao trabalho, de que maneira o mercado livreiro afeta a atividade literária, que influência tem a crítica sobre a escrita de determinado autor. Tânia Maria Piacentini delimitou seu campo de ação a ficcionistas brasileiros que publicaram obras nos anos 70. São eles Moacyr Scliar, Antonio Torres, Deonísio da Silva, Elias José, Antonio Carlos Villaça, Tânia Faillace, Holdemar Menezes, Rubem Mauro Machado, Modesto Carone, Herberto Salles, Domingos Pelegrini Jr. e João Antonio. (Editora da UFSC. Campus Universitário — Trindade — Caixa Postal 476 — 88049 — Florianópolis-SC.)

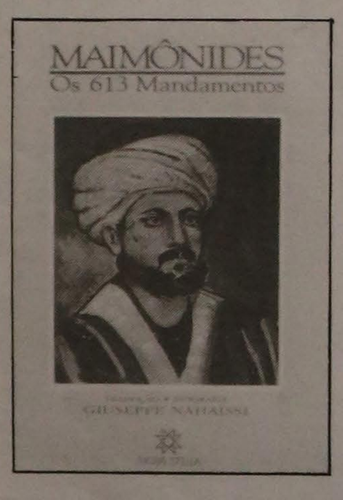


A Medida Provisória na Constituição, de Marcelo de Oliveira Fausto Figueiredo Santos, professor de Direito Constitucional na Faculdade de Direito da PUC de São Paulo. Inspirada no modelo italiano (parlamentarista), e sucessora do decreto-lei, a medida provisória tem regulado uma série de condutas em todos os ramos do Direito. Assim, sua aparente amplitude conceitual tem levado o Executivo a constantes conflitos de competência constitucional, com perigosas inovações no âmbito do direito brasileiro. Este estudo desenvolve o tema, examinando os limites constitucionais da medida provisória, suas vedações, reedição e controle jurisdicional, além de comentar decisões do Poder Judiciário atinentes à matéria. (Editora Atlas. Rua Conselheiro Nébias, 1384 - 01203 - São Paulo - SP).

Urbanização e Centralismo Autoritário, de Geraldo Serra, arquiteto e professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Balanço da política urbana do Governo Federal desde 1964, o livro critica a orientação do centralismo autoritário em relação ao processo de urbanização. A compreensão dos fatos ocorridos é fundamental na formulação de novas políticas capazes de enfrentar o final da urbanização acelerada nos quadros de um governo democrático. Os principais pontos abordados pelo autor são a concentração da receita tributária, escassez de recursos a nível local, o financiamento praticado para a construção das obras e os programas federais desenvolvidos. (Co-edição com a Edusp - Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Nobel. Rua da Balsa, 559 - 02910 - São Paulo - SP.)



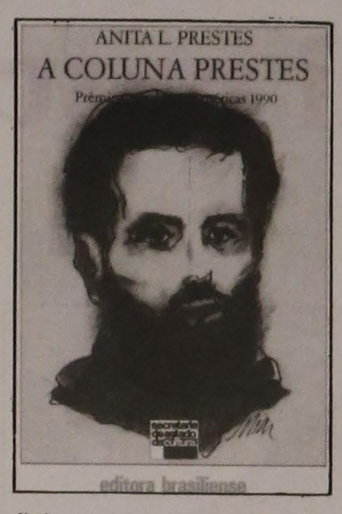
História e Memória, de Jacques Le Goff. A História vivida das sociedades humanas e o esforço científico para descrevê-la e interpretá-la são os dois pólos entre os quais se resume o próprio conceito de história. Ao tempo natural e cíclico das estações e o clima se justapõe — e por vezes se contrapõe — a percepção da duração registrada pelos homens; a memória pessoal e coletiva deve se submeter ao calendário, instrumento de domesticação e de domínio do tempo. Nesta contínua defasagem se insinuam a idéia de história, ambígua e mutável, e a relação entre passado e presente. De Heródoto aos historiadores mais recentes, Jacques Le Goff percorre, indaga e confronta as etapas desta contínua pesquisa sobre a vida do homem, suas relações com o ambiente, sobre os eventos e a diferente temporalidade deles. Reconstruindo a evolução do conceito de história, o grande medievalista francês apresenta sob uma nova perspectiva as principais questões da historiografia contemporânea. Depois de um alentado capítulo de 165 páginas denominado singelamente História, Le Goff dedica seus demais ensaios aos temas: Antigo/Moderno, Passado/Presente, Progresso/Reação, Idades Míticas, Escatologia, Decadência, Memória, Calendário, Documento/Monumento. Vários tradutores. (Editora da Unicamp. Rua Cecílio Feltrin 253 — 13083 — Campinas-SP.)



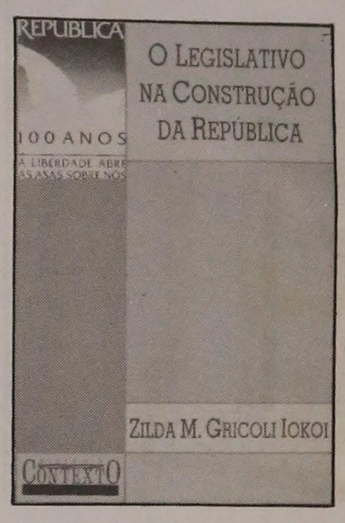
Maimônides - Os 613 Mandamentos. Moshé ben Maimon (1135-1204), conhecido pelo nome ocidentalizado de Maimônides, foi um dos maiores sábios da Idade Média. Judeu nascido em Córdoba numa família de intelectuais, e dentro de uma sociedade árabe também altamente intelectualizada, escreveu sobre astronomia, álgebra, geometria, mecânica e medicina, sendo nesta última ciência a maior autoridade de sua época. Foi médico particular do califa do Cairo e, posteriormente, do de Damasco. O que o tornou famoso, porém, no Ocidente, foram seus estudos filosóficos, citados, entre outros, por Santo Tomás de Aquino, Santo Inácio de Loyola, Roger Bacon e Spinoza, e seus estudos religiosos. Nesse campo, como pesquisador e filólogo, foi o maior talmudista do século XII e uma das maiores expressões da religiosidade judaica de todos os tempos. Entre suas obras de cunho religioso, em cuja elaboração gastou muitos anos, terminando-a em 1170, destaca-se o Sefer Ha-Mitzvoth (Livro dos Preceitos Divinos), escrito com o intuito de esclarecer e ordenar os 613 preceitos (ou mandamentos) constantes da Bíblia. Maimônides divide o livro em duas partes. Na primeira, estabelece os 14 fundamentos ou princípios lógicos que utiliza para determinar o que é e o que não é um preceito. Na segunda, apresenta detalhadamente os 613 preceitos, divididos em 248 positivos (o que se deve crer ou fazer) e os 365 negativos. Ao longo da exposição, cita fontes, argumentos, a literatura rabínica, em linguagem clara e acessível. Tradução, notas e uma erudita introdução de Giuseppe Nahaissi, especialista em estudos talmúdicos, filosofia e mística judaica. (Nova Stella Editorial. Alameda Lorena, 1326 - 01424 - São Paulo - SP).

Dor de Cabeça — Esse labirinto tem saída, de Alexandre Sorin Feldman, do Serviço de Cefaliatria do Centro Hospitalar Dom Silvério Gomes Pimenta, de São Paulo. O autor, que se dedica exclusivamente à investigação, diagnóstico e tratamento clínico das dores de cabeça, procura orientar o leitor a respeito de suas causas e como evitá-las, mostrando que este mal tem solução. (Edições Paulinas. Rua Dr. Pinto Ferraz, 183 — 04117 — São Paulo — SP.)

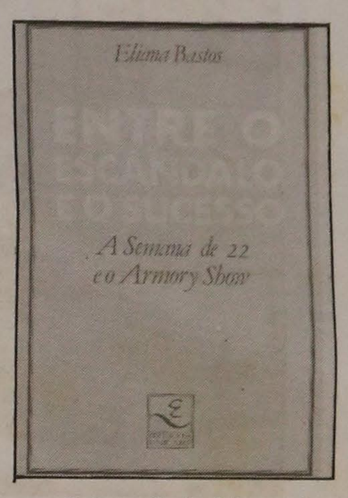
A Coluna Prestes, de Anita Leocádia Prestes. Este trabalho, que deu à autora o grau de doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense, onde leciona História Moderna e Contemporânea, é assim apresentado pela professora Maria Yedda Leite Linhares, orientadora da tese: "Com um título singelo e despojado de pretensões, após sete longos anos de paciente pesquisa e reflexão intelectual sempre renovada, Anita Leocárdia Prestes submeteu a julgamento de historiadores sua tese de doutorado, **A Coluna Prestes**. Produto de uma preocupação acadêmica e de uma paixão política, o trabalho resultou numa análise extensa e minuciosa de um dos feitos mais controvertidos da história brasileira, com características míticas e indeléveis conseqüências para a República dos coronéis e oligarcas. Engana-se, porém, quem pensar que a Coluna Prestes tecida por Anita Leocárdia Prestes limita-se a relatar o episódio extraordinário da longa marcha através do território brasileiro, nos anos 20 da velha República, ou a enaltecer as qualidades de seu líder imbatível, Luiz Carlos Prestes. Na realidade, Anita conseguiu enveredar pelo difícil caminho da fonte oral — o herói invencível a relatar sua própria história — e saiu-se com rara felicidade dessa empreitada, demonstrando notável isenção como observadora do seu fato histórico e superando a ligação afetiva com aquele que era, ao mesmo tempo, o principal ator e a fonte fundamental de seu relato. Eis o primeiro e não menos importante mérito do trabalho, isto é, não cair na armadilha de seu próprio método. Como filha, colocava-se a doutoranda na situação privilegiada de dispor da mais autorizada — e cobiçada — fonte de informação para o trabalho que construía e, ao mesmo tempo, como historiadora era-lhe imprescindível despojar-se, na medida do possível, da carga emocional inerente ao seu tema. Os examinadores da tese foram unânimes em ressaltar a objetividade da autora e a sua preocupação com a seriedade do trabalho científico. Anita Leocádia organizou o seu assunto, montou suas hipóteses, apoderou-se de um arsenal teórico e documental de larga envergadura e trabalhou com notável afinco para realizar, por fim, uma bela análise histórica de um dos momentos mais decisivos para a compreensão do Brasil contemporâneo." A imensa pesquisa é acompanhada de abundantes referências documentais e bibliográficas e grande quantidade de fotos e mapas. (Co-edição da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e Editora Brasiliense. Rua da Consolação 2.697 — 01416 — São Paulo-SP).



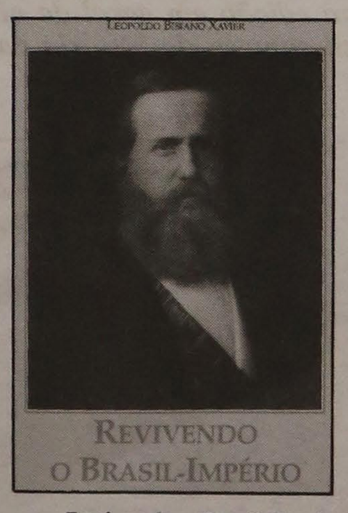
Gente da Nação, de José Antonio Gonsalves de Mello. À sua imensa bibliografia histórica do Nordeste, e especialmente da História do Brasil Holandês, o autor acrescenta esse estudo sobre os cristãos-novos e judeus em Pernambuco, de 1542 a 1654. A primeira parte do livro aborda a atuação dos cristãos-novos no Brasil Holandês, a segunda a participação dos judeus e a terceira traz uma relação documentada dos judeus residentes no Nordeste no mesmo período. O trabalho é fruto de extensas pesquisas em arquivos de Portugal e da Holanda. Embora um trabalho dessa natureza seja todo importante, ressalta-se, pela ligação que tem com os estudos literários do Brasil colonial, o capítulo "um intelectual cristão-novo: Bento Teixeira", o autor da **Prosopopéia**, cujo processo no Tribunal da Inquisição, em Olinda e Lisboa, é relatado através de documentação inédita que esclarece muitos pontos obscuros da biografia do poeta. (Editora Massangana — Fundação Joaquim Nabuco. Rua Dois Irmãos 15 — 52071 — Recife — PE.)



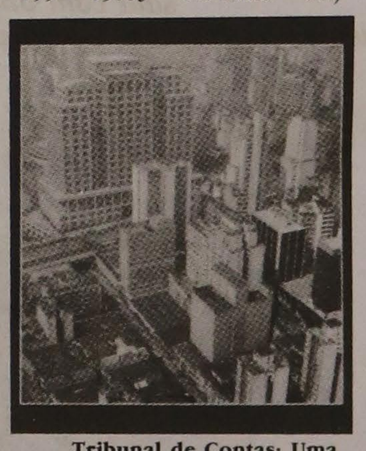
O Legislativo na Construção da República, de Zilda Márcia Gricoli Iokoi. O livro procura analisar a ação do Poder Legislativo em São Paulo, no período que se seguiu à Proclamação da República. Na ocasião, segundo a autora, no nível federal digladiavam-se setores de diferentes classes, tendo a burguesia cafeeira de fazer concessões sucessivas até atingir o controle político. Em São Paulo, porém, já estava consolidada sua hegemonia. Dessa forma, é na organização de seu próprio território que essa burguesia exerce, sem grandes oposições e sem necessidade de transigências, o poder de estruturar o Estado à sua imagem e semelhança. O Legislativo é o executor dessa política, pois lhe confere o aparato legal. Lembra a autora que o Legislativo é uma instância pouco estudada devido ao mito de sua fragilidade em relação ao Executivo, sendo ele, entretanto, campo exclusivo do domínio da burguesia, onde os projetos são aprovados em nome do povo. (Editora Contexto. Rua Acopiara, 199 — 05083 — São Paulo — SP.)



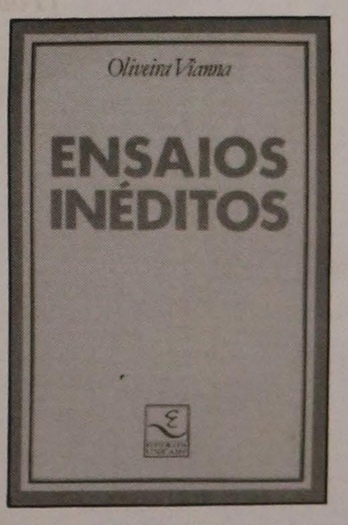
Entre o Escândalo e o Sucesso — A Semana de 22 e o o Armory Show, de Eliana Bastos, dissertação de mestrado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. A Semana de 22, tomada como decisiva para a renovação da inteligência nacional, continua um problema em aberto, merecendo atenção histórica e teórica renovada a cada geração. Esta obra faz um estudo comparativo de nossa Semana de 22 com o Armory Show de 1913 nos Estados Unidos, também um movimento de renovação nas artes. Este estudo comparado mostra as semelhanças no surgimento da Arte Moderna nos Estados Unidos de Brasil, atestando, por outro lado, o específico em cada caso. Especificidade decorrente da própria intenção da Semana 22 e do Armory Show de produzir uma arte ligada ao momento, e que expressasse valores nacionais próprios. Deste modo, este estudo mostra que a busca do primitivo e nativo no Brasil diferencia-se da incorporação do cotidiano e do homem comum no movimento americano. (Editora da Unicamp. Rua Cecílio Feltrin, 253 — 13083 — Campinas — SP.)



Revivendo o Brasil Império, de Leopoldo Bibiano Xavier. "É possível, caro leitor, que alguns dos fatos aqui narrados lhe sejam familiares. É pouco provável que os conheça todos. Para muitos, tudo aqui será novidade" explica o autor desta coletânea de textos sobre a vida de Dom Pedro II, lembrando o primeiro centenário de sua morte, que ocorrerá no próximo dia 5 de dezembro. O livro realça certos aspectos da personalidade e da atuação do nosso segundo Imperador, pondo em destaque o papel relevante que ele desempenhou na consolidação da nacionalidade. (Artpress Indústria Gráfica e Editora. Rua Javaés, 681 — 01130 — São Paulo — SP.)



Tribunal de Contas: Uma Instituição, de Célio Debes. Dividido em duas partes, o livro do historiador e jurista Célio Debes estuda o Tribunal de Contas da União, instituído pelo Governo Provisório da República em 1890, e o Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, criado em 1924. Ao contrário da escassa bibliografia predecessora, este trabalho é uma pesquisa histórica e um exame crítico que enfeixam a totalidade do tema, sendo, assim, obra pioneira na área judiciária e administrativa, no que diz respeito aos Tribunais de Contas tanto da União como do Estado de São Paulo. Edição de luxo, de alta qualidade, executada pela IMESP. (Edição do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo. Avenida Rangel Pestana, 315 — 01017 — São Paulo — SP.)



Ensaios Inéditos, de Oliveira Viana. O livro apresenta textos de Oliveira Viana, reunidos em 1958 mas só agora publicados. Boa parte da matéria incluída no volume é muito anterior à morte do autor (em 1951) e reconduz o leitor a épocas bem distantes, 1931, por exemplo. Mas os textos são de indiscutível interesse para quem se familiarizou com suas **Instituições Políticas Brasileiras** ou **Populações Meridionais do Brasil**. (Editora da Unicamp. Rua Cecílio Feltrin, 253 — 13083 — Campinas — SP.)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S.A. IMESP

DIRETOR-SUPERINTENDENTE
ANTÔNIO ARNOSTI

DIRETORIA
Artes Gráficas — Alcir Florentino dos Santos
Financeiro e Administrativo — José Engelberto de Oliveira
Jornal — Luiz Carlos dos Santos

SEDE E ADMINISTRAÇÃO — Rua da Mooca, 1.921 — CEP 03103 — São Paulo-SP
Telefones 291-3344 (PABX) • 93-0118 — Telex (011) 63090

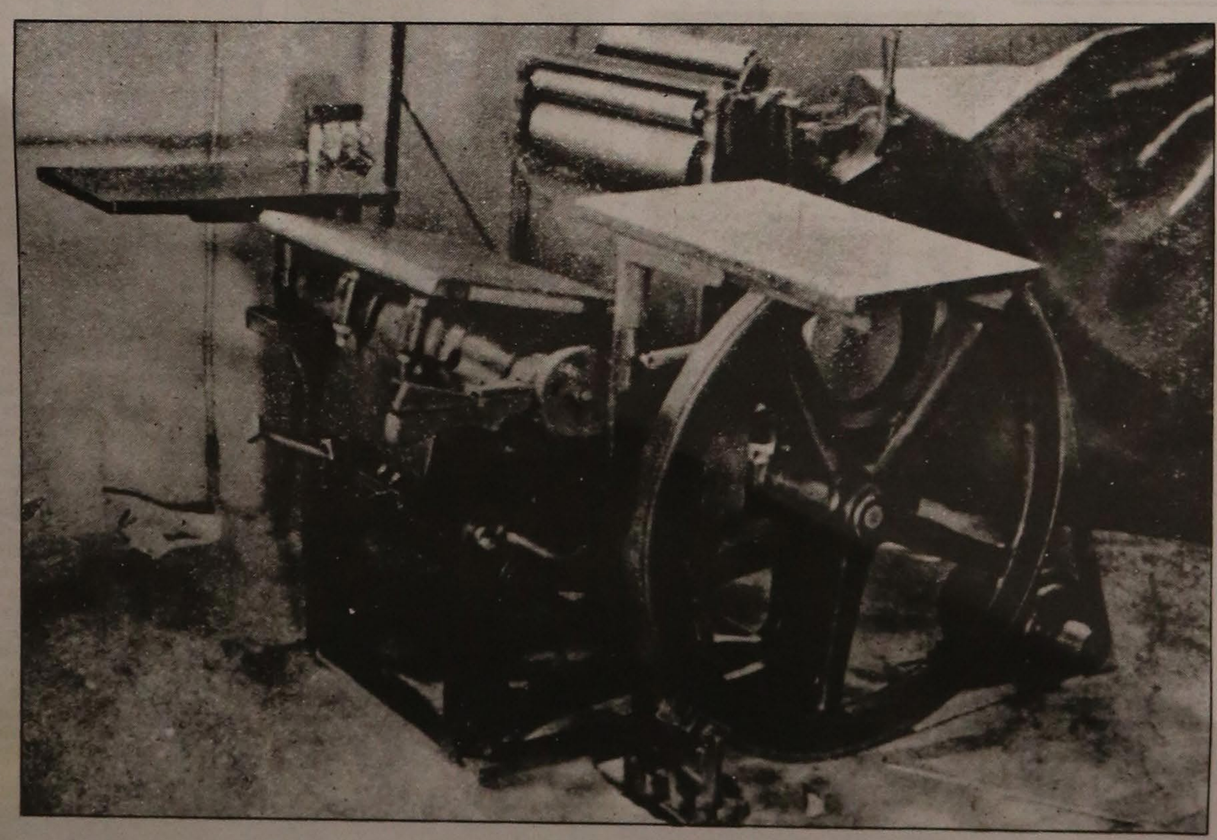
D.O. Leitura
Editor
Wladimir Araújo
Editor de Arte
Ionaldo Cavalcanti

Para obter uma assinatura gratuita, escreva para D.O. Leitura.
Rua da Mooca, 1.921 — 03103 — São Paulo-SP

COLABORAÇÕES — **As colaborações para o D.O. Leitura são solicitadas pela Redação.** As colaborações enviadas espontaneamente também são objeto de apreciação, mas pedimos compreensão para a impossibilidade de troca de correspondência ou devolução de originais.

Aqui nasceu a IMESP, em 1891

Com o nome de Tipografia do Estado, criada por decreto do Governo Provisório, de 28 de abril de 1891, foi neste minúsculo prédio (à esquerda) que nasceu a IMESP, adquirido do jornal "A Redenção", que se notabilizara pela campanha abolicionista recém-terminada. O prédio ficava nos fundos da Igreja dos Remédios, demolida anos depois, juntamente com muitos outros edifícios, para dar lugar à Praça João Mendes. À direita, a "nova" sede do "Diário Oficial", na Rua Onze de Agosto, que para lá se mudou em 1895, depois que o governo a adquiriu dos herdeiros do Senador Vergueiro. O prédio sofreu várias adaptações confiadas ao grande engenheiro, sanitarista e historiador baiano Teodoro Sampaio, que então dirigia a Diretoria de Obras Públicas do Estado de São Paulo. Parte do prédio, depois da reforma, e contra a vontade da diretoria do "Diário Oficial", logo foi aproveitada para a instalação do Fórum Criminal e do Tribunal do Júri. Nesse local, a Imprensa Oficial ficou até 1933. Na foto abaixo se vê uma máquina de impressão tipo minerva, "Le Soleil", arrolada no acervo feito em 1895 e que continuou em funcionamento por mais de 40 anos para os vários serviços gráficos prestados ao Estado. O "Diário Oficial", porém, era impresso numa velhíssima "Alauzet", do antigo jornal abolicionista, e que só foi substituída em 1899. Nos seus primeiros anos, o "Diário Oficial" saía com uma edição em geral de oito páginas, com 1.000 exemplares. (Todos os pormenores do difícil começo da história da IMESP estão na matéria da página 2 desta edição.)



Léo Peracchi
Orquestração de 14 das
Variações sobre Vem Cá Bitu Popular Brasileira
de Luiz Gonzaga

O E.S.P. - CADERNO 2 - 16.7.1992

Eumir Deodato faz seu primeiro show no Brasil

O músico brasileiro de maior sucesso nos Estados Unidos, e praticamente desconhecido no Brasil, faz uma síntese de sua carreira internacional em apresentação única hoje em SP

Lauro Lisboa Garcia

O superarranjador, compositor e instrumentista Eumir Deodato faz única apresentação hoje no Teatro Cultura Artística. Ele divide o palco com convidados e a Orquestra Experimental de Repertório no terceiro concerto da Série Arranjadores, que reúne obras dos maestros Lyrio Panicali (1906-1984) e Léo Peracchi, além de Deodato. Trata-se da primeira vez que o músico brasileiro, radicado há 25 anos nos Estados Unidos, faz show no Brasil. "Sempre tive vontade de voltar, de tocar aqui. Só não vim porque os convites que me fizeram não foram satisfatórios", diz o músico, sem emoção.

A ocasião é propícia a satisfazer um antigo desejo de sua mãe, Geni (71 anos), que nunca o viu tocar ao vivo. Trata-se também da oportunidade de Deodato partilhar uma homenagem ao maestro Lyrio Panicali, o músico que deu o empurrão que engrenou sua carreira nos anos 60. A Orquestra Experimental de Repertório abre o concerto com **Só Desejo Você**, de Panicali, e em seguida interpreta **Variações sobre Vem Cá Bitu**, de Léo Peracchi.

Metralhando o automatismo de tudo que é tendência atual, do rap à world music, da música brasileira ao jazz, Deodato vê na orquestra com quem vai tocar hoje um exemplo oposto: "A orquestra é espetacular, tem gente jovem, é a mais disciplinada que eu ouvi até hoje", elogia. É melhor e mais afinada até que a Sinfônica de Londres, com quem já tocou: "Que isso sirva de exemplo para os Estados Unidos. Lá não há música feita com o amor que há aqui. É tudo muito mecânico."

No programa com que abre a segunda parte do concerto, Deodato vai executar peças de sua autoria, como **Rio Sangre**, **Spirit of Summer** e **Farwell to a Friend**. Claro que não faltarão suas versões personalíssimas de **Rhapsody in Blue** (Gershwin), **Pavanne Pour un Infante Défunte** (Ravel) e **Also Sprach Zarathustra** (Strauss), seu maior hit com 5 milhões de compactos vendidos. "Sempre gostei de música clássica", diz Deodato. "Não condeno arranjos populares para clássicos (muitos já fizeram), mas sempre um pouco de honestidade deve ser mantida. Eu mesmo respeito as partituras".

Quando traduziu para o pop o tema de Strauss, que virou trilha sonora do filme **2001, Uma Odisséia no Espaço**, de Stanley Kubrick, Deodato não imaginava que fosse ficar popular. Já tinha uma certa tradição de fazer esse tipo de arranjo, que experimentou com Bach e Vivaldi, entre outros. Com o sucesso, foi convidado a fazer a trilha do filme **Tubarão**, de Steven Spielberg. Não gostou do roteiro e se desinteressou. Involuntariamente, Deodato levantou a carreira de John Williams, para quem sobrou a tarefa de fazer a trilha de **Tubarão**, sucesso que se seguiu com outras como a trilogia de **Guerra nas Estrelas** e **Contatos Imediatos do Terceiro Grau**.

O arranjador que tirou o Kool and the Gang da pasteurização, sustentou as oscilações de Frank Sinatra e os ataques de Roberta Flack, hoje diz que não quer mais trabalhar com artista burro ou louco. Na sua opinião, rap é um veículo violentíssimo e música é para relaxar não para fazer política. Jazz virou descartável, world music não vende discos. Afirma que se quisesse poderia continuar a viver de música mas se recusa a fazer concessões. "Estou me reestruturando para entrar noutro esquema, com gente nova, produtores ingleses." Depois do contato com o produtor Bruce Kirkland, Deodato acena com a possibilidade de trabalhar com os grupos Genesis, Depeche Mode e Erasure.

Ao mesmo tempo, diz que música não dá mais dinheiro e começa a estudar a possibilidade de atuar no mercado de ações. Hoje ele vai fazer apenas música, que aceitou por um cachê mínimo. Além da Orquestra Experimental de Repertório, estarão acompanhando Deodato (piano e teclados), o guitarrista Victor Biglione, o baixista Alex Malheiros e o baterista Pascoal Meirelles.

Tatiana Constant/AE

Eumir Deodato diz que música não dá mais dinheiro e começa a estudar novas possibilidades de atuação no mercado: "Estou me reestruturando para entrar noutro esquema, não quero mais trabalhar com artista burro e louco"

SERVIÇO

Série Arranjadores— *Lyrio Panicali (homenageado), Léo Peracchi e Eumir Deodato. Participação da Orquestra Experimental de Repertório. Hoje às 21 horas no* ***Teatro Cultura Artística*** *(Rua Nestor Pestana, 196. ☎ 258-3616). Ingressos: de Cr$ 20.000,00 a Cr$ 50.000,00*

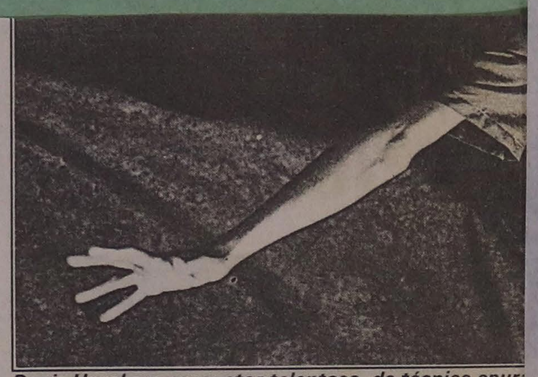
NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

catalão La Fura dels Baus — e deste **Autour d'Artaud** atualmente em cartaz.

Artaud, na verdade, deixou um legado tão prolífico, sob a forma de escritos, que deles poderão derivar infinitas outras obras. O espetáculo de Rubens Corrêa, por exemplo, recorria inteligentemente apenas ao próprio Artaud, recompondo a integridade de seu espírito através da exposição de seu inconsciente estilhaçado. Nunca a esquizofrenia foi exposta de maneira tão lúcida, já que Artaud se assistia e se anotava. Com Rubens, ficava muito clara a idéia do homem que não conhecia limites entre vida e arte, e se dava permanentemente em espetáculo.

La Fura dels Baus bebeu diretamente na fonte do Teatro da Crueldade preconizado por Artaud, um teatro que "se propõe a recorrer aos espetáculos de massas; a buscar na agitação das massas importantes, porém jogadas umas contra as outras e convulsionadas, um pouco daquela poesia que existe nas festas e nas multidões nos dias, hoje tão raros, em que o povo sai às ruas" — nas palavras do próprio Artaud. Mais ainda, **Sus o Sus** era um espetáculo que falava não ao espírito, mas aos sentidos — como queria o artista francês, morto em 1948, cujo pensamento continua a impulsionar as vanguardas contemporâneas.

Denis Urgal, em **Autour d'Artaud**, reúne textos de sua própria autoria, de Artaud e trechos de grandes obras da dramaturgia universal (**Calígula**, de Camus; **Édipo Rei**, de Sófocles; **Hamlet**, de Shakespeare e **Fausto**, de Goethe), cujos protagonistas vivenciariam dilemas existenciais similares aos de Artaud. Os textos de Urgal são enunciados de maneira segura e precisa



Denis Urgal em cena: ator talentoso, de técnica apura

à maneira como Denis imagina que o autor os diria, com a face retorcida pelos tormentos da mente. Os textos dramáticos (dois deles ditos no original, numa exploração de suas potencialidades sonoras) parecem ter ido buscar nos escritos intitulados **A Encenação e a Metafísica** o ponto de partida para a interpretação. Diz-se ali: "Fazer a metafísica da linguagem articulada é fazer com que a linguagem exprima aquilo que ela não exprime habitualmente: é servir-se dela de um modo novo, excepcional e inusitado; é restituir-lhe suas possibilidades de abalar fisicamente; é dividí-la e repartí-la ativamente no espaço; é tomar as entonações de uma maneira concreta absoluta". Urgal é fiel ao mestre e estende estes mesmos pressupostos aos gestos. É um ator talentoso e de técnica apurada. Tem boa voz, que sabe explorar, uma bela figura, conhece o métier.

O que falta a seu espetáculo, todavia, é um olhar de [illegible]sturar as cenas, acertar os tempos, [illegible]E, principalmente, impedir certas

que se preocupa com o ritualismo original do teatro

atitudes ingênuas que buscam impingir significado a banalidades como usar a camisa para dentro ou para fora da calça, desabotoar e abotoar o colarinho. Denis Urgal, com uma boa direção, certamente tornaria mais artístico um espetáculo que, do jeito que está, é apenas didático. Artaud certamente queria mais do teatro. Denis também, sem dúvida. É evidente sua preocupação com o aspecto ritualístico original do teatro. Quando esta preocupação evoluir do discurso para a cena, provavelmente teremos um grande artista.

SERVIÇO

Autour d'Artaud — Criação, direção e interpretação de Denis Urgal. Com textos de Artaud, Urgal e outros. Baseado na vida de Antonin Artaud. De terça a quinta-feira, às 21 horas. Teatro do Centro Plaza (Rua Frei Caneca, 1.360 ☎ 284-1144). Até o dia 30. Cr$ 15 mil

Nova York, sendo liberado depois de pagar [illegible] americana, na sexta-feira, em Washington.

'Anos Rebeldes' faz 29 pontos no Ibope

■ O primeiro capítulo de **Anos Rebeldes**, na **Globo**, superou a audiência de estréia de **As Noivas de Copacabana**. Registrou média de 29 pontos de Ibope contra os 25 da minissérie anterior. A exemplo da última atração da série brasileira, a tendência é melhorar o índice. **As Noivas de Copacabana** conseguiu alcançar média de 30 pontos, a partir do décimo capítulo, para encerrar com 34.

Sexta-feira, no horário nobre, 22h30, a **Bandeirantes** — com o filme **Kickboxer-Dragão de Fogo** — e a **Rede OM** com a **Copa Brasil de Futebol** empataram em segundo lugar, com oito pontos. Hebe ficou em terceiro, com sete, seguida pelo filme **Desastre no Rio Potomac** (4 pontos) da **Record**.

Roberto Carlos volta com 'Coração'

■ Roberto Carlos volta amanhã, no Olympia (Rua Clelia, 1517, ☎ 864-7333), com seu show **Coração**, em cartaz desde janeiro de 1991 e já assistido por 2 milhões de pessoas. O show, com ênfase no romantismo, é assinado pela dupla Miele & Böscoli e fala dos corações que aparecem nas letras de compositores como Pixinguinha e Braguinha. Novas canções como **Mudanças**, **Luz Divina** e **Todas as Manhãs** também foram incluídas. Roberto é acompanhado por Eduardo Lages & Banda e os cenários são de Mario e Kalia Monteiro.

Tribuna da Imprensa (Rio)
19/11/03 - tel. 2205.2711
Jornal: Rua do Lavradio, 98
20230-070 Rio
Tel. 2224.0337

carlos dantas

Sempre o som nacional

A capa do CD, a mesma do libreto, é de inspiração vegetal e tem o cromatismo regulado pelo predomínio do verde. As páginas interiores prolongam esse primado ecológico com a inclusão de três pequenas e retangulares reproduções de plantas portadoras de folhas vermelhas. Mas o motivo auriverde é que triunfa, retratado no modelo vestido pela própria intérprete - a pianista paulistana Valdilice de Carvalho numa foto sorridente.

Dez

Tem razão de sorrir. Valdilice pela segunda vez nos traz a evidência documental-fonográfica de uma personalidade artística que encontrou no piano o veículo pelo qual diz a que veio. Comentamos neste espaço seu disco dedicado a valsas brasileiras e lho conferimos grau dez.

Não é outra a graduação deste novo trabalho, igualmente devotado ao som nacional, só que variado em gênero. Chama atenção a participação de cinco compositoras. Vê-se que, entre nós, é seguido o exemplo das irmãs Boulanger (Nadia e Lili) e de Germaine Tagliaferre - para ficarmos nas cúspides mais visíveis de qualquer horizonte.

Quinteto

Mas vamos ao CD "Páginas Brasileiras" (produção independente). Comecemos pela primeira representante do quinteto de compositoras. Sandra Abrão (faixa 7) faz de sua "Sugestão nativa", com data de 1980, uma evocação feliz da influência afro. Todo o texto é harmonicamente recheado de modo a mais realçar a tipicidade rítmica. Clarisse Leite (faixa 8) nos surpreende por se valer de um minueto (1981).

A forma antiga tão freqüente nos salões da nobreza se engasta no que pretende a autora, pois através dela imaginou a figura da Marquesa de Santos. Maria Apparecida Côrtes Macedo, em 1981, também assinou o que nem sempre é encontrável na literatura musical erudita nacional: uma Mazurka, a que deu o nome "Caríssima" (faixa 10). Norsinha Martins reverencia o mestre francês Francis Poulenc dedicando-lhe o "Improviso" nº 1, composto em 1988.

Divulgação

"Jongo", de Najla Jabor (que, em 1952, valeu à saudosa compositora carioca a láurea máxima no certame promovido pelo Musical Courier dos Estados Unidos) reinsere a temática negra no programa do CD. Está concluída assim a participação do chamado sexo frágil nesse bloco de páginas nacionais tão bem ordenado por Valdilice de Carvalho e que ela tão bem apresentou mercê de um toucher assaz limpo, portador eficaz do matizamento necessário a cada texto.

Silas de Oliveira e Eduardo Escalante são as onomásticas respectivamente colocadas nas faixas 13 ("Divagação") e 14 ("Cantigas") ambas sugestivas no protagonismo que sempre conferem à mão direita como reforço da proposta meditativa.

Borboletas

E Valdilice de Carvalho completa seu CD valendo-se de autores e obras já dicionarizados como: Lorenzo Fernandez ("Suite brasileira" nº 2, faixa 1. 1938), Guarnieri ("Canção sertaneja", faixa 4. 1928), Osvaldo Lacerda ("Ponteios" 2 e 3. 1956, 1964 respectivamente), Alberto Nepomuceno ("Noturno", faixa 9. 1907), Marlos Nobre ("Frevo", faixa 15. 1985), Mignone ("Lundú", "Cucumbizinho", faixas 16, 17. 1947 e 1931, respectivamente), Fructuoso Vianna ("Dança de negros", faixa 19. 1924), Villa-Lobos ("Rosa amarela", faixa 20. 1932). Ah, particular atenção é requerida do ouvinte para a faixa 11, "Papillonnage", de Alexandre Levy, uma vez que é nesta versão de Valdilice de Carvalho que a obra tem seu primeiro registro fonográfico. A partitura veio a lume graças ao esforço pesquisador de Arnaldo José Senise. É interessantíssima. Guarda certa semelhança com as "Falenas", de Isidore Philip. Aliás, borboletas são de constante presença em música. O tema inicial do Scherzo nº 4, de Chopin, exposto em seminimas duplas, "portato" (stacatto com ligadura), Jankélévitch insiste em tê-las borboleteando em preparação àquele cantabile central, dó sustentado menor, de beleza irresistível.

Só piano

Mas voltemos à "Páginas Brasileiras". É que piano puxa piano, mais piano. E Chopin entra logo na história. Valdilice de Carvalho que é pianista sabe bem disto. Sabe muitíssimo mais pela base pedagógica adquirida nas aulas de Margarida Viserta e Sarah Lima, desenvolvida na Escola "Magdalena Tagliaferro" com Helena Plaute, aperfeiçoada na capital holandesa (Conservatório Real), no Instituto Mozarteum (Salzburgo) e Santiago de Compostela. Sob o ângulo fonográfico, a pianista paulistana guarda nomeada especial através do disco "Luiz e Alexandre Levy", decisiva contribuição no sentido de melhor avaliar e divulgar estes dois brasileiros.

Se o currículo discográfico de Valdilice de Carvalho é quantitativamente modesto, como qualidade assinala subido valor. Até porque nele a música nacional tem prioridade assegurada. "Páginas Brasileiras", como vimos, reconfirma-o, e significativamente.

021131.121
Ca-min - 3313.7625
9978-2584 cel.

6-12-1994 Est. S.P.

Yara Ferraz e Marina Brandão: inéditos de Levy e Miguez

CDs valorizam repertório brasileiro

Uma tendência parece consolidar-se neste momento em que o reaquecimento da indústria fonográfica permite um retorno (ainda que tímido) das gravações de instrumentistas e orquestras brasileiras: a escolha de repertório nacional ou relacionado de alguma maneira com a história musical do País.

Em novembro, a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre lançou pelo selo gaúcho Acit um *Tributo a Guerra Peixe*, com regência de Ernani Aguiar, trazendo a *Sinfonia nº 2 — Brasília* e um *Tributo a Portinari* em quatro movimentos. E as pianistas Yara Ferraz e Marina Brandão lançam amanhã no Teatro Cultura Inglesa *Ave Libertas*, que traz obras de Leopoldo Miguez (1850-1902), Alexandre Levy (1864-1892), o austríaco Sigismund Neukomm (1778-1858) — que esteve no Brasil entre 1816 e 1821, ensinando música na corte —, e Amaral Vieira.

O mérito das gravações não é inovação ou perfeccionismo. É colocar à disposição do público peças como a *Fantasia Brilhante sobre Temas de O Guarani*, que Levy escreveu aos 16 anos ou o poema sinfônico *Ave Libertas*, de Miguez, nenhum dos dois lançado anteriormente. **(Enor Paiano)**

SERVIÇO

Ave Libertas *— Yara Ferraz e Marina Brandão. Velas. Lançamento amanhã, 20h30, Teatro Cultura Inglesa (R. Dep. Lacerda Franco, 333 ☎ 814-0100), grátis.*

Annita Malfatti, Volpi, Bianco, Iberê Camargo, Burle Marx, Mabe, Taunay, Castagneto, Salinas, Ferrigno, Grimm, A. Parreiras, B. Calixto, O. Pereira, Visconti, Almeida Jr., Pedro Alexandrino, etc.

Tel.:(011) 853-8244

PRO ARTE

LEILÃO DE ARTE

ESPÓLIO DE CECILE ELIZABETH LERNER – Jean-Eugene Buland, Bonadei, Portinari, Almeida Jr., E.Ohelmeyer, Volpi, Mabe, Fang e outros. Mob.francês s.XVIII e XIX.Bronzes, Blackmours, tap.orientais

3 PAGAMENTOS S/JUROS

LEILÃO HOJE

dias 6, 7, 8, 9 e 10 de dezembro/94
às 21:30h

Leiloeiro Oficial: James Arthur L.Lisboa

Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1644 Tel. 852-8250 - Fax 851-3286

ESTACIONAMENTO C/MANOBRISTA E SEGURANÇA

Orquestra Sinfônica de São Paulo

Obras de:

Bizet • Puccini • Verdi • Donizetti • Mascagni • Mozart e C. Gomes

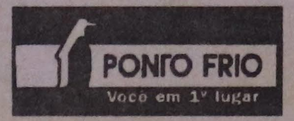
INGRESSOS À VENDA NA CENTRAL DE ATENDIMENTO.

Tel.: 816.6463, ramais 121 e 125.

Teatro Arthur Rubinstein - Rua Hungria, 1.000

REALIZAÇÃO

APOIO



PATROCÍNIO

BANCO DE BOSTON

CON

CORAL DA CULTURA INGLESA

REGENTE: MARCOS JÚLIO SERGL

FRITZ DOBBERT PIANOS 47 anos

NOTÍCIAS EM PIANOFORTE

Edição 62 Junho ▪ Julho ▪ Agosto ▪ 1997

Até a presente data chegaram à nossa redação informações sobre os seguintes:

-- VI Concurso Nacional de Piano e Grande Concurso Magda Tagliaferro
14 a 16 de novembro de 1997
Informações: Fundação Magda Tagliaferro
Tel: (011) 533-8815

-- VI Concurso de Piano
22 a 23 de novembro de 1997
Informações: Cons. Mus. Souza Lima
Tel: (011) 884-9149

-- Concurso de Piano da Univ. Fed. de Goiás
Seletiva Lat. Americana do Gina Bachauer International Piano Competition
12 a 19 de outubro de 1997
Informações: Escola de Música da Universidade Fed.de Goiás
Tel: (062) 821-1125

09 a 15 de outubro de 1997
Informações: Cons. Mus. Santa Cecília
Tel: (018) 623-7636

-- Concurso Latino Americano de Regência Orquestral
15 a 20 de dezembro de 1997
Informações: OSUSP (5511) 818-3000

-- IV Concurso Nacional de Flauta Doce
23 a 24 de agosto de 1997
Informações: Fundação Magda Tagliaferro
Tel: (011) 533-8815

-- VIII Concurso de Violão
18 e 19 de outubro de 1997
Informações: Cons. Mus. Souza Lima
Tel: (011) 884-9149

-- X Concurso de Piano Artlivre
17 a 26 de outubro de 1997
Informações: (011) 533-3242

concertos intitulada " Piano no MUBE", que será realizada no auditório do MUBE - Museu Brasileiro da Escultura, a partir do mês de agosto até o mês de novembro e cuja programação está assim definida:

Agosto - dia 03 - Arthur Moreira Lima
dia 24 - Yara Bernette
dia 31 - Flávio Varani
Setembro - dia 14 - Dieter Schnebel (Alem.) e Daniel Ott (Suiça)
- dia 28 - Caio Pagano
Outubro - dia 05 - Heloisa e Amilcar Zanni
Novembro - dia 09 - Fábio Caramurú

Informações: Fundação Magda Tagliaferro
tel: (011) 533-8815

Vitrine

LIVROS

Contraponto modal do século XVI (Palestrina)

De autoria do maestro, compositor e músico, Prof. H.J.Koellreutter, em nova edição ampliada e revisada do excelente manual de contraponto, elaborado por um dos mais importantes pedagogos musicais brasileiros do século XX. Este livro é um manual bastante objetivo, com informações condensadas, que apresenta os fundamentos do Contraponto de forma eficiente e racional, deixando de lado outras abordagens, consideradas supérfluas e prolixas.
Editora MusiMed - tel: (061) - 225-6820

O antropofagismo na obra pianística de Gilberto Mendes

De Antonio Eduardo Santos, onde o autor comenta e disserta a presença do movimento antropofágico na obra pianística do singular compositor Gilberto Mendes.
Anna Blume Editora

A arte pianística de Magda Tagliaferro

Uma jovem aluna japonesa de Magda Tagliaferro, Asako Tamura, dedicou-se a fundo a assimilar a técnica pianística da mestra, a fim de transmití-la aos pianistas japoneses.
O registro do que aprendeu colocou neste livro, que foi editado primeiramente no Japão, traduzido em seguida para o inglês e agora para o português. Acompanha o livro, um CD com gravações inéditas de Magda Tagliaferro (vide box abaixo).
Editado pela Fundação Magda Tagliaferro (011-533-8815) e distribuido pela Saraiva Mega Store.

GRAVAÇÕES

A ARTE PIANISTICA DE MAGDA TAGLIAFERRO

Um CD que reúne obras de Mozart, Beethoven, Chopin,Fauré,Debussy e Prokofiev, em gravações realizadas na França pela Rádio Nacional Francesa, por ocasião dos concertos de Magda Tagliaferro.

Estas gravações estavam guardadas nos arquivos do Inst.Nac. do Audiovisual em París, que as restaurou.

LUIZ & ALEXANDRE LEVY

A pianista Valdilice de Carvalho gravou um CD com obras dos irmãos Luiz e Alexandre Levy com peças curtas, de salão, e que retratam a música paulistana do final do século passado. Todas as peças são inéditas em gravação, e algumas também totalmente inéditas.
Contatos: (011) 284-8495

Didática

Em um bate-papo descontraído com a Profª Marli Batista Ávila, que resumimos e estamos passando aos nossos leitores, descobrimos coisas fantásticas sobre a Metodologia Kodály. Educadora musical há trinta anos e pioneira na versão brasileira do Método Kodály, é Mestre em Artes em "Educação Musical - Método Kodály" pela ECA USP e Diretora Pedagógica do CMBP-Conservatório Musical do Brooklin Paulista

Zoltán Kodály (1882-1967) foi um compositor e filósofo húngaro que pesquisou a música da sua terra e reuniu milhares de canções. Eram músicas curtas, belas, com poucas notas, pentatônicas, fáceis de entoar e que ele usou para criar, com a colaboração de um grupo de amigos, alunos e professores, um sistema de ensino de música atravéz da voz. Na Hungria, desde a década de quarenta, e oficialmente, da pré-escola até o 2º grau, há aulas de música duas à cinco vezes por semana usando-se esse sistema. A escola pública de lá, tem música como matéria obrigatória e todo mundo sai da escola cantando, lendo e escrevendo música. Por isso, a qualidade do músico húngaro é fantástica".

"Conheci superficialmente o sistema quando cursei a faculdade e mais de perto quando o Maestro Elías Moreira, um grande especialista em voz infantil, voltou ao Brasil depois de uma ausência de oito anos, dirigindo no Texas, o *Texas Boy Schoir*. Lá ele trabalhou com maestros húngaros que usavam o Método Kodály e aqui, montou um grupo semelhante, usando o mesmo método. Meu filho participava e aí, pude acompanhar de perto e vi que depois de um mês já liam e solfejavam. O sistema parte da vivência e na hora da teoria fica fácil, é só associar.

"Passei então a pesquisar mais e fui à Hungria fazer um curso para estrangeiros conhecerem melhor o Método Kodály. Comecei a ver que podíamos, com nossas canções, obter os mesmos resultados, e assim, já há sete anos, trabalho na adequação Sistema Kodály. Fiz um trabalho de dois anos nas escolas municipais, com oitenta professoras que nunca tinham estudado música e 80% delas continuaram com o estudo, além de já ensinarem música para as crianças.

"Luto muito pela volta da música nas escolas, mas luto também atrás dos políticos, que é uma coisa terrível. A rede pública de ensino é a mais carente e necessitada e o Método Kodály proporciona o aprendizado de música independente de grandes recursos, precisa apenas do professor, a lousa, um giz e a criançada".

" Se você tiver um instrumento e quiser utilizá-lo, vai enriquecer e aí é ótimo, mas se não, não há necessidade. Kodály achava que não adianta muita vivência. Muito tocar, dançar, não ajuda muito a criança. Ensinar ritmo, notas, alturas, pausas, etc, vai desenvolver o raciocínio lógico, concentração, atenção, habilidades intelectuais, etc".

" Já existe um repertório de músicas brasileiras para o Método Kodály. O Prof. Jorge Kászás e eu, coletamos músicas infantis mais conhecidas e esbarramos na música pentatônica que quase não temos.

Kodály dizia que o semitom é o que faz as pessoas não entoarem corretamente, porque é mais difícil de ser percebido. Deve-se começar com intervalos de quinta, quarta e terça. Quando então se entoar bem o sol-mi, o fá entra fácil no lugar certo. Para resolver essa situação, pegamos textos infantis populares como - uni duni te, salame mingüê..../lé com lé, cré com cré.... - e os musicamos dentro do conceito Kodály e as crianças divertem-se e ficam fascinadas porque são textos criados por crianças, para crianças".

" Uma criança musicalizada pelo Método Kodály aprende mais fácil e tranqüilamente um instrumento. O aprendizado da música pelo canto é mais fácil do que pelo instrumento, porque o canto não exige o domínio da técnica e o controle da motricidade. Quando se aprende as notas, os ritmos e a entoar, aprende-se também a escrever, e já se pode decodificar uma partitura, e daí pode-se pegar um instrumento e dar maior atenção para os dedos, braços, arcos, etc".

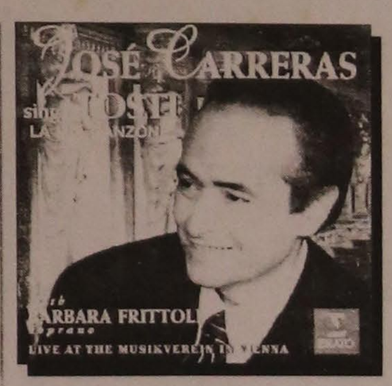
" Para uma escola ter acesso ao Método Kodály, ela tem que mandar seus professores para fazer algum curso aqui ou levar professores do Kodály para dar o curso na escola.Nós temos um curso com dois sábados ao mês, de março à dezembro. Existe também a Sociedade Kodály do Brasil - SKB, fundada em 93, cujo presidente, o Prof. Jorge Kászás, dá aulas na UNESP".

"Eu gostaria só de pedir para as pessôas que tem condições de ajudar, politicamente, economicamente, de todas as maneiras para que a gente consiga chegar na escola pública, para colocar a música de volta. Então o que nós precisaríamos é que as pessoas conhecessem o Método Kodály, a Sociedade Kodály, o trabalho que a gente faz, para cerrar fileiras e ver se a gente ataca com uma coisa que é viável. Eu posso chegar para o Ministério da Educação e dizer: nós temos uma metodologia que não precisa gastar nada além da formação do professor. E isso não é complicado, é fácil, e o melhor resultado que se vê na pesquisa que eu fiz, e que é científica porque fizemos tudo de acordo com os parâmetros, revela que as crianças que trabalharam durante o ano com as suas professoras que estiveram sob a minha instrução, foram melhores nas suas notinhas, nas suas avaliações, em todas as áreas, principalmente matemática e português, do que as classes que não tiveram as aulas de música. Esse , é um resultado significativo e concreto.Então, quem conhece um político que possa ajudar, coloque-nos em contato. O que precisamos é de bons contatos e força também.

SERVIÇO

Sociedade Kodály do Brasil -SKB
Rua Roque Petrella, 46
04581-050 - São Paulo - SP
(011) 241-3416
Presidente: Prof. Jorge Kászás
Vice-presidente: Profª Marli B. Ávila

lançamentos de CDs



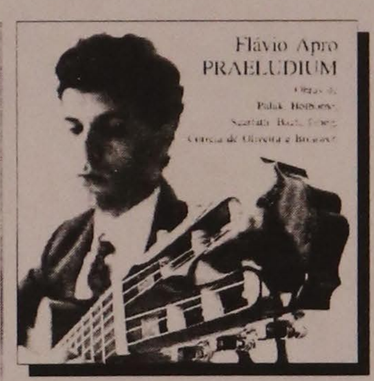
JOSÉ CARRERAS SINGS TOSTI. La mia Canzone. Numa gravação ao vivo no Musikverein em Viena, José Carreras apresenta uma seleção das canções mais conhecidas e belas do compositor e professor de canto italiano Francisco Paolo Tosti (1846-1916). As canções Forever, Goodbye, At Vespers, Amore e That Day foram alguns de seus sucessos. O grande tenor *José Carreras* é acompanhado pela soprano *Barbara Frittoli*. Lançamento Erato/Warner Classics. Venda Venda direta pela Revista CONCERTO - Tel 535-5518. R$ 23,00.

SCHUBERT - Piano Trios. Com *Jos van Immerseel* - fortepiano, *Vera Beths* - violino e *Anner Bylsma* - violoncelo. Schubert escreveu os dois trios para piano, violino e violoncelo interpretados neste CD em 1827 e 1828, ano de seu falecimento, quando a imprensa e o público começaram a dar maior atenção à sua obra. Foram suas únicas composições para esta formação. Lançamento Sony Classical. Venda direta pela Revista CONCERTO - Tel 535-5518. R$ 20,00.

LUIZ E ALEXANDRE LEVY. *Valdilice de Carvalho* ao piano. Gravação que reúne obras dos irmãos Levy, Luiz (1861-1935) e Alexandre (1864-1892). Ambos foram pianistas de renome na sociedade paulistana da época, apresentando-se regularmente. Todas as obras deste CD são primeiras gravações, sendo algumas delas inéditas. Valdilice de Carvalho desenvolve há anos um trabalho orientado à divulgação de um repertório baseado em composições inéditas de real valor e pouco executadas. Venda direta pela Revista CONCERTO - Tel 535-5518. R$ 18,00.

LOS TANGUEROS. Tangos de Astor Piazzolla na interpretação de *Emanuel Ax* e *Pablo Ziegler* - pianos. As composições mais famosas - e lindas - do argentino Astor Piazzolla somente com piano: Revirado; Fuga y misterio; Milonga del ángel; Decarisimo; Soledad; La muerte del ángel; Adiós Nonino; Libertango; Verano porteño; Michelangelo '70; Buenos Aires hora cero e Tangata. Lançamento Sony Classical. Venda direta pela Revista CONCERTO - Tel 535-5518. R$ 20,00.

EINE KLEINE NACHTMUSIK de Wolfgang Amadeus Mozart. A genialidade de Mozart (1756-1791) manifestou-se em todas as formas e gêneros musicais cultivados no seu tempo. As obras apresentadas neste CD são uma amostra do seu talento perfeito e variado: Eine kleine Nachtmusik K 525; Divertimento K 136 em ré maior e Sinfonia K 550 em sol menor. Execução de *Philharmonic Soloists Bratislava*, sob regência de *Pavol Selecky*. Lançamento Paulus Gravadora. Informações e pedidos: telemarketing 571-9416 ou 810-5009.



PRAELUDIUM. Com *Flávio Apro* - violão. Vencedor de vários concursos, Flavio Apro tem se apresentado no Brasil, Inglaterra e Japão. O repertório de seu primeiro CD é variado e muito interessante, interpretando Jakub Polak, Anthony Holborne, Scarlatti, J.S. Bach (uma transcrição do próprio violonista da Ciaccona, da Partita nº 2 para violino que vale a pena conferir), Edvard Grieg, Willy Corrêa de Oliveira e Leo Brouwer. À venda nas lojas Discover e Balalaika, R$ 20,00.

Compre seus CDs pela revista CONCERTO. Ligue (011) 535-5518.

Abril de 97

"Diário Popular" 03/04/97

MESA DE PISTA (– Fmauri Jr –)

● **ROGÉRIO** Perez convida para a abertura da exposição do artista plástico Narciso Conillo, terça-feira no Fran's Café da rua Fradique Coutinho.

● **QUEM** embarcou para Miami foi Zizinho Papa. Lá, encontrou-se com a filha Daniela e zarparam para Nova Iorque.

● **É o DJ** Nando Jones quem está respondendo pelo som no Buffet Detalhes & Complementos, da rua Canadá.

● **OS KOLLERS** — geladeiras portáteis — que a Unimar está lançando trazem rótulos assinados por artistas plásticos de renome. A primeira série veio ilustrada por trabalhos de Gustavo Rosa.

● **A EXPO** Noivas & Casais e o Salão da Festa Infantil irão reunir empresas e profissionais do setor de eventos, casamentos e festas, do dia 23 ao 27, no Expo Center Norte.

● **A EXEMPLO** de vários anos anteriores, a Na'amat Pioneiras monta sua butique no Buffet Baiúca, dias 14 e 15.

● **O INSTITUTO** Cultural Itaú (ICI) lança dia 17 o CD Luiz & Alexandre Levy, uma seleção de 23 composições inéditas dos pianistas que foram precursores da linha nacionalista no fim do século passado.

● **HOJE:** a linha de perfumes Gelatti de O Alquimista é relançada ao som dos versos da poeta Elisa Lucinda, no All of Jazz. A Carmel Acessórios lança nos Jardins coleção de bijuterias inspirada no artista austríaco Gustav Klimt.

Revista "Concerto" – 04/97

16 QUARTA-FEIRA

12.00
Recital de Piano: *Eliana Monteiro*. No programa obras de Mozart, Chopin, Fauré, Prokofieff e Mignone. **Local: Faculdade de Música Carlos Gomes**. Entrada franca.

12.30
Vesperais Líricas. Trechos da ópera **"Sansão e Dalila"** de Saint-Säens. Com *Edinéia de Oliveira* - mezzo-soprano, *Gianco Mylas*- tenor, *Francisco Campos* - barítono e *Carlos Eduardo Marcos* - baixo. Piano: *Vânia Pajares*. Direção artística: Luís Fernando Malheiro. **Local: Teatro João Caetano**. Reapresentação dias 19 às 11.00 no Teatro Arthur Azevedo, 20 às 16.30 no MuBE e 22 às 18.00 no Teatro Municipal. Entrada franca.

12.30
Concertos do Meio-Dia. **Trio Ives**: *Luiz Amato* - violino, *Dimos Goudaroulis* - violoncelo e *Graham Griffiths* - piano. No programa obras de Charles Ives. **Local: Teatro Municipal**. Entrada franca.

20.30
Recital de Piano: *Eudóxia de Barros*. Homenagem ao 70º aniversário do compositor Osvaldo Lacerda. Programa: Ernesto Nazareth - Espalhafatoso, Elegantíssima, Tenebroso, Bambino, Odeon, Carioca, Escorregando e Apanhei-te Cavaquinho e Osvaldo Lacerda - Berceuse de um gato que morreu, Estudo nº 12 e Brasiliana nº 6. Programação: Masp. **Local: Masp - Grande Auditório**. Ingressos: R$ 10,00 e R$ 5,00 (estudantes).

21.00
Temporada Internacional 1997 - 85 anos. Sociedade de Cultura Artística apresenta **Collegium Vocale de Gand** - Coro e Orquestra. Regente: *Phillippe Herreweghe*. Programa: Bach - Paixão segundo São João. **Local: Teatro Cultura Artística**. Ingressos:

21.00
Recital de Piano: *Humberto Ribeiro*, vencedor do I Concurso de Piano Cultura FM - Prêmio Promon. Programa: Beethoven - Sonata op. 2 nº 3 em dó maior; Liszt - Balada nº 2; Bach - Suíte francesa em sol maior e Ginastera - Sonata nº 1. **Local: Sala São Luiz**. Entrada franca, retirar convites na bilheteria. Após o recital haverá um coquetel oferecido ao público por Carlos Siffert, presidente da Promon e Gilberto Tinetti, coordenador do concurso.

RÁDIO E TV

22.00 Rádio USP 93,7 mHz
Violão em tempo de concerto. Entrevista com o jovem violonista Flavio Apro que acaba de lançar seu primeiro CD apresentando obras de Polak, Holborne, Bach, Scarlatti, Grieg, Corrêa de Oliveira e Brouwer. Produção e apresentação: professor Edelton Gloeden.

17 QUINTA-FEIRA

12.30
Concertos do Meio-Dia. **Quaternaglia**, quarteto de violões - *Breno Chaves, Eduardo Fleury, Fabio Ramazzina* e *Sidney Molina*. Programa: Brouwer - Paisaje cubano con rumba; Villa-Lobos - A lenda do caboclo (transcrição de Eduardo Fleury) e Bachiana nº 1 (transcrição de Sérgio Abreu); Bach - Concerto BWV 1065 (transcrição de Fabio Ramazzina); Cunha - Suiternaglia; Stravinsky - Quatro peças (transcrição de Paulo P. Alegre) e Assad - Uarekena. Programação: Masp. Promoção: Mozarteum Brasileiro. Apoio: Institucional: Leis de Incentivo à Cultura dos Governos Federal, Estadual e Municipal. **Local: Masp - Grande Auditório**. Entrada franca.

19.00
Quintas Musicais. **Recital de Piano**: *Edda Fiore*. Participação: *Ticiano Biancolino* e *Yuri Pingo*. Programa a ser determinado. Direção: Henrique Autran Dourado. Coordenação: Eliete G.L. Brancato. **Local: Biblioteca Municipal Mário de Andrade**. Entrada franca.

20.00
Lançamento do CD "Luiz e Alexandre Levy". Piano: *Valdilice de Carvalho*. No programa composições dos irmãos Luiz Levy e Alexandre Levy. **Local: Instituto Cultural Itaú**. Entrada franca. Veja detalhes na seção Lançamentos de CDs.

20.30
Bruch Trio: *Marcelo Jaffé*- viola, *Marta Vidigal* - clarinete e *Aída Machado* - piano. Programa: Max Bruch - Três peças op. 83; Schumann - contos de Fadas e Mozart - Trio K 498. Programação: Masp. **Local: Masp - Grande Auditório**. Ingressos: R$ 10,00 e R$ 5,00 (estudantes).

20.30
Projeto Música Viva. **Recital de Violino e Piano**: *Jorge Salim, Roberto Dante Cavalheiro*, entre outros. Programa

FP\30 –

MUSICA *Valdilice de Carvalho grava peças de salão dos compositores*

Pianista lança CD com obras dos irmãos Alexandre e Luiz Levy

IRINEU FRANCO PERPETUO
especial para a Folha

A pianista Valdilice de Carvalho está resgatando a música paulistana do final do século passado. Seu CD reúne obras dos irmãos Luiz e Alexandre Levy.

São 72 minutos com peças curtas, de salão, como a cantiga sertaneja "Os Bezerro Qué Mamá", de Luiz, e a polca "Recuerdos", de Alexandre. Tudo passa longe das complexidades da forma sonata. A obra de maior fôlego é a suíte "Schumanniana", em oito movimentos, de Alexandre.

Ambos eram filhos de Henrique Luiz Levy, comerciante francês que se estabeleceu em São Paulo, em 1860. Clarinetista amador, ele fundou a Casa Levy, que vendia instrumentos, livros e partituras.

Dos dois irmãos, o mais destacado como compositor foi Alexandre Levy (1964-1892), ao qual a edição inglesa do "Grove", o mais conceituado dicionário musical do planeta, dedica um verbete de 30 linhas.

Menino-prodígio, Alexandre Levy dava concertos e compunha aos 12 anos de idade. Aos 23, foi para a Europa estudar, mas, depois de curto período, retornou a São Paulo, onde tentou, sem sucesso, fundar uma orquestra sinfônica. Morreu aos 27 anos.

Visto como um precursor do nacionalismo, Alexandre Levy, na verdade, tinha como fonte de inspiração não a música folclórica, mas as danças de salão de sua época, como o tango e o maxixe.

Tinha, também, grande admiração pelos mestres europeus. Assim como sua suíte "Schummaniana" evoca o estilo de Robert Schumann, a "Sinfonia em Mi" —à qual o Festival de Campos (RJ) pretende dedicar CD— é dedicada a Mendelssohn.

Luiz Levy (1861-1935) também aprendeu música cedo, mas só se dedicou ao estudo de composição após o falecimento do irmão.

Embora sua música tenha um viés nacionalista, não se envolveu com o modernismo e tocou o negócio herdado do pai praticamente até a morte, em 1935.

Nenhuma de suas obras apresentadas no CD excede a duração de cinco minutos. Há uma paráfrase sobre a "Ave Maria", do "Otello", de Verdi, e muitas danças: valsas e até um "Brazilian Cake-Walk" (popular no final do século passado, o cake-walk era uma dança negra norte-americana, bailada por um casal, de mão dadas).

Reprodução

Capa do CD com composições dos irmãos Alexandre e Luiz Levy

CD: Luiz & Alexandre Levy
Preço: R$ 16, em média

"Folha de S. Paulo"
26/03/97

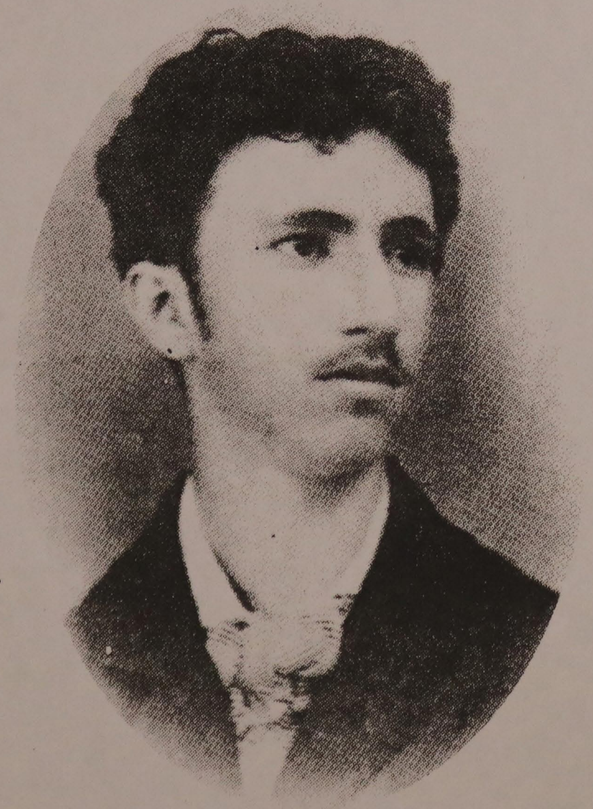
 - Jornal "Resenha Judaica" - São Paulo, 13/06/97

Memória resgatada

Os compositores paulistanos Alexandre e Luiz Levy, apontados como prodígios no século passado, estão de volta em gravação da pianista Valdilice de Carvalho

Um novo CD da pianista Valdilice de Carvalho resgata o legado musical dos irmãos Luiz e Alexandre Levy, nascidos em São Paulo na década de 1860. Filhos do comerciante judeu francês Henrique Luiz Levy, que aportou no Brasil em 1860, cerca de cinqüenta anos antes da chegada da maior parte dos imigrantes judeus, eles foram, em sua época, intérpretes e compositores célebres que desfrutaram de grande popularidade.

Henrique Luiz Levy estabeleceu-se em São Paulo, logo que aqui chegou, abrindo uma loja de instrumentos musicais e de partituras. Logo conquistou a simpatia (e a clientela) de todos os amantes da música desta então distante província.



Alexandre Levy

Um dos mais ilustres frequentadores da Casa Levy, onde não só se comercializava material musical, mas onde os melômanos se reuniam para longas conversas, saraus e recitais, foi o maestro e compositor Carlos Gomes.

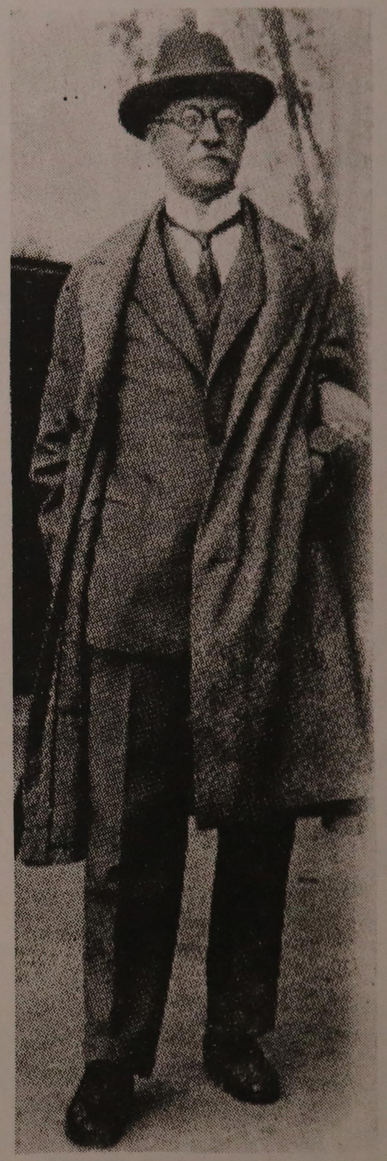
Casado com a suíça Laurette Chassot, Levy teve quatro filhos. Os dois primeiros - Luiz, nascido em 1861, e Alexandre, nascido em 1864 - cedo interessaram-se pela música, apresentando-se ao piano, primeiro na casa dos pais, mais tarde conquistando fama na cidade, e tornando-se presença obrigatória nos melhores salões.

A música de Alexandre Levy, tragicamente morto aos 27 anos de idade, e que chegou a estudar por cinco meses em Paris, antecipa-se aos caminhos que tomaria a composição brasileira no século 20 na medida em que combina influências do folclore local com o romantismo tardio europeu. Sem dúvida teria um destino brilhante se sua vida tivesse sido mais longa. Seu legado musical, ainda que reduzido, é consistente e original.

Seu irmão Luiz, cuja obra era menos original, compôs peças leves, que poderiam ser classificadas como música de salão do fim-de-século, daquele gênero que se ouvia nos suntuosos *halls* de hotéis em estações balneárias, ou em luxuosos restaurantes.

Embora de interesse menor do ponto de vista musical, as obras de Luiz Levy incluídas neste CD são um testemunho de época, e um interessante resgate de nossa memória musical.

Luiz e Alexandre Levy.
Piano: Valdice de Carvalho
CD à venda diretamente na Revista Concerto
Tel.: (011) 535-5518s



Luiz Levy (Caxambu MG, 1925)

Dança "carnavalesca" dos caiapós
festa de negros de S. Paulo.

Dança do caiapó: origem do carnaval popular paulistano

O caiapó, dança e música de protesto executada por negros fantasiados de índio, com origem no século XVIII, e até hoje executada em algumas cidades do Interior, marca o início do carnaval popular paulistano.

Olga R. de Moraes von Simson

Professora na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas — Unicamp

Quando iniciei minhas pesquisas sobre o carnaval paulistano junto ao Centro de Estudos Rurais e Urbanos, nos idos de 1976, o primeiro desafio que se apresentou foi a quase completa ausência de obras abordando tal assunto, fossem elas de caráter científico, folclórico ou mesmo da imprensa em geral. Excluindo-se um artigo de Wilson Rodrigues de Moraes sobre as escolas de samba de São Paulo, publicado em 1971 na *Revista do Arquivo Municipal*[1], nada de mais consistente encontrei a respeito do carnaval da cidade de São Paulo.

Com o apoio do CERU, resolvi então organizar a 1ª Jornada de Especialistas de Carnaval Brasileiro[2] reunindo nos dias 26, 27, 28 e 29 de setembro de 1977, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, folcloristas, jornalistas, estudiosos e pesquisadores que, em alguma data e de alguma maneira, haviam se preocupado com o tema carnaval para, através de discussões e trocas de experiência, resgatar informações a respeito dos próprios folguedos, sobre obras importantes mas desconhecidas, sobre possíveis informantes, além de visões diferenciadas enfocando aspectos diversos da Festa de Momo no Brasil.

No caso específico da minha pesquisa, que pretendia abordar a memória histórico-sociológica do carnaval paulistano, a informação mais importante que resultou desses quatro dias de discussões foi a de que o fundador do primeiro cordão carnavalesco da cidade de São Paulo — Dionísio Barboza — ainda se encontrava vivo, com mais de oitenta e cinco anos, mas muito doente e que seria da maior importância entrevistá-lo o mais breve possível.

Contando, mais uma vez, com a infra-estrutura do Museu da Imagem e do Som, que já havia apoiado a realização da Jornada Carnavalesca, organizei uma entrevista na própria casa de Mestre Dionísio, pois suas condições físicas impediam uma tomada de depoimento no estúdio do museu, o que certamente possibilitaria melhores condições técnicas de registro audiovisual. Convidei para a realização dessa coleta o estudioso de cultura e música popular José Ramos Tinhorão, que havia sido uma das pessoas que mais insistira na necessidade urgente de sua realização.

E assim, munidos de toda aparelhagem eletrônica e acompanhados dos técnicos do MIS, nos dirigimos, no dia sete de novembro de 1977, à pequenina casa de Dionísio Barboza, situada no Alto da Casa Verde, em São Paulo. Nosso entrevistado, a princípio, assustou-se com muitas pessoas estranhas e tanta aparelhagem desconhecida, apesar de estar avisado e haver concordado em nos conceder uma entrevista. Depois de meia hora de conversa, entretanto, ele se animou e passou a nos conceder um depoimento que reputo fundamental para o entendimento da origem e do desenvolvimento dos folguedos negros em nossa cidade, neste século.

O relato de Nhonhô da Chácara, apelido afetuoso que os membros do Cordão Camisa Verde deram ao seu dirigente, se estendeu por mais de duas horas retraçando as variadas influências culturais recebidas por ele e seu grupo que resultaram na criação do cordão, um folguedo original e tipicamente paulistano; as dificuldades iniciais em termos de recursos, apoios e incentivos e o grande problema da repressão policial aos folgares negros, sempre presente numa cidade voltada primordialmente para o trabalho industrial e majoritariamente habitada por elementos brancos e de origem estrangeira.

Ao fim de nossa longa conversa e estando Mestre Dionísio muito feliz, embora cansado, pois o enfisema pulmonar e a bronquite que o vitimaram muito dificultavam a emissão do seu relato, ele nos disse: "— Dona Olga, se o que a senhora quer saber é o carnaval dos oitocentos, então não é cordão. O carnaval dos oitocentos é o carnaval do meu pai, não é cordão é caiapó. Venha conversar um outro dia que lhe conto o que era caiapó."

Acertei então uma outra visita, que lhe faria sozinha, dali a uns quinze dias, para que ele me iniciasse nos mistérios do caiapó. Mas esse segundo relato nunca pôde ser registrado, pois a saúde de Seu Dionísio piorou, ele foi internado numa casa de saúde e acabou falecendo em janeiro de 1978, sem me contar como teria sido o carnaval de seu pai.

Os filhos, parentes e amigos de Nhonhô da Chácara, conscientes da preocupação do velho folião por não poder terminar seu relato sobre os antigos carnavais, ainda organizaram uma sessão de gravações na casinha simples do Alto da Casa Verde quando, pedindo a ajuda do velho folião ausente, tentaram retraçar aspectos do carnaval negro não abordados no relato anteriormente gravado, mas nenhum deles soube me dizer o que teria sido a apresentação dos caiapós no carnaval paulistano do século XIX.

Em face desse enigma carnavalesco e ante a inexistência de outro informante que, tendo vivenciado os fatos, pudesse esclarecer minha enorme curiosidade, pus-me a campo buscando em obras de folcloristas, memorialistas, cronistas urbanos, historiadores e estudiosos da cultura popular as pistas que possibilitassem a montagem do mosaico que me levaria à explicação da verdadeira origem dos folguedos carnavalescos negros da cidade de São Paulo.

Minhas pesquisas mostraram que a dança dos caiapós foi a primeira manifestação pública, de caráter lúdico, dos "negros crioulos"[3] da cidade de São Paulo. Esse folguedo, surgido ainda no período colonial, já trazia entretanto em seu bojo um caráter de denúncia da forte repressão sofrida pela população pobre e de cor na São Paulo de então.

Dança realizada pelos negros crioulos, os caiapós eram, na verdade, um auto dramático que narrava a história da morte de um pequeno cacique indígena, atingido pelo homem branco. Mas as artes do pajé da tribo conseguiam trazer novamente à vida o pequeno curumim, para alegria e regozijo dos indígenas. Essa pequena história era representada sem o uso de uma palavra sequer, somente através de gestos e danças realizadas ao som de instrumentos rústicos de percussão.

A hipótese explicativa mais provável é a de que os negros da São Paulo dos séculos XVIII e XIX, na impossibilidade de denunciar a repressão sofrida por eles próprios, de parte dos brancos escravocratas, elaboraram um auto dramático onde o caráter repressor dos portugueses e mamelucos ficava evidenciado e era até sobrepujado pelas artes dos próprios dominados. Vestindo-se com uma roupa de malha grossa bege e levando enfeites de penas coloridas na cabeça e na cintura, colocavam na rua, de forma didática, a dominação sofrida por outro contingente populacional ainda mais reprimido do que eles mesmos: "os negros da terra", como então eram denominados os indígenas, vítimas de longa data de apreensão e escravidão pelos bandeirantes paulistas.

Dentre os vários grupos tribais também é significativo o fato de os caiapós terem sido os escolhidos para serem representados, pois tais silvícolas se notabilizaram como um dos grupos mais rebeldes que muita dificuldade contrapôs aos paulistas nas minerações de Minas Gerais e Goiás e sempre opuseram muita resistência à dominação bandeirística. Assim explica Mário de Andrade a escolha dessa nação indígena que nunca habitou terras paulistas: "Como compreender também haja em São Paulo uma dança de caiapós muito generalizada? Esses são índios que jamais existiram por aqui. É possível imaginar uma tradição bandeirante nisso, pois foi feroz e longa a luta dos bandeirantes para dizimar os caiapós que impediam e destruíam o trabalho da mineração entre a vila de Goiás e as Minas Gerais. Foi até nisso que se celebrizou Antônio Pires de Campos, o Moço. É o que me parece. O fato de ter se generalizado em São Paulo a dança dos caiapós é uma tradição bandeirante, sem caiapós legítimos, pura transfiguração artística[4]."

Essa dança foi realizada ao longo dos séculos XVIII e início do XIX durante as pomposas procissões coloniais, ocasião em que a população normalmente dispersa do burgo paulistano se reunia na cidade para assistir aos cortejos que, por essa época, possuíam um caráter misto profano-religioso. A dança dos caiapós, apesar de ser realizada pela população pobre e negra da cidade, era aceita nesses cortejos solenes e colocada como abertura dos mesmos, porque funcionava como atrativo, chamando e reunindo o povo para assistir e acompanhar as procissões.

Em meados do século XIX, entretanto, seguindo orientação vinda da Metrópole (onde também danças de negros costumavam abrilhantar as procissões solenes) no sentido de banir tais divertimentos dos cortejos processionais, pois não condiziam mais com o espírito de tais manifestações religiosas, os caiapós foram proibidos de desfilar nas procissões paulistanas. Inconformados, os organizadores da dança tentaram obter permissão da Câmara Municipal para realizar o folguedo nos adros das igrejas de São Francisco e São Benedito, de São Bento e do Rosário, depois que a procissão já tivesse se recolhido ao templo. Essas permissões eram ora concedidas, ora negadas, mas a partir de meados do século passado a dança foi completamente banida do âmbito religioso e passou a ser encarada como coisa de "gente ruim", tendo de buscar novo espaço no calendário festivo da cidade.

Roger Bastide, em *Sociologia do Folclore Brasileiro*[5], já explicava que o carnaval com sua abrangência e caráter de liberalidade funciona como um ímã, atraindo as manifestações folclóricas que já não encontram ressonância na sua data tradicional. Assim, os "negros crioulos" da Paulicéia transferiram sua dança, a partir do decênio de 1890, para o período carnavalesco, transformando-a no primeiro folguedo de caráter popular surgido no carnaval paulistano. Ela foi também a primeira manifestação carnavalesca de caráter genuinamente brasileiro, pois os folguedos carnavalescos até então realizados na São Paulo oitocentista não passavam de cópia de práticas carnavalescas européias. Tanto o entrudo que vigorara até meados do século XIX, aqui introduzido pelos colonizadores portugueses, como o carnaval veneziano, organizado pela facção mais boêmia da burguesia a partir de 1880, não representavam criações carnavalescas locais, sendo que "para divertir o povo" as camadas elevadas chegaram a importar fantasias e até os planos para a confecção dos carros alegóricos dos seus luxuosos préstitos.

Mestre Dionízio, em seu depoimento, nos contou que seu pai, um Mestre carpina baiano de pura raça africana, tendo vindo da Bahia na época da expansão cafeeira, aqui se casou com sua mãe, uma bugre da aldeia de Conceição dos Guarulhos, se tornando conhecido como um grande dançador de caiapó. Concluiu afirmando: "Eu ainda vi os últimos caiapós que saíram no carnaval, isso foi em 1905 ou 1906." Jorge Americano, um dos memorialistas mais ricos em detalhes sobre a cidade de São Paulo, descreve em *São Paulo naquele tempo*[6] uma apresentação de caiapós e permite estimar que aproximadamente até 1910 esse folguedo desfilou durante o tríduo de Momo.

A simplicidade de sua apresentação com disfarces muito pobres e dança sem música e acompanhada apenas por instrumentos de percussão, além da pecha de "dança de gente ruim", os colocava em grande desvantagem quando comparados com os préstitos luxuosos das Grandes Sociedades Carnavalescas, então em pleno apogeu com seus carros alegóricos e de crítica, com comissões de frente a cavalo e bandas de música executando marchas, valsas e trechos de ópera. Os pobres dançarinos dos caiapós passaram então a ser ridicularizados, perseguidos e até mesmo agredidos pela população paulistana, ávida por um carnaval cheio de novidades luxuosas de sabor europeu[7].

Por volta de 1910, o folguedo desapareceu da cidade, que crescia e se modernizava rapidamente, mas ainda permanece até hoje em centros urbanos situados em zonas mais pobres do Estado como em Ilhabela durante o carnaval ou em Ubatuba, Piracaia,

tos de sopro, o instrumental das escolas de samba baseou-se, desde logo, na percussão: a "bateria" passível de improvisar com barricas sobre as quais se estendia o couro que a ausência de tarrachas obrigava a distender pelo caminho, esquentando-se em pequenas fogueiras de papel.

Numa comunidade pobre — e este foi o característico folclórico básico das escolas de samba, em seu início — a organização da escola de samba teve de repousar, necessariamente, na solidariedade de grupo.

O exemplo da primeira escola de samba, a Deixa Falar (que ainda conta com alguns dos seus fundadores vivos, para comprovar a afirmação), bastaria por si só para demonstrar esse fato. Segundo depoimento de Ismael Silva ao cronista Sérgio Cabral, em 1961, os componentes da primeira escola de samba pagavam mensalidades de cinco mil-réis para a formação de um fundo destinado a custear a fantasia daqueles que não possuíam o mínimo de disponibilidade financeira para o seu próprio trajo. Foi com o passar dos anos, após ligar-se à vitória das escolas de samba, que surgiu a idéia de criar o livro de ouro, destinado a recolher entre os comerciantes vizinhos e particulares mais liberais uma ajuda em dinheiro para a compra de material.

Desejo de ascensão social

De envolta com o entusiasmo pela vitória carnavalesca por parte desses agrupamentos humanos das camadas mais baixas, havia desde logo um sentimento que jamais foi posto em destaque por qualquer estudioso: o desejo ideal de ascensão social.

A própria humildade das profissões dos componentes das escolas de samba, durante a parte do ano entre a Semana Santa e o período das Festas, levava-os a congregarem-se para conseguir, durante o carnaval, o momento de glória das suas vidas obscuras. É essa a razão que explica o fato de o cenógrafo Newton de Sá, responsável pela execução do enredo "Quilombo dos Palmares", ter encontrado em 1960 a maior dificuldade para conseguir um grupo de pretos do Salgueiro dispostos a sair fantasiados de escravos, com tangas de algodão. É essa razão que explica a moderna tendência das mesmas escolas de samba de procurarem nos temas históricos os capítulos mais capazes de lhes permitir a encarnação de uma era idealmente esplendorosa, através dos enredos de casamentos de príncipes e dos bailes da Corte, na Ilha Fiscal.

Foi para atender a esse desejo de afirmação, numa sociedade em que constituem a base da pirâmide social, que os integrantes das escolas de samba cederam inicialmente à orientação da Ditadura, no sentido da escolha de temas glorificadores das próprias elites que lhes haviam escravizado os avós. Enquanto durou o Estado Novo, (1937-1945), os temas das escolas de samba envolveram, de maneira quase invariável, episódios da Guerra do Paraguai, com suas figuras representativas: Barroso, Caxias, Tamandaré, Marcílio Dias, naturalmente, por uma necessidade de preencher o vazio entre as elites e o povo, na longa descrição da História pátria nos compêndios dos ginásios.

O samba
do R
perfei

Ingenuidade fundamental

Essa grande ingenuidade — que constitui o traço fundamental do que se chama pureza, em matéria de escola de samba, enquanto fenômeno de cultura popular — essa grande ingenuidade do ideal de ascensão social pela alegoria carnavalesca é que ia constituir, exatamente, o ponto de partida para a rápida desagregação das escolas de samba.

Com o aumento do número dos figurantes, de ano para ano, e a crescente proliferação das próprias escolas de samba (conseqüência da expansão da cidade, após a última grande guerra), a direção desse tipo especial de associação carnavalesca passou, pouco a pouco, direta ou indiretamente, dos próprios sambistas para elementos capazes de financiar o alto custo das apresentações: comerciantes, bicheiros e industriais.

Paralelamente, a decadência geral do carnaval de rua, a partir da década de 40, fez surgir o fenômeno da escola de samba como o espetáculo capaz de atrair os turistas à cidade, durante o carnaval. Essa expectativa serviu para oficializar a festa, e o brilho sempre crescente das apresentações começou a encaminhar a intenção dos enredos para o caminho do "show", despertando já agora o interesse das camadas médias da po-

palanques armados pelo Estado.

Assim, embora a infra-estrutura da escola de samba, como organização carnavalesca herdeira de um velho estilo, ainda continuasse a funcionar na base da solidariedade de grupo (costureiras e artesãos tabalhando de graça para a escola, fora das horas do seu trabalho normal), a sua superestrutura — ou seja, as suas diretorias — deixavam-se dominar pela febre da disputa na base do desfile-show. Ora, como no atual estado da comunidade em que se criam as escolas de samba não se encontram no próprio meio os artistas e artesãos capazes de "elevar" o nível artístico das alegorias, para o sobrepujamento do rival, a tendência normal foi para o que viria a se revelar numa forma de suicídio: o apelo à colaboração de artistas de cultura erudita.

Artista erudito mata a escola

Esse fenômeno novo, que data historicamente de 1960, quando o então presidente do Salgueiro, Sr. Nélson Andrade, contratou os serviços dos cenógrafos Fernando Pamplona, Arlindo Rodrigues e Newton de Sá, marcou a tentativa impossível de mistura de duas culturas: uma, popular urbana, com raízes folclóricas; e outra, erudita, com raízes internacionais.

primeiras críticas, os profissionais da classe média interessados na promoção pessoal dos seus trabalhos, através do desfile das escolas de samba, afirmaram o seu direito de participação, declarando que a experiência resultaria na "elevação" do nível das escolas e o apuramento do gosto dos seus próprios elementos. Desde logo, porém, cenógrafos, escultores e figurinistas esqueciam-se de que os seus desenhos, figura e fantasias — pressupondo um substrato cultural formado ao longo de cursos e leituras — eram despejados nas escolas às vésperas do carnaval já elaborados, cabendo aos crioulos vestir os trajes e empurrar as carretas.

A partir daí, numa sucessão de equívocos, os componentes das escolas de samba aceitaram a tese suicida da sua cultura, segundo a qual as inovações e o sucesso alcançados perante o público das avenidas lhes pertencia. Como em tantos casos — o da apropriação do samba tradicional pela bossa nova — é um deles — a grande ilusão da massa humilde foi acreditar que da sua união com a classe média lhe poderia advir algum benefício. E o carnaval do IV Centenário aí serviu para provar esta verdade.

Graças a verbas oficiais liberadas às pressas para ajudar nas despesas, graças a doações dos seus mecenas locais e às contribuições

O fim das escolas

Quando o grosso dos componentes das escolas de samba se indignar com isto — o futuro dirá se não —, a costureira, o artesão, os autores do samba premiado, os passistas e pastoras mais salientes vão chegar para o presidente da escola e dizer:

— Como é que é, seu fulano. Todo mundo tá levando o seu. Eu também não vou levá o meu?

Nesse momento (daqui a pouco, agora) estará destruído o princípio básico da solidariedade de grupo que repousa na gratuidade da manifestação de cultura popular representada pelas escolas. As escolas de samba estarão mortas (já agonizam, olhem só o brilho mortal nos olhos cúpidos dos que desfilam por dinheiro) e perderão a sua raiz folclórica, subindo ao céu da arte erudita e da promoção comercial ante as palmas da classe média — como um balão de gás.

E os crioulos? Bem, esses quarta-feira de cinzas despem o manto diáfano da fantasia, envergam a calça furada da realidade, e vão pegar o trem da Central correndo — que o patrão é fogo!

José Ramos Tinhorão é jornalista e historiador da música popular brasileira, sobre a qual já publicou 10 livros. Endereço do autor para correspondência: Rua Maria Antonia, 77 ap. 37 — 01222 — São Paulo - SP.

Há um Século

O Estado de São Paulo

22 de janeiro de 1.892

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Benjamin Constant

Faz hoje um anno que baixou ao tumulo o cadaver do grande patriota Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

A data de hoje é, pois, uma data historica que não deve passar sem uma palavra de commemoração. Benjamin Constant é o patriarcha da Republica e um benemerito da humanidade, porque se o seu poderoso cerebro concebeu a idéa de realisar a sua aspiração politica, o seu coração fel-o organisar um plano de execução profundamente humanitario, o qual não permittisse a effusão do sangue dos seus compatriotas, dos seus irmãos.

Nós não sommos ainda um povo educado sufficientemente para aproveitar os grande exemplos do civismo, de virtude, de amor a Patria; se o fôramos, a vida de Benjamin Constant estaria ha muito estudada, impressa, porque elle foi um exemplo e um modelo de trabalho, de patriotismo, de virtudes publicas e privadas, de abnegação, de desinteresse e de modestia!

Elle esteve sempre entre os que marchavam à frente (...).

Floriano Peixoto

O Marechal Floriano Peixoto visitou hoje a Fortaleza de Santa Cruz.

Sessão tumultuosa

A sessão da camara foi tumultuosa. As galerias intervieram no debate, vaiando José Mariano a maioria das pessoas que assitiram a sessão.

Invasão de Marrocos

Alguns batalhões argentinos de observação na fronteira de Marrocos invadiram o territorio daquelle imperio, a fim de castigar alguns bandos que pretenderam saquear algumas fazendas de cidadãos francezes. O sultão viu nisto uma offensa á sua suzerania e resolveu protestar perante o governo da Republica.

Chile

O paquete "John Elder" naufragou em virtude da forte cerração que reinava quando demandava o porto de Constituição.

Alexandre Levy

Henrique Luiz Levy, sua mulher e filhos convidam aos seus parentes e amigos para assistirem a missa do 7º dia, que mandam celebrar por alma de seu extremoso filho e irmão **Alexandre Levy**, na Sé Cathedral, sabbado, 23 do corrente, ás 8 horas da manhã; e por este acto de religião e caridade antecipadamente se confessam gratos.

Há um Século

O Estado de São Paulo

6 de fevereiro de 1.892

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

O protesto

Appareceu finalmente um protesto contra o acto pelo qual o dr. vice-presidente declarou dissolvido o Cogresso do Estado. Firmam-no quarenta ex-congressistas. Não tem, portanto, grande valor. Já se sabia que, ao menos, elles haviam de protestar...

Ninguém esperava, porém, que o fizessem naquelles termos. O protesto é inepto e indigno.

É indigno porque os ex-congressitas covardemente procuram negar que tivessem batido palmas ao golpe de Estado, quando é certo que esse crime elles praticaram á luz do dia, com ostentação, em sessões publicas de povo paulista revoltado contra humilde subserviencia dos seus pseudo-representantes.

É inepto porque todas aquellas accusações e injurias, antes de subirem á cadeira do vice-presidente do Estado, esparramaram-se pelos individuos que as subscreveram.

O dr. Cesar infringiu as leis da logica, dizem elles, porque dissolveu o Congresso que o elegeu. Os seus poderes, portanto, não são legitimos. (...)

Entrada de immigrantes

Durante o mez de janeiro passado entraram no porto de Santos 2.787 immigrantes, dos quaes são homens 1.627 e mulheres 1.150. São maiores 1.897 e menores 890. Nacionalidades: italianos 2.498, portuguezes 198, hespanhoes 62, francezes 19, allemaes 10.

Falsa noticia

O dr. Cesario Alvim telegraphou dizendo ser falsissima a noticia da proclamação do novo Estado de Minas do Sul.

Trens nocturnos

De ora em deante os trens nocturnos na Estrada Central circularão sómente ás sextas-feiras.

Inglaterra

Lord Salisbury acaba de pronunciar importante discurso em Exeter, protestando contra a propaganda actual dos liberaes dirigidos uniformemente pro Gladstone e Chaberlain.

CASA ALLEMÃ

11, Rua João Alfredo, 11

CHEGOU um novo e rico sortimento CHEGOU

DE

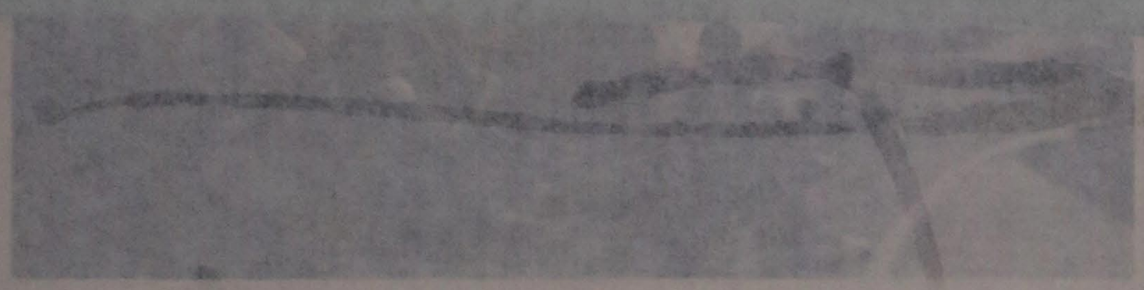
AVENTAES

PARA SENHORAS E CREANÇAS

VESTIDINHOS E CAPINHAS

EM TODAS QUALIDADES E TAMANHOS

OESP - 06.2.1892



Fogo no presídio

RIO — Um incêndio provocado pelos 176 presos do Instituto Penal Edgard Costa, em Niterói, causou danos em seus alojamentos e na biblioteca da unidade. O fogo foi um protesto dos detentos.

sobre crime em Pilar

sendo ouvidas em inquérito aberto pelo delegado de Pilar do Sul, Júlio Guebert. Uma das testemunhas, o estudante Cristiano Rodrigues de Carvalho, de 18 anos, disse que não houve nenhuma reação dos agricultores, que se limitaram a discutir com os PMs.

O juiz corregedor vai decidir se decreta a prisão preventiva do cabo. De acordo com o relações-públicas do CPAI-7, capitão Luiz Antônio Diniz de Almeida, o PM não foi preso em flagrante porque se apresentou espontaneamente a seus superiores e estava na função de comandante interino do pelotão quando cometeu o crime. Ontem, a cidade voltou à calma, apesar de continuar sob o policiamento ostensivo de mais de 100 militares.

Motorista é ferido em Cosmópolis

COSMÓPOLIS — Durante uma ronda noturna em Cosmópolis, a 115 quilômetros da Capital, na semana passada, dois guardas municipais atiraram num Volkswagen que saiu em alta velocidade ao perceber a presença da polícia. Duas horas mais tarde, outro veículo foi alvejado e o motorista Frans Pries ferido com um tiro na orelha esquerda por ter se recusado a parar.

Nos dois casos — que eram mantidos em sigilo pela Polícia Civil — ficou comprovado que os guardas foram os primeiros a reagir a bala durante tentativa de interceptação.

Dos 48 guardas contratados pela prefeitura nos dois últimos anos, pelo menos 10 não participaram de nenhum treinamento antes de ser admitidos, exigência do estatuto da Guarda Municipal.

O delegado Tadeu Britto de Almeida reconhece que há deficiências e confirma que as instruções dadas aos recém-admitidos foram restritas a um breve diálogo. "Os cursos de noções de Direito, técnica policial e os treinamentos com acompanhamento psicológico são responsabilidade da prefeitura", justificou. Ele garantiu, porém, que os fatos ocorridos na semana passada serão investigados.

A chefe de gabinete da prefeitura Isabel Ribeiro Domingues disse que tem encontrado dificuldades para manter o contingente da Guarda. "Há grande rotatividade de profissionais em função dos salários e do baixo nível de instrução dos contratados".

OESP. 7.2.1992

Há um Século

O Estado de São Paulo

7 de fevereiro de 1.892

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Fóra da lei

Termina assim o protesto dos 40: "Nós, abaixo assignados, declaramos o vice-presidente do Estado fóra da lei".

É caso de os cumprimentarmos pela novidade que nos contam...

Fóra da lei! Mas nem o dr. vice-presidente, nem os seus amigos, fazem mysterio disso. Antes de o dizerem os 40, já o tinhamos dito nós, nestas mesmas columnas, e tambem não dissemos cousa nova porque o decreto n. 15 é por si só a mais solemne affirmação de illegalidade. (...)

O que está em duvida é a competencia: o dr. vice-presidente podia sahir da lei para dissolver o Congresso?

Os 40 naturalmente pensam que não, porque fingem estar convencidos de que os poderes do dr. Cerqueira Cesar ainda são os mesmos que, ha tempos, lhe foram conferidos por um processo regular de eleição mas, a maioria do Estado pensa que sim, porque a verdade é que o dr. Cerqueira Cesar deixou de ser o vice-presidente eleito por cerca de trinta votos para ser o acclamado de um povo sem revolução. (...)

Rua B.de Itapetininga

O fiscal da Consolação, C. Vieira Braga, de accordo com o intendente Ricardo Guimarães, conseguiu do empreiteiro do calçamento daquella rua, que fosse feito de preferencia o calçamento do centro dos trilhos.

Regulamento eleitoral

O "Diário Official" começou hoje a publicar o regulamento eleitoral deste Estado.

Emprestimos

O Conde de Burnay foi encarregado pelo governo de Portugal de contrahir um emprestimo para pagamento da divida do Reino, devendo dissolver-se as côrtes depois do emprestimo.

Credito de óbito

Devolveu-se à certidão de óbito do subdito italiano Pascoal Pillegrini ao juiz de auzentes da Serra Negra, a fim de providenciar sobre sua legalisação desse documento.

A' NOTRE DAME DE PARIS

Este importante estabelecimento de modas, confecções e chapéos para senhoras

MUDOU-SE

para o novo predio na mesma rua 15 de Novembro n. 17 A, junto ao edificio do Thesouro.

LANHOSO & BARRETO

Folha S.P. 1990

DO MOVE E DO MELHOR

Loja traz linha alemã para jogador de futebol

As lojas segmentadas, especializadas na venda de roupas para praticantes de determinados esportes, começam a se espalhar pelos Jardins. Apaixonados por futebol, por exemplo, já dispõem da Bace Pro-Sports (Avenida Brigadeiro Faria Lima, 1.541, ☎ 815-3677). A loja vende o que há de mais moderno em termos de vestuário e equipamento para a prática do esporte.

A Bace Pro-Sports representa no Brasil a marca alemã Uhlsport, que fabrica de chuteiras a luvas de goleiro, passando por bolas, uniformes, tornozeleiras e camisetas.

Tecnologia — "As roupas fabricadas pela empresa alemã refletem a última palavra em tecnologia aplicada ao esporte", afirma Eduardo Lorentziades, um dos diretores da loja paulistana da Bace Pro-Sports.

O destaque da linha Uhlsport são as luvas para goleiros, consideradas as melhores do mundo. Uma das novidades é a luva adesiva, que possui látex semicolantes nos dedos e palma da mão. Ainda para os goleiros, as camisas têm aplicações de látex antiderrapante no peito e nos braços, para maior desempenho dos jogadores.

Nomes famosos — Os artigos fabricados pela Uhlsport são utilizados por goleiros como Walter Zenga (da Internazionale, de Milão), Joel Bats (do Paris Saint-Germain, de Paris) e Uli Stein (do Eintracht Frankfourt, da Alemanha). Segundo Lourentziades, "as luvas são as mais bonitas do mercado, além de durarem quatro vezes mais que as outras".

Entre as novidades da Bace Pro-Sports, também estão as bolas de futebol da Uhlsport, costuradas no Paquistão. Ela representa ainda no Brasil as bolas Molten, para vôlei, que estão entre as melhores do mundo.

· GRELHADOS ESPECIAIS
· TEMPERO EXCLUSIVO
· SALADA SELF-SERVICE
Venha Conferir!
ACEITAMOS C. DE CRÉDITO E TÍQUETE
nca, 1033
NE: (011) 853-7708

Sheik Shauk
ESFIHA QUENTINHA
(feita na hora)
A MELHOR DE SÃO PAULO
EXPERIMENTE
E COMPROVE
Experimente outras delícias da cozinha árabe.
Entregas entre Brig. Luís Antônio / Tomás Carvalhal e Tutóia. Grande Parte.
2ª a Sábado das 10:00 às 21:00 hs
Rua Tutóia, 451 ☎ 884-2256

decora seu LAR
VIENA
LUSTRE TIPO TAJIPA
PÁS EM MADEIRA ACABAMENTO EM LATÃO POLIDO
Linha completa de ventiladores Nacionais e Importados p/ residência, comércio e indústria.
Fone: 849-3011 / 573-6944 / 261-4189
FAX: 261-4189

Dia da Morte de Alex

Há um Século

O Estado de São Paulo

17 de janeiro de 1.892

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Censuras injustas

Algumas folhas do interior dirigem censuras ao dr. chefe de policia por ter sido recommendado aos delegados de algumas localidades que procedam rigorosamente contra os individuos que, por ameaças ou boatos alarmantes, procuram perturbar a ordem publica.

Essas folhas perdem o seu tempo porque o dr. Siqueira Campos não é homem que deixe de cumprir os seus deveres com medo do que, porventura, possam berrar os jornaes da pequenina, da insignificante, mas rancorosa opposição que se formaou contra a situação actual.

Emquanto não provarem que elle pratica arbitrariedades, ou que accintosamente se serve do seu cargo para exercer vinganças politicas ou pessoaes, a grita dos despeitados, por mais atordoadora que seja, nem sequer o incommodará.

Para estimulal-o a prosseguir desassombradamente no desempenho da sua difficil, mas honrosa tarefa, com a mesma correcção (...) bastar-lhes-iam a approvação e os applausos de sua propria consciencia.

Casamento civil

Declarou-se ao juiz de paz da Ponte do Tieté, em referencia ao officio: Perante a egreja, deixa de ser reconhecido pela lei, não podendo ser dispensado o acto civil para a legalidade do mesmo.

Estados Unidos

Em um processo em que um homem reclama $1000.000 por perdas e damnos por causa da morte da mulher em um accidente de estrada de ferro, a Companhia da estrada em que se deu esse desastre apresentou como defesa o facto de, na occasião da conccurrencia, estar elle tratando em Chicago de divorciar-se della, pelo que parece antes ficar-lhe agradecido por haver-lhe livrado delle mais summariamente.

Com a Viação Paulista

Pedem-nos chamar a attenção de quem compete providenciar, para a demora que tem havido no assantamento dos trilhos até o Monumento Ypiranga.

PIC-NIC

Na Penha de França

HOJE HOJE

Corridas de cavallos, de velocipedes, á pé, etc. A excellente banda de musica italiana «Giuseph Garibaldi» partirá do largo do Rosario, em bond especial, ás 10 1/2 da manhã, levando os excursionistas a pegarem o trem do festival, que sahirá da estação do Norte ás 11 horas.

HOJE HOJE

BOMBA

Tenente é acusado de atentado a bailarina

CURITIBA — O secretário de Segurança do Paraná, Moacir Favetti, revelou ontem que foi o tenente do Exército Jorge Gedeão Neto, de 27 anos, quem enviou uma bomba para a bailarina Sandra Regina Batista, de 21 anos, no dia 10. O tenente, do 5º Grupo de Artilharia de Campanha Auto-Propulsão (Gacap) de Curitiba, foi namorado dela no ano passado. A explosão da bomba arrancou quatro dedos da mão esquerda da moça, além de feri-la no rosto e nos braços.

O oficial está no Rio para um curso no Centro de Capacitação Física do Exército. A polícia do Paraná já pediu sua remoção para Curitiba, para que deponha em inquérito.

A bomba foi feita com um tipo de pólvora de uso exclusivo das Forças Armadas e a identificação do tenente foi possível graças à investigação que o 5º Gacap vinha fazendo sobre desvio de pólvora no quartel. Ajudou também na apuração o depoimento do outro ex-namorado de Sandra, Altair Neves. Ele contou à polícia ter sido procurado há meses pelo tenente, que queria informações sobre ela.

Gedeão Neto mandou o soldado Cássio Fernandes de Lima entregar o pacote a Sandra. Foi o soldado quem o denunciou aos superiores ao ver notícia do caso na televisão. Segundo a polícia, ele desconhecia o conteúdo do pacote.

De início, a polícia suspeitou do ex-bancário Éber Prestes, de 28 anos, outro ex-namorado da moça, mas exames de sua letra e máquina de escrever deram negativo.

CRIME

Polícia esclarece caso de estupro de menina

GUARUJÁ — A prisão dos bandidos Jaime José Vieira dos Santos, de 24 anos, e Arão Gomes, de 19, anteontem à noite, possibilitou à polícia o esclarecimento do estupro da menina S.M.S., de 11 anos, ocorrido no dia 4, no Guarujá. O caso deixou a população revoltada, principalmente os moradores do bairro Santa Cruz dos Navegantes, onde fica a casa da família da garota, que ontem de manhã reconheceu Jaime e Arão.

No dia 4, S.M.S. andava de bicicleta pelo bairro, quando foi assaltada por Jaime e Arão, que estavam armados com uma faca. Arão fugiu na bicicleta. Jaime levou a menina a um matagal próximo e a violentou. Em seguida, carregou-a para um morro da região, estuprou-a de novo, deu-lhe sete facadas pelo corpo e a empurrou morro abaixo.

A menina caiu às margens da estrada que corta Santa Cruz dos Navegantes e minutos depois foi socorrida por um motorista que táxi que passou pelo local. O motorista a levou para o Hospital Santo Amaro. S.M.S. foi operada e permaneceu por vários dias em estado de coma na Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Já recuperada, a criança foi encaminhada ontem à Delegacia de Polícia para prestar depoimento, assistida por um comissário de menores.

O pai de S.M.S., a cozinheiro Jonas dos Santos, garantiu que está "aguentando firme a situação" e disse que deixa tudo "nas mãos da Justiça". O delegado Tangarelli, que pediu ao Juiz prisão preventiva para Arão e Jaime, informou que o caso vinha sendo apurado desde o dia 4 pelos investigadores Ricardo Gomes e José Carlos Pereira. O próprio delegado tinha ouvido a menina quando ela ainda estava no hospital.

O Esp. 8.1.1992

PASSADO E PRESENTE

Largo S. Bento reunia requinte e modernidade

O Largo São Bento, no Centro, retratava o que havia de mais arrojado na São Paulo do início do século. Serviu como o ponto de partida para os primeiros bondes elétricos — a maioria com destino ao Bom Retiro. As luminárias, com design europeu, davam ao local ar requintado. Os paulistanos costumavam se encontrar nas ruas próximas para esperar os bondes. Homens passeavam pelo largo com calças folgadas e chapéus. As mulheres seguiam a moda européia: vestidos rodados e sombrinhas. Os bondes foram desativados, a igreja ganhou nova construção e o largo hoje é ocupado por ambulantes. Mas a nova igreja e o acesso à estação do Metrô ainda fazem do largo um local especial.

Eletropaulo/Divulgação

1900
Ponto de saída de bondes: paulistanos exibiam moda européia

Júlio Alcântara/AE

1992
Área ocupada por ambulantes: nenhum vestígio do passado

LIQUIDAÇÃO

No Iguatemi, descontos de 50%

Estacionamentos cheios, muita gente olhando as vitrines e tomando sorvete. Mas foram poucos os que saiam com uma sacolinha na mão do Shopping Iguatemi, ontem à tarde. Prova de que as liquidações e descontos oferecidos pelos lojistas não estão convencendo o público freqüentador do mais antigo centro de compras da cidade.

Anúncios de até 50% de descontos, nas compras à vista, podem ser observados nas vitrines de muitas lojas dos três pisos. "Balela", resumiu a estudante Virgínia Salles, de 22 anos, que conferia os preços enquanto desfilava num microvestido preto. Virgínia tinha certa razão. "Saldos de Natal: descontos de até 50%", estava estampado na vitrine da Jeans Store. Preço de uma calça Levi's 501: Cr$ 63.250,00. No mesmo shopping, uma calça jeans da badalada grife Zoomp pode ser comprada por Cr$ 36 mil.

As lojas de moda masculina são as que dão mais descontos no Iguatemi, mas nem por isso vendem mais que as dedicadas às mulheres. Uma camisa de linho na Bruno Minelli, com 40% abaixo do preço "normal", sai por Cr$ 84 mil, enquanto que na TNG paga-se Cr$ 49 mil, descontados 50%. Um costume de linho na Brooksfield custa Cr$ 250 mil à vista, metade do preço para pagamento com cartão de crédito.

De férias por São Paulo, a cearense Mariana Alves, de 27 anos, gastou Cr$ 26 mil na Fiorucci "só para não passar em branco". Comprou uma bermuda jeans por Cr$ 15 mil e uma camiseta branca por Cr$ 11 mil. "É que em Fortaleza sairia bem mais caro", explicou Mariana.

dos. Ele
cionamer
de para 1
dois subt

Pesquisa –
ping fez u
vembro p
de seus c
primeira
briu que
Jardim S
nos uma
"Nosso o
ver um t
lhedor e p
rente par
explica
rente-ger
A emp
vares, de
cal como
e lazer. "
esse luga
perlotad
cutivo M
de 47 an
menos u
Jardim S
shopping
própria
"Existe
mais cen
so ainda
atendim
ping", af
çar, ele
pras no s
riavelme
ações rá

HÁ UM SÉCULO

O Estado de São Paulo

20 de setembro de 1.891

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Questão bancária

O que dizem de nós, os argentinos *El Diario*, de Buenos Ayres, em uma noticia a que deu a epigraphe *A questão bancaria no Brasil*, affirma o seguinte:

"Uma interessante discussão travada no congresso brasileiro com relação á crise financeira e bancaria está assumindo naquella Republica proporções assustadoras.

No seio do parlamento fallou-se do Banco da Republica como de uma cousa mal organisada, mal dirigida e mal amparada. Discutiu-se esse banco como se não tratasse de um estabelecimento de credito a que estão ligados os interesses financeiros do Estado, e essa discussão produziu, como era natural, seria estremecimento na confiança publica, acreditando-se geralmente que tudo segue caminho de uma verdadeira *degringolade*.

Hespanha

A innundação na Hespanha toma espantoso desenvolvimento, tendo attingido Almeria, Benhoir e Badajoz. As chuvas continuam torrenciaes, submergindo casas, fazendo avolumar as aguas de insignificantes riachos que acham-se transformados em rios caudalosos.

20 de setembro

Celebra hoje a Italia mais um anniversario da gloriosa data da sua unificação, ideal querido e affagado de todos os seus filhos. (...) a laboriosa e importante colonia italiana, residente em S. Paulo, as nossas saudações pelo dia de hoje.

Silva Jardim

Na proxima terça-feira, em Santos, uma commissão composta de amigos do grande patriota dr. Silva Jardim vae collocar o seu retrato no paço da intendencia municipal daquella cidade.

Vaccinação

O senador Silvano Brandão apresentou um projecto ao senado mineiro creando um instituto vaccinico na capital e estabelecendo a obrigatoriedade da vaccinação e revaccinação.

Palcos e Circos

A bella opereta original de P. Fernier, musica do maestro Varney, *Os mosqueteiros no convento*, ante-hontem representada no theatro S. José pela companhia Maresca, teve um desempenho muito desigual por parte dos artistas da *troupe* italiana.

Companhia Nacional de Salinas

MOSSORO' ASSU'

Esta companhia tendo iniciado a exploração de extensas salinas nos Estados do Rio de Janeiro, (**LAGÔA DE ARARUAMA**) e Rio Grande do Norte, (**MOSSORO', MACAO E GUAMARÉ**); participa a quem possa interessar que ja possue avultados depositos de sal escuro, claro grosso, claro fino, proprios para a salga de carne ou peixe e, assim como para pastos e outros misteres.

A preços moderadissimos acceita encommendas em sua séde e agencias em Macáo e Cabo Frio.

Para informações mais detalhadas dirigir-se á directoria, á rua Theophilo Ottoni n. 28, no **RIO DE JANEIRO.**

a Constituição

de autonomia didática, científica, administrativa e de gestão financeira, patrimonial e de recursos humanos, obedecendo ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

§ 1º As universidades públicas serão entidades com natureza jurídica própria.

§ 2º Dos recursos destinados à educação, a União alocará parcela fixa às universidades que arcarão com as despesas de seu pessoal ativo, inativo e respectivos pensionistas.

§ 3º Nos orçamentos das universidades públicas, não poderão ser utilizados mais de oitenta por cento nas despesas com pessoal.

§ 4º Na execução de sua autonomia, as universidades públicas poderão admitir professores, nas mesmas condições que brasileiros.

§ 5º A remuneração de que trata o parágrafo anterior é extensível às entidades e órgãos públicos de pesquisa e desenvolvimento científico, cultural ou tecnológico.

.....

Art. 3º Até 31 de dezembro de 1993, serão instituídos, na forma da lei, a programação de investimentos públicos e o refinanciamento das dívidas de que trata o § 1º deste artigo, contraídas pelos Estados, pelo Distrito Federal e seus respectivos órgãos e entidades de administração indireta, inclusive as empresas por eles controladas, direta ou indiretamente, e as concessionárias estaduais de energia elétrica:

I — Os recursos de que trata o art. 159, inciso I, alínea "c", destinados aos Estados que compõem as Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, incluse o Distrito Federal;

II — Até quinze por cento da arrecadação dos impostos a que trata o caput do art. 155 da Constituição serão destinados a todos os Estados e ao Distrito Federal, observando-se o disposto no § 1º do referido artigo, sendo proibida de destinação dos restantes setenta por cento dos recursos arrecadados;

III — oitenta por cento do montante dos recursos referentes às deduções para fins de investimento no Programa de Integração Nacional (PIN), no Programa de Redistribuição de Terras e Estímulo à Agro-Indústria do Norte e do Nordeste (PROTERRA) serão destinados aos Estados onde tais recursos vinham sendo utilizados;

IV — vinte por cento dos recursos de que trata o art. 158, inciso IV, da Constituição.

§ 1º — Serão refinanciadas as dívidas vencidas até 30 de junho de

ras públicas devidas à União, ao Banco Central do Brasil, ao Instituto Nacional do Seguro Social, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), bem como aquelas decorrentes da emissão de títulos da dívida pública mobiliária dos Estados e de operações de crédito externo.

§ 2º — O rateio, entre as unidades destinatárias, dos recursos a que se referem os incisos I e III deste artigo, observará a proporcionalidade do respectivo coeficiente individual de participação dos Estados e do Distrito Federal.

§ 3º — Fica a União autorizada a reter e compensar os recursos de que tratam os incisos I a III deste artigo, em pagamento de seus créditos.

§ 4º — O disposto no art. 150, inciso III, "b", não se aplica aos tributos instituídos ou alterados, de acordo com a Reforma Tributária que será proposta pelo Poder Executivo até 31 de dezembro de 1992.

Art. 5º Fica a União autorizada a instituir, por lei ordinária, imposto incidente na quitação de contrato de financiamento habitacional, sobre os ganhos auferidos pelos mutuários em decorrência do não pagamento do saldo devedor remanescente.

Parágrafo único. O imposto de que trata este artigo incidirá sobre os ganhos relativos aos contratos em curso na data de publicação da lei que o instituir.

Art. 6º O servidor ou o segurado que, na data da promulgação desta Emenda, contar, de forma exclusiva ou recíproca, com trinta anos, se homem, e com vinte e cinco, se mulher, de serviço público, ou de contribuição à Previdência Social, terá assegurada a aposentadoria aos trinta e cinco anos, se homem, ou aos trinta anos, se mulher, independentemente da idade, nos termos da legislação anterior.

Parágrafo único. Na hipótese deste artigo, facultar-se-á aposentadoria proporcional, nos termos da legislação anterior, após trinta anos de trabalho, ao homem, e após vinte e cinco, à mulher.

Art. 7º As Assembléias Legislativas dos Estados adaptarão suas Constituições às disposições contidas nesta Emenda Constitucional no prazo de até noventa dias, contados da data de sua promulgação.

Art. 8º A União, os Estados, o Distrito Federal e os municípios aprovarão, em noventa dias, no âmbito das respectivas competências, a lei de que trata o § 1º do art. 40.

Art. 9º A União adaptará, no prazo de noventa dias, mediante lei, o plano de benefícios da Previdência Social, as modificações contidas no

Há um Século

O Estado de São Paulo

1 de novembro de 1.891

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

A Republica e os boatos

Dizia toda a gente, ainda ha muito tempo, com referencia á persistente baixa do cambio, estanque-se a fonte do papel moeda, equilibre-se o orçamento e inaugure-se uma éra de rigorosas economias, que o cambio forçosamente ha de subir, porque então a Republica estará definitivamente firmada no conceito publico.

Pois bem, estancou-se a fonte do papel moeda, equilibrou-se o orçamento e, congressistas e governo, divergentes em pontos de doutrina, puseram-se de accôrdo para restringir quanto possivel as despezas publicas.

Mas, o cambio não sobe, o cambio desce todos os dias. (...) a enorme alta dos generos de primeira necessidade, as difficuldades da vida para as classes pobres e a insinuação malevolamente espalhada é que faz o cambio baixo e alto o preço dos generos.

E a Republica estará definitivamente perdida se esta insinuação malevola encontrar acolhimento no povo, porque não ha instituição que possa viver contra a vontade de um povo que receia a fome.

É por isso que pedimos ao governo que se revista de energia.

Reunião operaria

Realisa-se hoje no centro do Partido Operario uma reunião de operarios a fim de tratarem de dirigir uma representação aos poderes publicos sobre as difficuldades que a actual crise traz á classe.

Quintino Bocayuva

O sr. Quintino Bocayuva terá hoje á noite uma conferencia politica com o presidente da Republica.

Banquete politico

Senadores e deputados projectam um banquete politico que em breve será offerecido aos srs. presidente e vice-presidente da republica e membros do ministério.

Nucleos coloniaes

Foi concedido ao Visconde de Arcozellos prorrogação de um anno para a fundação de nucleos coloniaes.

Primeira communhão

Como encerramento do mez do Rosario haverá hoje na matriz de Santa Ephigenia communhão geral.

O UNICO IMPORTADOR
NO ESTADO DE S. PAULO
DOS
PIANOS BECHSTEIN
e' Luigi Chiarelli
21, RUA DO BRIGADEIRO TOBIAS, 21

■ Carta nº 1146

Canalização de c

Agradeço pela matéria publicad ção sobre o córreg lo à Rua Diaman teus, na Vila Sou e objetiva, a ma uma visão ampla blemas desse local palmente em époc sa, quando os m têm suas casas in pela sujeira, que tada pelas águas coamento. Achei a ta de dona Célia N res, assessora de i da Regional da F do Ó, insatisfatór sessora nem seq que a rua tem t de esgoto, e que o mos foi a canali córrego. Tive a i de que esta senh conhece o local m do. Pedro José S lhardo — Lapa

Lígia Dinelli, d soria de imprensa ministração Regi Freguesia do Ó, de:

"Esta regional nã ção orçamentária pa ção de galerias em t ja: não há recursos para novas obras d ção. O córrego, nos metros iniciais, deve galeria moldada, obr à Secretaria de Vi que, em comunica informou não dispo sos para esse empre No que diz respeito tação dos restantes finais de extensão da a mesma deverá ser em conjunto com a da galeria. Quanto a danificadas, cabe ao complementar as in pois não está claro s foram causados por Avenida Inajar de S expansão de serviços concessionária, ou me municipalidade, uma mencionada via está tada há mais de cinco

AGENDA

■ **Finados** — Amanhã, dia de Finados, realiza nos dias 9, 23 e 30 o curso "A moeda: um documento para o conhecimento das sociedades antigas". Com aulas aos sábados, das 10 às 12 horas, o curso aprentará ensinamento especializado sobre aspectos do estudo das moedas, como história, técnicas de fabricação e circulação. Qualquer pessoa interessada pode participar. Rua 24 de Maio, 247 534.

espiritual

UTILIDADE PÚ

Fina

■ **Operação fin** como irão f ços no feria de Finado

■ **Cemi** dur 19

erior

oping center

Roberto de Biasi/AE

lana: preços
dos em dólar

MOGI DAS CRUZES

Cooperativa entrega telefonia para CTBC

MOGI DAS CRUZES — A Cooperativa Rural de Telecomunicações de Mogi das Cruzes transferiu ontem gratuitamente todo o seu patrimônio, avaliado em Cr$ 15 bilhões, para a Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC), com sede em Santo André. A decisão foi tomada pelos 1.250 associados como única forma de se livrar dos altos custos dos serviços prestados pela cooperativa.

Com a transferência, chega ao fim um projeto pioneiro, implantado há 19 anos, que serviu de modelo para a expansão da telefonia rural, pelo sistema cooperativado, no Interior do Estado.

"A Cooperativa de Telecomunicações de Mogi já cumpriu sua função e não há mais razão para continuar existindo", disse o presidente e vereador Sethiro Namie (sem partido). O presidente da CTBC, Oswaldo Lopes do Nascimento Filho, prometeu ampliar a rede e substituir os equipamentos antigos.

Seis municípios — A cooperativa possui três centrais telefônicas automáticas, com capacidade para operação de 1.650 linhas, das quais 1.350 se encontram em funcionamento, servindo a moradores de 30 bairros rurais dos municípios de Mogi das Cruzes, Suzano, Biritiba-Mirim, Guararema, Jacareí e Santa Izabel.

A idéia de instalar em Mogi das Cruzes uma cooperativa para estender os serviços telefônicos aos moradores da zona rural surgiu no início da década de 70, quando o Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE) passou a estimular a transmissão de energia elétrica a pontos distantes dos grandes centros urbanos.

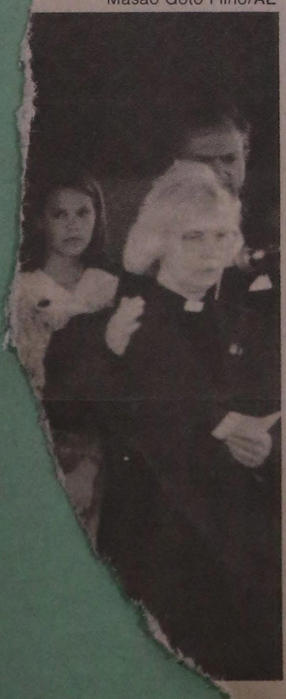
Mogi, que já havia registrado bons resultados com duas cooperativas rurais de eletrificação, dirigidas por agricultores, foi escolhida para sediar o projeto piloto da área de comunicações, que deveria servir de modelo para o resto do Estado.

Cotação do dia — De início, os cooperados bancaram 20% do empreendimento e os 80% restantes foram financiados pelo governo do Estado, com juros de 7% ao ano, sem correção monetária, com prazo de 15 anos para amortização.

Segundo o presidente do Sindicato Rural de Mogi, Junji Abe, os produtores rurais passaram a obter no mesmo dia, pelo telefone, a cotação de seus produtos vendidos na Ceagesp. Até então, eles sabiam da cotação apenas quatro ou cinco dias depois do envio das mercadorias.

A idéia vingou em Mogi até os primeiros sinais da crise econômica, que passaram a tornar cada vez mais altos os custos de manutenção e operação do sistema telefônico rural. Procurando minimizar os gastos, a cooperativa ainda tentou obter da CTBC, sem sucesso, a remuneração pelos serviços de ligações interurbanas.

Masao Goto Filho/AE



ARAÇATUBA

Municípios querem participar de imposto

ARAÇATUBA — A Assembléia Legislativa deve apreciar nos próximos dias projeto do Secretário da Agricultura, Barros Munhoz, mudando o critério de distribuição do imposto de geração de energia elétrica. Atualmente, só 21 municípios paulistas, considerados sedes de usinas hidrelétricas, dividem a arrecadação do imposto, estimado em 5% para cada consumidor. Pelo novo critério, seriam beneficiados também os municípios que tiveram terras inundadas com a construção de barragens.

Embora a Constituição determine a garantia de recursos financeiros para que os municípios prejudicados com as inundações pudessem compensar as perdas, a maioria f[illegible] ora na distribuição [illegible]. O projeto do se[illegible] rio Barroz Munhoz, apoiado pela bancada do PTB na Assembléia Legislativa, prevê a divisão de 65% dos impostos arrecadados entre as cidades que tiveram terras inundadas e 35% para o município sede da barragem.

Um dos beneficiados com o projeto seria Itapura, no extremo Noroeste do Estado. Os impostos gerados pelas hidrelétricas de Ilha Solteira e Jupiá, as duas maiores de São Paulo, estimados atualmente em Cr$ 200 milhões por m[illegible] chegam somente [illegible] pios de P[illegible] tilho

O [illegible]

Há um Século

O Estado de São Paulo

15 de novembro de 1.891

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Ezequiel Freire

Falleceu hontem em Caçapava o illustre escriptor Ezequiel Freire, que ha muitos anos habitava esta capital, onde collaborou em todos, ou quasi todos, os jornaes. (...)

Russia

Continúa a ser desolador o estado de penuria no Sul do Imperio. A fome vai crescendo em Kargos, onde já fez 120 victimas receiando-se a todo o momento que alli rebente uma revolução.

Minas de petróleo

Foram remettidos ao Congresso do Estado os requerimentos e documentos em que os drs. Henrique Marques de Carvalho e Maximiliano Marques de Carvalho solicitam permissão para explorar petroleo nas comarcas de Piracicaba e Araraquara.

Descarrilamento

O trem de cargas que partiu hontem do Alto da Serra para esta capital descarrilou na chave da estação de São Caetano, não havendo, felizmente, nenhum desastre pessoal a lamentar.

Jornaes do Rio

Do Diario Official: Nas declarações hontem feitas neste orgam, desmentindo boatos perfidamente assoalhados, o governo affirmou categoricamente que nenhum motivo ha para receiar contra a permanencia da ordem publica e segurança geral.

Não contentes os adversarios da Republica com o mal que hão causando a tantos interesses respeitaveis, mudam de tactica e fallam em que no dia 15 se proclamará a dictadura.

Principio de incendio

Ás 7 ¼ da noite de hontem, em casa do sr. capitão Modestino Roquete, deu um principio de incendio, causado pela explosão de um lampeão de kerozene. Avisado, o Corpo de Bombeiros compareceu com a maxima brevidade, extinguindo immediatamente o fogo.

Palcos e Circos

O illustre violinista cubano Brindis de Sales deu ante-hontem o seu segundo concerto no Theatro Minerva. O publico, profundamente enthusiasmado, applaudi-o calorosamente.

JWAN

BITTER RUSSO

Tendo apparecido ultimamente falsificações deste excellente Bitter prevenimos aos nossos amigos e freguezes que todas as garrafas do Bitter legitimo vendidas por nós trazem um rotulo na gargante da garrafa com a declaração

Unicos importadores

RUDOLFO WAHNSCHAFFE & COMP.

Santos S. Paulo

■ Carta

Maus tra

No di estava e Viação assisti c torista com um A senh tado u to, e o m a. A pas por ca Confor comenta injustiç mento. empresa go anot ção, diz deria o como n de mau do moto ciei, deix clamaçã me de C Mariana Fátin de Sique retoria todos L

***"Lemb mais de 3 iniciamos capital, o operadore usuários. assíduos d cidos pelo mum que s Essa época espírito fic Seus dirige deira de p público, s orientados dos e, qua dos, para as regras mento con relação ao clamação fo sião, e o m beu uma s dias, com sobre o mo Também fo reincidênci demissão p mos a car motorista ele refl deve*

AGENDA

É Bárbaro!

Dia 27 de novembro, das 10 às 22h, a cidade de São Paulo vai ser invadida. É a Feira Escandinava 91, que está munida das mais deliciosas armas para prender você. Da Dinamarca você pode comprar caviar, queijos, aquavita; da Suécia, geléias, chocolates, brinquedos; da Noruega, sardinhas, ovas de bacalhau, artesanato, e da Finlândia, cristais, licores e vodka. Renda-se a esses invasores. Toda a renda será revertida a instituições beneficentes de São Paulo. Eles não são bárbaros?

De 1991.

Há um Século

O Estado de São Paulo

27 de novembro de 1.891

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Vergonha!

O terceiro crime praticado pelo dr. Americo Brasiliense contra S. Paulo ainda é mais grave, mais negro do que o primeiro e o segundo.

O dr. Americo Brasiliense não só applaudiu com sinceridade o golpe de Estado de 4 de novembro; como tambem procurou suffocar com hypocrisia, ou com franca violencia, toda e qualquer explosão de dignidade paulista.

As primeiras victimas do seu furor dictatorial fomos nós, os jornalistas independentes de S. Paulo.

No dia 6 de novembro o governo federal telegraphou ao dr. Americo Brasiliense ordenando-lhe que impedisse por todos os meios a publicação em jornaes paulistas do manifesto dos congressistas dissolvidos. (...)

Na noite de 6 de novembro, o predio do *Estado* foi guardado por soldados e o Correio só foi distribuido pelos seus assignantes depois que um official do Corpo de Permanentes verificou que o manifesto perigoso não tinha sido publicado pelos nossos collegas.

Dr. Rangel Pestana

Algumas das pessoas que têm procurado tirar proveito das affrontrosas circumstancias do golpe de Estado tem explorado em seu favor o facto de não figurar no manifesto do Congresso Nacional a assignatura do dr. Rangel Pestana.

Immigrantes

Prorrogou-se por dous mezes o prazo concedido para ter execução a localisação de immigrantes, conforme a concessão feita a Theophilo José Antunes Braga.

Foi mantido o acto considerando caduca a concessão do dr. Manoel Domingos Castro para localisar cinco mil familias de immigrantes.

Cachoeira

Parabens pela restauração do regime da legalidade. Um bravo aos deputados e senadores estaduaes que resignaram os seus mandatos, enaltecendo assim os brios do povo paulista.

AFINADOR DE PIANOS

Participo aos srs. maestros e amadores de piano que chegou com o ultimo vapor de Hamburgo o primeiro afinador **Hugo Gabriely** da afamada fabrica

Rud Ibach Sohn em Colonia, Barmen e Schwelm

que foi contractado por mim para melhor servir os meus freguezes.

Recebo encommendas tambem para o interior

CASA ESPECIAL DE PIANOS

Frederico Joachim

Rua de S. João N.os 10 e 12.

■ Carta nº 1226

Viagem probl

Reservei lu 276 da Varig, Paulo - Brasil lagem foi adia blemas com a Como eu tinha te compromisso lia, arranjaram num vôo da T que me atend máxima genti nha bagagen malfadado vôo cumprir meus missos, tive d ao aeroporto p a mala, aband posto de dese Gastei Cr$ 14 para recuperá rig deveria ter mala em local ou levado par tel. José Fern deño de Barro Verde

Paulo C.P. C sessor de rela clientes da V zeiro, respond

"A aeronave es o vôo 276 atraso ções adversas de tendemos o desco to do cliente com não recebimento por ocasião do d em Brasília, e pela de de se deslocar porto para buscá- pedimos que ace desculpas. Já to medidas administ bíveis, no sentido mos ocorrências tes, que não estão com o padrão de s nos esforçamos po nossos clientes. valor de Cr$ 14 m a despesa de táxi e o mesmo se acha do usuário, a que mos a gentileza contato com est pelo telefone 53 mais 7470/7674 (mercial)."

AGENDA

■ **Bazar das mãos brasileiras** — Será realizado no dia 3 de dezembro o "Bazar das mãos brasileiras", em benefício das obras sociais da Associação Santo Agostinho (ASA), que reúne as antigas alunas dos colégios das Cônegas de Santo Agostinho. O bazar vai funcionar das 10 às ... que ...

palestra técnico científica mensal sobre o tema "Responsabilidade do Médico Veterinário frente à possível epidemia de cólera", com a médica Silvia Regina do Amaral. A entrada é franca. Outras informações no local, ou pelo tel.: 279-9747.

Residência em terapia ocupacional — A Associação de Assistência à Criança Defeituosa (AACD) está recebendo inscrições até o dia 29 para residentes em Terapia Ocupacional, com duração de 11 meses. Informações na AACD, à Avenida Professor Ascendino Reis, 724, tel.: 549-...55, ramal 74.

... A Associação de ...dade de Di-

UTILIDADE PÚ

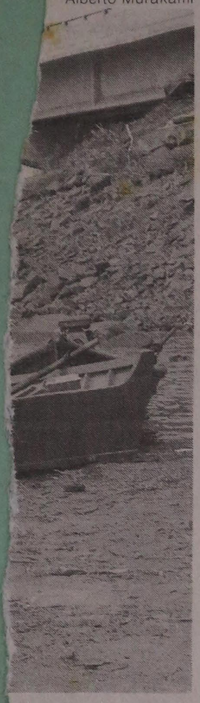
Consulado

■ **Malawi** — Rua Peixoto Gomide, 1.938, 9º andar, tels. 853-1584 e 548-5433. Atende de segunda a sexta-feira das 13 às 15 horas. Exige-se visto de en

■ **Malta** — Rua Xav meida, 227. Tel. 914- gunda a sexta, das Precisa de visto.

■ **Marrocos** — Rua d ção, 347, 3º andar, c De segunda a sexta 18h. Tel. 256-214 visto.

Alberto Murakami



vitar punição

ue

etê

espécies

em **Bragança Paulista,** Nicola Cortez (PL) tempo indeterminuer modalidade de ago do Taboão, que complexo turístiicípio. A decisão foi prejudicar o repolo lago, onde há als foram colocados 5 s de tilápia do Ni-

ta-feira, com quase atraso, o 2º Batacia Florestal recena portaria regulan pesca na piracede reprodução dos vai de 1º de novemaneiro. Segundo o é Paulino da Silva, perações do batai está proibida mil na e abaixo das hi, trechos onde os esovam.

FRANCO DA ROCHA

Crise leva municípios a reduzir despesas

SANDRO BARBOSA

FRANCO DA ROCHA — A crise econômica começa a atingir um setor que se vinha mantendo sem grandes problemas: as administrações municipais. Na Zona Oeste da Grande São Paulo, as prefeituras estão sendo obrigadas a cortar funcionários, compras, horas extras e a diminuir o ritmo e a contratação de obras públicas. A diminuição na arrecadação e a não-correção dos valores dos repasses do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) e do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) têm sido os principais problemas.

A prefeitura de Franco da Rocha, por exemplo, tem sido obrigada a transferir recursos de outras áreas para reparar os estragos causados por 31 enchentes só neste ano. Segundo o assessor de imprensa da prefeitura, João da Cruz, o governo estadual não dá ajuda à cidade e os poucos recursos recebido de ICMS e FPM não ajudam a resolver a situação.

Sem dinheiro, a prefeitura não concede reajustes salariais aos servidores há seis meses e proibiu as horas extras. "Sabemos que os funcionários têm problemas por isso, mas foi a única maneira de manter a situação financeira da prefeitura estável", explicou o chefe de gabinete José Carlos Salomão Araújo.

Ritmo menor — Já em Francisco Morato, a situação começou a se agravar há dois meses. "Com esta inflação galopante e o FPM e ICMS deixando de ser corrigidos mensalmente, não há condições de manter o ritmo de trabalho", reclamou o prefeito Waldeson Claudino da Silva (PMDB).

Para manter a prefeitura em funcionamento, Claudino diminuiu o ritmo das obras em 50%, não reajusta o salário dos servidores há 3 meses e já cortou 7% do seu quadro de funcionários. Só no último mês, 29 pessoas foram demitidas. "Estamos nos esforçando o máximo para manter os funcionários, mas isso não tem sido possível", explicou.

Além dessas medidas, Claudino procurou o apoio da população. Quando a obra é importante para um bairro, seus moradores organizam mutirões nos fins de semana para realizá-la. "A prefeitura entra com o material e a população com a mão-de-obra", disse.

Em Caieiras, o prefeito Milton Ferreira Neves (PMDB) teve de reunir seus assessores para discutir uma solução para os problemas financeiros. Ele fez três propostas: cortar 20% do funcionalismo, reduzir compras desnecessárias e despesas, cortando horas extras, ou melhorar a arrecadação, ativando a fiscalização de rua e cortando os gastos. Os assessores optaram pela terceira opção. "Nossa fiscalização tem conseguido aumentar a arrecadação e assim conseguimos nos manter", explicou.

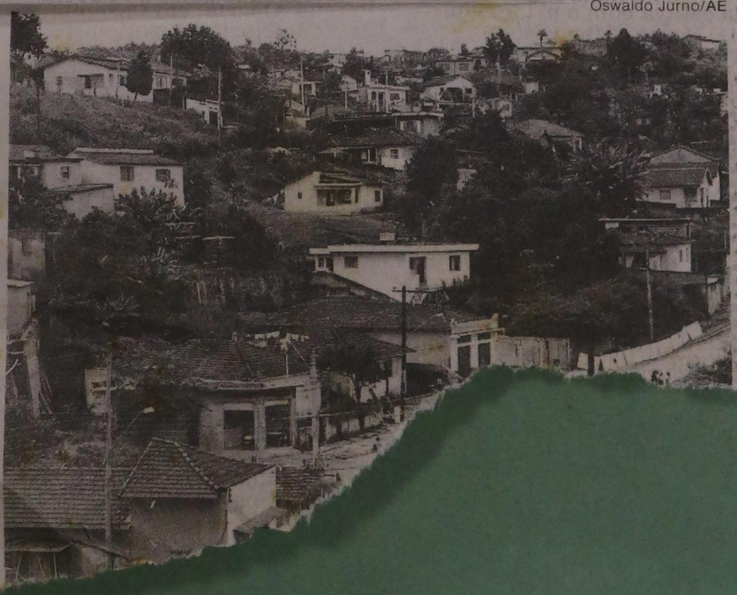
Diferente dos municípios vizinhos, a prefeitura de Caieiras vem concedendo reajustes ao funcionalismo conforme o rendimento da caderneta de poupança, o que não deve, porém, ocorrer em dezembro. "Daremos um reajuste, mas infelizmente não será igual à inflação", disse Neves.

Preocupação — As três prefeituras já garantiram o 13º salário para o funcionalismo, apesar das dificuldades. A melhor saída foi a de Caieiras, que já vinha guardando o dinheiro para o 13º desde maio. "Prevíamos esse problema e nos prevenimos", informou Neves.

Embora tenham resolvido os problemas financeiros deste ano, os prefeitos se mostram preocupados com o início de 1992. Segundo Claudino, se a inflação continuar no ritmo em que está e os repasses do FPM e ICMS não forem reajustados, sua prefeitura deverá parar até março. "Infelizmente, não teremos outra alternativa", lamentou. "Não tenho dúvida de que pararemos antes de fevereiro", previu, por sua vez, Neves.

O prefeito de Caieiras mostrou-se também preocupado com a situação do País: "As prefeituras é que estavam mantendo a economia acesa com a contratação de obras e serviços, mas se elas pararem será o caos."

Oswaldo Jurno/AE



unterá

piloto

", diz Macedo.
lidades são fixadas
ateio das despesas
nos. Como a instivisa lucros e seu
investimento é
pela comercialiotas, o objetivo é,
recer um ensino de
ado e mais barato,
emunerar melhor
s e funcionários.
que o aluno saia
cando a regra básitivismo, isto é, a
nidade", dis

Há um Século

O Estado de São Paulo

3 de janeiro de 1.892

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

O Estado de S. Paulo

Com o numero de hoje (5.049) encerramos o decimo oitavo anno da nossa publicação.

A 4 de janeiro de 1875 apparecia "A Provincia de S. Paulo" nesta capital, representando uma aspiração nova e generosa de que eram penhores o passado e as opiniões conhecidas de Francisco Rangel Pestana e Americo de Campos.

Após porfiadas luctas conseguio o orgam republicano affirmar-se positivamente na opinião paulista.

A *Provincia* era ao paiz o centro das aspirações republicanas e a orientadora principal do partido que ella em muito contribuio para tornar grande e forte.

Actualmente, numa epocha de prosperidade adquirida á custa de innumeros sacrificios, de luctas constantes, *O Estado de S. Paulo*, se acaso não pode gabar-se de conquistas grandiosas, pode, com orgulho, affirmar que tem trabalhado na medida de suas forças para todos, ou quasi todos, os melhoramentos que constituem o natabilissimo progresso d'esta privilegiada região do Brasil.

Fim de anno

Para encerrar-se o anno de harmonia com o que tem sido todo elle, agita-se o Brasil inteiro em commoções ainda neste momento.

Numeros

Durante o mez de dezembro findo entraram no Porto de Santos 9.169 immigrantes. Existem 71 enfermos de febre amarella no Hospital da Santa Casa de Misericordia.

Carlos Gomes

O illustre Maestro Carlos Gomes, indo ha dias a Paquetá, alli recebeu significativa manifestação de apreço por parte do Club Musical Paquetense.

Baile

Simplesmente esplendido o baile do Club Tenentes de Plutão que festejaram a entrada do anno novo. Nada faltou para o brilhantismo da festa. As danças correram sempre animadas, deliciosas, reinando ao mesmo tempo a maior alegria e cordialidade entre sócios.

O MAIOR EMPORIO DE FUMOS

GRANDE DESTILAÇAO A VAPOR

FABRICA DE CHARUTOS E CIGARROS

RIVADAVIA & C.

S. PAULO

Rua Brigadeiro Tobias, n. 44

Collossal deposito de fumos de todas as procedencias, tanto em folha como em corda, picados e desfiados, grande sortimento de palhas nacionaes e estrangeiras, de 1ª e 2ª qualidades, bem como variadissimo sortimento de

Charutos de Havana, Bahia e Hamburgo.

Cachimbos de louça, madeira, barro e argila. Piteiras de ambar, espuma, madeira e argila; bolças e carteiras para fumo e cigarros; papeis Duc e Ambré, etc., etc. Completo sortimento de bebidas, como sejam: Vermouth, Cognac, Genebra, Bitter, Agua-Seltz, xaropes e licores de todas as qualidades, espirito de vinho, vinho nacional, branco, tinto, virgem, Palhete, de Bordeaux e Porto; vinagre branco e tinto de 1 duplo, triplo e quadruplo.

Preços modicos — Não ha competidores

■ Carta

Estacio

Em 6 d do sr. E reclamar a MTV ' ponto de da Afonso bém a resp de marketi da MTV, que prome bus em 60 d cumpriu. usuário des bus, e can atropelado nida, diante que retirem o gar onde ani vam o ônibus. MTV ganhou pião o direito nar no "seu" Miriam, a senh rimentou desce desses ônibus, nuam parados pla devido aos MTV, e tentar a rua? Como co Evandro, també que, no dia em q da MTV decidir essa aventura, o ônibus deixe de cionamento part empresa. César de Carvalho Bu Sumaré

André Mantov retor de adminis finanças da Te Abril S/A, respon

"Os funcionários da foram instruídos a não tacionar seus carros e ao ponto de ônibus. Os portaria da empresa fo truídos a fazer cumpr orientação. Salientamos MTV não é a única emp calizada na região, que ainda com um restau uma banca de jornal e banca de frutas. Assim se MTV não tem como se re sabilizar pela fiscalização cal. Acreditamos que n instruções serão respeitada nossos funcionários."

AGENDA

■ **Residência médica** — Estão abertas até o dia 17 as ...es pa...

...ldade ...aro. ...dia- ...ica, e ...i- ...s

Vila Madalena, tel.: 210-1028.

■ **Wilhelm Reich** — A Associação Wilhelm Reich do Brasil está promovendo o curso de férias "Wilhelm Reich", no período de 9 de janeiro a 11 de fevereiro. As aulas serão realizadas às terças e quintas-feiras, às 20h30. A Associação fica ... Rua Pereira Leite, 456 ... rezinho, tel.: 62-5527

■ **...mores Urol** ... de 6

UTILIDADE PÚBLICA

Aluguel de quadras esportiv

Squash

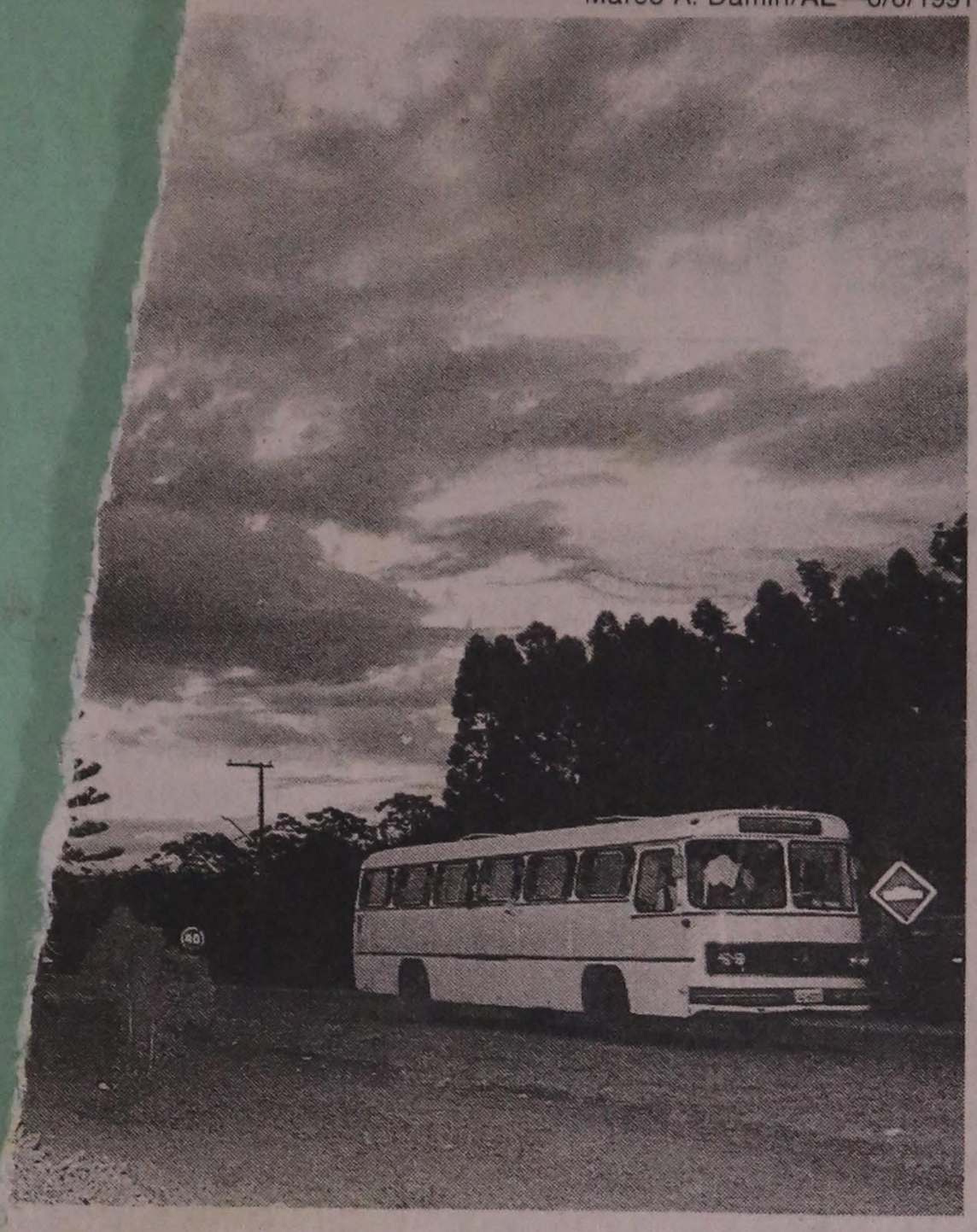
■ **All Rackets Club** — Rua Chip 102, Vila Olímpia. Tel. 8 1391.

■ **Frisoni** — Rua Leopoldo Couto Magalhães, 1.14 Itaim. Tel. 211-8609.

Squash e futebol society

■ **Squash** — Al. Japua

Marco A. Damin/AE—6/6/1991



os de maior arrecadação do Estado

vorece 2 distritos

de Holambra — onde moram 10 fundada por imi- ndeses há 40 anos culdades para qua- que compartilham s originados de seu mento: Artur No- uariúna, Cosmópo- Antônio de Posse. mos ter o retorno tivemos em termos nentos em infra-es- comenta Enivaldo ador de Jaguariúna DB, que integra uma com 7 holambreses os para lutar pela ação do distrito. Ele e rantes da comissão am-se candidatos em al à primeira prefeitu- va cidade.

operativa Agrícola de bra faturou, em 1991, e US$ 100 milhões (Cr$ ilhões no câmbio co- al) com as atividades dustriais desenvolvi- m sítio de pouco mais quilômetros quadrados. u cerca de 5 milhões de s de flores e plantas, pro- 30 mil toneladas de cereais, 37 mil cabeças de gado durante o ano e 30 mil cabeças de frangos por dia.

Em 1990, a cooperativa foi a 13ª em faturamento do País. Os negócios realizados ultrapassaram, em valor, o orçamento de Americana, uma cidade de 220 mil habitantes.

"Presente" — No Litoral, quem começa a festejar a emancipação é **Bertioga**, distrito de Santos. O governador vetou no dia 30 a transformação de 8 distritos, retirando-os da relação dos aprovados pela Assembléia Legislativa, sob alegação de que não tinham autonomia financeira, mas Bertioga não está na lista.

Para o presidente da comissão de emancipação, Licurgo Mazzoni, esse foi um "presente de fim de ano" ao distrito. Segundo os moradores, o réveillon foi, por isso, um dos mais alegres do distrito. Turistas e moradores lotaram os quatro quilômetros de praias para festejar o "Réveillon da Emancipação", de acordo com o subprefeito Renato Faustino. A festa foi até as 4 horas.

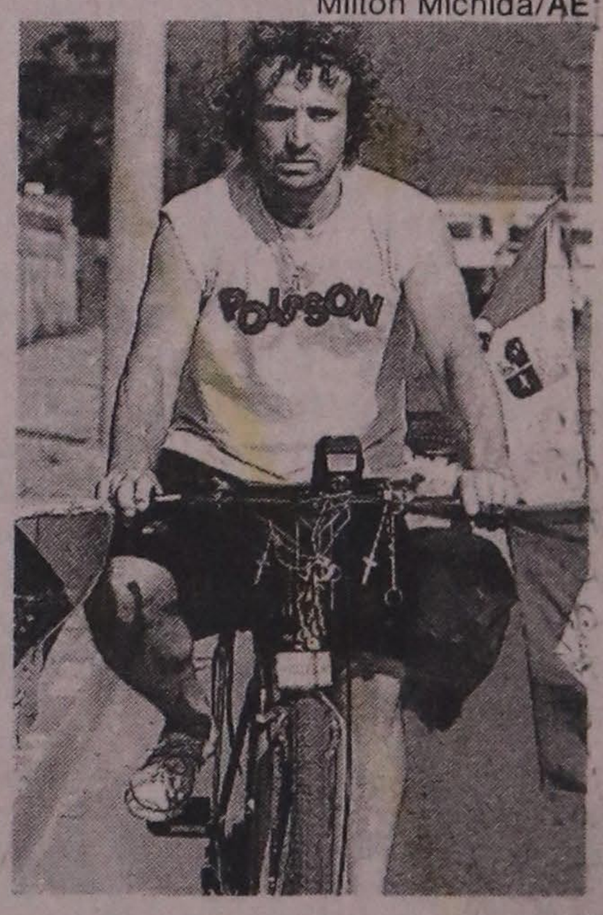
alidade é a mais alta

José Maria Tomazela/AE

Menino seqüestrado é encontrado morto

MANAUS — O menino Jair Magalhães de Azevedo Júnior, de 7 anos, foi encontrado morto ontem em Manaus. Jair é filho do comerciante Jair Magalhães e desapareceu no dia 22, quando brincava em frente de sua casa, no bairro São Francisco. Uma carta enviada à rádio **Amazonas FM**, no dia 26, informava que o garoto havia sido seqüestrado e exigia resgate de Cr$ 5 milhões. Na carta, os supostos seqüestradores ameaçaram matar Jair. O corpo da vítima foi encontrado atrás da Igreja de São Francisco por um menino que jogava bola no local. Segundo a polícia, ele foi morto no dia em que desapareceu e sofreu violência sexual. O delegado Sildoney Tundis disse que ainda não tem pistas dos assassinos.

Milton Michida/AE



Caminhoneiro vai de bicicleta a Brasília

Para sensibilizar o presidente Collor e conseguir a doação de uma ambulância para o povoado de São Sebastião, em Santa Catarina, o caminhoneiro Luís Antonio da Silva, de 32 anos, pretende viajar quase 2 mil quilômetros de bicicleta. É a distância que existe entre São Sebastião, de onde Silva diz ter saído no dia 22, e Brasília. Ontem, em São Paulo, o caminhoneiro contou que abandonou seu emprego para fazer a viagem. "Não quero que ninguém passe mais pelo que passei", disse ele, ao explicar que a idéia de ir a Brasília surgiu há dois meses, quando sua filha de 2 anos [illegible] cardíaca [illegible] recup[illegible] se u[illegible] alg[illegible] le[illegible] q[illegible]

Há um Século

O Estado de São Paulo

5 de janeiro de 1.892

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Reunião republicana

Ante-hontem, ás 7 horas da noite, reuniram-se á rua do Braz, n. 70, os republicanos daquelle importante districto da capital e resolveram a arregimentação do partido com a creação de um directorio local, que será o centro dirigente do eleitorado, na defesa das instituições genuinamente democraticas.

Á reunião compareceram cerca de 80 eleitores que subscreveram a acta da convocação e os fins altamente desinteressados e patrioticos.

José Negreiros

Falleceu em Menton, perto de Nice, no dia 31 do mez passado, o dr. José Ferraz de Assis Negreiros, que há mezes fôra para a Europa á procura de allivio e cura da molestia que afinal o deveria matar.

Republicano historico dos de melhor tempero fôra eleito deputado ao Congresso Constituinte deste Estado, mas não acceitou o mandato por motivos que expoz em um manifesto então publicado.

Espectaculo de gala

A commissão de festejos pede-nos para declarar ás pessoas que desejarem munir-se de bilhetes para o espectaculo de gala em homenagem ao dr. Cerqueira Cesar, que os membros pódem ser procurados no Largo do Rosario, com o bilheteiro, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Rangel Pestana

Consta no Rio que brevemente alli apparecerá uma nova folha politica sob a direcção do illustre jornalista dr. Rangel Pestana.

Batalhão Tiradentes

Começaram no domingo ultimo, no Arsenal da Marinha, os exercicios da Escola de recrutas do patriotico Batalhão Tiradentes.

Salto de Itu

Durante o mez de dezembro proximo findo foram registradas naquella villa 2 casamentos, 5 nascimentos e 9 óbitos, sendo 6 de menores.

TRADE VALVOLINE MARK

AZEITES PARA MACHINAS

A Machine
C Machine
D Machine

A Cylinder
Railway Cylinder
A A Cylinder

A. SPINDLE E OUTRAS MARCAS

O azeite **Valvoline** para cylindros e machinas ha muito que é conhecido pelo publico e o seu uso se tem generalisado tanto neste paiz como no estrangeiro.

Como lubrificante mereceu este azeite o **unico premio** na exposição centenaria dos Estados Unidos.

Muitos attestados de estradas de ferro, fabricas de tecidos, engenhos emprezas de luz electrica, etc., comprovam as superiores qualidades deste lubrificante para todo machinismo.

■ Carta nº

Resulta

Quer
Nestlé de
ve Prest
raiso", s
curso ou
lamento
em 15 de
15 de ma
distribuiç
dores do
de convi
algumas
lindas d
sagem e
Até ago
de ver e
cipais
do Pai
teio.
preoc
chant
sendo
concu
Pacca
Suma

Sé
sess
Nest

"A
um
prid
seu
do
do
to
as
dor
do
Ve
ra
do
m
ap
da
pe
m
d

AGENDA

■ **Cavernas** — O Museu Paulista

mação

SEM SAIR DE CASA

Bicicleta

■ **Bike-Shop** — Para ter sua bicicleta n vinha em lha, bast gar para 3115 o 5423 gun sáb vo

ERNÁCULAS — 363

DE ALMEIDA

pressão lati-
) que se em-
para indi-
gado.
TA — Ex-
significa:
caminho

— Com i,
s ou cami-
iguaria de
ntes. Se via-
passageiro,
caçador.
— Nos ver-
conserva-
as da con-
te, viajou,
os, viajeis,

terceira
esente do
g, o que
o traz g,
o (viati-
gem (sil-
68).
rio: via-

ige hí-
provin-

do.
COBO-
OR —
o nos
ana:
faço

For-
já
no-
não

es-

il é
vie-
em-
u-
Vi-
ra

o:

o
o
o:
o
-

particípio se tornou adjetivo e como tal deve concordar com a palavra a que se refere, que nessa oração é **dias**. *Embora possamos subentender o auxiliar* **ter** *(***tendo** *passado três dias), a construção deve ser:* "**Passados** *três dias, partimos" — "Chegadas ao Rio, elas não se puderam conter" —* "**Vindos** *a minha casa, considerem-se donos dela".*

VINDO *na sua sentença equivale a* **chegado, que veio, proveniente, procedente**; *dúvida nenhuma deve o senhor ter em redigir* **vinda** *com* **a** *final. Para que não confunda com o gerúndio, compare ainda com* **recenvindo**, *palavra esta inexistente como forma verbal: Todas elas,* **recenvindas** *ao colégio, sentiram-se isoladas.*

"VINHOTO", VINHAÇA — *Nem no Vocabulário Ortográfico da Academia das Ciências de Lisboa conseguimos encontrar a palavra* **vinhoto**. *Em Morais encontramos só* **vinhaça**, *na acepção de mau vinho desbotado, e de borracheira, ou seja, de bebedeira, "e morrendo a* **vinhaça** *misturada com o sangue vomita" (o muito vinho bebido).*

Domingos Vieira, Aulete, C. Figueiredo, Melhoramentos seguem Morais; também o rico dicionário de Laudelino Freire traz somente **vinhaça**, *e além de outros significados oferece o empregado n'O Estado, "resíduo da destilação dos licores alcoólicos": A eliminação da* **vinhaça** *nas destilarias de álcool é condição essencial; sua aplicação na lavoura parece a melhor solução, mas exige métodos de distribuição".*

VINTE — *Coletivo (grupo ou total composto de vinte elementos):* **vintena**.

VINTE E CINCO ANOS — *Coletivo:* **quartel de século** *("No último* **quartel** *do século 20"). A palavra quartel indica também a quarta parte do ano (***trimestre***).*

VINTE E UMA MIL AÇÕES — *Assim se diz em português, sem que nos seja permitido discutir a confluência de um nome feminino plural (***ações***) com outro masculino, invariável de número (***mil***) e com mais outro feminino singular (***uma***).*

O cardinal **um** *concorda em gênero com o substantivo* **ações**, *mas não se flexiona numericamente. Discute alguém "vinte e uma laranjas", onde* **uma** *é singular e* **laranjas** *plural? Se em vez de "vinte e uma laranjas" forem "vinte e uma mil", "vinte e uma" continu[illegible] sendo.*

A [illegible] diferença entre a [illegible]o e a latina está [illegible] o substantivo [illegible]) viginti (vin-[illegible] unus, una, [illegible]m gênero [illegible] não se [illegible]o que [illegible]tro [illegible]", [illegible]i

guerras) e a posição do nome irá influir na sua flexão de caso, não mais porém na de gênero. Digamos sem receio "vinte e uma mil ações", sem pensar em discordância nem entre **uma** *e* **mil**, *nem entre* **uma** *e* **ações**. *Ainda que por tola exigência sejamos obrigados a expressar por extenso numa cautela de mil ações este total, façamo-lo também aqui sem pensar em discordância:* **Uma mil ações**. *O que não podemos é aconselhar que se comprem mais outras mil ações para fugir da dificuldade, a semelhança daquele que, não sabendo como ler o nome de uma rua, carregou às costas um burro morto para outra de nome simples, curto e comum, que facilitasse comunicar à prefeitura o achado.*

VINTES — *Por que não pluralizamos os cardinais quando referentes a anos de idade? "Lembrando seus maravilhosos* **vintes**, *o artista narrou..." não é construção para ser rejeitada; pelo menos causa-nos estranheza menor que o acréscimo de "anos" à expressão: "Lembrando os maravilhosos anos 20". A expressão por algarismos terá por fim deixar ao leitor o encargo de ler como achar melhor?*

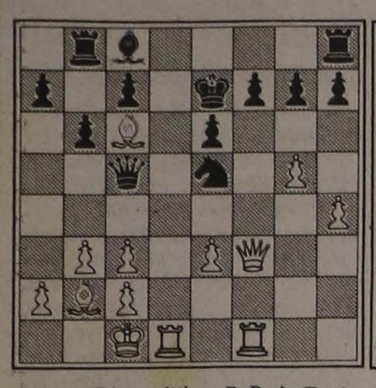
Se — por falta de hábito — vemos certa estranheza, não vemos falta de justificação para o plural do cardinal substantivado: "nos meus últimos **cinqüentas**". *Tanto para indicar anos etáticos quanto para anos civis essa substantivação viria evitar-nos circunlóquios de expressão: "Quanto à idade os salteadores se enquadram dos dezesseis aos quase últimos* **setentas**" *— "Os primeiros* **setentas** *foram difíceis para a Revolução".*

Mais longe pode ainda ir a substantivação; pode incluir também os anos indicativos do século: "Todos os **mil novecentos e trintas** *foram difíceis para São Paulo" — afirmação que, expressa em algarismos, ficaria: "Todos os* **1930s**".

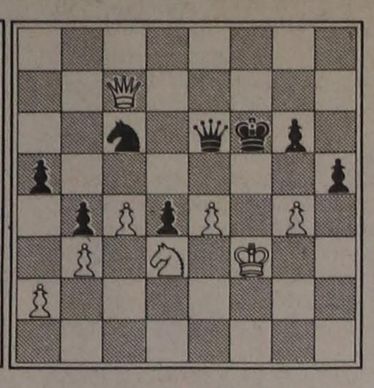
REVISORA, *S. Paulo — RUPTURA, RUTURA — CORRUPTO, CORRUTO — Enquanto Laudelino Freire e Caldas Aulete dão a acepção da palavra em* **corruto**, *para no fim acusar a existência da variante* **corrupto**, *Melhoramento (Adalberto Prado) define a palavra em* **corrupto**, *para no fim dar a variante* **corruto**.

Esse procedimento não deve levar-nos a tachar de errado este ou aquele lexicógrafo, pois a grafia obedece à pronúncia, e a pronúncia, por sua vez, [illegible]egional; o dicionár[illegible] pri-[illegible] primeiro lugar a [illegible] foi criado e [illegible] comportam[illegible] nosso idi[illegible] tros, [illegible] Web[illegible] ç[illegible]

XADREZ



1 *H.van Riemsdijk x P.R.de Faria*
Jogam as brancas e ganham



2 *Ustinov x Ilivicky*
Jogam as brancas e ganham

1ª Copa Latino-americana

A última etapa da 1ª Copa Latino-americana, previsto para Brasília no período de 1 a 10 de novembro, foi cancelada. Com isso, a etapa realizada em São Paulo foi decisiva e a classificação dos nove melhores para a fase final (a ser realizada em Bogotá de 5 a 15 de novembro), foi: 1º) Gilberto Milos Jr. (Brasil) com 67,5 pontos (3 participações); 2º) Jaime Sunye Neto (Brasil), 62 (5 participações, mas os resultados de dois tiveram que ser descartados por força do regulamento); 3º) Alonso Zapata (Colômbia), 47,9 (3); 4º) Raul Fernando Henao (Colômbia), 44 (3); 5º) Marcel Sisniega (México), 43,5 (2); 6º) Daniel Hugo Cámpora (Argentina), 38,8 (2); 7º) Christian Endre Rego Toth (Brasil), 30,4 (3); 8º) Fabián Fiorito (Argentina), 29 (2); 9º) Amador Rodríguez (Cuba), 28 (2) - até aqui os classificados; 10º) Pablo Ricardi (Argentina), 27,5 (1); 11º) Jorge Alberto Rubinetti (Argentina), 27,5 (2); 12º) Herman Claudius van Riemsdijk (Brasil), 25,6 (2); 13º) Silvio Cunha Pereira (Brasil), 24,4 (2); 14º) Gildardo García (Colômbia), 23,5 (1); 15º) Carlos Boissonnet (Argentina), 22,5 (1); 16º) Román Hernández (Cuba), 20,9 (2); 17º) Guil Russek (México), 20,7 (2); 18º) Oscar Roberto Panno (Argentina), 20,4 (2); 19º) Silvino García (Cuba), 19,6 (2); 20º) Wagner Martins Madeira (Brasil), 19,5 (2); 21º) Jesus Nogueiras (Cuba), 19 (1); 22º) Cristóbal Valiente (Paraguai), 18,9 (2); 23º) Gilberto Hernández (México), 16,7 (2); 24º) Andres Rodríguez (Uruguai), 16,6 (2); 25º) Alexandru Sorin Segal (Brasil), 16 (2); 26º) Bernardo Morán (Equador) e Sadi Glasser Dumont (Brasil), 15,8 (2 participações cada); 28º) Mauro Guimarães de Souza (Brasil), 15,6 (2); 29º) Peter Toth (Brasil), 14,9 (2); 30º) Reinaldo Vera (Cuba), 12,5 (1); etc.

A seguir ainda publicamos duas partidas da Copa Itaú.

Gilberto Milos Jr.
(Brasil)
x
Guil Russek
(México)
4ª rodada
São Paulo, 15/9/1991
Defesa Tarrasch

1 P4BD P3R 2 C3BD P4D 3 P4D P4BD 4 PBxP PBxP 5 D4T+ B2D 6 DxPD PxP 7 DxPD C3BD 8 C3B C3B 9 D1D B4BD 10 P3R D2R 11 B2R 0-0-0 12 B2D P4CR 13 0-0 P5C 14 C4D P4TR 15 B5C C4R 16 P4C B3C 17 P4TD R1C 18 P5T B2B 19 BxB DxB 20 D4T C3B 21 C3-5C C5R 22 CxC+ PxC 23 CxB DxC 24 B1R D2C 25 T1B T3T 26 P3B PxP 27 TxPBR T3C 28 D2B C4C 29 T5B T1-1C 30 R1T R1T 31 B3C T3R 32 B4B C6T 33 P6T, abandonam, 1-0.

Herman C. van Riemsdijk
(Brasil)
x
Andres Rodríguez
(Uruguai)
9ª rodada
São Paulo, 20/9/1991
Defesa Francesa

1 P4R P3R 2 P4D P4D 3 C3BD B5C 4 P5R C2R 5 P3TD BxC+ 6 PxB P4BD 7 P4TR D2B 8 P5T P3TR 9 C3B C1-3B 10 B3D B2D 11 0-0 0-0-0 12 P4T P3B 13 T1R PxPR 14 CxP CxC 15 B4BR C2-3B 16 TxC CxT 17 BxC D4T 18 D1R PxP 19 B3C P3CD 20 D5R R2C 21 D7B+ R1T 22 PxP BxP 23 DxPCR D5C 24 B5R B2D 25 B6B D1B 26 D3C T1CD 27 B7C T1C 28 D7B T2C 29 DxT+ RxD 30 BxD TxB 31 P3BR T5B 32 P3B B1R 33 R2B P4T 34 P4C T1B 35 R3R P5T 36 T1T P4C 37 P5C PxP 38 P6T P6T 39 P7T P7T 40 T1T B4T 41 TxP TxP+ 42 R2D TxB+ 43 RxT B3C+ 44 R3R BxP 45 T2CR R2B 46 TxP R3D 47 T7C B7B 48 R4B B6D 49 T7TD, abandonam, 1-0.

Jogos Abertos

Após realizadas quatro das sete rodadas dos 55º Jogos Abertos do Interior, que estão sendo realizadas na cidade de Americana, a modalidade de xadrez masculino continua indefinida. São Caetano do Sul, Guarulhos e Osasco dividem a liderança com 12,5 pontos. Mas Guarulhos e Osasco ainda devem jogar entre si. Isto dá uma vantagem para São Caetano que já venceu Osasco por 3 a 1. O match entre São Caetano e Guarulhos terminou igualado em 2 a 2. A classificação das principais equipes era: 1º) Guarulhos, São Caetano do Sul e Osasco, 12,5; 4º) Itápolis, 10; 5º) São Bernardo do Campo, Americana e Campinas, 9,5; etc., num total de 23 equipes.

Já no xadrez feminino, Guarulhos domina totalmente. A cidade tem 10,5 pontos, contra 8 de Presidente Prudente, 7,5 de Osasco e 7 de Ribeirão Preto, São Caetano do Sul e Sorocaba. Esta é a primeira vez que o xadrez feminino é disputado em três tabuleiros. Mesmo assim, 16 equipes participam do evento. O xadrez é realizado em sete rodadas pelo sistema suíço e termina amanhã.

PAULISTA FEMININO

Estão abertas as incrições para o Campeonato Paulista Feminino de 1991. O torneio será realizado de 25 a 27 de outubro, em São Sebastião e promete ser um dos mais freqüentados dos últimos anos. Espera-se uma participação de aproximadamente 50 jogadoras. Entre elas, estão as mestras internacionais Jussara e Joara Chaves, de Guarulhos. Também participará a atual campeã, Cristina Emiko Uchida, de Osasco.

As jogadoras podem fazer as inscrições até às 19 horas do dia 25, quando será iniciado o congresso técnico. O início da primeira rodada está previsto para as 20 horas. A prova terá seis rodadas pelo sistema suíço.

As jogadoras deverão estar cadastradas junto à Confederação Brasileira de Xadrez, formalidade que pode ser feita no próprio local dos jogos. Maiores informações pelo telefone (0124) 52-1655 ou 52-2502, com Falcão, no horário comercial.

IVANCHUK E KARPOV VENCEM

O ex-campeão mundial Anatoly Karpov e o grande mestre Vassily Ivanchuk, ambos da União Soviética, foram os vencedores do Torneio Internacional de Reikeiavike. Karpov empatou, na última rodada, com o inglês Murray Chandler e Ivanchuk empatou com o americano Yasser Seirawan. Os dois fizeram 10,5 pontos em 15 jogos. Posteriormente daremos maiores detalhes.

Capão Bonito

Com a participação de 21 jogadores, foi realizado em Capão Bonito, no interior paulista, o 1º Torneio Aberto de Xadrez Rodrigo's Camping. Sagrou-se vencedor Carlos Eduardo Garcia.

Banespa

Nos dias 19 e 20 o Esporte Clube Banespa organizará o seu campeonato interno de xadrez. O torneio será disputado na sede da agremiação, em Santo Amaro, e visa indicar o campeão como representante para o Campeonato Paulista Individual Absoluto. A prova terá cinco rodads pelo sistema Suíço e as partidas terão uma duração máxima de três horas. O torneio só é aberto para associados e maiores informações podem ser obtidas na secretaria do clube.

Soluções

1 (H. van Riemsdijk x P. R. de Faria, São Paulo 1980) - 1 D6B+, abandonam, 1-0. 1 ... PxD 2 PxP+ R1B 3 T8D++.

2 (Ustinov x Ilivicky, URSS 1959) - 1 P5C+, abandonam, 1-0. 1 ... RxP 2 D4B++.

Herman Claudius

GUIA

Utilidade Pública

Licenciamento de veículos

■ **Detran** — Para o licenciamento o Departamento Estadual de Trânsito exige os comprovantes de pagamento do Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores (IPVA), o Certificado de Registro e Licenciamento do Veículo (CRLV), e o seguro obrigatório e multas quitados.

Além de sua sede, na Avenida Pedro Álvares Cabral, s/nº, no Parque Ibirapuera, o Detran tem os seguintes postos de licenciamento espalhados pela cidade:
- *Shopping Center Norte*, Travessa Casal Buono, 120, Vila Guilherme.
- *Shopping Ibirapuera*, Av. Ibirapuera, 3.103, Moema.
- *Shopping Jardim Sul*, Rua Borba Gato, 59, Santo Amaro.
- *Mappin Praça Ramos*, Praça Ramos de Azevedo, 131, Centro.
- *Supermercado Paes Mendonça*, Rua Condessa Elizabeth Rubiano, 5.500, Penha.
- *Shopping Morumbi*, Av. Roque Petroni Jr., 1.089, Morumbi (este último só licencia o carro que não estiver com multa pendente).

Calendário para licenciamento.

— Final de placa 1, licenciamento até 30 de abril.
— Final 2, até 31 de maio.
— Final 3, até 30 de junho.
— Finais 4 e 5, até 31 de julho.
— Finais 5 e 6, até 31 de agosto.
— Final 7, até 29 de setembro.
— Final 8, até 31 outubro.
— Final 9, até 30 de novembro.
— Final 0, até 31 de dezembro.

Restaurações

Bijuterias

■ **Lacase** — De segunda a sexta, das 8 às 18 horas. Rua Doutor Nicolau de Souza Queiroz, 406, apartamento 97, Vila Mariana. Tel. 575-2693.

Livros

■ **Fred Lane** — Atende quarta-feira, das 13 às 19 horas, nos demais dias e horários, recados com a secretária eletrônica. Rua Dona Antônia de Queiroz, 508, Consolação, tel. 256-5343.

■ **Encadernadora Kristina** — De segunda a sexta, das 7h30 às 17h30. Rua José Bonifácio, 176, sobreloja 9, Centro, tel. 36-0356.

■ **Leart** — De segunda a sexta, das 9 às 18h30 e sábado até 12 horas. Rua Peixoto Gomide, 1.805, Cerqueira César, tel. 282-5078.

Canetas

■ **Ravil** — Conserta modelos antigos e modernos, como Vacumatic e Aerometric, da Parker ou Montblanc. De segunda a sexta, das 7 às 18 horas. Avenida São João, 33, Centro, tel.34-6609.

Decoração

■ **Les Champs Elysées** — Lustres antigos, luminárias e objetos de decoração. Trabalha com bronze, petit bronze, estanho, cristal e porcelana. De segunda a sexta, das 9 às 18 horas e sábado até 13 horas. Rua da Consolação, 2.682, tel. 280-0941.

■ **O Barato Móveis** — Reforma móveis de diferentes épocas, retira manchas, cupins, torca espelhos e mármores. De segunda a sexta, das 9 às 19 horas e sábado até 14 horas. Rua Cardeal Arcoverde, 1.644, Pinheiros, tel. 212-4218.

■ **Maria e Edit Porteleki** — Lavagem e restauração de tapetes caucasianos, persas e tapeçarias françesas. De segunda a sexta, das 7h20 às 17 horas. Rua Doutor Afonso Baccari, 61, Vila Clementino, tel. 570-0223.

Água

■ **Sabesp** — Recebe reclamações sobre falta de água e vazamentos e dá informações sobre o corte de água no rodízio por bairros.

■ **Disque Sabesp** — Tel. 195, atende 24 horas por dia.

Através do telefone 288-9911 é possivel conseguir informações sobre revisão de contas, pedidos de ligação, troca e aferição de hidrômetro, regularização do cavalete, bem como atestados e alterações cadastrais, sem a necessidade de ir até o posto de serviço da empresa. Atende nos dias úteis, das 7h30 às 18h30.

Reforma de roupas

■ **Herô Costureiras** — Transforma vestido em blusa, paletó em tailleur, calça jeans em minissaia e até casaco de couro em saia. Na área de consertos, faz ajustes, alargamentos e barras, além de pregar botões e zípers. Para roupas rasgadas, a solução pode ser a técnica especial de cerzido invisível. Também faz lençóis, toalhas estilo "vapt-vupt" e capas para estofados. Rua João Cachoeira, 181, Itaim, tel. 883-4658; Rua Nova York, 539, Brooklin, tel. 240-0816; Alameda dos Arapanés, 1.259, tel. 240-8275 e Calçadas das Tulipas, 123, Alphaville, tel. 421-4844.

■ **João Grêlo Atelier** — Conta com uma assessoria de moda sempre atualizada para orientar qualquer transformação. Também faz consertos como ajustes, barras, alargamentos e aplicações de zíperes. Av. Brig. Luís Antônio, 4.932, Jardim Paulista, tel. 887-6819 e Rua Joaquim Nabuco, 670, Broklin, tel. 531-7486.

■ **Doctor's Fashion** — Especializada na confecção de roupas brancas de trabalho. Oferece para pronta entrega uniformes e peças de estuário em geral, sob medida, para médicos, dentistas, farmacêuticos e qualquer profissional que use roupas brancas. Aceita pedidos sob encomenda, e atende o profissional em casa ou em seu ambiente de trabalho. Não cobra taxa de visita. De segunda a sexta-feira, das 9 às 18h30 e aos sábados, das 9 às 14 horas. Rua Tabapuã, 523, Itaim Bibi, tel. 852-7608.

■ **Confecções Brito** — Especializada em reformas de becas, borlas, capelos e togas. Pedidos pelo telefone 825-9136.

■ **Peles Rolf** — Especializada em peles, faz reformas e transforma peças fora de moda. O endereço é Rua Augusta, 2.401, Cerqueira César, tel. 852-0096.

■ **Santa Rosa** — Consertos de roupas em geral. Retira e entrega a domicílio, na região dos Jardins e Itaim Bibi. Rua Groelândia, 697, Jardim Paulista, tel. 853-4642.

Desaparecidos

■ **Madalena Gonçalves dos Santos** — 31 anos, cabelos e olhos castanhos, 1,70 metro de altura. Foi vista pela última vez no dia 20 de setembro, no bairro da Barra Funda. Quem tiver notícias pode ligar para o tel.: 432-2318, ramal 9011, com Dirce.

Caminhões-pipa

■ **Hidrosul** — Os caminhões têm 12 mil litros, mas podem despejar a carga em mais de uma caixa d'água. A empresa cobra uma taxa extra para fazer esse serviço. As entregas demoram, no máximo, 24 horas. Todos os dias da semana, durante 24 horas. Rua Senador Fláquer, 480, Santo Amaro, tels. 246-9000 e 522-2766.

■ **Transágua** — Fornece água potável em caminhões-pipa, por via aérea ou subterrânea, em toda a Capital. Os tanques são de 10 a 16 mil litros. Rua Miranda Azevedo, 297, Sorocaba, tels.(0152) 33-1551, 32-0699 (dia) e 31-5758 (noite).

■ **A Preferida** — Caminhões com 10 mil litros de água. Rua Estela Borges de Morato, 396, Jardim Siqueira. Plantão permanente, pelo telefone 266-7111.

■ **Dis'água** — Os caminhões têm capacidade para 12 ou 16 mil litros. Podem despejar em mais de uma caixa, mas é preciso pagar pela hora parada. Rua General Brasílio Taborda, 80, Butantã, tels. 210-3950 e 493-3697.

■ **Água da Serra** — Fornece água potável em caminhões-pipa de 7 a 20 mil litros. Rua Abdala Asaim, 428, Jardim Bonfiglioli. Plantão permanente, pelos tels. 819-3226, 268-3229 e 869-3753.

■ **Água Jaraguá** — Distribui água em caminhões de 8 e 10 mil litros, para toda Grande São Paulo. De segunda a sexta, das 7h às 18h e sábados, das 8h30 às 13h. Tels. 215-5548 e 215-5675.

CINOFILIA

Próstata é tema de tese de mestrado

ANTONIO CARVALHO MENDES

Aspectos clínicos, diagnóstico e tratamento da hiperplasia prostática benigna no cão é o título da tese de mestrado da dra. Carmen Sílvia Pierobon, defendida na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo. Clínica autônoma estabelecida em Jundiaí e ex-professora de Cirurgia nas Faculdades de Medicina Veterinária de Alfenas e Pinhal, é sócia-fundadora da UIPA-Secção Jundiaí e criadora de cães da raça Dachshund Pêlo Liso (Canil Barão de Jundiaí).

Ela resume o trabalho com exclusividade para esta coluna, dizendo inicialmente que "poucos proprietários de cães têm consciência da relativa freqüência com que esses animais são acometidos por processos patológicos prostáticos, a tal ponto que essa espécie é empregada como modelo experimental para o estudo das afecções da próstata no homem. Embora com diversos pontos em comum, principalmente quanto aos sintomas e evolução, qualquer tentativa de estabelecer parâmetros - mesmo que relativos - entre a espécie humana e a canina, esbarra na impossibilidade natural dos animais de se comunicarem verbalmente. Se, no homem, a visita ao profissional - geralmente motivada por queixas urinárias, sintomas obstrutivos e dores lombares inconstantes - demanda uma série de esclarecimentos descritivos, tentando-se precisar a origem dos processos, no caso do cão o falcultativo é, talvez, ainda mais exigido, pois apenas os donos mais atentos estarão em condições de fornecer algo além das vagas informações normalmente obtidas por ocasião da anamnese. Em ambas as espécies, contudo, o que se almeja é a neutralização dos sintomas, tentando em vista restaurar o bem-estar do paciente. À medida que o animal envelhece, a glândula passa a ser foco de diversas patologias, sendo a hiperplasia prostática benigna a mais comum nesta espécie (9 e 4)."

Segundo ela, "de etiologia incerta (8 e 9), é inegável, porém, o envolvimento dos hormônios androgênicos (testosterona, dihidrotestosterona, estradiol e androstenediol), na fisiopatologia das alterações prostáticas e principalmente no desencadeamento da hiperplasia prostática benigna (12). Nosso estudo veio evidenciar a ocorrência do processo em cães na faixa etária de quatro a 15 anos e incidindo em exemplares de diversas raças, com predominância em nosso meio dos mestiços - SRD (Sem Raça Definida), notadamente de médio e grande porte, acima de 25 kg. Ressaltou-se no lote dos mestiços um fenótipo tendendo às raças Pastor Alemão e Dobermann. Animais da raça Dobermann de coloração preta apresentaram hematúria (sangue na urina) com freqüência acima da observada em outras raças."

Prosseguindo, ela esclarece que "muitas vezes, esta afecção é constatada apenas pós-mortem, em necrópsias efetuadas em cães de meia idade ou idosos que não apresentavam suspeita do processo (16). Ela também pode estar presente sem que sintomas clínicos se manifestem ou, ainda, não estar associada a qualquer sinal sistêmico de doença, pois o cão acometido mostra-se alerta, ativo e afebril. Com a evolução gradativa do processo, sinais clínicos podem surgir. Assim, a disúria (dor à micção) e a hematúria foram os sintomas mais encontrados em nosso trabalho, representando 30% dos casos, seguidos de disquesia (evacuação dificultosa) 26,66%; disúria e disquesia (13,33%); disúria, hematúria e alteração locomotora (6,66%); disúria (6,66%); hematúria (3,33%); disquesia e hematúria (3,33%) e ausência de sintomas (3,33%)."

A dra. Carmen Sílvia Pierobon lembra que "outras manifestações sistêmicas - emagrecimento, desidratação moderada, hiporexia, diminuição do apetite e sensibilidade abdominal ou caudal - costumam acompanhar os casos de hiperplasia prostática complicada (10, 2 e 17). Pode ocorrer como entidade isolada ou estar associado a outras patologias (5). Em nosso levantamento, verificamos que entre estas últimas as mais encontradas foram a hérnia perineal (40%) e a calculose vésico-uretral (10%), aproximando-se portanto das estimativas de diversos autores (14). Também pode se manifestar em conjunto com processos infecciosos de origem bacteriana (prostatites agudas e crônicas). Para o diagnóstico correto, é importante uma cuidadosa avaliação clínica, quando procuramos extrair o máximo de informações do proprietário."

Ela esclarece ainda que "assim, a glândula prostática deve ser avaliada através do toque retal quanto ao seu tamanho, consistência, sensibilidade e posição, para verificar a evolução ou não do processo. Segundo nossas observações, esse exame mostrou-se mais preciso nas raças de pequeno e médio porte, onde a glândula era atingida com mais facilidade. Nos casos em que a glândula era de localização abdominal, necessitou-se fazer paralelamente ao toque, uma palpação na região hipogástrica caudal, tentando-se avaliar a sua sensibilidade e tamanho. Para o diagnóstico, dispõe-se atualmente de diversas técnicas, embora todas sejam inespecíficas se consideradas isoladamente, devido à multiplicidade dos sintomas, que podem ser comuns a diversas das afecções da glândula (13)."

A dra. Pierobon informa que "entre os métodos correntemente empregados merecem destaque a urinálise (exame de urina) e o hemograma (exame de sangue), cabendo reforçar que ambos não são definitivos. A biópsia é outro recurso que vem sendo cada vez mais empregado na clínica diária, pela segurança oferecida ao profissional e também pela objetividade que apresenta na condução do diagnóstico, permitindo assim uma diferenciação precoce entre as diversas afecções prostáticas (11 e 14). A glândula também pode ser avaliada pela imagem radiológica quanto ao tamanho, formato, localização e densidade. O exame radiológico em si mesmo não permitiu definir o diagnóstico de hiperplasia prostática. Em 26,66% dos casos em que o aumento de glândula foi verificado através do toque retal, este dado não se confirmava pela imagem radiológica."

A dra. Carmen Silvia Pierobon explica ainda que "convém assinalar que, ao permitir a visualização das demais estruturas do sistema gênito-urinário, a radiologia simples e contrastada possibilitou melhores condições para um diagnóstico diferencial de outros processos (divertículo vesical, calculoses e cistites) nos animais tratados. Atualmente, a ultrasonografia vem sendo preconizada como valioso complemento para a detecção não somente dos aumentos de volume prostático como também das alterações em outros órgãos abdominais, permitindo diferenciar um parênquima normal de outro com processos neoplásicos ou inflamatórios e, ainda, avaliar lesões cavitárias (cistos e abscessos). O tratamento para a redução da glândula pode ser obtido através da orquiectomia (castração), prescrição de antibioticoterapia nos casos associados a prostatites bacterianas (agudas e crônicas), hormonioterapia e, em menor escala, da prostatectomia (retirada completa do órgão) (2, 6 e 15). Obtivemos resultados satisfatórios (da ordem de 63,33% dos caos tratados) empregando a associação medicamentosa Trimetoprim-sulfa, em conjunto com a castração cirúrgica. Deve-se salientar que a antibioticoterapia deve ser preconizada de maneira adequada, nos períodos pré e pós-orquiectomia, pois uma medicação inadequada poderá conduzir o animal a uma prostatopatia crônica."

E ela finaliza dizendo: "A orquiectomia não deve ser encarada como método definitivo para a solução dos processos prostáticos e o animal orquiectomizado deve ser acompanhado no pós-cirúrgico, através de controles clínico, laboratorial (urinálise, urocultura) e radiológico durante um período mínimo de três meses. Como observação adicional, lembramos que em nosso meio o diagnóstico presuntivo ainda é a norma adotada pela maioria dos profissionais que, principalmente nas cidades do interior do País, não podem contar com um serviço laboratorial completo. Entretanto, recomendamos quando possível o emprego da biópsia nos casos duvidosos, para um maior acerto no diagnóstico. A introdução recente de novas drogas em medicina humana para o tratamento de processos semelhantes oferece boas perspectivas para o seu emprego em Veterinária."

Conclui no dia 24

Registro

● **Collie Clube faz 30 anos** — Para comemorar a passagem do 30º aniversário de fundação do Collie Clube do Brasil, estão programadas, segundo o vice-presidente Claudio Scapulatiello Junior, duas mostras especializadas nos dias 19 e 20, no Clube de Campo e Hotel Del'Verde - Estrada Prefeito Bento Rotger Domingues, 500, em Itapecerica da Serra. Julgarão os certames Jayme Martinelli (SP) e Jim E. Frederiksen (AKC). Durante o eventos estão previstas aulas d **trimming** e palestras.

HÁ UM SÉCULO

O Estado de São Paulo

17 de outubro de 1.891

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Opposição

A falta de opposição a um governo, se algumas vezes é um bem, é quasi sempre um grande mal.

Fallamos em nome do povo. Todo o ataque provoca uma defesa, estabelece-se a polemica, e do embate de opiniões contrarias salta o jorro de luz que facilita um julgamento desapaixonado e imparcial.

Nas columnas do Correio Paulistano está se manifestando tal ou quasi opposição ao governo do dr. Americo Brasiliense. Damos por isso mil sinceros parabens ao digno presidente do Estado.

Vamos defendel-o. O *Correio Paulistano* necessariamente ha de voltar á carga, e nós, com certeza, não nos calaremos depois. O povo paulista assistirá ao debate e, dentro de alguns dias mais, poderá pronunciar a sua sentença com inteiro conhecimento de causa. (...)

O mal é da epoca, e era previsto. Cuidemos em achar o remedio e não percamos tempo precioso em recriminações pessoaes injustas e inuteis.

Os congressistas de S. Paulo, antes de pertencerem a este ou áquelle grupo politico, pertencem á terra que os elegeu e desejam o seu progresso e o seu bem estar.

Divina Comedia

Está-se preparando no Vaticano uma luxuosa edição da versão latina da *Divina Comedia*, de Dante. Esta versão data do seculo XV, sendo attribuida ao frade Giovanni Serravalle. À disposição dos commendadores actuaes, Marcellius e Domeniabelli, Leão XIII pôs 3.600$000.

Carlos Gomes

Chegou hontem a esta capital o talentoso maestro brasileiro Carlos Gomes. Um grupo de admiradores irá hoje cumprimental-o no Grande Hotel Paulista.

Mal tempo

Chegam noticias da innundação e tremendas tempestades na costa dos Estados Unidos. Constam-se muitos naufragios. Em Nova York um grande cyclone occasionou enormes prejuizos.

Amazonas

Dizem os jornaes de Manaos que ali e em outros pontos do estado do Amazonas reina a maior tranquilidade. O congreso amazonense continúa na mesma attitude contraria ao presidente Thaumaturgo de Azevedo.

EXPOSIÇÃO
HOJE, HOJE
DO
CAPITÃO TATUADO
De 1 a's 4 - das 7 a's 10
Rua do Commercio n. 50
ENTRADA 1$000

SÃO PAULO RECLAMA

■ Carta nº 1103

Vôo perdido no Recife

Em janeiro, com passagem comprada há mais de 20 dias e bilhete na mão, tentei embarcar, em Recife, para São Paulo. Para minha surpresa, meu nome não constava da lista de passageiros, e os computadores da empresa não funcionavam. Nenhum funcionário fez a menor questão de me ouvir, e tive de ficar na lista de espera. Nessa altura, minhas malas já tinham sido embarcadas, e eu ainda brigava no balcão. Consegui embarcar devido à minha insistência, e porque o vôo atrasou uma hora. Imaginem o meu desespero, tendo de ficar até o dia seguinte no saguão do aeroporto Guararapes, sozinha, com objetos de valor, para tentar embarcar em outro vôo. Desculpas, somente, não me farão voltar a ter confiança na empresa. Renata Bisson Ercolini — Campinas

Carlos Brickmann, diretor de comunicação da Vasp, responde:

"Desculpas, somente, não farão a leitora Renata Bisson Ercolini voltar a ter confiança na empresa; mas, infelizmente desculpas é tudo o que podemos lhe oferecer. A carta relata um problema ocorrido em janeiro, sem menção de data ou número de vôo, o que nos impede de investigar com mais profundidade o que aconteceu. De qualquer maneira, é óbvio que fatos como esse não podem nem devem acontecer. A Vasp está investindo milhões de dólares em informática e treinamento de pessoal exatamente para reduzir esse tipo de mau acontecimento ao mínimo possível. Um vôo não é apenas o melhor equipamento, o melhor serviço de bordo, a melhor manutenção; dentro do conceito da Qualidade Total, perseguido obstinadamente pela Vasp. O bom vôo começa na chegada do passageiro ao aeroporto e só termina quando ele chega satisfeito a seu destino. Mas não há dúvida: cada vez mais passageiros são atendidos pela Vasp com Qualidade Total. Esperamos que a leitora veja que nossa disposição não é somente pedir desculpas."

Paulo Vitale/AE

Alameda Lorena: apesar da proibição, rua é depósito de lixo

■ Carta nº 1104

Edifício utiliza calçada como depósito de lixo

O edifício Lorena Service Flat, na Avenida Rebouças, 955, utiliza há meses a calçada da Alameda Lorena (ao lado do nº 2.119) como depósito de lixo. O lixo é atirado, inclusive, sem o respectivo saco plástico, o que espalha restos de alimentos na calçada e impede o livre trânsito, resultando numa imundície terrível e num mau cheiro isuportável. Certamente, o proprietário do Lorena Service Flat não tem a menor consideração para com a população e os comerciantes vizinhos. Mais lastimável ainda é a falta de fiscalização da Prefeitura, que simplesmente não existe. Assim, nossa cidade está entregue à impertinência de administradores comprovadamente incompetentes. Posso concluir que a sra. prefeita poderia ser, quando muito, prefeita de sua cidade natal. Pobre da minha São Paulo. Rubens Carvalho — Cerqueira César

José Carlos Rolo Venâncio, administrador regional de Pinheiros/Itaim-Bibi, responde:

"Em atenção à carta do leitor Rubens Carvalho, esclarecemos que, a partir da localização do proprietário do terreno baldio (Edifício Lorena Service Flat), o estabelecimento já foi multado diversas vezes. O fiscal, sr. Marco Antonio, passa diariamente no local para verificar se as irregularidades continuam a ocorrer. Se for verificada alguma nova infração, o proprietário receberá outras multas. No momento, acreditamos que o lixo não mais será depositado nesse local."

■ Carta nº 1105

Concessão de aposentadoria

Recorro à seção **São Paulo Reclama** *para manifestar minha estranheza, ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), pela demora na concessão da minha aposentadoria, requerida em 3 de junho e até a presente data não concedida. Quero deixar claro que tenho dois anos e nove meses trabalhados em uma empresa estabelecida no município de Igarapava, e distante apenas 45 quilômetros da cidade de Ituverava, onde fica a agência do INSS. Tive informações seguras de que somente para ir até a referida empresa, a fim de confirmar meu tempo de serviço na mesma, existe uma demora de mais de 40 dias na resposta. Deixo aqui o meu protesto em relação à demora na concessão de uma aposentadoria que foi requerida há mais de 90 dias, e com documentação correta. Digo isso porque, até a presente data, o INSS não entrou em contato comigo pedindo qualquer documento complementar.* Maria Aparecida de Souza — Igarapava

Denyse Barbosa Pereira, chefe do Núcleo Estadual de Comunicação Social do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), responde:

"Em atenção à carta de dona Maria Aparecida de Souza, em que a mesma reclama da demora na concessão de aposentadoria, esclarecemos o seguinte. Para a concessão de aposentadoria à segurada, foi necessária a realização de pesquisa junto à Fundação Sinha Junqueira, e a apresentação da certidão de casamento da segurada, devido a uma divergência de nome. Tendo sido cumpridas essas exigências, a agência do INSS em Ituverava enviou, em setembro, comando de concessão à Empresa de Processamento de Dados da Previdência Social (Dataprev). Informamos ainda que o prazo para o processamento é de aproximadamente 60 dias."

As cartas devem ser enviadas ao **Estado**, *seção* **São Paulo Reclama** — *Av. Engº Caetano Álvares, 55, 6º andar, CEP 02598 —, com nome, endereço e número de identidade e poderão ser resumidas a critério do jornal.*

GUIA

Agenda

■ **Workshop** — As psicoterapeutas e psicodramáticas Dirce Fátima Vieira e Maria Luiza Soleani promovem dia 25, das 9 às 17 horas, na Alameda Fernão Cardim, 65, o workshop "Quem tem medo de amar de novo?". Trata-se de um workshop que pretende trabalhar as ansiedades e os medos de viver um novo amor. Informações tel.: 283-1899.

■ **Pneumologia** — Uma "Jornada de Pneumologia" é o que o Centro de Estudos Multiprofissional do Hospital Osvaldo Cruz promove no dia 26 em seu anfiteatro, na Rua João Julião, 331. Podem participar médicos, enfermeiros e profissionais de saúde em geral. Informações tel.: 287-1122, ramal 468, das 8 às 15h30.

■ **Psicodrama e Sociodrama** — A Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama, entidade sem fins lucrativos que tem como objetivo formar profissionais em Psicodrama, promoverá de 22 a 24 de novembro, no SESC Pompéia, o encontro "Além das Máscaras: 21 anos de Psicodrama", através de vivências, jogos dramáticos, workshops, sociodramas e palestras. Outras informações: Rua Ministro Godoy, 101, Perdizes, tel.: 263-4396.

■ **Inundações e Defesa Civil** — O "3º Encontro Nacional sobre Inundações, Deslizamentos de Encostas e Defesa Civil" será realizado na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo nos dias 5, 6 e 7 de novembro. Podem participar empresas, representantes de entidades comunitárias como Rotarys e Lions Clubes, sindicatos de empregados e de empregadores e associações em geral. Inscrições pelos tels.: 815-9322, ramais 3420 e 3430, e 845-3333.

■ **Exposição de arte reabilitadora** — A Associação de Assistência à Criança Defeituosa (AACD) promove no dia 17, às 19 horas, no Espaço Cultural Chap Chap (Rua 13 de Maio, 1.585), a "Grande Mostra de Arte Reabilitadora". Trata-se de uma exposição que reúne trabalhos de crianças, adolescentes e adultos portadores de deficiências físicas e em processo de reabilitação. Outras informações tel.: 549-2155.

■ **Massagem oriental** — Neste final de semana (dias 19 e 20), o Núcleo Terapias & Cursos vai estar promovendo um curso intensivo de "Massagem Oriental", com aulas das 9 às 17 horas. Constam do programa temas como: Medicina Oriental, Conceito de Energia, Meridianos, Lei dos 5 elementos, Diagnóstico e Tratamento. Informações e inscrições na Rua São Borja, 172, Jabaquara, ou pelo tel.: 588-1485.

■ **Curso de ator** — De 21 de outubro a 21 de novembro, das 13h30 às 18 horas, a Escola de Arte Dramática da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA) estará recebendo inscrições para o curso "Técnico de ator". As provas serão divididas em quatro etapas: exame de interpretação eliminatório; comunicação e expressão; exames públicos de interpretação e estágio de seleção. Inscrições e outras informações na Avenida Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443, bloco C, sala 19, Cidade Universitária. Informações tel.: 813-3222.

■ **Psicoterapia psicanalítica da criança** — O Instituto Sedes Sapientiae vai promover o curso "Psicoterapia psicanalítica da criança", voltado a médicos, psicólogos e outros profissionais interessados no trabalho psicanalítico com crianças. Para explicar como será esse curso, a psicanalista Ana Maria Sigal vai ministrar no dia 24, às 20h30, no Auditório do Instituto, à Rua Ministro Godoy, 1.484, uma palestra com o tema "Pais, uma questão na análise de crianças". Outras informações tel.: 262-8024.

■ **Vaquejada** — Nos dias 18, 19 e 20 será realizada no Parque da Água Funda a "1ª Grande Vaquejada de São Paulo, uma corrida onde dois cavaleiros têm que derrubar o boi dentro de um espaço determinado. Além da vaquejada, a festa também inclui um leilão de cavalos Quarto de Milha, danças, músicas e tradições folclóricas, com comidas típicas e shows. Os ingressos podem ser comprados na hora. Acesso por duas entradas: Avenida Miguel Stéfano, 3.900 e Km 1 da Imigrantes.

■ **Voluntários** — O Movimento de Apoio à Integração Social (MAIS) vai realizar nos dias 26 de outubro e 9 de novembro um curso para seleção de voluntários de recreação que queiram trabalhar aos sábados com crianças de 0 a 7 anos internadas na Unidade Sampaio Viana da Febem, à Rua Angatuba, 756, Pacaembu. Informações tel.: 263-8067.

Utilidade Pública

Vôos internacionais

■ **Partidas e Chegadas** — As informações desta seção são fornecidas pelas companhias aéreas. Os horários dos vôos entre São Paulo e as principais cidades do mundo, no dia de hoje são os seguintes:

Partidas

Amsterdam — KLM, vôo 798, 14h40.
Assunção — Varig, vôo 902, 11h15; LAP, vôo 403, 14h35.
Bruxelas — LAP, vôo 403, 14h35.
Buenos Aires — Pluna, vôo 504, 15h10; Cruzeiro do Sul, vôo 940, 8h30; Vasp, vôo 951, 9h; Aerolineas Argentinas, vôo 843, 12h15, Cruzeiro do Sul, vôo 936, 10h15; Aerolineas Argentinas, vôo 315, 7h; Cruzeiro do Sul, vôo 930, 19h15; Aerolineas Argentinas, vôo 223, 19h35.
Cidade do México — Pan American, vôo 440, 19h30.
Copenhagen — Varig, vôo 758, 20h15.
Frankfurt — Lufthansa, vôo 501, 16h05; LAP, vôo 403, 14h35; Varig, vôo 742, 22h.
La Paz — Cruzeiro do Sul, vôo 880, 9h55.
Lima — LAP, vôo 403, 14h35.
Lisboa — Varig, vôo 700, 13h30; TAP, vôo 390, 16h50.
Londres — British Airways, vôo 244, 12h30; Varig, vôo 758, 20h15.
Los Angeles — Pan American, vôo 440, 19h30; Pan American, vôo 1.202, 19h30; Varig, vôo 840, 20h15.
Madrid — Ibéria, vôo 990, 15h45; Varig, vôo 710, 20h15.
Miami — American Airlines, vôo 956, 9h45; Transbrasil, vôo 766, 11h; LAP, vôo 403, 14h35; Pan American, vôo 440, 19h30; Varig, vôo 818, 22h30.
Milão — Transbrasil, vôo 500, 20h.
Montevidéu — Pluna, vôo 504, 15h10.
Nova York — Pan American, vôo 1.202, 19h30; Varig, vôo 860, 21h.
Paris — Air France, vôo 086, 16h30; Varig, vôo 766, 20h15.
Roma — Transbrasil, vôo 500, 20h.
Santiago — Varig, vôo 920, 10h15; Lan Chile, vôo 173, 18h10.
Tóquio — Varig/Jal, vôo 834, 21h45.
Toronto — Canadian Pacific, vôo 101, 19h45.
Washington — Pan American, vôo 1.202, 19h30; Pan American, vôo 1.440, 19h30.
Zurique — Varig, vôo 766, 20h15.

Chegadas

Assunção — LAP, vôo 402, 9h55; Varig, vôo 903, 19h.
Buenos Aires — Pluna, vôo 503, 13h55; Aerolineas Argentinas, vôo 842, 19h05; Cruzeiro do Sul, vôo 931, 11h35; Cruzeiro do Sul, vôo 937, 20h10; Aerolineas Argentinas, vôo 222, 11h45; Vasp, vôo 950, 21h10; Cruzeiro do Sul, vôo 941, 20h45.
Cidade do México — Pan American, vôo 441, 10h20.
Frankfurt — LAP, vôo 402, 9h55; Varig, vôo 747, 7h10; Lufthansa, vôo 500, 5h40.
La Paz — Cruzeiro do Sul, vôo 881, 20h05.
Lima — Varig, vôo 845, 10h55.
Lisboa — TAP, vôo 391, 6h.
Londres — Varig, vôo 761, 5h35; British Airways, vôo 245, 8h10.
Los Angeles — Pan American, vôo 1.201, 10h20; Pan American, vôo 441, 10h20; Varig, vôo 831, 9h25; Varig, vôo 845, 10h55.
Madrid — Varig, vôo 711, 8h25; Ibéria, vôo 991, 18h30; LAP, vôo 402, 9h55.
Miami — Varig, vôo 343, 22h10; Aerolineas Argentinas, vôo 315, 5h45; Varig, vôo 819, 7h15; Transbrasil, vôo 767, 7h30; American Airlines, vôo 957, 8h17; LAP, vôo 402, 9h55; Pan American, vôo 441, 10h20.
Milão — Varig, vôo 311, 10h55.
Montevidéu — Pluna, vôo 503, 13h55.
Nova York — Aerolineas Argentinas, vôo 315, 5h45; Varig, vôo 861, 8h30; Pan American, vôo 1.201, 10h20.
Paris — Air France, vôo 089, 8h20; Varig, vôo 727, 8h25.
Roma — Varig, vôo 311, 10h55.
Santiago — Lan Chile, vôo 172, 14h10; Varig, vôo 921, 19h30.
Tóquio — Varig, vôo 831, 8h25.
Toronto — Canadian Pacific, vôo 100, 11h15.
Washington — Pan American, vôo 1.201, 10h20; Pan American, vôo 1.441, 10h20.

■ **Aeroporto Guarulhos** — Avenida Monteiro Lobato, 1.985, Cumbica. Tels. 945-2111 e 945-2107.

■ **Aeroporto Viracopos** — Rodovia Santos Dumont, quilômetro 97, Campinas (SP). Tel. (0192) 47-0909.

"A Julio Bogoricin Imóveis é uma empresa que conjuga o verbo vender no tempo certo."

JULIO BOGORICIN IMÓVEIS
UM PARCEIRO CONFIÁVEL

José Gustavo de Moraes Yaryd
Diretor Gerente da
Sulimob S.A. Empreendimentos Imobiliários - Grupo Itaúsa

são paulo • rio de janeiro • niterói • salvador • florianópolis • recife • belo horizonte • brasília • porto alegre

HÁ UM SÉCULO

O Estado de São Paulo

26 de maio de 1.891

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Por motivos técnicos, publicamos hoje editorial do dia 26 de maio de 1891

Ministerio da fazenda

Pelo facto de haver o telegrap-

ALCASAR PAULISTA

Brevemente será aberta ao publico o

Alcasar Paulista

A attrahente companhia que trabalhou no

EL-DORADO

da Capital Federal.

Estreará brevemente no Theatro do Congresso Gymnastico Portuguez, á rua da Boa-Vista, transformado em elegante

ALCASAR PAULISTA

Onde estava o Congresso Gymnastico Português

HÁ UM SÉCULO

O Estado de São Paulo

3 de setembro de 1.891

Numero avulso, do dia, 60 rs. -- atrasado, 100 rs.

Russia

A miseria continúa na Russia com todo o seu cortejo de horrores, apezar de desmentidas as noticias de grande mortalidade pela fome. As colheitas em todas as provincias flageladas perderam-se este anno. As escólas estão fechadas.

Casamento

Foi approvado na camara federal por 57 votos contra 56, em votação nominal, o projecto que estabelece a precedencia do casamento civil á ceremonia religiosa, instituindo a multa de 100$ a 500$, ou prisão de um a tres mezes para padres que realizarem o casamento antes do acto civil. Houve grande tumulto na hora de proceder a votação.

Contrabando

Correram boatos em Montevideu de conspiração e assevera-se que a policia descobrira um importante contrabando de armas.

Limites

Reuniu-se em Curytiba pela 2ª vez a commissão popular para tratar de questões de limites entre o Paraná e Santa Catharina.

Tartaruga electrica

O telegrapho da Companhia Sorocabana só serve para desmoralisar a electricidade. Veja-se:

O sr. Manoel Garcia expediu da estação de S. João, daquella companhia, no dia 30 do mez passado, um telegramma à sua casa pedindo que lhe mandassem á estação central desta cidade os meios de conducção para si e para a sua bagagem, porque deveria chegar aqui nesse mesmo dia. E chegou effectivamente nesse dia, o que não aconteceu no telegramma que só se dignou de chegar hontem, isto é, dois dias depois do seu expeditor.

Ora, se o trem ordinario, e não são um prodigo de rapidez, com ostrens da Sorocabana gasta-se 1 hora e 40 minutos da estação de S. João a S. Paulo, e um despacho telegraphico gasta 3 dias, segue-se que o telegrapho de Sorocabana é mais vagaroso do que as suas locomotivas, o que importa a desmoralisação da electricidade, pelo menos a da electricidade daquella companhia.

Por isso já ouvimos alguem qualifical-a de tartaruga electrica.

Papa

O Papa Leão XIII está enfermo.

PIANOS
O MAIOR DEPOSITO
Casa especial de pianos
Frederico Joachim
Rua de S. João, 10 e 12

Agenda

Plaza, entre os dias 5 e 7. Está prevista a realização de um con- envolvendo participantes

meça muito bem

CRIADORES

Os três campeões de todos os anos já estão lutando pela liderança. O Haras Inshalla vai na frente com Cr$ 62 milhões em prêmios e 36 vitórias. Em segundo está o Haras Rosa do Sul com Cr$ 57,1 milhões e 37, enquanto o Haras Malurica chega a Cr$ 47,3 milhões e 28. Seguem-se os Haras Bagé do Sul, Expert, Serrano, Santa Maria de Araras, Jatobá, Kigrandi, São José e Expedictus, Mossoró, 2001 e São Luiz.

REPRODUTORES

Executioner (The Axe II) e Telescópico (Table Play) estão separados por pequena diferença: 500 mil cruzeiros. Aquele tem Cr$ 33,6 milhões e este, Cr$ 33,1 milhões em prêmios. Em vitórias, Executioner está com 12 e Telescópico com 14. Em terceiro aparece Halpern Bay (Nijinsky), que com apenas um filho correndo tem Cr$ 22,7 milhões e 3 vitórias. Seguem-se Henri le Balafré (Sassafrás), Tumble Lark (T.V.Lark), Rio Bravo II (Saidam), Ghadeer (Lyphard), O Maior (Tratteggio), Duplex (Breeders Dream), Montebello (Mariache) e Hampstead (Heathen).

AVÓS MATERNOS

Locris (Venture) largou na frente. Tem Cr$ 31 milhões em prêmios e 15 vitórias, enquanto Tumble Lark (T.V.Lark), o segundo colocado, está com Cr$ 29,4 milhões e 20; e Lunard (Cigal), o terceiro, tem Cr$ 28 milhões e 7. Seguem-se Waldmeister (Wild Risk), Zenabre (Pharas), Chaparral (Val de Loir), Earldom (Princequillo), Millenium (Aureole), Xaveco (Sayani), Rio Bravo II (Saidam) e Eylau (Ogan).

noje

naldo) - Cr$ 941.600,00

500AM	1'35"5	17	Nada a recomenda. Difícil
400AL	1'27"9	7	Largou mal e fez 3º. Chance
500AM	1'35"5	9	Não será apresentada
800GL	1'54"3	14	Está estendida. É a força
000GL	2'08"6	17	Alcançou-se. Objeto de fé

ian-Love

an) - Cr$ 535.000,00
0.000,00

1500AL	1'34"8	16	Ainda perdedor. Incógnita
1600GL	1'39"1	5	Turma favorável. Alta chance
2800AE	3'00"4	50	O páreo enfraqueceu. Boa pule
2200AP	2'20"5	2	Pode aparecer no finalzinho
1800AL	1'55"8	2	Sua forma agrada. Perigoso
2200AP	2'20"5	7	Esperam mais. Pode chegar

ipton

p) - Cr$ 856.000,00

1400AE	1'25"6	9	Não corre só aquilo. Viável
1300AE	1'19"5	2	O páreo endureceu. Difícil
1400AM	1'26"5	5	Correu abaixo do esperado
1400AM	1'26"5	pes	Claiming encorpado. Aguarda
1500AL	1'33"	6	Bem no páreo. Muita chance
1600GL	1'40"6	4	Carreira dura. Não anima
1300AL	1'18"6	14	Já venceu em prova similar

- Beliscão

ate Bueno) - Cr$ 1.070.000,00

1400AM	1'26"8	16	Fraca amostra. Não anima
1600GL	1'39"7	29	Altos e baixos. Incógnita
1100AM	1'07"9	10	Melhor no percurso. Viável
1100AM	1'08"7	1	Boa atuação. Uma das forças
1400AM	1'26"8	11	Bem mexida. Chance dilatada
1600GL	1'41"5	10	Piorando nas últimas. Azar
1100AM	1'08"5	9	Razoável a estréia. Cuidado
1000GM	1'00"2	5	Comentada. Pode estraçalhar

- Kirvala

ate Bueno) - Cr$ 1.070.000,00

1600GL	1'41"5	4	Chegou perto. Alguma chance
1400GL	1'28"2	20	Chegou [illegible]

Veloz Giorgio Vergano volta à São Paulo

O campeão de velocidade Giorgio Vergano voltou sábado dos Estados Unidos. Ontem, o filho de Elgay e Sea Crow que está aos cuidados de Pedro Nickel Filho galopou pela primeira vez em Cidade Jardim. Seu mal foi uma tendinite, que é de difícil cura.

BARBADAS

● O cavalo El Talifa, ganhador do 6º páreo, dia 23, correu sob efeito de azul de metileno, substância proibida pelo Código Nacional de Corridas. A contraprova foi ontem. O cavalo é treinado por Carlos Cabral (está substituindo Antonio Alvani), que informou que em 43 anos de profissão esta é a primeira vez que enfrenta um caso de substância proibida. E curiosa e triste coincidência: Antonio Alvani foi suspenso pelo uso de azul de metileno. Seu substituto Mario R.Campos também foi punido pela mesma substância e agora, Carlos Cabral pelo mesmo remédio.

● Neste sábado uma atração a mais em Cidade Jardim; o **Jockey Club Gold Cup**, Grupo I, em 2.000 metros, areia, que será televisionado diretamente do Hipódromo de Belmont Park, em Nova York. A prova,

Há um Século

O Estado de São Paulo

20 de março de 1.892

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Reclamação

Queixam-se moradores de Santa Ephigenia de que a rua do Bom Retiro e as da Conceição e Episcopal se acham em tão miseravel estado que já chega a ser um imminente perigo publico.

Aquella rua só tem as calçadas lateraes; o centro é dividido pelos trilhos dos bonds em tres grandes valos profundos e largos, onde empoçam as aguas da chuva que alli ficam durante dias estagnadas até que a decomposição procreie os microbios das febres que tem invadido as casas adjacentes. Dizem os moradores do local que tem reclamado da Intendencia sem que ao menos tenham conseguido que a Companhia Carris de Ferro faça o calçamento entre trilhos, como é o seu dever.

Alem da estagnação das aguas ha outro incoveniente consideravel: todos os dias alli tombam carros e carroças e ainda hontem tombaram um bond daquella companhia que ia causando um desastre.

Para estas lamentaveis factos chamamos a attenção da digna intendencia municipal.

Liberdade de imprensa

Foi regularisado o exercicio do direito de manifestação de pensamento por meio da imprensa, estabelecendo a liberdade de discussão por este meio sobre qualquer assumpto, não se permittindo o anonymato, devendo todo o escriptorio dado a estampa ser assignado.

Excursão ao Ypiranga

Hoje, salvo se o dia apparecer chuvoso, realisa-se a excursão matutina ao Ypiranga. Bonds especiaes conduzirão áquelle aprazivel bairro familias e convidados.

Conde de Leopoldina

O Conselho da Camara Civil e Criminal confirmou a sentença da fallencia do Conde de Leopoldina.

Piracicaba

Cahiu alli uma chuva torrencial, augmentando o volume de agua do Itapeva e causando muitos prejuizos a algumas pessoas.

Companhia Agua e Luz

DO

ESTADO DE S. PAULO

De accôrdo com o artigo 16 do decreto de 17 de janeiro de 1890, ficam a disposição dos srs. accionistas, no escriptorio a rua de S. Bento n. 59, os documentos a que se refere o mesmo artigo.

S. Paulo, 1º de março de 1892.

Victor Nothmann, presidente.

gueses reagiu e baleou o garoto na perna direita.

O Chevette foi abandonado e os menores fugiram. B.F.L. entrou num ônibus e acabou sendo preso por PMs e levado para o Pronto-Socorro do Jardim Iva. O outro menor não foi identificado. Ontem à tarde, ao ser liberado pelos médicos e levado para o S.O.S. Criança, o menor explicou que rouba há mais de um ano.

anos, na esquina das Ruas Assembléia e Quitanda, no centro do **Rio**. Depois do assalto, os menores foram perseguidos por uma multidão que queria linchá-los. Um deles foi preso por um PM e os outros três fugiram. Na Rua da Quitanda, os fugitivos tentaram ainda assaltar uma outra pessoa. O menor preso foi encaminhado ao Centro Brasieliro para a Infância e Adolescência.

De Segunda a Segunda UM NOVO ESTADÃO.

Quero assinar O Estado de S.Paulo. Sei que tenho direito a 20% de desconto sobre o preço dos exemplares avulsos. Minha opção é: (Marque com um "X").

Região/Opção	☐ Sem. à Vista	☐ Sem. 3 x	☐ Anual à Vista	☐ Anual 3 x	☐ Anual 4 x
☐ SP/RJ/PR/MG	156.000,00	68.300,00	312.000,00	136.600,00	109.300,00
☐ MT/MS/SC/GO/DF	247.500,00	108.400,00	495.000,00	216.800,00	173.400,00
☐ Outros Estados	337.000,00	147.600,00	673.900,00	295.200,00	236.000,00
☐ Entrega Postal	337.000,00	—	673.900,00	—	—

-dobre aqui e cole no verso-

Prefiro autorizar o débito do valor à vista em meu cartão de crédito.

Nome do cartão _____

Nº do cartão _____ Validade ___/___/___

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

CIC _____ Telefone _____

Data ___/___/___ Assinatura _____

SE PREFERIR, ASSINE PELO TELEFONE:

9(011) 858-9000

20/03

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA Local de entrega sujeito a confirmação.

recorte aqui

05999 - São Paulo - SP

O selo será pago por
S.A. O ESTADO DE S. PAULO

CARTÃO-RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR

ISR - 40-2668/83
UP - AG. CENTRAL
DR/SÃO PAULO

HÁ UM SÉCULO

O ESTADO DE S.PAULO

27 de maio de 1.899 (*sabbado*)

Numero avulso, do dia, 100 réis. - atrasado, 140 réis.

Torrinha

A memoravel data da lei aurea de 13 de maio não passou despercebida entre nós. Os homens de côr fizeram um agradavel samba, que foi regado com o sumo da canna.

São João da Bôa Vista

Apezar de estarmos em fins de maio, tem feito calor durante o dia, sendo, porém, as manhans e noites fescas.

Imposto

Consta-nos que na sessão de junho alguns vereadores proporão a suspensão da execusão da lei que criou o imposto de limpeza particular.

Rio

Hoje á noite revoltaram-se os presos da Casa de Detenção, allegando a má qualidade da comida que lhes é servida. Um reforço da brigada policial restabeleceu a ordem. Os cabeças do motim foram transferidos para a Correção.

Washington

O general Otis telegrapha que os filipinos foram novamente batidos pelas tropas americanas em San Fernando. Os americanos tiveram 7 mortos e os insurrectos cincoenta.

Espertalhões

Ha tempos chámamos a attenção do publico, por estas columnas para alguns espertalhões, que, intitulando-se estudantes, promovem subscripções todos os dias e, com diversos cavalheiros desta capital. Hontem, os espertalhões pretenderam fazer ao contribuinte de uma subscripção para transportar um moço pobre para o Rio Grande do Sul, o redvmo, padre dr. Julio Maria, que está hospedado no mosteiro de verificar que era falsa a assignatura de Basilio Machado. Deixando de concorrer para a subscripção, o padre Julio Maria concitou-os ao trabalho honesto, para honra de suas familias, que não desconhecidas nesta capital.

Carlos Dantas

A tranquilidade de uma orquestra

Uma ilha de tranquilidade, de eficiência artístico-cultural-social, eis como se pode situar a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas. Situação ainda mais definida tomando-se por contraste o quanto outros destacados grupos orquestrais brasileiros estão se debatendo num emaranhado de dificuldades. Na própria capital paulistana, a Sinfônica Estadual é um coisa amorfa e acéfala, e Municipal está em situação beigerante, com instrumentistas fazendo leitura de manifestos em cena aberta. A do Municipal do Rio fica na iminência de ser vítima, outra vez, do Darci Ribeiro - o carrasco dos músicos. A OSB, a veterana e querida OSB em crise quase agônica, a anunciar uma programação papel carbono de várias outras temporadas.

Realmente só a Sinfônica Municipal de Campinas, vale insistir atravessa incólume o vendaval.

Benito Juarez, maestro titular e diretor musical desde 1975 desenvolve um trabalho intenso e diversificado. Indiferente a críticas ortodoxas, o maestro assiduamente desloca sua equipe sinfônica à céu aberto, na periferia da cidade, com a participação de estrelas da música popular, além de fazer audições em igrejas, escolas e clubes.

Benito Juares (E), maestro da Sinfônica Municipal de Campinas, e o pianista Fernando Lopes

Nem por isso deixa de cuidar dos concertos formais com obras do repertório universal. E foi assim que domingo da outra semana, no teatro interno do Centro de Convivência Cultural Campinas, a Sinfônica Municipal apresentou-se em récita inaugural da programação deste ano. O número de abertura resultou interessantissimo: - 1.ª audição mundial do poema *Werther*, do brasileiro Alexandre Levy - verdadeiro resgate do nosso passado recente, habitualmente tão niglegenciado. É de justiça registrar-se nesse resgate o esforço do musicólogo Arnaldo Senise, que está recuperando e pondo para vivenciar todo o acervo de Alexandre Levy. Trata-se de um compositor paulista que viveu uma vida muito breve (28 anos) e deixou um legado musical que se acredita documentador da arte de seu tempo. Esse *Werther* (1888) é um drama, um poema sinfônico dos vários que escreveu refletindo naturalmente os padrões europeus de então. Soa muito bonito, uma orquestração rica em sua intenção dramática. A Sinfônica de Campinas deu uma versão muito expressiva, poética, densa.

Mozart, em celebração de biventenário foi a obra seguinte. *Concerto para piano* K. 459, em Fá maior, e o solista Fernando Lopes atuou com a forma esperada. E dos nossos pianistas mais considerados, de maior possança técnica e vigor emotivo, relativamente pouco conhecido. Não é de badalações, de mundanidades, e divide seu trabalho no teclado com o ensino na Unicamp. Justeza estilística, compreensão radical da mensagem mozartiana foram marcas constantes da performance de Fernando Lopes, serenamente secundado pela regência de Benito Juarez. Em extra, a *Marcha Turca* levou o público a aplausos mais intensos e demorados.

De cor, com segurança, Benito Juarez conduziu a Sinfônia de Campinas nessa noite inaugural de temporada através da *1.ª Sinfonia* de Brahms, concluindo o programa. Um *tour de force* para uma equipe de média de idade bem juvenil, mas perfeitamente logrado em diferenças de timbre carecendo, talvez, de maior amplitude nos "fortes". Para maior entusiasmo da platéia, a *Danã Húngara n.º 5* também de Brahms, foi o extra, a *propina* como dizem os espanhóis. Agilidade, graça e senso coreográfico assinalaram a execução. Deste modo a entidade sinfônica campineira deu partida a seu trabalho em 1991 provando ser mesmo uma ilha de serenidade e produtividade real em meio à recessão tempestuosa que se abate sobre todos os principais núcleos orquestrais do país.

TRIBUNA DA IMPRENSA 27/03/91

SÃO PAULO RECLAMA

O Estado de São Paulo

30 de setembro de 1.890

Numero avulso, do dia, 60 rs. -- atrasado, 100 rs.

Conselheiro Saraiva

Consta no estado da Bahia que resignará o cargo de senador para que foi eleito o sr. conselheiro Saraiva e que nesse caso o partido nacional apresental-o-á candidato ao cargo de governador do estado.

Telegrammas

Rio, 29 — Um poderoso syndicato franco-belga trata de adquirir todas as linhas carris desta capital, achando-se já aqui o seu representante.

Alliança

O *Gaulois*, folha que se publica em Pariz, affirma em seu numero de 27 do corrente que a Inglaterra, a França e a Russia estão tratando por via diplomatica de um accôrdo para firmarem alliança offensiva e defensiva, que se opponha efficazmente á Allemanha, á Austria e á Italia colligadas.

Ao Polo Norte

Annuncia-se em Pariz uma curiosa e importante expedição scientifica. O sr. Georges Bazacon, director da escola superior de navegação aerea, e o sr. Gustavo Hermite, astronomo, tencionam atravessar e observar as regiões desconhecidas do Polo Norte, partindo para este fim em balão, de um determinado ponto da costa de Spizberg, e alcançando outro da Asia Septentrional ou extremo norte do continente americano. A distancia que se pretende percorrer será, pelo menos, de 3.500 kilometros, devendo a viagem durar 5 ou 6 dias.

Duello

Bateram-se ante-hontem em duello, em uma chacara, na capital federal, á 1 hora da tarde, os nossos collegas Turchi, director do jornal *La Patria*, e A. Sfrappini, jornalista italiano em Buenos-Ayres. A arma escolhida foi o sabre (*epée de combat*), tendo ficado ligeiramente ferido no labio inferior o sr. Turchi. Foi lavrada a acta, e os dois contendores apertaram-se as mãos após o duello, originado de uma artigo publicado na *Patria*, com referencia ao sr. Sfrappini, tendo o sr. Turchi assumido a responsabilidade do artigo, como redactor-chefe daquella folha.

Palcos e circos

Com um concerto magnifico despediram-se no sabbado, do nosso publico o violinista Marcel Herwgh e a distinctissima pianista Gemma Luiziani. (...) Os dous artistas foram muito applaudidos.

Peitoral Jaramacarú
do Dr. Carlos Bittencourt

Tratamento curativo de todas as molestias do peito e da garganta, defluxos, tosses simples e convulsas, coqueluche, constipações, asthma, bronchite, catarrho chronico e tisica pulmonar e do larynge, molestias urinarias. É o primeiro peitoral que se conhece até hoje na medicina.

O E. S. P. 30.9.1890

Herwegh - o violinista amigo de Wagner que deu ~~de~~ ensaios presente a Henrique Luiz Berg a ceia de Wagner, ~~[illegible]~~ em penhor de gratidão pela acolhida que dera em outro tempo aqui em S. Paulo.

O E.S.P. 22.8.1990

HÁ UM SÉCULO

O Estado de São Paulo

22 de agosto de 1.890

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Pernambuco

No *Jornal do Recife*, de ante-hontem, o dr. Martins Junior aconselhou mais uma vez os seus amigos a continuarem firmes no seu apoio ao governo provisorio, reprovando formalmente a idéa da organisação de uma chapa do partido republicano e condemnando qualquer colligação contra a integridade da chapa official já publicada.

Telegrammas

Rio,21 — Mandou-se pôr á disposição do governador do Rio Grande do Sul a quantia de 338:975$425 para o serviço da repartição de terras e colonisação naquelle estado.

Rio,21 — Esteve muito concorrido o enterro do negociante Antonio Jose de Moura Filho, socio da Casa Viseu & Comp.

Deodoro

Acha-se ligeiramente enfermo o Marechal Deodoro.

Guilherme II

Chegou ante-hontem em S. Petersburgo o imperador Guilherme II, sendo enthusiasticamente recebido pelo povo. O soberano allemão hospedou-se no palacio do Czar, onde foi obsequiado com um banquete. Os dois imperadores brindaram a paz européa, por cuja manutenção prometteram ambos empenhar-se.

Inglaterra

Fazendo o encerramento das sessões do parlamento, a rainha Victoria referiu-se ao augmento do effectivo do exercito e declarou que a Inglaterra e os Estados Unidos da America do Norte estão de accordo em submetter á arbitragem a questão da pescarias do Mar de Bhering.

Onça

No bairro da Boa-Vista, municipio da Bella Vista, neste estado, alguns caçadores mataram a tiros uma onça que acossada na toca pelos cães e enfurecida despedaçou alguns delles antes de receber o tiro mortal.

Santos

Foram vendidos ante-hontem pela quantia de 23:000$000, noventa e nove metros de terreno, situado no caminho velho da Barra, a um negociante daquella praça.

Il Pensiero Italiano

Appareceu ante-hontem o primeiro numero desta nova folha creada para servir aos interesses da colonia italiana. Publica-se diariamente demonstrando com esse facto a importancia da desta colonia. Ao collega as nossas saudações.

Casa Levy

O mais antigo e acreditado deposito de pianos da capital. Todos os pianos são garantidos legitimos pelos certificados fornecidos directamente pelos fabricantes.

Piannos:
H. Herz
Brandes
Pleyel e
Sprunk
Rua 15 de Novembro, 33.

TERÇA-FEIRA

O ESTADO DE S. PAULO

27 DE MARÇO DE 1990

Metade das ruas de SP são anônimas

IZILDA ALVES DE OLIVEIRA
Especial para o Estado

Das 60 mil ruas existentes em São Paulo, 30 mil ainda não têm nome. Essa situação, no entanto, deverá modificar-se, pois um projeto já está em andamento no Departamento de Cadastro Setorial (Case) da Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano (Sehab) para que essas ruas sejam denominadas até julho do ano que vem, segundo seu diretor técnico, Márcio Freire Penteado.

As regiões da cidade onde há mais ruas e logradouros públicos sem nome são as zonas Leste e Sul e para facilitar o trabalho de denominação existe, desde 1978, um Banco de Nomes organizado por funcionários do Arquivo Histórico do Município. Esse banco já reuniu quatro mil nomes novos e continua sendo reabastecido com outros por pesquisadores, por meio de um projeto temático que vai das artes à ecologia, do esporte à história, passando por asssuntos como jornalismo, literatura, política, cinema, profissões, religião, indigenismo, e até movimento operário ou estilos musicais.

A questão da denominação de ruas não se resume, porém, à falta de nomes: das 30 mil batizadas, muitas sofreram alterações ao longo dos anos, quase sempre por iniciativa de políticos, ação que o atual presidente da Câmara, Eduardo Suplicy, tenta coibir. Além disso, muitas delas tornam quase impossível o trabalho dos bombeiros, Telesp e Correios: só de ruas Um existem 250; as ruas Dois são mais de 240; e São Paulo tem 160 ruas A e 90 ruas Particular.

Márcia Zoet/AE

Rua Antônio Gonçalves da Cruz, em Perdizes: a mais nova de São Paulo a ganhar nome

Às vezes, soletrar é a única saída

Enquanto há moradores de ruas anônimas na Capital, outros têm, muitas vezes, de soletrar seus endereços para ser entendidos. São nomes exóticos, a maioria procedente do tupi-guarani, ou pitorescos, cujos significados podem ser encontrados no Arquivo Histórico da Secretaria Municipal de Cultura. Entre esses casos está o das ruas Xiririca (em tupi-guarani, corredeira), Confluência da Forquilha, Terra sem Males e Pássaros e Flores. Além desses, há vários outros, como Poxoréu (cidade de Mato Grosso), Putumuju (árvore silvestre brasileira), Astarté (deusa semítica da mitologia grega, protetora de várias cidades), Acaiaca (tribo indígena do Amazonas), Sol da Meia-Noite, Copo de Leite e Erva Pombinha.

Luís Antônio Costa/AE

Nomes pitorescos ou exóticos: os significados estão no Arquivo Histórico da Prefeitura

Sehab recupera informações

A existência de ruas anônimas em São Paulo não é um problema só para seus moradores, o Correio, a Telesp ou o Corpo de Bombeiros. A Prefeitura também tem dificuldades em localizá-las na hora de cadastrá-las para o recolhimento de impostos ou para resolver situações de pendências judiciais de loteamentos clandestinos, alguns existentes há décadas.

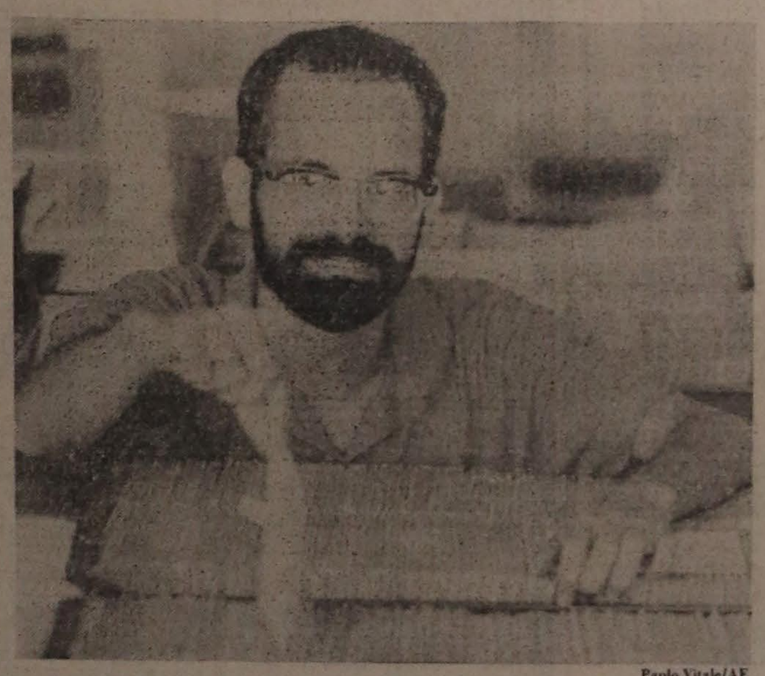
Márcio Penteado, diretor-técnico do Cadastro Setorial, diz que a Sehab está "recuperando informações" para tentar obter controle da situação, embora considere que não é um sofisticado processo de denominação de ruas que vá resolver os problemas. Apesar disso, a Sehab já criou um sistema de denominação provisória para as ruas não-oficiais, que segue o mesmo esquema do de Banco de Nomes. Com ele, as ruas recebem numeração regular, CEP, entram para o Cadastro de Logradouros (Cadlog), o Cadastro da Sabesp e o Catálogo de Ruas (Guia). "Tirar essas ruas do anonimato já é um bom caminho andado", salienta Márcio.

CRITÉRIOS

Num trabalho em conjunto com a Secretaria Municipal de Cultura, por intermédio do Departamento do Patrimônio Histórico (DPH), a Sehab levanta nomes para as novas ruas e estuda a possibilidade de regionalização de temas por bairros ou setores. Os funcionários do Arquivo Histórico costumam ser especialmente rigorosos nos critérios de aprovação de nomes de pessoas para denominar ruas e logradouros. Eles exigem a biografia e o atestado de óbito do homenageado e consideram a relevância dos serviços prestados por ele à coletividade. Qualquer pessoa, entretanto, pode sugerir nomes. Para isso, basta encaminhar solicitação ao Arquivo Histórico (Rua da Consolação, 1.024), observando essas exigências.

O presidente da Câmara Eduardo Matarazzo Suplicy garantiu, que na atual administração, os vereadores têm discutido bastante antes de aprovar um projeto de denominação de logradouros públicos. Dos 43 apresentados este ano, apenas oito foram aprovados. Do restante, cinco foram vetados, 11 arquivados, dois rejeitados e 17 retirados. Estudo realizado pelo Case concluiu que as indicações de vereadores para denominações de ruas — que em 1988 significavam 21,52% do total apresentado — diminuíram para 9% no ano passado.

Suplicy informou que neste ano já receberam aprovação nomes como Dilson Funaro (ex-ministro da Fazenda), Adão Manoel da Silva (sem-terra assassinado em São Paulo), Pixote (personagem que deu origem ao filme do mesmo nome, estrelado por Marília Pêra, morto pela polícia), Nara Leão (cantora), Zumbi dos Palmares (líder negro) e Darcy Penteado (artista plástico e militante da campanha de esclarecimento e prevenção da Aids).



Paulo Vitale/AE

Penteado: denominação provisória para ruas sem nome

Fraude na hora das mudanças

A presidência da Câmara encaminhou ao gabinete da prefeita Luíza Erundina neste mês um caso de mudança de nome de rua aprovado de maneira fraudulenta na administração anterior, prova de que nem sempre se verificou rigorosamente a validade de um projeto. Em agosto de 1987, o verador Naylor de Oliveira enviou ofício ao então prefeito Jânio Quadros no qual solicitava a mudança do nome da Rua Antapé (em Cidade Jardim) para Rua Padre José Grieco. A solicitação, aparentemente legal, continha uma biografia do padre e um abaixo-assinado com 105 assinaturas (equivalente a dois terços de concordância dos moradores), conforme exige a lei.

A solicitação foi entregue ao prefeito em caráter de urgência e, seguindo procedimentos normais, a Antapé foi então batizada de Padre José Grieco. Descobriu-se posteriormente, porém, que as assinaturas eram falsas, porque na rua, além da Igreja de São Pedro e São Paulo, só há quatro residências, nos nºs 26, 28 e 32 (antigo 30) e 200. O morador do nº 26 alegou não ter sido consultado, o do nº 28 teria sido procurado, mas não concordou com a modificação do nome de sua rua, e o do nº 200 nem sabia da existência do abaixo-assinado.

Já os moradores do nº 32 foram os encabeçadores da lista: Iracema Carvalho de Oliveira Alves e Suderly Alves. O pároco da igreja disse ter sido procurado por Suderly, que se apresentou como assessor direto de Jânio e advogado com influência na Câmara, apenas para ser informado de que a mudança de nome já havia sido aprovada. Suderly Alves é um dos envolvidos no caso de 234 secadoras de mão e 50 telefones para automóveis vendidos à Câmara em 1985. Com prisão preventiva decretada, ele se encontra foragido.

AE

Rua Direita, em 1862: a primeira a ser batizada

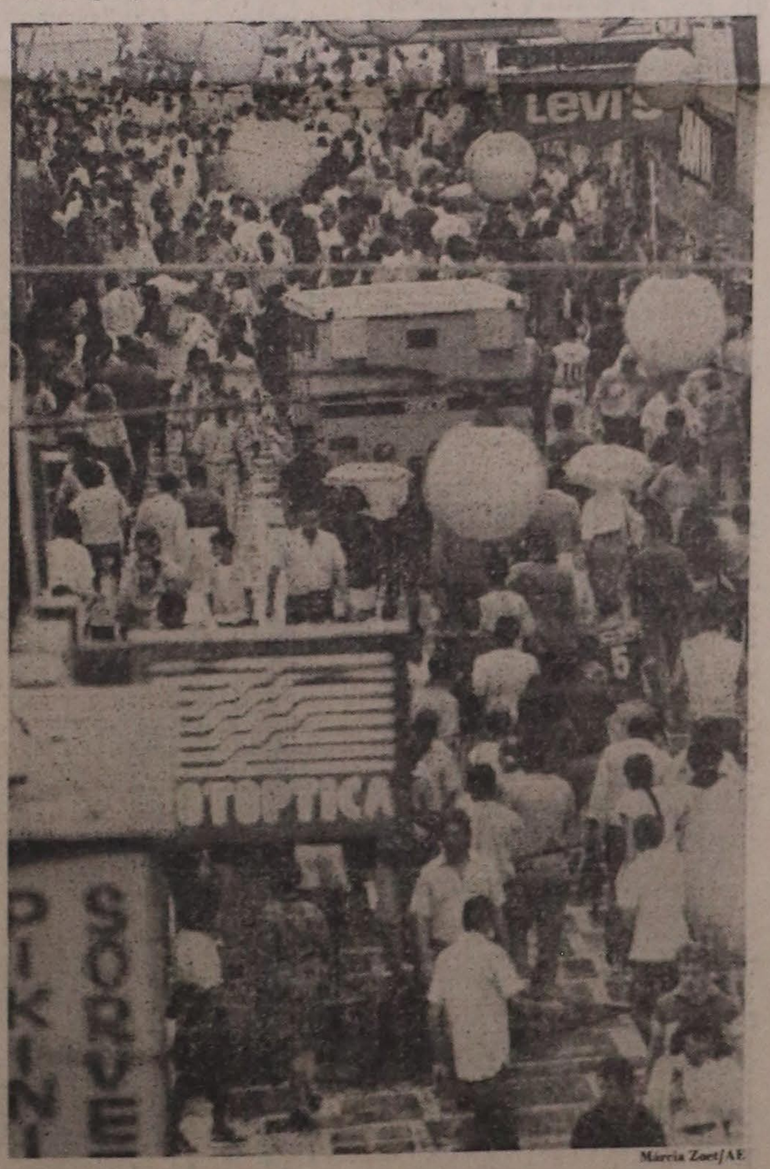
Primeiros registros de nome são de 1810

Os primeiros registros de nomes de logradouros públicos de São Paulo que se tem notícia datam de 1810, quando foram batizadas as ruas Direita, São Bento, Tabatingüera, do Commércio e Ouvidor e a Avenida São João. A Rua da Consolação e a Praça da República receberam essas denominações algumas décadas depois. Já as mais novas, aprovadas em fevereiro, são a Rua Antônio Gonçalves da Cruz, em Perdizes, na Zona Oeste, e a Praça Dilva Gomes Martins, em Itaquera, na Zona Leste.

Para o historiador Oriovaldo Campos Mello, chefe-substituto da Secção de Denominação de Logradouros Públicos, divisão do Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) da Secretaria Municipal de Cultura, os nomes das ruas, tanto antigos como novos, devem ser preservados: "A rua é o mestre dos homens; é na rua que as coisas acontecem. O imediatismo altera o caráter histórico das cidades". Mello afirmou que o Arquivo se empenha ao máximo para que nomes de ruas não sejam alterados. "São milhares de ruas sem nome em São Paulo, não vejo por que alterar as que já os têm."

Além disso, muitas das ruas mais antigas e tradicionais da cidade tinham denominações bem curiosas que foram sendo mudadas ao longo do tempo. A Rua Benjamin Constant, por exemplo, já foi Rua do Jogo de Bola e Rua Princesa Isabel antes de receber o nome atual. A Barão de Paranapiacaba era a Rua da Caixa D'Água, que já tinha sido a Rua das Sete Casas. A 15 de Novembro, uma das que sofreram mais mudanças até hoje, se chamou Caminho do Guaré, Rua Paes Linhares, Rua do Rosário e Rua da Imperatriz.

No início do século já se discutia — e se tentava impedir — na Câmara projetos de lei para a alteração de nomes de ruas, mas as mudanças nunca deixaram de ocorrer. Exemplos atuais são a Avenida Tatuapé, transformada em Avenida Salim Farah Maluf (pai do ex-governador Paulo Maluf), a antiga Estrada do Bororé, hoje Rua Dona Belmira Marin (mãe do ex-governador José Maria Marin) e a Rua Timbui, na Vila Mariana, que recebeu o nome de Il Sogno di Anarello, em homenagem a Giovanni Bruno, dono de um restaurante com esse nome no local.



Márcia Zoet/AE

A Direita, como é hoje: rua apenas para pedestres

AUTOS E ACESSÓRIOS

ATENÇÃO COMPRO
Automovel ano 85/88, para meu uso, pago à vista hoje até 220.000 cruzeiros. F: 217-7630.

AUTOMÓVEL COMPRO
Tr. F: 832-0109, particular.

ACEITO CRUZADOS NOVOS
Gol GL 1.8 90, branco NCz$ 900.000. Passat Flesh 87 N$ 450.000. Kombi STD 86, s/motor N$ 220.000. Caminhão Dodge trucado, motor fundido, N$ 400.000. F: 296-2921 / 295-6310.

ANDALUZ OK
Aceito troca. F: (011) 215-3928 / 914-8701.

ATENÇÃO!!! COMPRO VEICULOS
Gol/Voyage/Parati/ Pago em CRUZEIROS. F: 829-1511.

AMORTECEDOR
Vendo colocado. O mais barato de SP. Tel.: 914-7722.

AUTOS BATIDOS 3 VEZES S/JUROS
Vendemos todas as marcas e anos, menor preço da praça Fs.: 581-2710 e 577-7454.

AUTOS ALUGO
C/motorista. F: 530-3637.

AUTO 0KM
Todas as marcas e modelos, abaixo da tabela, em cruzeiros. F: 241-9411.

A-20 DUPLA 0KM
4 pts, completa. F: (011) 222-9744.

BOA COMPRA/VENDA
Faça hoje em Cr$ Todos anos/ marcas Assess. compl. 257-7393.

BRASINCA 89
Passofino, gas., ún. dono, completissimo, c/ couro, ar, dir., etc. Impecável. F: 260-6699. Part. Ac. eventual troca.

COMPRO FIAT
Acima de 1980 em bom estado, pago em Cruzeiros até 40 mil. Fs: 270-6898/ 278-1515

CBR 450 SR 90
0 km, grafite c/ cinza. Na Nota Fiscal. Ót. preço. F: (0132) 37-9004.

CBX-750 90
Azul $ 850 Mil (+) 20 prest. de cons. Aceito dólares/carro. Tel. 240-0331 Azevedo h/c

COMPRO CARRO
Compro seu carro tenho Cr$250.000. Tr. c/ Pinheiro 285-3211 Ramal 297 part.

COMPRO CARRO
Pago em Cr$ até $ 160.000.Tenho NCz$ também. Particular. F: 284-1944 R. 248 c/ Carmen

COMPRO CARRO
Pago até Cr$ 200 mil em dinheiro, part. F:572-9053.

COMPRO CARRO
Santana GLS, Monza Classic ou Kadett 90. Pago Cr$ 230 mil em cruzeiros. F: 228-6814 c/ Sr. João.

COMPRO
Voyage, Parati, Kaddet ou Escort 89/90. Pago até Cr$ 200.000,00 + Fusca. F: 941-6665 c/ Guerreiro.

COMPRO AUTOS SEMI NOVOS
pago em cruzeiros f 965-3658

COMPRO CARRO ANO 89/90
Até Cr$ 250.000, Fone: 814-1133 Alexandre-hor. coml.

CR$ X CARRO
Compro Seu Carro 0km ou Usado Pago em Cr$ à Vista F.: 543-6344

C 10-78
Gasolina, 6cc., pneus largos radiais, banco de veludo, caçamba em bom estado, 100% de mecânica-130 mil - 579-1616.

CHEVETTE SL 0KM
Pronta entrega. Entr. Cr$ 170.000 + divida de consórcio. F.: 61-4922 / 61-2538

COTA CONTEMPLADA
Cargo 1618 Entrada + dívida de consórcio. F.: 61-4922 e 61-2538.

COMPRO CARRO 89/90
Ofereço Escort GL 86 + 100 mil Cruzeiros. F.: 579-5802 depois das 19:00 horas

CORCEL II 78
Gasolina. Em bom estado. F.: 579-0169

C-15 77 MOD. 78
2º dono, original, tudo perfeito estado, de $300.000,00 por $ 200.000,00 mil cruzeiros. Tr. Av. Imirim 1.708 F.: 858-3286.

CARAVAN - 78
Comodoro, marron metal., gas., 4 cil., exc., estado, nova, $180.000,00. F.: 260-6699, particular.

CB 450 TR 87
C/ 6.000 km 958-0628.

COMPRO EM CRUZEIRO
88, 89, 90 carro de luxo. F.: 275-4838 / 944-9473.

CAMINHÃO FIAT
F 10 80, ót., estado. F.: (011) 215-3928 / 914-8701

COMPRO
Kadett GS, dou como parte de pagamento- Monza SLE 84. Pago a diferença em cruzeiros. F.: (011) 212-7637, c/ Sr. Carlos.

CB 450 DX 89
0 km, azul met., dez/89, sem uso. Oportunidade. F: (0132) 37-9004.

COTA CONTEMPLADA 0K
Gol CL, gas. Entr. (+) transf. de dívida. F.: 291-6191. C/ Carla.

COMPRO
Seu Carro 89/90, em cruzeiros, mais moto CBR-450 89 F: 241-9411

CHEVY SL 89
1º dono, 13.000 Km, super nova 825-6552.

C 20 89/90
Cab. dupla, compl., gas., equip.. F. 247-6177.

CARAVAN COMOD. 88
Azul met., álc., 6cc, compl. (-) ar. F: 273-6800.

COTAS CONTEMPLADAS
F 1000, Del Rey Ghia, Escort L Entrada + divida de consórcio. F. 61.4922 e 61.2538

D-20 OKM
Custon S 90/90, cabine simples. US$ 30.000. F: 458-8273.

D 20 89 DUPLA
Aceito troca. F: (011) 215-3928 - 914-8701.

D 20 / F 1000
Reformamos sua Pick Up ou transformamos em cab. dupla. Pgto facilitado, menor tempo de entrega. F: 247-6177.

ESCORT XR3 86
Verm., compl., ót. estado. US$6.500 ou troco menor valor. Tr. F: 523-2613

ESCORT XR3 89
Preto, completo c/ ar. Em cruzados novos. F: 229-3182.

F-1000-88 ROUBADA
Prata e Cinza, placas WF-2795, chassis 9.BFEXXL39JDB74913 - Gratifica-se bem em cruzeiro (Conf: BO-1662 / 90). F: 293.3685.

FIAT UNO / 87
Totalmente rev. e c/garantia, entr. $ 30.000,00 + mens. de 6.798,00. Tr. 825.2033 c/ Aparecida.

F 1000 SS/89
Com ar e dir. hidr. Bancos individuais, rodas esportivas e pneus maggion, cinza chumbo, 19.000 km rodados. Entr. Cr$ 114.000,00 + div. URGENTE. Tr. c/ Bueno pelo F: 255-1555 ramal 2876.

GOL 0KM
- 0KM = CL 89 + Cr$ 120 Mil
- 0KM = CL 88 + Cr$ 190 Mil
Facilito. Fs.: 542.7373/533. 3487/815. 0221/ 814.1906

GOL CL 1.6
0km, Cr$ 132 mil + prest. Cr$ 13.200,00. Cons. Brasilwagem. F: 278-5105 c/Lima.

KAWASAKI 1000 80
Documentada. US$ 18.000. F: (011) 215-3928/914-8701.

KOMBI FURGÃO 87
Bege, 32.000 Km, todo original estepe s/uso. F. 63.4218.

KOMBI 87 - LUXO
Ú. dono, bege, álc., veludo, igualzinho a 0KM, $360.000,00. F: 832-0536, particular.

MONZA 0KM
4p., gas., direção, US$ 26.000. F: 458.8273.

MARAJÓ 89
Prata, 15.000 Km, alc., Cr$ 550.000 em 5 pagtos s/ juros. F: 820-9142.

MP LAFER 79
Vermelha metalica, todo original. Carro de garagem. F. 63-4218

MONZA SLE MOD. 90
2.0, gas., cinza berilio, 2 ptas, compl. (-) ar, 900Km. F: 914-1638.

MOBYLETTE 90 0K
Várias. Financ. próprio. Entregamos a domicílio. Cr$ 65.000 F: 914-2633

MONZA SLE 84
Mod. 88. Super conservado. Est. de novo. $ 350 mil. F: 247-9586 c/Araújo.

MONZA 85 SLE
F.I, 2 pts., prata met., v.elétr. Facilita-se F: 288-2683.

MONZA SLE 83
Ún. dono, 70.000 Km, manual, ray-ban, tape, tudo original, perfeito. Muito novo. Ac. troca. Cr$ 310mil. F.: 63-2295.

MONZA SLE 87 2.0
Azul met. compl. (-) ar, 2º dono, álc., 2 ptas F: 914-1638.

MONZA KADETT 0KM
OPALA 0KM-Abaixo tabela. Todas as cores. F.: 814-9122.

MOTOS 0KM
CBX 750/CB 450 SR/XLX 350/NX 150/Aero/CG Today/XT 600/RD 350/DTZ/TDR/RDZ/RD 135-Ót. preço. F: 531-1455-J.Cohen Motos. HC.

MANGALARGA - 89 BRASINCA
Diesel, de único dono, 8 passag., 4 pts., cinza grafite, completa, c/TV à cores e video K-7, 2 ar cond., etc. MARAVILHOSA. F: 832-0536, res., ac. troca.

MERCEDES BENZ 78
2013 ou 2213. Troco por carro ou cruzados novos. F:957-5815

MONZA CLASSIC 90
Com todos opcionais, direção ajustável, azul angará, 15.000 km rodados. Entr. Cr$ 98.000,00 + div. Tr. c/ Renato F: 255-1555 ramal 2876

MOTORES 0K MWM PERKINS
Agora só na NP Auto-Diesel. Todas as linhas e modelos 229/4 zero a pronta entrega. Trocamos e adaptamos motor Pick-Up. F-1000-A, A20, A10 e Veraneio. Tudo em 3 pagamentos. Consulte-nos e ganhe um brinde. Av. Queiróz Filho, 400-Lapa. Telefone: 260-5755. H.C.

PREMIO CS 86
Preto, 5M. Eletr. Cr$ 200 + 2 de Cr$ 50. Ac. troca. 815-0221 / 814-1906 / 813-9562.

PARATI 0 KM
Gas. troco por Parati usado perf. est. F: 575-2025.

PASSOFINO
1.988, gasolina, tudo em couro, Blazer da Brasinca, ar, direção, tape, (+) vários acessórios. 1 milhão - 579-2000.

POINTER 89
8 mil km, aceito tel. ou financio. Cr$ 680 mil. 575-4299, HC.

PARATI GLS 1.8
Entrada 120 mil e transf. dívida. F: 207-7531 c/ Miro - Part.

QUER VENDER SEU CARRO?
Ligue e fale seu preço F. 523-9459
henri-CAR

SANTANA CD 85
Gasolina, ar condicionado, 4 portas. US$ 15.000 (cash ou cheque). F.284-2338.

SANTANA EXECUTIVO 0K
Automático, banco de couro, etc. Abaixo da tabela. Lacrado part. Cr$ 2.500.000,00. Fone: 255-3093/3094.

SANTANA GLS 89
Cinza met., gas., 4 pts., completo, Cr$ 950 mil. F: 279-5836.

SAVEIRO GL 0K
1.8, prata. Cr$ 450 mil. Ac. troca F: 829.1511.

SANTANA GLS 87
Met.,4p.,c/ar e dir. Cr$ 400 mil. Ac. troca. F.829.1511.

SANTANA GLS GASOL.
87/87, compl. T.fitas, seguro geral, met. 593.000, Ac.troca. F.240.3652 Av. Sto Amaro, 845.

TROCA + CR$ 160.000,00
Fusca 86 Ultima série estado OK p/ Diplomata 6cc ou Monza Classic OK à gaz. Dou diferença acima 35-2722 HC

TERRENO X CARRO
Itanhaém, 1.461 m lindo por Classic ou Quantum 0km - 37-0204

TROCA
Fusca 80 e Voyage 83 gas., impecáveis , por Auto 88/ 89, dou até Cr$100.000. Fone: 65-8536

TOYOTA -
Entr 240 mil e transf.divida.Urgente F:207-7531 Miro-Part.

TROCO POR:
Cabine Dupla ou Furglaine X Estalação completa de lanchonete, etc, etc. Tr. R. Bandeira Paulista, 935 - F: 820-8039.

UNO CS 86
Ótimo estado, som, etc. F: 247-6177.

VENDO URGENTE
Gol 85 e Voyage 82 gasolina. Tr. Tel: 957-2398.

VOYAGE 85
Troco estado de 0 Km, 49.000 Km, branco por Voyage ou Parati 89. Volto Cr$ 100 mil. Somente part. F: 466-0593 h/c.

VOYAGE GL 1.6
Entrada Cr$ 41.000 e transf. dívida. F: 279-7977 c/ José.

VOYAGE GL 90
Gasolina, 2 portas. Cr$ 105.000 entrada + 28 de Cr$ 11.000 (transferência consórcio). F: 291-7883 c/ Luiza (Hc)

VOYAGE 83 LS
Gasolina, em 3 pagamentos s/juros. Aceito troca. Fs. 829.0800 - 829.4712.

VOYAGE 1.8 OK
Plus, álcool. (tab. 850.) vendo p/650. mil (entrego hoje) F: 278-9061

VOYAGE FOX 88
Raridade. F: (011) 222-9744

XR-3 87 TROCO
Por Uno 1.6-R 90, gas. Dif. em Cr$. Tr. F: (016) 723-1215

XR 3 CONV. 88
NCz$ 1.700, Amarelo, c/ar. F. 944-9473 / 275-4838.

TROCA-SE
1 Kadett 89 e 1 Escort 84 por apartamento. Estuda-se contra-ofertas. F: 852-1035 ou 212-4779 após ás 13 h.

APARTAMENTOS VENDEM-SE

Flat Paulistania
REF: 10.057 - Próximo ao parque Trianon, 1 dorm., coz. kitchens, padrão Novotel, temos decorado no Pool, Tel.: 280-5577 - R. Estados Unidos, 1976 - Creci 5730 J
LOPES

Higienópolis
REF: 5164 - Novo, 4 dorms., lavabo, living em L, lareira, sala íntima, 3 garagens, exelente negócio, Tel.: 280-5577 - R. Estados Unidos, 1976 - Creci 5730 J
LOPES

OCASIÃO!!! S.PAULO X SANTOS
Troca-se apto. no bairro nobre da Aclimação, c/ living de 25 m2, 2 dorms. c/ A.E., dep. empr., est. de novo, em ótimo prédio, por apto. em Santos c/ 2 dorms. e demais dependências. Base 90 mil BTNF. Tr.: 544-2042 R. Onix, 83 - Aclimação
Veruche
CRECI 21.006

PERDIZES
134m².Gar.US$70.000. Quero vender! 67-7806 -Creci 8766J

HIGIENÓPOLIS
300m²-2gars. R.Bahia. Troco p/US$. 67-0126 creci 8766J.

TRANSF. APTO.
B. Vista- R. Manoel Dutra, 312 andar alto, 1 dorm, sala, gar, etc. Entrega Nov/90- 700 mil + saldo = aluguel (estudo div. formas pgto.) Tr. 231-2366 Sivel Adm. Pl. Com. Creci 464.

SUMARÉ
Compro. 2/3 dorms. Dou US$ + imóvel. 67-7806 Creci 8766J

R.BATATAIS
Luxo, gar. US$ 75.000. Andar alto! 67-0126 Creci 8766J.

HIGIENÓPOLIS
140 m². Gar. US$60.000. Preço total. 67-0126- Creci 8766J.

MORUMBI - 3 DS
Suite, Pisc., QE, AE. cr$2.600.000 SUPER FACIL. Tr. AÇÃO IMÓVEIS: 211-2725 / 814-3176 creci 11512

HIGIENÓPOLIS
360 m²-2gars.4dorms. "viagem ao exterior". 67-7806-Creci 8766J

ITAIM NOBRE
4 dorms. 2 gars. Aceita-se em US$! 67-7806 -Creci 8766J.

PERDIZES
4 dorms., 350m²-3 gars. Estudo oferta. 67-0126. Creci 8766J.

MOEMA
265m²-3sts, 3gars. Ocasião. US$ ou BTNF. 67-0126. Creci 8766J.

PERDIZES
227m²-2gars.e ste. Ótimo preço em US$. 67-7806. Creci 8766J.

APTO. X CARRO/ CRUZADOS
Vende-se apartamento 2 dormitórios, em São Bernardo do Campo. F: 448-2299 c/ Carlos

TERRAS, SÍTIOS E FAZENDAS

SOMENTE 1 SÍTIO
Formado c/café, todas as frutas, 3 lagos, 6 nascentes, registrado, cercado, c/casarão 6 cômodos e também do vizinho c/boa casinha. Sinal Cr$63.000,00, saldo a combinar. Tr. fs: 261-3965, 295-3701 e 222-7389 - ALLIGATOR IMÓVEIS - Creci: 30.611.

VENDO MINHA CHACARA
Em uma das regiões mais ricas do estado. Ótimo clima c/ todo conforto. A 50 minutos pela melhor rod. do estado. Entr. 210.000 a/c e 12 prest. de 17.500. Tr. 270-7567, 279-3047 creci 8198-J.

O seu imóvel está aqui.

TERRENOS

OPORTUNIDADE (EM CRUZADOS)
1.200 m² em condom. de a. padrão. Transfiro contrato. F: 295-6857.

Aqui tem imóveis para casados e descasados.

CASAS ALUGAM-SE

ITANHAÉM FTE. MAR
Nova, linda, varanda, churrasq. p/ 14 pess., férias e fins de semana F: 577-5406.

CASA COM COBERTURA
Com 3 dorms, 2 banh., sala ampla, etc. F: 562-1720 c/ Cleide.

ALPHAVILLE LOCAÇÃO
Temos Casas e Aptos de 3 e 4 dorms. em todos res. Excelente preço Tr: Know How Imóveis-Calçada das Rosas, 50 F. 421-6811 Creci 31.426.

APARTAMENTOS ALUGAM-SE

UBATUBA-ENSEADA
H.Nosso Cantinho. Prom. especial-sem. santa. Pague 4 e ganhe 6 dias (0124) 42-0163 Creci 297.

APTO GUARUJÁ
Alugo. Fone: (0195) 24-2590 com Luiza

MORE BEM E BARATO
No Centro de S.P. Apts c/ WC, fone, TV à cores e café completo. 1 pessoa (900, 2 = 1.350. Mensal 30% desc. 1 pessoa mensal = 18.900. Vallet Hotel (011)- 222-7911.

ITAIM MOBILIADO
Ótimo apto 1 e 2 Dorm. c/ Fone p/ 3 meses. completo c/ garagem. Local Nobre. F: 853-6800.

J. PAULISTA
Cob. duplex, 4 ds, 3 stes, 8 gars, piscina, 900m², 1ª locação, super pronta, alugo hoje. Cr$ 250.000. F: 885-7565.

ITAIM
3 ds, gar. Cr$ 40.000.

HIGIENÓPOLIS
3 ds, suíte, 2 gars, 200m² útels. Cr$ 60.000.

J. PAULISTA
3 ds, ste, gr. Cr$ 55.000.

VN CONCEIÇÃO
4 ds, 2 suítes, 3 gars, alto padrão. Cr$ 280.000.

HIGIENÓPOLIS
R. Mangabeiras, 640m², 4 stes, 6 salas, 4 autos. Cr$ 480.000.

J. PAULISTA
4 ds, suíte, 2 garagens. Cr$ 90.000.
Tr. Pamplona, 1581 Fs: 885-7565 e 885-4362 Creci 25108

GUARUJÁ ENSEADA
Kit p/4 pessoas. Cr$ 850,00. Tr. (0132) 872323/863747. CRECI 12898. S.A.Sobrinho.

ALUGO - VENDO - TROCO
Morumbi: Duplex novo, 400m²
Pacaembu: Alto luxo 700m², Rua: Mangabeiras
Fone: 826-6403 c/ Dna. Vera

LOCAÇÃO?
Possuimos o imóvel que você procura. Casas, aptos., 1, 2, 3 e 4 dorms., em toda a zona sul de S. Paulo. BMB IMÓVEIS - R. Ouvidor Peleja, 260. F: 577-9757 Creci J-9628.

EDEN IMOVEIS
F: 261-6688 e 260-2656 R. Isaac Annes, 20 - LAPA

ALUGA
Apto. V. Madalena. 2 Ds, Sala, Coz. c/arms. emb., Dep. empreg., Gar. Aluguel Cr$ 40 mil. Rua Girassol, 1317 - Chaves no local. Creci 20334.

FLAT CENTRAL PARK
J. Paulista. Alugo. DECORADO. F: 231-4315 Sr. Roberto. H.C.

FLAT ST. CHARLES
2 dorms., mob., tel., garage, andar alto. 5 estrelas. Preço Cr$ 85.000,00. tel.: 914-1357

ALUGA-SE
Familia pequena aluga quarto em fino apto. em Pinheiros p/moça ou rapaz Executivo que tenha refs., c/ café da manhã. Preço Cr$ 25.000,00. Tr. c/Lurdes pelo Tel: 881-9104.

JARDINS
2 Dts., Ste., 1/2 Grs. 4 Dts., 1/2 Stes., 2/4 Grs. e finas residências Z.Sul.
Skina Fone: 282-0513
R. Estados Unidos, 1398 Creci 16231

APART-HOTEL
A 2 minutos da Av. Paulista
O melhor pelo menor preço
Cr$34.790,00 p/ mês.
Alto luxo, 1 ou 2 Suítes. Mob c/ t.v. e tel. Serviço completo de hotelaria incluso. 2 piscinas, quadra de tênis.
(011) 251-5622 – Telex (011) 33383.
TEC – Creci 8949

ESCRITÓRIOS

CONJ. COML. ALUGO
Ót. jto. R. Amaral Gurgel - 115m² + amplo terraço c/tel. F.: 231-2366 Sivel Adm. Pl. Com. Creci: 464.

BELA CINTRA, 422
Nº 12, p/médico, dentista, p. liberal 92 m². F.: 34-0223 - Creci: 32.913.

CASAS VENDEM-SE

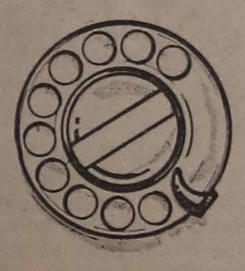
BUTANTÃ 3 DS
Suíte, 50% abaixo do preço, fácil, 6 vezes. Tr. AÇÃO IMÓVEIS. 211-2725/ 814-3176 Creci 11512.

BUTANTÃ - USP
Sobr. 3 ds., suíte. Permuto p/apto. ou facilito. Tr. Ação Imóveis: 211-2725/ 814-3176 - Creci: 11512.

JARDIM GUEDALA. INACREDITÁVEL PARA VENDER HOJE. NOVÍSSIMA COM FACILIDADES EM 6 MESES.

Vendemos luxuosa e aristocrática residência de altíssimo padrão com 790 m² de construção em espaçoso terreno ajardinado. Em exposição só hoje, à **Rua São Braulio, 374. ESQUEMA "LOJA DE IMÓVEIS" - Sind. creci 472 Av. Europa, 710 - Tel.: 280-9233.**

QUER VENDER O CARRO?



DÊ UMAS VOLTINHAS AQUI.

Classificados por Telefone do Estadão.
O melhor negócio, sem dar muitas voltas.

856-9922

Classificados por Telefone

O ESTADO DE S. PAULO

COMUNICADO CONSORTEC

As assembléias dos dias 21, 27, 28 e 29/03 ficam transferidas para 05, 06, 10 e 11/04, respectivamente, em virtude das últimas modificações econômicas do plano do governo. Esta medida torna-se necessária, visando o melhor atendimento e esclarecimento aos consorciados. Lembramos, que os pagamentos das parcelas das referidas assembléias, poderão ser efetuados no horário comercial, em qualquer um de nossos 3 concessionários.
Obs.: a assembléia do dia 21/03, que fora transferida para 30/03, será realizada conforme o último comunicado em 05/04.

consórcio consortec
Aut. Ministério da Fazenda 03/00122/88
POMPÉIA 262-5888
convel 826-6733 825-3566
Jardins 210-7833 210-9933

COMUNICADO

ESTAS SÃO AS CONDIÇÕES INÉDITAS QUE A CALTABIANO PODE OFERECER NESTE "BRASIL NOVO"

1. Automóveis novos ou usados, a prazo e sem juros.
2. Peças e Serviços a prazo sem acréscimo ou com qualquer cartão de crédito.

Ford Distribuidor
Av. Pacaembu, 380 Fone: 826-7911
Caltabiano Um Nome Familiar

O SEU USADO VALE OURO

MODELO	ENTRADA	PRESTAÇÃO
ESCORT L	"NO CONSÓRCIO CALTABIANO O SEU USADO, SUPER-AVALIADO, VALE COMO LANCE. VOCÊ NÃO FICA A PÉ E AINDA PODE LEVAR TROCO."	16.377,27
ESCORT GL		18.070,75
ESCORT XR3		33.787,48
ESCORT XR3 CONV.		66.384,98
DEL REY GHIA		28.768,72
VERONA LX 1.6		20.551,48
VERONA GLX 1.8 S/ AR		25.345,69
VERONA GLX 1.8 C/ AR		29.521,38
PAMPA L 1.8 4×2		15.312,51
PAMPA GL 1.8 4×2		17.433,62
BELINA L 1.8		20.375,15
F 1000		40.207,19
F 4000		33.429,55
F 11000		36.568,38
F 14000		43.663,25
CARGO 1418		82.039,30
CARGO 1618		83.972,85

Aut. M.F. nº 03/000140/89 de 01.08.89

AV. PACAEMBU, 380 - PLANTÃO PERMANENTE
FONES: 825-2630 • 67-8364 • 826-2449 • 826-7911 R. 231

Ford Distribuidor
CONSÓRCIO CALTABIANO 150 ANOS DE GARANTIA
Caltabiano Um Nome Familiar

SABE O QUE TEM NA CONSOLAÇÃO?

Tem Balcão de Anúncios do Estadão e Jornal da Tarde, funcionando de 2ª a 5ª feira, das 9h00 às 19h00 e 6ª feira, das 9h00 às 20h00, na Rua da Consolação, 247 lojas 4 e 5 (Praça Des. Mário Pires) tel. 257-4022.
Balcão de Anúncios do Estadão e Jornal da Tarde.
A solução mais perto de você.

O ESTADO DE S. PAULO
jornal da tarde

SABE O QUE TEM NA PAULISTA?

Tem Balcão de Anúncios do Estadão e Jornal da Tarde, funcionando de 2ª a 6ª feira, das 9h00 às 18h00.
E aos sábados, das 9h00 às 13h00.
Shopping Top Center - Av. Paulista, 854 - tel. 289-1135.
Balcão de Anúncios do Estadão e Jornal da Tarde.
A solução mais perto de você.

O ESTADO DE S. PAULO
jornal da tarde

HÁ UM SÉCULO

O Estado de São Paulo

18 de julho de 1.891

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Julio de Castilhos

Em Montevidéo correram boatos de que no Rio Grande do Sul havia movimentos das guarnições de S. Gabriel, Alegrete e Uruguayana, contra o governador recem-eleito, dr. Julio de Castilhos. Esses boatos foram, porém, desmentidos.

Revolução chilena

Todos os individuos accusados de conspirarem para destruir a esquadra governista foram fuzilados.

Sorocaba

Entre alguns cavalheiros da cidade de Sorocaba surgiu a idéa da creação de um mercadinho novo para verduras.

Escola fechada

Auctorisou-se a Directoria da Instrucção Publica a mandar fechar a escola publica do sexo feminino do bairro da Lagôa, em Itapecerica, por falta de alumnos.

Fallecimento

Falleceu hontem, nesta capital, o sr. Fidelis Nepomuceno Prates, ex-chefe da Casa Prates & Filho, de Santos.

Santo Amaro

A festa de N. Senhora do Carmo será no dia 19, e constará de missa cantada com exposição do Santissimo Sacramento. Sabbado e domingo haverá espectaculo no circo de uma boa companhia de cavallinhos. A festa está sendo precedida de novenas, que têm sido muito concorridas.

Carlos Gomes

Em uma reunião intima em casa do capitão tenente Graça, na capital federal, e onde estiveram presentes diversos membros dos congressos estaduaes, bem como o capitão Rodgers e o nosso maestro Carlos Gomes, tratou-se principalmente dos meios de levar a effeito a execução da symphonia do "Guarany", por uma orchestra de 1.500 musicos na Exposição de Chicago.

Acidente

Ante-hontem, ás 2 horas da tarde, os animaes da carroça n. 59, na rua nova que vae aos armazens da Ingleza, dispararam tão desastradamente que deram em resultado passar a carroça por cima da perna direita de seu conductor, que ficou completamente esmagada.

AO PARIS ELEGANTE

MODAS E ROUPAS BRANCAS

As senhoras Levy e Braun têm a honra de participar as illustrissimas familias de S. Paulo, que acabam de chegar de Paris com um **grande sortimento** de chapéos da **ultima moda,** bonitas novidades, roupas brancas, seda, roupas para meninas, etc., etc. a **preços muito moderados** e pedem as illustrissimas familias virem ver **a sua exposição.**

8, Rua do Marechal Deodoro, 8

PRIMEIRO ANDAR SOBRADO

HÁ UM SÉCULO

O Estado de São Paulo

17 de julho de 1.891

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Presidencia do Estado

O dr. Americo Brasiliense reassumiu hontem a presidencia deste Estado. S. exc. dará audiencia todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde, e ouvirá em outras horas os chefes das repartições em materia de serviço publico.

Casamento civil

O senado approvou em primeira discussão um projecto de Campos Salles sobre casamento civil e encerrou a primeira discussão dos projectos sobre corporações de mão morta e execepções sobre proprios nacionaes.

Liberdade de imprensa

Foi preso no Rosario, Republica Argentina, o jornalista Deolindo Munoz, accusado de abuso de liberdade de imprensa.

Revolução chilena

Foram fusilados em Santiago tres individuos, compromettidos no projecto de fazer voar as torpedeiras do Governo. Noticias de origem official affirmaram que Balmaceda offerece-se para levar a Iquique os seus partidarios. Os revoltosos continuam a sustentar que foram os vencedores em Vallemar.

Serviço sanitario

Consta no Rio que o sr. ministro do interior está elaborando um projecto de reforma do serviço sanitario maritimo para todos os portos da Republica, o qual será submettido á consideração do Congresso Nacional.

Amparo

No dia 14, em uma casa do Largo da Matriz, um menor de nome Manoel, filho do finado Belmiro de Campos Bueno, estando a lidar com uma garrucha velha, foi tão infeliz que a arma disparando causualmente, foi offender as costas de seu irmão mais moço de nome Lauro, que morreu instantaneamente.

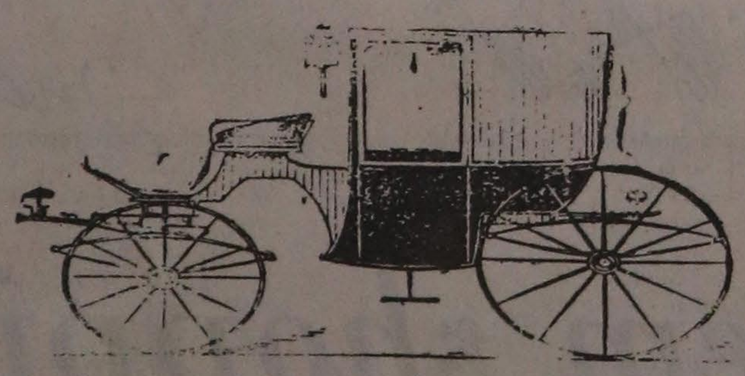
Palcos e circos

A Companhia Guilherme da Silveira representou na terça-feira *O Periquito*, peça que, pelos serviços que tem prestado, já bem merere uma aposentadoria.

Tenentes de Plutão

Para commemorar a data de 14 de julho, os socios d'esta sociedade organisaram um esplendido baile que attrahiu aos seus salões grande numero de pessoas.

Landaus, coupés, victorias etc.,
arreios para um e para dous cavallos



Garantido de superior qualidade

Premiado em Buenos Ayres, Parana, Cordoba, etc.

DA FABRICA DE GUILLERMO FEHLING BUENOS AYRES

Unicos representantes neste Estado

Hasenclever & Comp.

Rua do Commercio n. 9

Telephone n. 469 Caixa do correio 79

SÃO PAULO

Os carros estão á vista no deposito da rua de S. Bento, n. 88

HÁ UM SÉCULO

O Estado de São Paulo

12 de julho de 1.891

Numero avulso, do dia, 60 rs. - atrasado, 100 rs.

Congresso federal

No Congresso foi aberta a sessão á hora regimental, tendo-se votado em 3ª discussão o projecto n.5, que torna ostensivo aos empregados das secretarias do Senado e da Camara o montepio obrigatorio, e em discussão unica o parecer da comissão de constituição, poderes e diplomacia sobre a renuncia do sr. Faria Alvim ao cargo de senador por Minas Geraes.

Secca

No Rio Grande do Norte, em consequencia da secca que flagella a população do interior do Estado, o deputado Felippe Guerra apresentou uma indicação para se representar ao governo da União para tornar-se extensiva ao Estado a disposição do art. 5º da Constituição Federal que manda socorro aos estados no caso de calamidade publica.

Lisboa

Expirou hoje, sem difficuldade, a moratoria decretada pelo governo em 11 de maio. O Banco de Portugal fica sendo o unico banco emissor e gozará de suspensão de reembolso das suas notas até mudar-se o systema monetario.

Convenção litteraria

Já foi enviada ao Congresso Federal a Convenção Litteraria celebrada entre a França e o Brasil em 31 de Janeiro deste anno. Pelas clausulas desse convenio fica completamente garantido o direito de propriedade aos auctores de quaesquer livros, brochuras, e outros escriptos, obras dramaticas etc..

Estatua Silva Jardim

No dia 14 do corrente, o sr. M. Augusto Galvão abrirá nesta capital uma subscripção popular, cujo producto será destinado ao levantamento, na Praça da República, de uma estatua em honra do illustre e inolvidavel brasileiro Silva Jardim.

Immigrantes

Durante o primeiro semestre deste anno, chegaram aos portos do Rio de Janeiro e Santos 84.725 immigrantes approximadamente.

Circo

A Companhia equestre e gymnastica do artista, Henrique Lustre, continua a chamar grande concurrencia ao circo do Largo do Paysandú.

GRANDE AVENIDA PAULISTA

VENDA DE TERRENOS

Os proprietarios destes MAGNIFICOS TERRENOS resolveram abrir a venda em lotes, para o que convidam os pretendentes.

Demarcados em quadras, com frente para a GRANDE AVENIDA,

ponto de passeio do big-life,

arborisada á capricho e logo serão servidas pela LINHA DE BONDS em construcção.

Estes terrenos são incontestavelmente os MELHORES, OS MAIS SALUBRES, os mais altos (828m acima do mar) e os mais LINDOS desta capital, tornando-se especialmente recommendaveis pela MAGNIFICA VISTA que dalli se gosa, não só para a cidade, como para os arredores, de todos os lados.

Trata-se com os proprietarios no largo do Rosario n. 3 A, onde se acha a planta.

MODA/**Publicação**

Uma viagem ao passado a bordo do guarda-roupa

*O livro **A Roupa e a Moda**, lançado pela Companhia das Letras, percorre a longa trilha da evolução da maneira de se vestir do homem, da pré-história até os dias de hoje*

Cynthia de Almeida

Num país onde a moda quase sempre esteve relegada à condição frívola de pauta de revistas femininas, mergulhar na história da roupa através das civilizações soa deliciosamente irreverente e anticonvencional. É quase como trocar os pesados volumes de História pelas páginas ilustradas da revista **Vogue** e espiar a evolução do homem de dentro de seu guarda-roupa.

Mais do que oferecer um caminho inédito para o estudo da trajetória da humanidade, o livro **A Roupa e A Moda, Uma história Concisa**, do pesquisador inglês James Laver, lançado no Brasil pela Companhia das Letras, permite uma visão panorâmica dos costumes e cultura desde a pré-historia até os dias de hoje, com mais de 300 ilustrações de cada época.

Considerado uma das maiores autoridades em história do vestuário, Laver, que de 1938 a 1959 foi responsável pelos departamentos de Gravura, Desenho e Pintura do Victoria and Albert Museum, escreveu os primeiros nove capítulos da obra, atualizada, depois de sua morte, pela historiadora de moda Christina Probert, com o período que se segue à 2ª Guerra Mundial e chega até hoje.

O Início de Tudo, título do capítulo que abre a obra, precede as primeiras civilizações do Egito e da Mesopotâmia. São os primórdios da roupa, quase nunca desprovidas de requinte e luxo, qualidade que parecem acompanhar toda a evolução dos trajes através do séculos. Antes da simplicidae "clássica" dos trajes gregos, algumas civilizações, como a de Creta no ano 1400 a.C., revelaram trajes ricamente elaborado, com efeitos e formas semelhantes ao de algumas modas européias do final do século 19. "A cintura extremamente apertada acentua essa semelhança, e o resultado é tão chique, no sentido moderno, que uma das figuras mais bonitas dos afrescos (encontrados no início deste século nas escavações do palácio de Cnossos) recebeu o apelido de La Parisienne", observa Laver.

■ *Com sua cintura apertada e saia à moda polonesa, a figura de Creta (1600 a.C.) sugere a moda francesa de 1870*

■ *O esplendor bizantino domina o Império Romano a partir do século VI colorido, alegre e luxuoso*

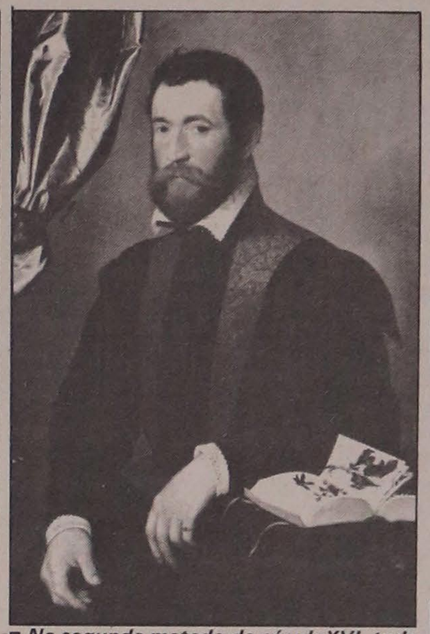
A civilização grega, com suas roupas drapeadas e soltas sobre o corpo, semelhantes para homens e mulheres, marcou uma época em que a distinção de sexo não era fundamental, bem como não se faziam restrições moralizantes quanto ao nu: os gregos se exercitavam nus nos ginásios, e os romanos usavam roupas sumárias que antecipavam o biquíni no final do século III d.C. Os romanos persistiram na simplicidade das togas até a expansão do Império ao Oriente. O luxo bizantino foi a primeira grande mudança no conceito de vestimenta da História Antiga.

A narrativa de James Laver não se aprofunda, porém, na riqueza que sempre acompanhou a "moda" oriental, concentrando-se na evolução das roupas do mundo ocidental. Na Europa, principalmente, a lente do pesquisador registra, passo a passo, o florescimento dos costumes desde o século II a.C até a segunda metade do século XIV, quando as roupas femininas e masculinas adquiriram formas que já se caracterizavam como "moda". Entre as curiosidades levantadas por Laver, estão, por exemplo, os sapatos masculinos utilizados no século XV, fantasticamente pontudos. "Para conter sua utilização, o rei Eduardo III chegou a promulgar uma lei que estabelecia que nenhum cavaleiro com o título de lorde, escudeiro ou cavalheiro, ou qualquer outra pessoa, usará sapatos ou botas com pontas excedendo o comprimento de cinco centímetros", diz Laver. O período do Renascimento conheceu uma moda preciosa e chamativa, que curiosamente privilegiava em extravagância os trajes masculinos em relação aos femininos. As roupas das classes altas eram de cores muitos vivas, sendo o vermelho uma das prediletas. Em meados do século XVI, porém, tudo mudou e a moda de cores vibrantes deu lugar à moda espanhola, ajustada, sombria, de preferência preta.

Essa austeridade seria quebrada no século 17; mas a partir do século 18, o prestígio da corte de Versalhes provoca em toda a Europa o que é o início da hegemonia francesa na moda internacional. "Daí em diante, roupas elegantes significavam, pelo menos para as classes altas, roupas francesas", comenta o autor.

O século 18 foi o século das perucas longas e empoadas e dos penteados altos para as mulheres, nas concepções mais absurdas e exageradas. O livro traz a descrição de um penteado de 1760: "Um topete altíssimo, puxado a partir da raiz dos cabelos e esticado sobre uma almofada no alto da cabeça, formava o centro da construção; fileiras de cachos dos lados; um chinó dependurado atrás defendia seu occipício como um contraforte; e toda a estrutura era mantida no lugar e à prova d'água por um grande número de longos alfinetes simples e duplos". Segundo Laver, esse penteado era coberto com uma pomada e depois com pó branco. Essa estrutura que permanecia intocada por meses se transformava, é claro, em abrigo de piolhos.

■ *Luxo renascentista no começo do século XVI exemplificado pelo rei Francisco I da França*



■ *Na segunda metado do séculoXVI, tudo mudaria: a sobriedade da moda espanhola dominava*

■ *O auge do exagero dos penteados femininos em 1778: arranjos verticais*

■ *O exagero da ponta dos sapatos, proibidos por lei (século XV)*

■ *Os modelos de Coco Chanel, talento revolucionário da década de 20, no nosso século*

■ *Moda masculina para primavera e verão, 1920*

Os primórdios do século 19 marcaram a utilização de pouquíssima roupa para as mulheres, o surgimento dos dândis, e dos primeiros antepassados das gravatas, os "plastrons". A abertura na moda declinaria na primeira metade do século, nos rígidos conceitos vitorianos. "Fazia-se de tudo para que as mulheres parecessem tão pequenas quanto possível, em parte talvez como deferência à rainha Vitória; que era de estatura diminuta", observa Laver. A partir de 1850, chegam os exageros das roupas armadas em que a mulher se assemelhava a um navio majestoso e desconfortável. Nunca a roupa dos dois sexos foi tão claramente diferenciada. O século termina, porém, com o entusiasmo feminino pelos esportes, pela vida ao ar livre e por roupas mais descontraídas que antecipavam o início do século 20, em plena ostentação e extravagância da Belle Epoque. As duas guerras mundiais atropelaram o desenvolvimento da moda, mas não brecaram seus movimentos. Reinaram, como nunca, os grandes estilistas. De Charles — Frederic Worth (1858) o papa pioneiro da alta-costura, ao advento Chanel e Schia parelli até (anos 20), as primeiras estrelas do prêt-a-porter, nos anos 50, a moda se acelerou num vículo na mesma velocidade do progresso tecnológico.

Nada escapa ao relato minucioso e ricamente ilustrado de James Laver. Cada textura, forma, significado e razão de ser das roupas está registrado, numa história gostosa moldada pelos olhos certeiros e críticos de um cronista da maior moda.

SERVIÇO

A Roupa e A Moda, uma história concisa — de James Laver. ed. Companhia das Letras, 285 páginas com 321 ilustrações — NCz$ 480,00. A venda nas livrarias Cultura, Brasiliense, Belas Artes e Saraiva

C I N E M A

França tenta vender Plínio Marcos em Berlim

*O produtor Marcelo França leva sua adaptação de **Barrela** ao festival alemão, pensando em conseguir verba para filmar o clássico de Gilberto Freire, **Casa Grande e Senzala***

Evaldo Mocarzel

RIO — Cansado de ficar correndo atrás de verbas para o projeto **Casa Grande e Senzala**, inspirado na obra máxima de Gilberto Freyre, o produtor Marcelo França decidiu fazer um filme de qualquer maneira. Juntou-se ao diretor Marco Antônio Cury, que trabalhou mais de 20 anos como montador e assistente de direção dos mais diferentes cineastas, e submergiu na produção de **Barrela**, baseado na peça homônima de Plínio Marcos. O filme foi rodado em apenas 14 dias, e a realização da idéia à cópia final, consumiu apenas seis meses de produção.

Marcelo França vai participar do Festival de Berlim, que será de 9 a 20 de fevereiro, e está levando **Barrela** debaixo do braço, junto com o projeto **Casa Grande e Senzala**. "Depois da morte do Joaquim Pedro de Andrade (que estava transpondo a obra de Gilberto Freyre para o cinema), fiquei cansado de acalentar o projeto. Tinha que fazer alguma coisa para sobreviver. Precisava sair daquele marasmo de produção. Acabei criando o 'Barrela S/A', dividido em 12 cotas, totalizando um orçamento de 700 mil cruzados." O produtor reinaugurou a cooperativa no cinema brasileiro, convidando atores e parte da equipe técnica para ser sócios do filme.

Barrela S/A é uma produção dos atores Cláudio Mamberti, Paulo César Pereio, Chico Dias, Marcos Palmeiras, Cosme dos Santos e Roberto Bomtempo, do fotógrafo Antônio Penido, do diretor Marco Antônio Cury e do cenógrafo Marcos Flaksman, associados à Nádia Filmes (produtora de Marcelo França), Banco Nacional, Embrafilme, Cinédia S/A (que cedeu seus estúdios), Grupo São Marco (apoio cultural através da Lei Sarney) e Armando Condo Investimentos S/A. "**Barrela** está aí para mostrar que existem saídas para toda essa crise financeira. O cinema brasileiro está vivo!"

Diretor de produção de projetos internacionais, como o inédito **Blame it on Rio**, de Stanley Donnen, e **A Floresta de Esmeralda**, de John Boorman. Marcelo França já dirigiu vários curtas e protagonizou o filme **Piranhas do Asfalto**, de Neville D'Almeida, no final dos anos 60. Na mesma época, também como ator, participou da leitura de **Barrela** sob a direção de Luiz Carlos Maciel, no hoje extinto Teatro Jovem, em Botafogo, Zona Sul do Rio, afrontando a censura da época, que manteve o texto de Plínio Marcos engavetado durante 20 anos, de 58 a 78. "O que era vanguarda na época hoje aparece o tempo todo na televisão. Com toda certeza, o filme não vai chocar", assegurou. Entre os seus futuros projetos, a adaptação cinematográfica de mais uma peça de Plínio Marcos: **O Abajur Lilás**.

Em Berlim, o produtor vai tentar fechar o orçamento de **Casa Grande e Senzala**, acionando contatos que fez no último FestRio, em Fortaleza. Marcelo vai levar em sua bagagem cerca de 400 mil dólares em pesquisas sobre o Brasil, do século XVI ao século XIX, supervisionada pelo arquiteto Lúcio Costa. Envolvido com a adaptação da obra de Gilberto Freyre para o cinema, acabou acumulando informações sobre o Brasil que, em breve, serão condensadas num banco de dados. O produtor pretende alugar a fonte de informações, que possui 700 desenhos e fotografias, 22 álbuns com figurinos de época, 1.200 locações cenográficas, 110 estudos de tribos indígenas, brasões, jóias, caligrafias, tipos de botão, enfim, um extenso acervo produzido por uma pesquisa extremamente minuciosa. Marcelo França está com os olhos voltados principalmente para a televisão espanhola, que, além de estar co-produzindo 12 filmes brasileiros, possui o maior **stand** do Festival de Berlim.

Ronaldo Theobald/AE

Marcelo França e o seu Barrela*: um orçamento de 700 mil cruzados dividido em 12 cotas*

Adaptação

Violência sexual atrás das grades

■ Na gíria carcerária, barrela significa curra, violência sexual. Na peça de Plínio Marcos um jovem é violentado pelos seus companheiros de cela. O cineasta Marco Antônio Cury optou pela sugestão "naturalista", em vez da violência explícita. "O filme vai supreender, porque utilizamos o lado irônico do Plínio Marcos. Procurei mostrar o ângulo que o espectador não pode ver no teatro. A linguagem é claustrofóbica. Trabalhei o tempo todo com planos fechados", explicou. Barrela é um filme dark e sua ação se desenrola em apenas uma noite. "Estou inaugurando o gênero punk no cinema brasileiro", brincou. O cineasta ressaltou as "interpretações extraordinárias" do elenco e o esquema cooperativista também na elaboração artística do projeto. "Nós gravamos os ensaios em vídeo, e os atores me ajudaram na decupagem (divisão das seqüências em planos). Trabalhamos todos juntos cada cena, chegamos a gravar mais de 20 planos por dia. Com uma equipe pequena e de altíssimo nível. tudo é possível", sentenciou.

O cineasta comentou que o texto de Plínio Marcos é "atemporal, universal", fazendo uma espécie de microfísica do poder entre discriminados e injustiçados. "Acho que esse texto poderia ser adaptado numa reunião de ministros. É tudo a mesma coisa. O ser humano é mesmo terrível. Mas, sem nenhum tipo de maniqueísmo, procurei falar da essência humana." (E.M.)

R Á D I O

A estrela caipira de Inezita

*No comando de um novo programa na **Cultura AM**, a veterana cantora, pesquisadora e professora de folclore, aos 35 anos de carreira, ainda tem um público grande e fiel*

Regina Echeverria

Ela não gosta que chamem sua música de "sertaneja", termo que, na verdade, hoje vale para classifi-

me Barroso, de quem hoje é desquitada e com quem teve uma única filha, que já lhe deu três netas. Começou, na verdade, como atriz, chegando a ganhar, em 1953, o Prêmio Saci, por sua atuação no filme **Mulher de Verdade**, de Alberto Cavalcanti. Foi em Recife, terra do marido, que acabou cantando pela primeira vez numa rádio. O sucesso **A Moda da Painga**, conhecido também como **Marvada Pinga**, foi gravado no final de 1953, nos estúdios da RCA, no Rio de Janeiro. Do outro lado, ela gravou **Ronda**, de Paulo Vanzolini, seu amigo de adolescência, que a acompanhou na viagem desta histórica gravação. Paulo Vanzolini, que era

Léo Peracchi - orquestrador
de 14 faixas de Alex Leary p/ um Tema
Popular Brasileiro.

Deodato quebra silêncio e toca depois de 25 anos

O músico executa clássicos e "fusion" hoje na "Série Arranjadores"

Alívio e frescor pra quem quer fugir do açúcar.

LUÍS ANTÔNIO GIRON
Da Reportagem Local

SÉRIE ARRANJADORES - Terceiro show do "Projeto Memória Brasileira", com arranjos de Lyrio Panicali, Léo Peracchi e Eumir Deodato. Músicos: Orquestra Experimental de Repertório, membros da Banda Savana, Eumir Deodato (piano), Victor Biglione (guitarra), Alex Malheiros (baixo) e Pascoal Meirelles (bateria). Hoje, às 21h, no teatro Cultura Artística (r. Nestor Pestana, 196, tel. 011/258-3616, região central de São Paulo). Ingressos: Cr$ 20.000,00 e Cr$ 40.000,00.

O arranjador carioca Eumir Deodato, 49, 34 de carreira, quebra hoje 25 anos de abstinência musical no Brasil. Ele não se apresenta no país desde 1967, quando partiu para carreira internacional nos Estados Unidos. Hoje à noite, a terceira da "Série Arranjadores", ele se posta ao teclado para apresentar seis arranjos "fusion" —três de músicas de sua autoria e três baseados em peças clássicas—, acompanhado por um trio e a Orquestra Experimental de Repertório.

A noite abre com arranjos inéditos dos maestros Lyrio Panicali (1906-1984) e Léo Peracchi, 83, com quem Deodato trabalhou nos tempos do selo Elenco, quando era pianista do grupo de Roberto Menescal. Uma de suas músicas que mostra mostra hoje, "Adeus Amigo", foi gravada no LP "Percepção" (1972), com regência de Panicali. Mas ele não se considera herdeiro do estilo desses maestros. "Aprendi com a precariedade dos péssimos discos do início da bossa-nova", diz.

Deodato mora em Nova York há 20 anos, tem 30 discos e 15 trilhas sonoras no currículo. Foi um dos primeiros arranjadores jazzísticos da bossa-nova. Sua estréia aconteceu no LP "Nova Geração em Ritmo de Samba", lançado em 1958, com vários cantores. Segurou a base musical do conjunto de Roberto Menescal. Acompanhou Frank Sinatra, Sylvia Telles, Roberta Flack e Aretha Franklin. Trabalhou com Tom Jobim. Vai produzir discos para as bandas Genesis, Depeche Mode, TR-808 e para a dupla Erasure. Compôs alguns sucessos, como "Baiãozinho", gravado por Lúcio Alves em 1964, e "Dia de Verão", segundo lugar do Festival Internacional da Canção de 69. Não tem como ser esquecido.

Mesmo assim, só é lembrado pelo grande público por causa do arranjo "fusion" que escreveu em 1972 para a abertura do poema sinfônico "Assim Falou Zaratustra", do compositor alemão Richard Strauss (1864-1949). Essa faixa —gravada em estúdio, sem "overdub", com Deodato ao teclado Fender e quarteto— acabou vendendo 5 milhões de discos no mundo todo para a gravadora CTI. "A música era um sucesso por causa de '2001, um Odisséia no Espaço', de Stanley Kubrick, e não foi difícil criar um arranjo para ela", conta.

Segundo o músico, a razão do sucesso não foi o ineditismo, mas a maneira como a partitura recebeu acréscimos: "Quando fiz o arranjo, já havia doze versões da música. O meu fez sucesso porque era o único que adicionava elementos novos. Peguei um baião que eu tinha feito com 15 anos e introduzi swing na música."

O arranjo fez Deodato vender discos e ganhar a fama de vulgarizador da música erudita. "Não vejo problema nisso porque não vulgarizo, mas popularizo", diz. Adaptou várias outras peças clássicas, como a redução para cordas da "Pavane pour une Infante Défunte", de Maurice Ravel (1875-1937), escrita originalmente para orquestra, e "Rhapsody in Blue", de George Gershwin (1898-1937), traduzida em ritmo de funk. Vai mostrar essas duas hoje, além de, claro, "Assim Falou Zaratustra". "No caso de Gershwin, não acho necessário adaptá-lo para o popular porque ele já é popular em si. Foi pedido da companhia e eu precisava gravar um disco na época."

Deodato adquiriu uma visão bastante pragmática da música. Não tem papas na língua ao falar de seus colegas nem acredita no ressurgimento da bossa-nova (*leia texto ao lado*).

"Você precisa medir música e sucesso pela vendagem de discos. Se não, fica tudo muito subjetivo." Está se envolvendo com a nova geração pop "para entrar na panelinha". Acha que a renovação é necessária. "Do contrário, eu estaria morto em 1958." Diz que nunca mais se apresentou no Brasil porque não apareceu ninguém que bancasse a viagem. "Vim desta vez não por causa de dinheiro porque acho que vou ter prejuízo até. É que eu quero que minha mãe me ouça tocar."

Adi Leite/Folha Imagem

O arranjador e compositor Eumir Deodato, que se apresenta hoje à noite com a Orquestra Experimental de Repertório

'Roberta Flack é uma chata'

Da Reportagem Local

A seguir, Eumir Deodato faz algumas revelações. Diz que compôs a introdução de "O Barquinho" (Menescal-Bôscoli), clássico da bossa-nova. Afirma que Roberto Menescal não tocava violão em algumas gravações do seu grupo.

Tom Jobim

Compus um arranjo para "Garota de Ipanema" em 1967, que o Tom toca até hoje nos shows. Em Londres, em 1969, compusemos a trilha para o filme "Os Aventureiros". Pegamos mania de comer salsicha com cerveja num pub.

Frank Sinatra

Achei péssimo trabalhar com ele (em 1969). Era vaidoso e antipático. Não cumprimentava ninguém. Comia sanduíche e não oferecia aos músicos. Botava cadeiras no estúdio para seus amigos, como Sammy Davis Jr. Tinha um jeitão estranho, de mafioso. Não ensaiou nem aprendeu nenhuma das músicas que cantou.

Roberto Menescal

Combinou de encabeçar o meu conjunto em troca de sucesso. A concepção era minha. Menescal muitas vezes não tocava nem violão. No primeiro disco do grupo, o violonista era o Celso Brando. Até a introdução de "O Barquinho" fui eu que compus.

Arranjo

Não fui influenciado pela velha guarda. Copiei alguns arranjos de Severino Araújo. Gostava de Henry Mancini para cordas, além de Oscar Peterson, Sérgio Mendes, Luiz Eça, Luiz Carlos Vinhas.

Roberta Flack

É uma chata.

Bossa-nova

O Brasil ressuscitou a bossa-nova, mas não tem futuro. Não é vendável. A música anda num período difícil. Caíram as vendagens estupidamente. Os donos de gravadora querem ganhar dinheiro. Música virou um pequeno detalhe no produto.

TELEVISÃO

famoso.

★

Apesar de a Ferrari ter oferecido US$ 25 milhões por ano a Ayrton Senna, o rapaz não ficou muito inclinado a aceitar.

Já que a escuderia italiana ainda teria que criar um carro para ele competir.

Bumerangue

Foi considerada na Corte como a primeira demonstração do **côté** *franciscano de Fernando Collor.*

★

No café da manhã de ontem na casa de Raimundo Lira, o marido de Rosane declarou aos empresários presentes que precisava sim de sua ajuda e apoio.

Angostura

Não foi só Luiz Antônio Fleury Filho que não gostou do fato de Antônio Claudio Mariz de Oliveira ter virado mentor de Paulo César Farias.

★

Quem ficou mais tiririca ainda foi Orestes Quércia —o cliente mais famoso do advogado.

Varal

Até os empregados da Casa da Dinda estão de orelha em pé.

★

Mexericos da Corte dão conta que desde que a confusão se instalou no **château** *dos Collor de Mello, a turma está temerosa quanto à forma de pagamento do próximo salário.*

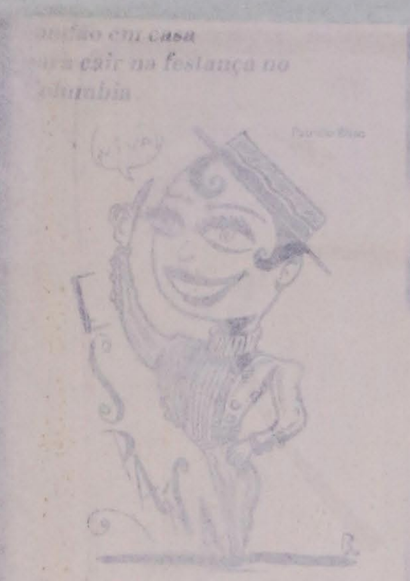
Guichê

O motivo alegado foi agenda lotada.

Mas o convite para o vôo inaugural da Vasp para Seul foi parar no freezer do Palácio do Bandeirantes.

Já que a saia ficou justa no momento em que a dívida da empresa com o governo do Estado está sendo devidamente cobrada.

Devidamente paramentada, Vanessa Van Zuylen radiog[illegible] o sarau em torno de Camilla Mackenson na rua Dinamarca



Abastecida com muito chá inglês para enfrentar a maratona de homenagens, Camilla Mackenson inspecionou os livros raros no jantar pilotado anteontem por Pedro Corrêa do Lago

A espevitada Marjorie Guchet evoca um axé do além para os novos domínios que estreou anteontem na Oscar Freire

Zíper

Pelo menos até dia 29 de julho, Mario Amato foi aconselhado a não abrir a boca.

Como suas declarações são tradicionalmente bombásticas —e bota bomba nisso—, seus assessores aconselharam o patrão a só falar depois das eleições na Fiesp.

Pastéis

Leonel Brizola não vai gostar nadinha.

O Banco Holandês Unido

ENTRELINHAS

☐ Fábio Feldmann recebe hoje dos correligionários no escritório da Brigadeiro Luiz Antônio uma avalanche de sugestões para sua campanha.

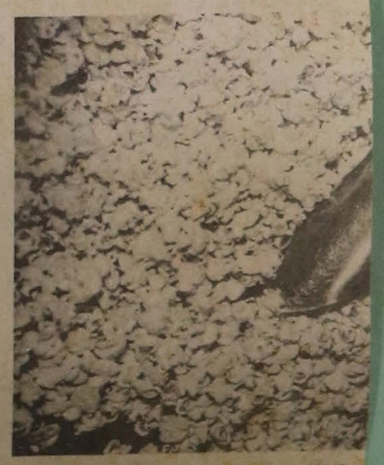
☐ Paramentados com bicicletas Specialized, a dupla Luiz e Roberto Dranger comandou anteontem um trupe de 70 num big passeio pela cidade.

☐ A fim de batizar a pimpolha Carolina, filha de Luiza e David Silveira da Motta, José Antônio de Castro Bernardes

☐ É em torno do governador do Maranhão Edison Lobão o jantar que Roberto Duailibi comanda quarta-feira no Morumbi.

☐ Moema Cavalcanti e Ettore Bottini acabam de ser selecionados para a 15ª Bienal de Design Gráfico na Tcheco-Eslováquia —onde vão apresentar capas de livros da Companhia das Letras.

☐ Com a medalha Carlos



Travel IN
MI BUENOS AIRES QUERIDO

O ESP. 3.11.1992

CENTENÁRIO

Exposição de fotos resgata história do Viaduto do Chá

Passagem mais movimentada de S. Paulo faz cem anos 6ª feira

Eletropaulo/Divulgação

1933

Estrutura metálica fabricada na Alemanha: hoje, 1,5 milhão de pessoas passam por dia no viaduto

A passagem mais movimentada de São Paulo, o Viaduto do Chá, no Centro, completa cem anos sexta-feira. Para comemorar o centenário, foram programados vários eventos. Entre eles, a exposição de fotos Viaduto do Chá — 1892/1992: Passarela Paulistana. A mostra será aberta hoje às 18 horas. As fotos ficarão expostas até dia 23, das 7 às 22 horas, na Galeria do Chá (passagem subterrânea sob a Rua Cel. Xavier de Toledo).

Promovida pelo Departamento de Patrimônio Histórico Eletropaulo, a exposição é composta por 40 painéis fotográficos, em preto e branco. As fotos recordam a história do viaduto, desde o primeiro — de estrutura metálica fabricada na Alemanha — até o atual, por onde passam diariamente cerca de 1,5 milhão de pessoas.

O viaduto foi idealizado em 1887 pelo litógrafo Jules Martin, um francês radicado na cidade. O engenheiro E. Stevaux projetou então a estrutura metálica, composta de 3 mil peças e feita pela fábrica alemã Hankert de Duisburg. A Companhia Ferro Carril de São Paulo concluiu a obra, inaugurada em 6 de novembro de 1892.

Pedágio — Nas cabeceiras do viaduto, assoalhado com tábuas de pinho tratado, havia dois portões que eram fechados à noite. Guardas controlavam o trânsito e só permitiam tráfego de veículos de tração animal. Para atravessá-lo, cada pessoa pagava 3 vinténs de pedágio. Por essa razão, os paulistanos passaram a chamá-lo de "viaduto dos três vinténs". A crítica não ficou só no apelido. Uma campanha acabou levando a Prefeitura a encampar o viaduto, em 1896.

Re
ce

Serviço

vão às urnas dia 19

no Departamento Jurídico. Foi eleito para dois mandatos na OAB-SP (87 a 90). Presidiu a Comissão de Prerrogativas durante quatro anos. Em 1990 disputou a presidência da entidade, obtendo 20% dos votos.

O Conselho Seccional paulista é integrado por 24 conselheiros. Seis são indicados pelo Instituto dos Advogados de São Paulo, que já escolheu os advogados Cláudio Antonio Mesquita Pereira, Jayme Vita Roso, Márcia Regina Machado Melaré, Nelson Kojranski, Nelson Tabacow Felmanas e Walter Ceneviva. A grande novidade nesta eleição é a adoção de cédula única para o processo de escolha dos conselheiros. O novo Regimento Interno, aprovado pelo Conselho Federal da OAB, mantém o critério clássico de votos em chapas e permite votação em candidatos inscritos individualmente.

O voto é obrigatório e secreto. O advogado que faltar sem causa justificada deverá pagar multa, no valor de uma anuidade. Não será permitido o voto em trânsito. Mesmo sem a apresentação da carteira, o advogado poderá votar, desde que se identifique e o seu nome conste da relação oficial. Estão impedidos de votar os advogados em atraso com o pagamento de suas contribuições para os cofres da Ordem e os que estiverem sujeitos à penalidade de suspensão.

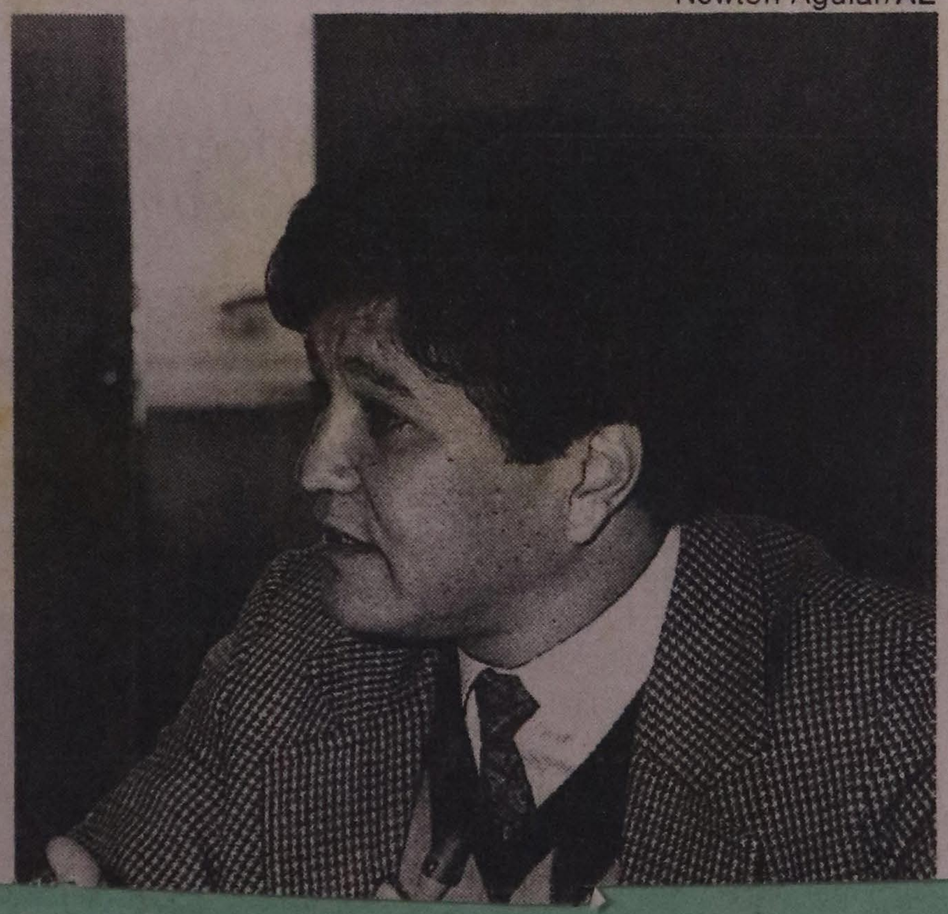
'Estrutura precisa ser alterada'

CYRO KUSANO

Já se pode considerar passado o tempo em que de nada adiantava a quase totalidade dos brasileiros remar numa direção e o barco não saía do lugar. Foi-se o período do autoritarismo, do poder centralizado.

Naquela época, à OAB pouco restava senão o papel de condenar a situação. São memoráveis os discursos e os atos de

Newton Aguiar/AE



o dia em que estoura um episódio como o da Casa de Detenção. O Estatuto do Advogado e o Código Processual do Trabalho estão sendo decididos em Brasília. Mas nenhum mecanismo foi desenvolvido para que o advogado paulista pudesse dar a sua contribuição.

No império do caciquismo, contudo, essas questões ficam em segundo plano. A atual gestão fechou a Escola da Advocacia, os departamentos Editorial, de Apoio Profissional, do Advogado Público e o Serviço de Acompanhamento de Processos em Brasília. Fortaleceu-se, por outro lado, o sistema de propaganda da diretoria. O Jornal do Advogado, informati-

Tupinambás: os senhores do litoral

Reunindo o que há de mais expressivo na bibliografia dos séculos XVI e XVII, o autor elabora uma colorida descrição dos usos e costumes dos índios tupinambás na época do descobrimento das várias regiões do Brasil, e que tanta admiração causaram aos primeiros observadores europeus.

Mario Maestri
Pontifícia Universidade Católica - RS

Pouco compreenderemos da história do início da ocupação colonial do litoral brasileiro se desconhecermos a existência das abundantes comunidades tupiguaranis que ali habitavam no início do Quinhentos. Para traçarmos o perfil destas sociedades, possuímos sobretudo a documentação escrita e os registros arqueológicos. São abundantes e ricas as descrições de europeus que visitaram ou viveram no litoral naqueles recuados tempos. Ao contrário, devido ao desenvolvimento urbano e industrial de boa parte da faixa litorânea e sobretudo aos poucos recursos alocados pelas autoridades culturais, são escassos os levantamentos arqueológicos sobre essas regiões.

As primeiras descrições das comunidades da costa devem-se a Américo Vespúcio, que ali esteve em 1499-1500, e a membros da frota cabralina. Em 1º de maio de 1500, Pero Vaz de Caminha, escolhido como escrivão da feitoria de Calecute, relatou ao seu rei, em uma longa carta, entre outras novidades, que os brasis eram gordos, saudáveis, de fisionomia e corpos bem feitos. De cor avermelhada, andavam inocentemente nus e enfeitavam-se com penas. Furavam o lábio inferior onde introduziam pedras. O escrivão — que não retornaria a Portugal — dedicou palavras elogiosas e algo sensuais às americanas, que retratou como belas e jovens mulheres de longas cabeleiras negras. Garcia, 1983: 247, 250.

Com o passar dos anos, esta visão inocente e superficial foi substituída por uma análise e classificação sistemáticas e crescentemente preconceituosas das comunidades do litoral. Uma curiosidade 'etnográfica' com claros objetivos pragmáticos. A sobrevivência dos colonos dependia em boa parte da capacidade de estabelecerem alianças com os povos da costa e inserirem-se nas disputas em curso entre eles. Na literatura quinhentista, à medida que cresciam os antagonismos entre colonos e nativos, os "bem feitos" brasis e as "bem moças" americanas metamorfoseavam-se em seres "selvagens" e "antropófagos".

A cultura tupi-guarani se teria desenvolvido, há 3.000 anos, na Amazônia Central. Ela se assentava em um complexo econômico baseado na caça, na pesca, na coleta, na cerâmica e, sobretudo, numa horticultura de floresta tropical e subtropical. A antropofagia e a agressividade militar eram elementos constitutivos importantes dessa tradição cultural. Partidos do berço amazônico e organizados em coesas unidades produtivas e militares — as *malokas* e a *taba* —, os tupis-guaranis evoluíram ao longo das várzeas dos grandes rios, ocupando os quentes e úmidos vales fluviais.

Este ecossistema — as galerias florestais fluviais — permitia uma horticultura que desconhecia a adubação e os instrumentos de ferro. Uma comunidade tupiguarani de três ou quatro centenas de membros necessitaria de um espaço econômico de subsistência de aproximadamente 50 km². Em algumas regiões ricas em recursos naturais, apenas alguns quilômetros separavam uma aldeia da outra. Fernandes, 1970: 55. Os jesuítas registraram que os tupinambás, vivendo de 120 a 240 km de distância, permaneciam, em geral, "em guerra, uns com os outros". Leite, 1956: 136; 227.

Guaranis e Tupinambás

Um braço dessa cultura — o guarani — avançou pelo vale do Amazonas em direção dos Andes. Seguindo o curso dos rios Madeira, Purus e Paraguai, orientou-se para o sul, estabelecendo-se ao longo deste trajeto e no Brasil meridional. Um outro, — o tupi/tupinambá —, chegou mais tarde à foz do Amazonas e progrediu rapidamente, para o sul, através do litoral, expulsando dali as comunidades de caçadores e coletores menos aparelhadas que encontrou. Naquele então, a Mata Atlântica cobria, com pequenas interrupções, as planícies litorâneas e as encostas dos planaltos brasileiros. Essa faixa costeira — de clima ameno, própria à agricultura e à coleta, rica em caça e pesca (peixes, mariscos, crustáceos etc.) — estende-se ao longo do litoral com uma largura média de 200 quilômetros.

Antes mesmo da chegada dos portugueses, o litoral brasílico era ferreamente disputado pelas comunidades nativas, de mesma ou de diferentes origens culturais. As comunidades tupinambás viviam um processo de crescimento demográfico e praticavam uma economia de "ocupação destrutiva". [Fernandes, 1970: 55.] As baixas temperaturas do Planalto Central e a impropriedade das terras do interior a uma horticultura que desconhecia a metalurgia do ferro determinavam que dessa disputa territorial dependesse muitas vezes a sobrevivência dos grupos humanos involucrados. Perdendo o domínio de uma parcela do privilegiado *habitat*, essas comunidades podiam entrar em acelerada decadência. Segundo o arqueólogo J. P. Brochado, cerca de quinhentos "anos antes da chegada dos europeus, as duas mandíbulas das frentes de expansão Guarani e Tupinambá se chocaram finalmente numa fronteira situada ao sul do curso do Tietê". [Brochado, 1984.]

Os tupinambás do litoral viviam em comunidades aldeãs não classistas que praticavam a horticultura, a caça, a pesca e a coleta. A produção dos bens materiais realizava-se no contexto de uma divisão sexual e etária do trabalho. Os homens responsabilizavam-se pela caça e pelo preparo dos campos para as plantações; as mulheres, pelas restantes atividades horticultoras. Os tupinambás produziam sobretudo tubérculos (mandioca; aipim; batatas), leguminosas (feijões; vagens) e cereais (milho). [Abbeville, 1975: 242.] O produto de base dessa economia era a mandioca. A atividade horticultora de plantação-enxertia assumia um papel dominante na sociedade tupinambá, não apenas porque mobilizava grande parte das energias dos produtores, mas sobretudo porque determinava "a organização social geral à qual as outras atividades econômicas, sociais e políticas se subordinavam" [Meillassoux, 1977: 64.]

Em *Mulheres, Celeiros & Capitais*, o antropólogo francês Claude Meillassoux destacou as importantes tendências organizacionais determinadas às comunidades domésticas pela "agricultura de plantação-enxertia". [Meillassoux, 1977: 51-71.] Esse tipo de cultivo, realizando-se através da replantação de uma fração do tubérculo ou do rebento, não exige sementes e possui um rendimento relativamente elevado. Degradando-se os produtos desta cultura com facilidade, eles são conservados sobretudo nas plantações. A mandioca é um bom exemplo. Após um crescimento de seis meses, ela resiste sob a terra por mais de um ano e meio. [Maestri, 1978: 87.] Esses produtos, para serem consumidos, exigem complexas e trabalhosas manipulações. No caso da cultura tupinambá, o esforço beneficiador da mandioca era realizado pelas mulheres.

Ao contrário da agricultura cerealífera, a economia doméstica de plantação-enxertia não exige amplas equipes de trabalhadores para a realização de obras coletivas (irrigação, terraplenagem etc.) ou de pesadas tarefas cíclicas (colheitas, beneficiamento, armazenamento etc.). Não possui tendências socialmente coesionadoras. Ela não permite, como a agricultura cerealífera, a formação de grandes estoques. As crises alimentares tupinambás, quando de prolongados períodos de estio, deviam-se à incapacidade material de formarem-se reservas alimentares reguladoras e não à imprevidência motivada por crenças de que "a terra sempre fornece tudo para todos". [Fernandes, 1948: 84.]

Os grupos sociais aldeões organizados a partir dessa estrutura produtiva — modo de produção doméstico — tendiam à segmentação na medida em que se desenvolviam demograficamente. A inexistência de grandes reservas alimentares e a desnecessidade de sementes e de obras sociais de vulto para o início de uma nova comunidade viabilizam e facilitavam iniciativas segmentárias. Segundo Hans Staden, um principal que quisesse fundar uma residência coletiva — *maloka* —, deveria reunir "cerca de 40 homens e mulheres". [Staden, 1974: 155.] Em geral, as aldeias — *taba* — se formavam com mais de uma residência. Claude Meillassoux lembra que a "segmentação, por ruptura com a comunidade-mãe, é cada vez mais difícil à medida que a agricultura se aperfeiçoa". Ela se realiza com maior dificuldade nas comunidades domésticas cerealíferas, tendencialmente mais estáveis do que as que praticam a agricultura de plantação-enxertia. [Meillassoux, 1977: 72.]

O baixo nível e muito lento desenvolvimento das forças produtivas materiais das comunidades domésticas — sobretudo das assentadas sobre uma agricultura de plantação-enxertia —, assim como a tendência a um crescimento demográfico sob forma de segmentação em unidades estruturalmente similares, criou as ilusões fenomenológicas que permitiram que seu desenvolvimento técnico-produtivo e devir histórico passassem ignorados e que elas fossem percebidas — sobretudo pelas escolas antropológicas culturalistas, funcionalistas e estruturalistas — como imersas permanentemente em uma espécie de equilíbrio mecânico atemporal.

A técnica de base das práticas horticultoras tupinambás — a *coivara* — devia-se à abundância de terras, à ausência de ferramentas desenvolvidas e de adubação artificial e à escassez relativa de braços humanos. As operações horticultoras não eram complexas. Antes das chuvas, abria-se uma clareira na mata virgem com ferramentas individuais simples — machados e cunhas de pedra polida. Esse trabalho extenuante era feito, em forma associada, pelos homens de uma residência coletiva ou da aldeia. Após, deixava-se tudo secar durante semanas ou meses. A seguir, lançava-se fogo. [Staden, 1974: 162; 342.] Portanto, um cultivo que se assentava sobre o uso da energia humana, sobretudo, e do fogo, secundariamente.

A derrubada das matas e a limpeza dos terrenos eram tarefas exclusivamente masculinas. As mulheres ocupavam-se dos trabalhos agrícolas restantes. Em 1627, o frei Vicente Salvador referiu-se a essa divisão do trabalho: "Os maridos na roça derrubam o mato, queimam-no e dão a terra limpa às mulheres, e elas plantam, mondam [arrancam] a erva, colhem o fruto e o carregam e levam para casa em uns cofos [cestos] mui grande de palma, lançados sobre as costas [...]." [Salvador, 1982: 81.]

Após um preparo superficial da terra, plantava-se. Os troços de mandioca eram enterrados na terra. Os grãos de milho, plantados com a ajuda de um bastão pontudo de madeira. [Abbeville, 1975: 242.] As ferramentas européias — sobretudo os machados e as cunhas de ferro — facilitavam muitíssimo os trabalhos agrícolas americanos, principalmente a trabalhosa derrubada das árvores e limpeza dos terrenos. Em 1587, Gabriel Soares de Sousa falou em termos muito elogiosos da agricultura dos potiguares: "São grandes lavradores dos seus mantimentos, de que estão sempre mui providos [...]." [Salvador, sd. I: 102.]

Plantações próximas

As plantações localizavam-se nas imediações das aldeias e o preparo dos terrenos era feito, em forma individual ou associada, sobretudo pela manhã — "antes dos grandes calores e do tempo da chuva". [Abbeville, 1975: 227, 241; Fernandes, 1948: 111.] Os tupinambás não praticavam a criação de gado — de pequeno, médio ou grande porte — com objetivo alimentar nem possuíam animais de transporte ou de tração. [Thevet, 1978: 101; Fernandes, 1948: 83.]

comunicar com força sentimentos
ligados à nossa realidade e a do ser
humano em geral. Influência do
novo romance? Difícil estabelecer
fronteiras nesse sentido. Afinal,
Sterne realizou experiências seme-
lhantes no século XVIII e também,
depois, Machado de Assis, Virgi-
nia Woolf, James Joyce, Samuel
Becket, Michel Butor, entre ou-
tros. Renovadores. Eles felizmen-
te aparecem em estações diferen
tes e descobrem o que há mai
adiante, lá na frente, respeitan
caminhos mas abrindo outros.
indo. Esse movimento ainda é
das coisas bonitas deste mu
Há influências, sim. Imp
Desde o primeiro pensamen
alguém tenha ao desperta
influência da véspera, d
que teve durante a noite
amanhecer na janela
Dentro de tendências
te, criadores e copi
ra conhecê-los be
anos 70. Mas alg
portantes escrit
cas que lembra
mance franc
terem lido a
lavam a
escrevia
necessi
cidiria
que
gu
r

a continuidade da verd
ca e conquistam o
preciso, sim, m
o trabalho.
homens
e mis
dis

DO Leitura, São Paulo, 9(108) maio de 1991

po Eu quero telefonar ou Eu preciso sair substituindo-se o presente pelo imperfeito: Eu queria telefonar ou Eu precisava sair. Muitas vezes o interlocutor por fingida brincadeira ou por não descodificar corretamente o uso do imperfeito, replica: Então já não quer? Não quer mais?

•

A pergunta com vista a obter informações de outrem, mesmo nos casos em que a função precípua do nosso interlocutor seja atender a esses pedidos de informação, vem, entre pessoas educadas, acompanhada de variadas expressões de polidez: Que horas são, por favor? Quer fazer o favor (a gentileza, o obséquio) de me dizer as horas? Poderia dizer-me as horas, por favor? e assim por diante. Em tais situações, o francês usa s'il vous plaît. Só entre pessoas de intimidade é que se dispensam tais fórmulas: Que horas são? Fora deste caso, a não utilização dessas expressões é sinal de pouca civilidade e atenção às boas normas da convivência social.

Muitas vezes, o interlocutor não entende a pergunta que lhe foi dirigida, e aí é necessário solicitar à pessoa que a repita. Familiarmente, basta um *quê?* um *como?* ou mesmo um *hein? (em?)* ou um *hã?* Menos familiarmente, *como disse?* Todavia, se não houver intimidade e se quiser o interlocutor ser mais gentil, põe a língua à sua disposição algumas maneiras para expressar a polidez. Além de Queira repetir, por favor (faz favor) ou Não entendi, desculpe-me, podemos empregar, como, por exemplo, fazem os espanhóis e franceses, *Perdão*. Em francês, em tais situações, é sinal de vulgaridade o emprego de *Quoi?* Traduz-se aí a polidez por meio de plaît-il (e não s'il vous plaît?), comment (dites-vous)?

Nas fórmulas de agradecimento, usa-se de (muito) obrigado, (muito) agradecido, onde os adjetivos obrigado e agradecido devem concordar, como é de regra, com a pessoa a que se referem, isto é, se homem, obrigado, agradecido, se mulher, obrigada, agradecida: José, respondendo: Muito obrigado! Maria: Muito obrigada! Na língua coloquial e popular empregam-se esses adjetivos sem flexão de gênero, isto é, Maria, agradecendo, Muito obrigado! Uma vez por outra ouço a homens: Muito obrigada! ou Obrigadinha!

Embora não seja caso de polidez, é oportuno neste momento lembrar que no oferecimento que se faz a alguém através da expressão Está servido, emprega-se entre nós sem flexão também a forma adjetiva servido: José, você está servido? (em geral mostrando o que se está a comer ou a beber), Maria, está você servido? ou, simplesmente, em ambos os casos, Servido? Acontece que servido há de concordar com a pessoa ou pessoas a que estamos oferecendo algo: José, servido? Maria, servida? Vocês aí, estão servidos?

Nas respostas afirmativas ou negativas, manda a etiqueta que, entre pessoas de cerimônia, não se use simplesmente *Sim* ou *Não;* cumpre dizer Sim, senhor (senhora) ou Não, senhor (senhora), fórmulas que têm os dois elementos tão solidários entre o sim, que não se faz pausa entre o sim (ou o não) e o vocativo senhor (senhora), apesar de haver obrigatoriamente a vírgula.

Nas situações de desmentidos, em que se contraria o dito ou o pensado pelo nosso interlocutor, as manhas de linguagem para não ofender o semelhante são também variadas. Já o nosso Padre Antônio Vieira, trezentos anos atrás, nos dizia mais ou menos isso, pois cito de memória e modernizando-o, que o *não* (no seu texto escrito *non*, o que facilita o entendimento de parte de sua argumentação) é uma palavra terrível, não tem direito nem avesso e por qualquer lado que o tomemos sempre nos será desagradável, sempre nos magoará. Assim é que estamos constantemente a suavizar nossa opinião contrária; um dos recursos utilizados consiste em substituir a negação por uma interrogação: em vez de Você não está com a razão dizemos Estará você com a razão? Pensa você mesmo assim?

É no léxico, no uso de palavras que procuram atenuar certos conceitos e opiniões que a polidez nas línguas é mais evidente, e moeda corrente em todos os estratos sociais. São os eufemismos que têm, também sua contrapartida, os disfemismos. Chama-se eufemismos os vocábulos e expressões que procuram atenuar o impacto negativo que provocam entre pessoas certas alusões a doenças, defeitos, ofensas, superstições e outras noções que ferem a deência ou machucam a sensibilidade. Está claro que não entram só aqui as razões de cortesia, mas ainda o respeito a crenças religiosas e superstições. Muitos desses eufemismos têm origem em tabus lingüísticos, de modo que se torna muitas vezes difícil fazer entre eles nítida e rigorosa separação. Os eufemismos e disfemismos se acham hoje bem estudados, na área da língua portuguesa, por mestres que escreveram trabalhos notáveis, como são, entre muitas outras, as obras de João da Silva Correia, Delmira Maçãs e Heinz Kroll — todos com especial atenção para Portugal — e Mansur Guérios e Silveira Bueno, mais particularmente para o Brasil. A cortesia está presente na designação de algumas profissões e ocupações como, por exemplo, o antigo boticário é substituído por farmacêutico; a empregada (doméstica) ou criada passa a secretária ou mulher a dias; a alusão a dona de casa passa a prendas domésticas; o calista muda-se em pedicuro (pedicure), o salão de barbeiro (depois cabeleireiro) em salão de beleza (ou, estrangeiramente, coiffeur ou hair-dresser); os lixeiros são hoje os homens da limpeza. Modernamente os programas de respeito e amparo aos velhos se dizem programas ao idoso ou à terceira idade. Também certos males têm substitutos eufêmicos: a tuberculose é referida como tísica, doença do peito, fraqueza, doença dos pulmões; da epilepsia diz-se mal santo ou sagrado (por se supor de origem sobrenatural); as doenças venéreas são conhecidas por doenças feias, doenças do mundo, mal do mundo, mal francês ou gálico (por se considerar proveniente da França). A morte e o diabo contam com numerosos eufemismos pelas razões óbvias: encheria aqui o espaço com denominações para morrer, desde as de caráter literário e religioso, como finar-se, ir desta para melhor, passar ao reino de Deus, até as populares ir para a cidade dos pés juntos, esticar as canelas ou vestir pijama de madeira, sem contar as irreverências que o sentimento de respeito e cortesia aos leitores e às boas normas me impede de lembrar. É de leitura proveitosa o livro do amigo Heinz Kröll *O eufemismo e o disfemismo no português moderno*, publicado pela Biblioteca Breve do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa superiormente dirigido pelo Dr. Fernando Cristóvão, e o do amigo de saudosa memória Mansur Guérios intitulado *Tabus lingüísticos*, trazido à luz, em 2ª edição, pela Companhia Editora Nacional e pela Universidade Federal do Paraná.

Uma das fontes dos estratagemas de linguagem com vista a imprimir respeito e cortesia às expressões eram, sem dúvida, os laços de atenção que interligavam os membros da família e, num campo mais vasto, da comunidade; hoje estes laços estão mais frouxos, quando não, infelizmente, deteriorados, especialmente nos grandes centros urbanos. O justo movimento de emancipação das mulheres e a busca do nivelamento delas aos homens trouxeram a queda de alguns traços distintivos entre os dois sexos: a aparência física, os trajes, os adereços e, como não poderia deixar de ser, a linguagem. Os termos grosseiros — antigamente, pelo menos em público, privativos do homem — ganharam foros de cidadania entre as mulheres, e os palavrões correm soltos dos velhos às crianças no recesso do lar, na via pública, nas áreas de lazer de luxuosos condomínios, na escola. Aos casos em que o bom senso a recomendaria — levou ao cinema, ao teatro e já agora à novela de todos os horários, os termos chulos. Sabemos que as palavras, como as coisas, se desgastam pelo uso; a freqüência que se registra hoje do emprego dessas expressões grosseiras poderá levar a língua portuguesa a uma lacuna no seu repositório de termos chulos, e aí essas pessoas que não passam sem eles ficarão em dificuldades para se maltratarem e se xingarem mutuamente, pois os palavrões estarão tão desgastados, que não se sentirá neles a antiga maledicência que transmitiam. Aliás, isto já está acontecendo. Os atuais dicionários do palavrão se constituirão em peças de museu e de investigação lingüística como hoje acontece com os glossários e elucidários da língua arcaica. Se não houver um repensar na educação em sentido amplo, falantes de português terão de expressar unicamente seus xingamentos por meio de gestos como fazem hoje para um ou outro mau pensamento em relação a seu próximo. Eles se terão aproximado ainda mais dos macacos: *Asinus asinum fricat* (Um burro coça o outro); para dar ao tema um sabor de sabedoria clássica.

Evanildo Bechara é professor nas Universidades Estadual e Federal do Rio de Janeiro e autor, entre outros, da **Moderna Gramática Portuguesa.** *Endereço do autor para correspondência: Rua General Góes Monteiro, 8, bloco A, ap. 204 — 22290 — Rio de Janeiro — RJ.*

Compositores judeus no nacionalismo musical brasileiro

Lea Vinocur Freitag
Universidade de São Paulo

Pode-se constatar que no processo de formação da música brasileira os compositores judeus foram elementos nacionalizadores, assim como outros grupos minoritários. A busca de uma linguagem brasileira seria uma forma de integração à sociedade global, bem como a vivência em diferentes culturas levaria a uma mentalidade de relativismo cultural, inclusive receptiva às manifestações da cultura popular.

Essas minorias foram inovadoras enquanto elementos sociais, quebrando tradições e aspirando por liberdade de criação em novos padrões, utilizando as características brasileiras na música sem nenhum preconceito. No que se refere aos compositores judeus, pode-se fazer uma ligação entre essa maleabilidade às diferentes culturas e à situação histórica na Diáspora, quando o povo judeu conviveu com as mais diversas etnias.

Louis Moreau Gottschalk (1829-1869) chegou ao Brasil em 1869 e aqui morreu nesse mesmo ano, aos quarenta anos. Tornou-se conhecido pela *Grande Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional op. 69* (de Francisco Manuel), também denominada *Hino Nacional de Gottschalk*, tão divulgada por Guiomar Novaes. Esse compositor americano tinha familiaridade com temas populares espanhóis, cubanos e negros, colecionados em suas viagens e inseridos em suas composições. Gottschalk nasceu em New Orleans, região com diferentes influências culturais (inglesa, americana, francesa, espanhola e negra), de pai inglês e mãe francesa. Foi um virtuose fantástico e suas performances no Brasil, com outros pianistas e orquestras, notabilizaram-se pelo sucesso e grandiosidde. Dedicou sua *Fantasia sobre Hino Nacional* à Princesa Isabel.

Darius Milhaud (1892-1974), francês de Provence e judeu de origem, veio para o Brasil com vinte e cinco anos, como secretário de Paul Claudel, o escritor que se tornou adido cultural francês no Rio de Janeiro. Milhaud permaneceu no Brasil de 1917 a 1918, tornando-se mestre do brasileiro Luciano Gallet. Posteriormente, o compositor utilizou em sua criação elementos das constâncias musccais brasileiras, como em *Le Boeuf sur le Toit* (1919), inspirado em temas de Chiquinha Gonzaga, Alexandre Levy, Marcelo Tupinambá e Ernesto Nazareth. Compôs essa fantasia para ser tocada durante o filme de Chaplin, *Nothing doing Bar*". Em *Saudades do Brasil* selecionou doze danças evocando bairros do Rio de Janeiro, num ritmo brasileiro característico. De fato, ficaram gravados no espírito de Milhaud os sons brasileiros que o acolheram quando chegou num di de Carnaval — canções, bandas, piarolas e o povo nas ruas.

Entre os judeus nascidos no Brasil, pode-se mencionar Antonio José da Silva (1705-1739), morto pela Inquisição em Lisboa, assim como a família Levy: Alexandre, Luiz e o pai Henrique Luiz, conhecido editor musical (Casa Levy).

Antonio José da Silva, poeta e dramaturgo, notabilizou-se pelas modinhas, intercaladas às peças teatrais. Nascido no Rio de Janeiro, morreu em Lisboa aos trinta e quatro anos, na fogueira, enquanto suas peças deleitavam o público português, com uma sátira reveladora do "humor judaico". Sendo a modinha uma ária tipicamente brasileira em sua tradição, a presença de um judeu no século XVIII como pioneiro de uma criação tão característica representa um fato histórico relevante.

Quanto à família Levy, Alexandre (1864-1892) iniciou muito cedo os estudos de piano em São Paulo com um professor russo, Louis Maurice e também com um grande mestre, Gabriel Giraudon. Mesmo morrendo muito cedo, aos vinte e oito anos, Alexandre Levy legou uma contribuição inestimável à cultura de São Paulo, fundando em 1883 o Club Haydn, onde obteve o primeiro êxito pianístico.

Apesar do aperfeiçoamento em Paris, Levy retornou imbuído de uma estética nacionalista e foi pioneiro no aproveitamento de temas populares; *Vem Cá Bitu* (primeira composição orquestral inspirada em tema folclórico nacional) e *Tango Brasileiro* (para piano). A *Suíte Brasileira* (1890), para orquestra, apresenta um *Samba* na sua quarta parte.

Luiz Levy (1861-1935) iniciou-se na carreira musical com seu irmão Alexandre. No Club Haydn mostrou seu trabalho como intérprete e compositor e também contribuiu, junto com a família, para o desenvolvimento da vida musical paulista. Sua obra caracteriza-se pela leveza e entusiasmo. Na linha nacionalista destacam-se *Sertanejas* e *A Florada*.

O pai de Alexandre e Luiz, Henrique Luiz Levy, merece uma menção especial como fundador de um importante estabelecimento em 1860 — a famosa Casa Levy, especializada em partituras musicais. Hnnrique Luiz, além de apoiar a carreira de Carlos Gomes, contribuiu para o trabalho de novos músicos. Do ponto de vista da sociologia das profissões, há uma especiazação tradicional judaica em determinados ramos, por contingências históricas, e Henrique Luiz Levy soube transferir sua experiência comercial para a área musical.

Reportando-se a 1860, conta Carlos Penteado de Rezende: "Em princípios desse ano, Henrique Luiz Levy, cidadão francês de origem israelita, abre, com seu sócio Behrendt, uma loja de jóias na Rua do Rosário, número 2, sob o nome de "Ao Buquê de Brilhantes". Conta o autor que é dessa época o primeiro anúncio da furura Casa Levy no *Correio Paulistano*, chamando a atenção para a venda, nesse estabelecimento, de composições de Carlos Gomes, como *Quem sabe*.

Podemos concluir essas idéias lembrando Villa-Lobos, nosso maior compositor nacionalista, homenageando o povo judeu no poema sinfônico *Odisséia de uma Raça*, que faz parte do repertório da Orquestra Filarmônica de Israel: "Na formação do universo, Deus criou uma raça heróica, que viveu e sofreu, mas venceu em Israel".

•

Trabalho apresentado ao X Congresso Internacional de Estudos Judaicos, na Universidade Hebraica de Jerusalém, em agosto de 1989, com auxílio parcial da Vitae.

•

Léa Vinocur Freitag é professora titular na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e Musicóloga. Endereço da autora para correspondência: Rua Gasipós, 258 — 04019 — São Paulo-SP.

GALERIA

Nirlando Beirão

De um concorrente irônico, ao ver Wagner Canhedo, chefão da Vasp, posar numa foto com o braço para fora de um de seus aviões: "Ele precisa entender que avião não é caminhão".

São confortabilíssimos os sapatos de plataforma de Vivienne Westwood, diz Vivienne Westwood. Mas a figurinista deu uma de Cinderela à saída da recepção de Costanza Pascolato, na sexta: sapatões nas mãos, os pezinhos descalços.

Souplesse

Ligeiramente austero por fora, encantadoramente doce por dentro.

Zélia Cardoso de Mello descobriu, em seu séjour parisiense, um perfume que podia funcionar como uma autobiografia.

Presente de uma amiga, o perfume se chama Zelia.

Tortura

Não foram nem dez nem 20 os pontos levados por Ayrton Senna no cocuruto, depois da travessura noturna de andar de jet-ski com um amigo, na Baía de Angra.

Foram 30 pontos, sem tirar nem pôr.

Deve ter sido incômodo envergar, no domingo, sob o calor mexicano, aquele capacete.

Flor do pântano

O Kilt, um dos inferninhos mais tórridos da Rua Nestor Pestana, viveu na noite de sexta-feira a sua sessão milk-shake.

Talvez um pouco precoce demais para aquele ambiente, pontificava por lá o polegar Rafael, do grupo Dominó.

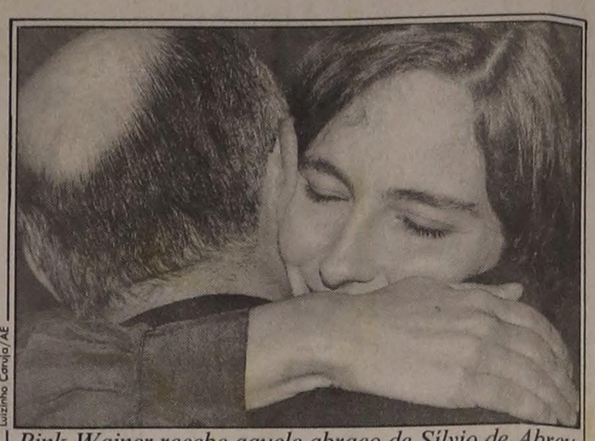
Depois da meia-noite, ele despediu-se, saiu, buscou seu reluzente Gol GTS, parou na porta e gritou para um amigo:

— Cadê ela? Chama ela!

Revelou-se, então, que ela não era nenhuma — como dizer? — recepcionista da casa.

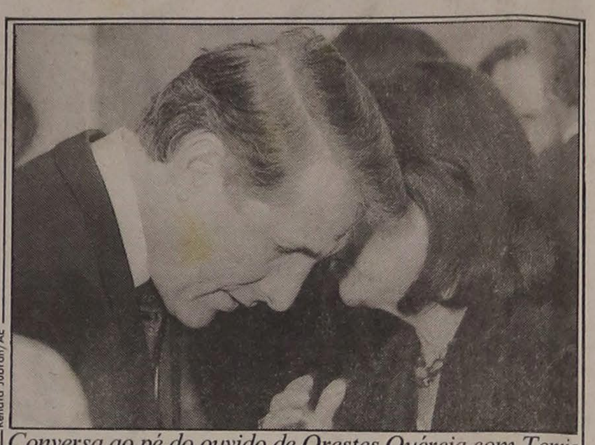
Era ela mesma.

Cristiana Oliveira, que deixou a boate a bordo de uma minissaia preta que deixaria boquiaberto, para sempre, aquele jacaré do Pantanal.



Luizinho Carvão/AE

Pink Wainer recebe aquele abraço de Sílvio de Abreu anteontem na abertura de sua exposição na cidade



Renato Jubran/AE

Conversa ao pé do ouvido de Orestes Quércia com Tomie Ohtake no pré-vernissage de sexta no Gabinete de Arte

Fernando Arellano/AE

Suzana Vieira exibe o melhor de sua forma física no festão de aniversário de Ioná Magalhães, sexta, no Creações Wali

★ *Com a cara mineiríssima de quem não tem projeto político para o futuro, mas pode ter, o prefeito de Belo Horizonte, Eduardo Azeredo, passou o sábado em São Paulo, ouvindo mais que falando. Sua próxima escala é Lisboa, onde vai cultivar sua porção engenheiro eletrônico. Azeredo funcionará como embaixador brasileiro numa feira de informática de Portugal.*

★ ***Emiliano Cardoso de Mello não se lembra de ter cruzado com o economista Luciano Coutinho num dos últimos fins de semana em Guaecá. Mas concorda que a feijoada na casa de Paulo e Sílvia Galletta, pilotada por Luis Clauzet, era capaz de demover qualquer desavença. Coutinho e a irmã de Emiliano tiveram, no passado, um entrevero. A irmã chama-se Zélia.***

★ *Receita para corações enamorados: Château Margaux 1982 e música de Rachmaninoff.*

Haja fôlego. O senador Fernando Henrique Cardoso apaga hoje 60 velinhas. A data será comemorada com jantar em família. No Rio.

Mascote

É o chamado cúmulo da coincidência.

A licitação do BNDES para definir qual agência desenvolverá a campanha da desestatização apresentou alguma coisa em comum.

Três agências — MPM, Standard e Expressão — sugeriram um mesmo e imaginativo símbolo de campanha.

O elefante branco.

Classificados

Jane Fonda e Ted Turner, o chefão da CNN, vão acabar acreditando que estão mesmo apaixonados.

A rainha da malhação deu o primeiro passo para um casamento que, oficialmente, vai acontecer "dentro de um ano".

Botou à venda seu rancho perto de Santa Bárbara, na Califórnia.

São 64 hectares, oito casas num total de 27 quartos, um teatro, um ginásio, um pavilhão de dança, uma quadra de basquete, um lago, uma piscina, trilhas para caminhadas, pomares, vistas panorâmicas e a mística de ter servido a Jane Fonda. Pelo preço de US$ 5,75 milhões.

O sítio de Ted Turner em Montana, dizem, é maiorzinho. Vinte vezes maiorzinho.

Desta vez é para valer. A conhecida marca de chocolate Godiva está chegando a São Paulo. Sua primeira loja será na Rua Bela Cintra, no antigo endereço do estúdio de José Duarte de Aguiar.

PÓDIO

Já entrou na fase do beijinho na boca o namoro entre Bernie Ecclestone, presidente da Foca, e Mikhail Gorbachev.

Louco para conferir à glasnost o definitivo lustro das supermáquinas de Fórmula 1, o governo soviético quer passar logo da maquete para as obras no autódromo a ser construído nas vizinhanças de Leningrado.

As intenções são as melhores, mas falta o principal. Faltam pilotos.

O governo Gorbachev decidiu adestrar os dois mais promissores, mas os escolhidos seguem nas pistas o ritmo perestroika — mais devagar que o esperado.

São eles Victor Kosancov e Urmas Pold, um com parca experiência na F-3 sueca, o outro com breves incursões pela Super V, também sueca.

A dupla se inscreveu nas duas últimas etapas do Campeonato Inglês, ambas em Brands Hatch. Na primeira, ficaram em 12º e 14º. Na segunda, em 13º e 15º.

Vale lembrar que, este ano, o Campeonato Inglês jamais conseguiu reunir num mesmo grid mais do que 18 carros.

Em tempo: os pilotos são russos e os mecânicos também, mas o chefe de equipe — Fred Goddard — e os carros — Ralt RT-35 — são ingleses e os motores, italianos, da Alfa Romeo.

Penúria

Os passageiros da Transbrasil que se candidataram a embarcar em Natal, na tarde de sábado, no vôo 504, desconfiam de que algumas empresas estão perturbadas com o acirramento da concorrência.

Primeiro, os viajantes suportaram um atraso de três horas até embarcar para Fortaleza. Entre Fortaleza e Brasília, faltou comida para oito passageiros.

Espera-se que o presidente Collor e comitiva tenham sido tratados de modo mais fidalgo na viagem para Washington.

Bolada

Esta não é barbada. O betting duplo — acertar o primeiro e o segundo cavalo nos quatro últimos páreos —, uma das apostas mais cobiçadas do Jockey Club de São Paulo, está acumulado em nada menos que Cr$ 50 milhões.

O ganhador da bolada pode sair na quinta-feira.

Adega

Num lapso imperdoável, incompatível com estes tempos imperiais de Fernando Collor e de mobilização monarquista, esta coluna trocou Leopoldina por Carlota Joaquina, em nota publicada domingo.

Era com a mulher e não com a mãe que d. Pedro I tinha seus arrufos domésticos, como seria natural em qualquer governante, com ou sem coroa, no Paço de São Cristóvão ou no cerrado de Brasília, que visse a patroa abrindo para as amigas a mais preciosa garrafa de Porto da adega presidencial, perdão, imperial.

SOPA DE LETRINHAS

■ ***Quem será anfitrião, este ano, do tradicional almoço do Feijão Amigo é Roberto Maksoud. Mil talheres já foram separados para hoje.***

■ *O ator Anthony Quinn agendou para quinta-feira sua entrevista com João Dória Jr., para o programa* ***Sucesso Personalidade.***

■ ***O lançamento dos automóveis Mitsubishi em agosto está sendo minuciosamente planejado pela Fox Propaganda.***

■ *Depois de sua recente exposição em Tóquio, Breseghello mostra sua arte a partir de amanhã no Masp.*

■ ***Ao som do melhor Mozart, Rodolfo Scarpa apresenta hoje sua nova coleção de tecidos na Casa Cor.***

■ *O sucesso de seu curso de Vinhos e Bebidas de Inverno foi tão grande que o jornalista Saul Galvão prepara para próximas semanas uma segunda edição no piso Lazer do Morumbi Shopping.*

■ ***A Federação do Comércio do Estado de São Paulo recebe hoje para coquetel em torno do falante ministro da Aeronáutica, brigadeiro Sócrates Monteiro.***

■ *Pedro Espírito Santo, Fred e Pedro D'Orey estão caprichando no sotaque lusitano. Acabam de voltar às origens e inauguraram em Lisboa e no Porto novas filiais da Armazém.*

■ ***O sindicalista Luiz Antônio de Medeiros anda disposto a ampliar seu horizonte de atuação. Hoje, será recebido no Clube Hebraica para um encontro com a comunidade judaica.***

F E S T I V A L

Rock e MPB sobem a serra

A partir de 5 de julho, Campos do Jordão ganha mais um festival, o Rock nas Montanhas, um projeto estimado em US$ 500 mil, que reúne grandes estrelas do rock, do pop e da MPB

Campos do Jordão irá se tornar o centro musical do Brasil durante o mês de julho. Até então, a cidade abrigava o Festival de Inverno, dedicado à música erudita. Agora, juntamente com esse festival, surge um novo evento: Rock nas Montanhas, uma reunião de estrelas do rock, pop e música instrumental que estarão esquentando os fins de semana no ginásio municipal da cidade.

O festival traz grandes nomes do pop e rock, como Ira!, Lobão, Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, Kid Abelha e Lulu Santos, Léo Jaime, Fernanda Abreu e Ultraje a Rigor, estrelas da MPB, como Ney Matogrosso, Fagner, Cesar Camargo Mariano e Ivan Lins, e abre espaço — inédito em festivais — para grupos cover (estarão presentes as bandas U2 Cover, Guns N'Cover, Pink Floyd Cover e Billy Idol Cover).

A iniciativa é da Alfredo Capucci Produções e tem apoio da rádio **89 FM**. "Fomos informados de que o festival terá uma mídia excelente, som e luz da Gabi, que é a melhor do Brasil; temos uma boa expectativa", afirma o empresário do Ira!, Airton Valadão Jr. Ele não revela o preço do cachê, mas afirma que é o normal cobrado pela banda.

Rock nas Montanhas ocorre paralelamente ao Festival de Inverno: o primeiro tem início no dia 5 de julho e o segundo, em 6 de julho. A programação não é corrida, mas os shows ocorrem apenas nos fins de semana. O evento é inédito e sem paralelo, tornando-se uma alternativa para o festival erudito. Segundo o empresário Alfredo M. Capucci, o custo do festival está estimado em cerca de US$ 500 mil. A empresa é recente e investe num projeto de grande porte amparada por uma série de patrocinadores que Capucci prefere não revelar. "Esta é a primeira realização de porte que estamos assinando", diz. Capucci afirma que a principal idéia do festival é "fazer um resgate do artista nacional que ficou relegado ao segundo plano, como foi o caso do Rock in Rio". Outro objetivo, segundo ele, é aproveitar a cidade de Campos do Jordão, que se torna uma área muito freqüentada durante o inverno, mas não oferece opções de lazer para o público jovem. Quanto à inclusão dos grupos de cover, Capucci afirma que o objetivo é que se tenha um painel mais completo do rock nacional hoje.

O empresário não acredita que o Rock nas Montanhas ofereça algum tipo de concorrência ao Festival de Inverno. "É um outro público, com interesse em MPB e rock, que só tem como diversão o Hollywood Motocross durante o dia." A intenção do empresário é fazer com que o evento seja anual. Ele informa que a partir do ano que vem o Rock nas Montanhas estará aberto para novos grupos e terá premiações a partir de critérios que envolvem desde melhor desempenho em palco até a recepção do público.

M. Valladares

Os Paralamas do Sucesso, que dividem a noite de 6 de julho com Fernanda Abreu

SERVIÇO

Rock nas Montanhas *- Alfredo Capucci Produções/89FM*

05/7 *- Ira e Lobão*
06/7 *- Paralamas e Fernanda Abreu*
07/7 *- Ney Matogrosso*
12/7 *- Lulu Santos*
13/7 *- Barão Vermelho e Billy Idol Cover*
14/7 *- César Camargo Mariano*
19/7 *- Ultraje a Rigor e Pink Floyd Cover*
20/7 *- Léo Jaime e Kid Abelha*
21/7 *- Engenheiros do Hawai*
26/7 *- Taffo e U2 Cover*
27/7 *- Capital Inicial e Guns Cover*
28/7 *- Ivan Lins.*

MÚSICA

Cotação: ● - Medíocre ●● - Razoável ●●● - Bom ●●●● - Excelente ●●●●● - Obra-prima

CD/**Bossa Nova**

E João pôs o bolero na lei

*Agora em CD, **Joao Gilberto en México**, gravado em 1970, pode ser ouvido direito: um grande disco que, na época, deixou irritada a Bossa Nova e perplexa a Velha Guarda*

Ruy Castro
Especial para o Estado

Joao Gilberto en México (assim mesmo, sem o til) foi gravado em 1970 na Cidade do México e lançado aquele mesmo ano no Brasil. Era um disco excepcional, e sabe o que aconteceu? Ele deixou a Bossa Nova irritada e a Velha Guarda perplexa. A Bossa Nova — o que então restava dela — se irritou porque não parecia lógico que, depois de anos sem gravar (seu último disco, **Getz/Gilberto #2**, era de 1965 e apenas metade ele), João Gilberto reaparecesse com boleros no repertório. Um bolero já seria demais, mas eram nada menos que três: **Farolito**, de Agustin Lara, **Eclipse**, de Ernesto Lecuona, e (atenção, Zélia) **Besame Mucho**, de Consuelito Velásquez — para muitos, a Gloria Magadan do piano.

A irritação tinha suas razões: se o próprio João Gilberto aparecera em 1958 para varrer o bolero que azucrinava a música brasileira dos anos 50 — e varrera —, que sentido fazia aderir de repente a um repertório que pertencia aos gogós do frei José Mojica e do dr. Alfonso Ortiz Tirado? (Grandes gogós, por sinal.) Na época, não podíamos compreender que João Gilberto não tinha nenhum compromisso de **pureza** com o repertório da Bossa Nova ou mesmo da Velha Guarda brasileira — enfim, não sabíamos que sua grandeza consistia exatamente em cantar apenas o que lhe desse na telha, só que ao **seu** jeito. E, como não sabíamos, foi com **angostura** que engolimos aqueles boleros sublimemente cafonas, cantados em portunhol.

Talvez seja exagero dizer que tudo começou com esse disco, mas ele abriu um precedente sem dúvida: se João Gilberto, que era o mestre do rigor e do bom gosto, podia cantar boleros, por que não os mortais? E, assim, boa parte da MPB trocou as maracas da gaveta e reabolerou-se alegremente nesses 20 anos, a provar que, como sempre, Nelson Rodrigues tinha razão: "O brasileiro está mais para Lucho Gatica do que para Paul Valéry". O fato de o "rei" da MPB, Roberto Carlos, ser um cantor de boleros e de a então ministra da Economia babar ao ouvir **Besame Mucho** são apenas detalhes tão pequenos de nós dois pra cá, dois pra lá.

Os boleros de **João Gilberto en México** também deixaram a Velha Guarda perplexa em 1970: logo agora que os inimigos da Bossa Nova já estavam se acostumando com ela, ele vinha com **aquilo**? Resultado: o disco não foi um sucesso, saiu rapidamente de cartaz e, embora tenha sido relançado em 1974 numa edição popular (com a capa que está no CD), permaneceu como um dos LPs mais malditos de João Gilberto.

Seu lançamento agora em CD põe as coisas no lugar. Para começar, permite que ele seja finalmente ouvido direito — seu som na prensagem em vinil era tenebroso. Na limpeza do laser, ouvem-se até os dedos de João Gilberto escorregando pelas cordas do violão. Os arranjos estilo aspirina de Oscar Castro Neves ganham vida e propriedade. E a voz do homem, que parecia velada e sem brilho na versão original, estala de clareza e segurança. Isto depois de anos em que ele ficara praticamente mudo em Nova York, às voltas com uma perda imaginária da voz — da qual foi "curado" pelo sábio dr. Pedro Bloch, a quem agradece no texto do encarte.

Dito isso, 1970 devia ser um ano surdo para não se encantar com as maravilhas desse disco. Ele contém interpretações (**leituras**, dirão os bocós) definitivas de belezas já muito gravadas, como os dois jobins, **Ela é Carioca** (com Vinícius) e **Esperança Perdida** (com Billy Blanco); da antológica **De Conversa em Conversa** (que Lúcio Alves compôs em 1941, aos 14 anos, e pediu ao grande Haroldo Barbosa para dar uns retoques na letra); e da semi-instrumental **O Sapo**, de João Donato, antes que ela recebesse aquela letra redundante de Caetano Veloso que a transformaria em **A Rã**. (A versão de Donato, que João Gilberto canta, é muito melhor, porque permite imaginar que aqueles corongodós, casainguês e quiringuindins são várias espécies de sapo.)

Mas tem também o fabuloso **Samba da Pergunta**, dos quase bissextos Carlos Alberto Pingarilho e Marcos Vasconcellos; dois raros originais de João Gilberto, o instrumental **João Marcelo** e o vocalise **Acapulco** (este dedicado a uma cidade a que ele nunca tinha ido); e a divertida versão de Haroldo Barbosa para **The Trolley Song**, que as edições anteriores em vinil insistiam em atribuir a Irving Berlin, mas que foi composta por Hugh Martin e Ralph Blane para Judy Garland cantar no filme **Ainda Seremos Felizes**, de 1944. Este CD é ainda mais radical: na certeza de que essas canções são moeda corrente, omite o nome de **todos** os compositores. E suprime o texto do jornalista Julio Hungria para a contracapa de 1970, no qual ele reclamava a existência de um livro sobre a Bossa Nova que, como se sabe, só viria a sair dali a 20 anos.

SERVIÇO

Joao Gilberto en Mexico *(Polygram) — Lançamento em CD do álbum gravado pelo cantor no México em 1970. Produção de Mariano Rivera Conde. Arranjos de Oscar Castro Neves. Preço médio: Cr$ 5.000,00*

João Gilberto gravou no México os boleros que ele mesmo tinha expurgado da MPB no começo da Bossa Nova

MPB/**Livro**

A preservação da memória

*O livro **Raízes da Música Popular Brasileira** confirma o caráter documental do trabalho desenvolvido pelo musicólogo Ary Vasconcelos, embora deixe algumas lacunas*

Arnaldo Senise
Especial para o Estado

A pesquisa musicológica do Brasil deve a Ary Vasconcelos notáveis contribuições, desde seu **Panorama da Música Popular Brasileira** (1964, esgotado), um verdadeiro marco bibliográfico. Tivemos, há pouco, nova edição de **Raízes da Música Popular Brasileira**, desse autor, extenso estudo de compositores, intérpretes e algumas peças anônimas, cobrindo a nossa história até fins do século 19. Comparada à edição de 1977, esta apresenta alguns aditamentos, em particular sobre poetas letristas e sobre Chiquinha Gonzaga.

O interesse de um trabalho sobre tais **raízes** provém não apenas de ser informativo e documentário. É um trabalho que, bem formulado, pode vir a tornar-se até "formativo", se considerarmos o que nele possam encontrar os músicos, para se imbuír nas originalidades e nas peculiaridades mais genuínas da alma sonora antiga das nossas ruas e salões.

O livro não trata, pois, daquela herança musical que, sendo anônima, surge como criação coletiva imanente, isenta de cânone estético, difundindo-se e se fixando pela tradição oral: o folclore. Trata, sim, da alma sonora popular, instruída ou semi-instruída, cuja identidade quase sempre se conhece, de convívio antes urbano e, por isso, pode jungir-se, com o tempo, às convenções culturais, embora, não raro os seus vezos provenham do folclore. Seria desejável que o autor explicasse melhor o que entende como **raízes** e discriminasse mais precisamente as **raízes** de que trata. A introdução histórica que delineia nas 15 páginas iniciais não favorece tal requisito; poderia ser drasticamente condensada, uma vez que cobre um período de música "anônima ou folclórica". A história das **raízes** que nos interessa só encontra a sua substância a partir da página 27. Começa, então, com as notícias acerca do lundu e da modinha e as estende sobre as formas, ritmos e "maneiras", de moldes definidos, que constituem os alicerces da nossa música popular — esta que até hoje viceja distinta e independente do folclore. Todavia, o fato de não caracterizar com objetividade, através de exemplos musicais, aquelas formas, ritmos e "maneiras" reduz consideravelmente a utilidade musicológica dessa introdução histórica.

A propósito, num trabalho desse teor, é indispensável que se apresente um estudo profundo e amplo acerca de tudo que diz respeito ao choro: origens e fundamentos; maneira exata de executar-se; diferença em relação ao jazz; choro como possível forma de composição não apenas para conjunto, mas também para solo, etc. — tudo isso porque é de chorões, como não poderia deixar de ser, enorme porção do elenco reportado na obra. As anotações que o autor apresenta sobre o choro — raiz encorpada e multifacetada de nossa arte urbana — são vagas e obscuras. No entanto, Ary Vasconcelos seria o estudioso recomendado para intentar aquela exegese sobre o choro — que a nossa musicologia tanto reclama — por ser privilegiado e incansável pesquisador, em posse de completíssima discoteca e musicoteca.

Os músicos perguntariam ainda: por que não ilustrar o seu valioso trabalho com textos de frases musicais que exibam as características mais peculiares de cada compositor e de cada manifestação reportados? Pois são elas que conferem a tais produções o título de **Raízes**... Uma reeditoração eficiente do livro, remanejando informes, eliminando repetições, suprimindo fotografias e abreviando letras de canções, liberaria precioso espaço em favor da reprodução dos pentagramas ilustrativos (em reduções).

Dentre as ausências de que se ressente o livro, uma, inexplicável, chama a atenção: a de José de Almeida Cabral, prolífico "modinheiro" do século passado. Lembramos ainda Luiz Levy (1861-1935), que, também sob os pseudônimos Ziul Y Vel e Yvu Lelis, sintetizou em tangos, peças de salão e sertanejas, ilustrações da alma sonora das ruas e rincões. Apelasse o autor aos textos musicais e às gravações, com prioridade sobre as registros bibliográficos, e seria mais amplo o seu recenseamento. Isso lhe ensejaria incluir utilíssimas indicações codificadas de musicotecas e arquivos sonoros em que se encontrem exemplares das peças anotadas no livro.

Coletânea

Balanço de 15 anos de Bossa

Jimi Joe

A coletânea **Bossa Nova — Sua História, Sua Gente** chegou às lojas inicialmente em um álbum duplo de vinil em 1974, comemorando 15 anos do movimento deflagrado pelo LP **Chega de Saudade**, de João Gilberto. Agora, passados outros 17 anos, as 36 interessantes faixas daqueles discos estão novamente ao alcance do público no formato de CD. O mais importante na compilação é que ela vem assinada por Aloysio de Oliveira, um dos teóricos e ideólogos da Bossa Nova. Aloysio foi o sujeito que, ao receber uma lista de artistas que seriam demitidos pela EMI-Odeon nos idos de 60, teve a audácia de acrescentar o próprio nome entre os demitidos. E ele era o diretor artístico da gravadora. Logo em seguida criaria seu próprio selo, Elenco, pelo qual gravaram nomes ligados à Bossa Nova, de Tom Jobim ao MPB-4.

Essa e outras histórias da Bossa Nova podem ser conferidas no texto direto do próprio Aloysio contido no livreto que acompanha o CD. O repertório demonstra uma seleção criteriosa que parte de um artista pré-bossa (Mário Reis) e procura mostrar a evolução do movimento e do estilo de compor que foi a Bossa Nova. Assim, logo na segunda faixa, estão Dick Farney e Norma Bengel cantando **Você**. A quarta faixa traz a bossa total de João Donato e trio em **Só Danço Samba**, depois de os ouvidos se terem deparado com Dóris Monteiro interpretando **Nós e o Mar**. **Mocinho Bonito**, com Billy Blanco, **Samba do Avião**, com Os Cariocas, e **Rio**, com Lúcio Alves, formam uma trinca imbatível. E abrem caminho para Elizete Cardoso mostrar em **As Praias Desertas** por que ela foi a grande dama da canção brasileira. O primeiro CD ainda traz o Tamba Trio, Lenita Bruno, Baden Powell e Astrud Gilberto (cantando sua já clássica versão para **Garota de Ipanema** gravada no LP **Getz/Gilberto**).

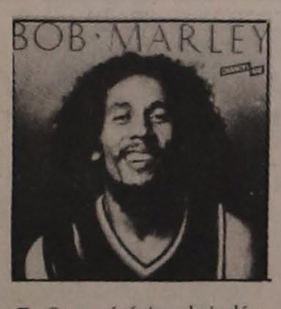
O segundo disco não é menos pródigo, pois traz material poucas vezes incluído em coletâneas de Bossa Nova e, além do inevitável João Gilberto, apresenta nomes raramente citados no atual revivalismo do movimento que assola o País. O conjunto de Oscar Castro Neves, Sérgio Mendes (antes de decolar para o sucesso nos EUA) com o Bossa Rio, a música precisa do Zimbo Trio fazendo a preciosa versão paulista da Bossa e um Lennie Dale em estado de graça são alguns dos bons momentos. Quando tanto aventureiro anda lançando mão da Bossa Nova nos dias de hoje, é bom ouvir quem realmente fez sua história.

SERVIÇO

Bossa Nova — Sua História, Sua Gente *(Polygram) — Lançamento em CD duplo de coletânea original de 1974. Diversos intérpretes em 36 faixas. Coordenação de Aloysio de Oliveira. Preço médio: Cr$ 10.000,00*

L A N Ç A M E N T O S

■ ***Give Thankx.*** **Jimmy Cliff** (Warner). Embora **Give Thankx** não conste na lista dos melhores discos de Cliff, este é um dos seus discos mais populares, principalmente no Brasil. Há inegáveis clássicos, como **Bongo Man**, **Meeting in Afrika** e **Love I Need**. Lançado originalmente em 1978 (está sendo relançado agora sem nenhuma razão aparente), numa época em que o reggae recebeu reconhecimento mundial, o álbum não se resume simplesmente às raízes jamaicanas e enveredа por influências africanas e caribenhas. Cotação: ●●● **(J.S.)**.



■ Como é típico da indústria fonográfica, basta que um grupo acabe ou um artista morra para que o espólio musical venha à tona. Assim foi com Led Zeppelin, Janis Joplin, Jimi Hendrix, The Doors e, por que não?, o maior ídolo do reggae, Bob Marley. **Chances Are** é uma compilação com sobras de estúdio e fitas demo que não fazem jus ao real trabalho de Marley. Nada que mereça maior atenção e certamente o próprio compositor não lançaria se estivesse vivo. Um dos piores discos de Bob Marley, mas não por culpa sua. Cotação: ● **(J.S.)**

■ ***Damn Yankees.*** **Damn Yankees** (Warner). Por trás do nome Damn Yankees se escondem algumas figuras famosas, como o guitarrista Ted Nugent e o ex-guitarrista do grupo Styx, Tommy Shaw. O grupo tenta ser vendido como "a mais excitante novidade musical da década", o que é uma tremenda balela, já que não é isso que se ouve no disco. Na verdade, não passa de rock tradicional, muito próximo do estilo rock arena, e flertes com o heavy metal. Embora tenha músicos experientes, ele não atinge alto grau de criatividade. Cotação: ● **(J.S.)**.

■ ***Tarkus.*** **Emerson, Lake & Palmer** (Warner) — O trio que explodiu (ao pé da letra, com seus canhões) no festival hippie da Ilha de Wight acabou se tornando um dos musts do som progressivo dos anos 70. Este LP de 1972 é um dos bons trabalhos deles. Canções curtas aproximam bastante do pop as estruturas intrincadas criadas pelos três. A revista **Melody Maker** definiu o grupo: um pianista virtuoso, um baterista genial e um baixista medíocre. O medíocre, no entanto, é que tornava o grupo vendável com suas canções folk. Cotação: ●●● **(J.J.)**

Tetê Espíndolla abre a gaiola e solta os pássaros

*Em seu quinto LP, **Ouvir**, que lança em shows a partir de hoje no Teatro Crowne Plaza, a cantora mostra o resultado de uma pesquisa sonora com espécimes da Amazônia e do Pantanal*

Lauro Lisboa Garcia

Ouvir é uma arte que está caindo em desuso nestes tempos de histeria sonora, em que platéias grosseiras querem se fazer mais notadas que cantores, filmes e peças a que vão assistir. **Ouvir**, título do novo disco de Tetê Espíndolla (agora com dois ll por sugestão da numerologia), é também um convite que a cantora faz à sensibilidade de seu público, que pode vê-la a partir de hoje no Teatro Crowne Plaza. Além das músicas do disco, o roteiro, que ela chama de "plano de vôo", traz canções inéditas com letras inspiradas na mata e no canto dos pássaros. Como acredita que eles vieram para trazer uma mensagem celeste, Tetê desenvolve o show na medida em que um pássaro transmite seu recado a outro.

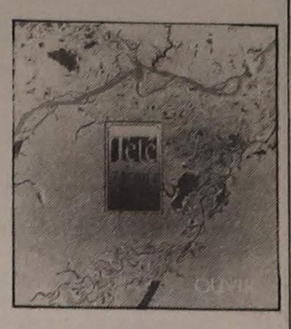
O disco encerra um projeto de pesquisa — premiado pela Fundação Vitae — de cantos e pios de pássaros do Pantanal e na Amazônia, que Tetê realizou no ano passado. Parte dos sons de 34 pássaros que dividem o disco com ela, e outros gravados para o show — que tem ambientação cênica criada por Marta Catunda —, foi cedida por Jacques Vielliard, pesquisador da Unicamp. Todas as composições são de Tetê, algumas em parceria com o marido Arnaldo Black, e são acompanhadas de craviola, teclados, vozes e percussão. É a realização mais ousada, a primeira independente, da cantora que se projetou nacionalmente ao vencer o **Festival dos Festivais**, em 85, com a música **Escrito nas Estrelas**, batendo recordes de vendagem e de execução no rádio.

A ele, seguiu-se o LP **Gaiola**, em 86, que apontava novas tendências em sua discografia. Vencer o festival abriu ouvidos viciados e possibilitou que a cantora realizasse turnês pelo País inteiro e se mantivesse com shows esses anos todos. Até voar com os pássaros. Entre eles um raro encontro com o uirapuru, que só canta uma vez por ano e jamais na presença dos humanos. "Eu estava cantando uma música com o inhambu-relógio, que é o diapasão da mata, quando o uirapuru cantou e todos os pássaros se calaram, de verdade", lembra.

Dividido em **Céu Aberto** e **Mata Fechada**, o disco foi mixado desenvolvendo a acústica da mata: "Os do Pantanal são mais percussivos, porque vivem em bando; os melódicos são mais solitários, vivem em mata fechada". Tetê, sobre quem certa vez o poeta Augusto de Campos disse ter pássaros na garganta, descobriu novos timbres e aperfeiçoou sua voz, que desde o festival vinha desenvolvendo o grave, até alcançar o tom de todos os cantores de bico e pena com quem divide **Ouvir**. Um disco atemporal, que não é MPB, nem jazz, nem erudito, mas uma soma de tudo e, segundo Tetê, representa uma virada radical em sua carreira.

Depois do Crowne Plaza ela faz outra temporada no Sesc-Pompéia, seguindo para Curitiba e Porto Alegre. **Ouvir** teve tiragem inicial de mil exemplares — que podem ser adquiridos pelo telefone 872-9396 — e depois sai apenas em CD. "Não tenho pressa de vender, porque não é um disco comum, não é um trabalho a mais na minha carreira", conclui Tetê. "É um casamento muito sério da arte com a ciência."

Tetê traça novo plano de vôo ao casar sua voz com os sons delicados dos pássaros



SERVIÇO

Ouvir** (Independente) — Quinto LP da cantora Tetê Espíndolla. Arranjos de Tetê, Arnaldo Black e Cláudio Leal. Gravações na mata realizadas por Jacques Vielliard. Convidados especiais: Alzira Espíndola, Duofel e Itamar Assumpção. O disco pode ser adquirido na Carlos Navas Produções Ltda. (Rua Marco Aurélio, 738, ☎872-9396). Preço: Cr$ 2.500,00. Shows de lançamento, a partir de hoje, de terça a quinta-feira às 21h30 no **Teatro Crowne Plaza** (Rua Frei Caneca, 1.360, ☎284-1144). Ingressos: Cr$ 2.000,00. **Até dia 27

GUIA

Cotação: ★ = fraco; ★★ = regular; ★★★ = bom; ★★★★ = ótimo.

Cinema

■ **Os horários e as salas são fornecidos pelos programadores/exibidores, responsáveis pelas alterações de última hora. Antes de sair, confirme a programação.**

Drama

■ **Ai, Carmela** (Ay, Carmela!) — Durante a Guerra Civil Espanhola, atores viajam para entreter as tropas republicanas. Acabam detidos e obrigados a se apresentar para os monarquistas. Dir. Carlos Saura. Prod. Esp/90. Com Carmen Maura.▲ **Elétrico Cineclube—Sala 1** (Lot. 316). Hor. normal. Livre. **Cotação: ★★**

■ **Alucinações do Passado** (Jacob's Ladder) — Veterano da Guerra do Vietnã tem alucinações inexplicáveis. Dir. Adrian Lyne. Prod. EUA/90. Com Tim Robbins.▲ **Paramount 2** (Lot. 114). Hor. normal desde 15h. Censura 12 anos. **Cotação: ★★★**

■ **Asas do Desejo** (Les Ailes du Désir) — Dois anjos passam por Berlim. Dir. Wim Wenders. Prod. Al-Fr/87. Com Bruno Ganz. ▲ **CineSesc** (Lot. 336). Hor. 14h30. Cens. 12 anos. **Cotação: ★★**

■ **Dança Com Lobos** (Dances With Wolves) — Tenente vai viver junto aos índios sioux. Dir. Kevin Costner. Prod. EUA/90. Com K. Costner.▲ **Apolo** (Lot. 361). Hor. 13h20, 16h40, 20h. **Cal 3** (Lot. 526). Hor. 14h, 17h20, 20h40. **Cinespacial** (Av. S. João, 1.465. Tel. 220-5228. Lot. 570). Hor. 13h50, 17h10, 20h30. **Paulistano** (Lot. 610). Hor. 13h50, 17h10, 20h30. Cens. 10 anos. **Cotação: ★★★★**

■ **Dançando pela Vida** (Waltzing Regitze) - No centro de uma história de amor, uma mulher forte influencia a todos. Dir. Kaspar Rostrup. Prod. Dinamarca/90. Com Ghita Norby. ▲ **Elétrico Cineclube—Sala 1** (Lot. 316). Hor. normal desde 14h15. Livre.**Cotação: ★★★**

■ **Dormindo com o Inimigo** (Sleeping With The Enemy) — Mulher muda de nome e de cidade para escapar de marido violento. Dir. Joseph Ruben. Prod. EUA/90. Com Julia Roberts.▲ **Paramount 1** (Lot. 177). Hor. 15h, 17h, 19h, 21h. Cens. 12 anos. **Cotação: ★**

■ **E a Luz se Fez** (Et La Lumière Fut) — O cotidiano de uma aldeia africana é alterado pela chegada de lenhadores que destroem a madeira sagrada e incendeiam toda a floresta. Dir. Otar Iosseliani. Prod. Fr-It-Al/89. Com Sigalon Sagna.▲ **Belas Artes-Aleijadinho** (Lot. 160). Hor. normal desde 16h. Cens. 12 anos. **Cotação: ★★**

■ **Edward, Mãos de Tesoura** (Edward Scissorhands) — A invenção inacabada de um cientista tem lâminas afiadas no lugar dos dedos, mas é uma criatura dócil. Dir. Tim Burton. Prod. EUA/90. Com Johnny Depp, Winona Ryder.▲ **Center Norte 1** (Lot. 254). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. e fer. desde 14h). **Center 3** (Lot. 156). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. e fer. desde 14h). **Eldorado 2** (Lot. 254). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. e fer. desde 14h). **Interlagos 2** (Lot. 156). Hor. normal desde 13h. **Olido 1** (Lot. 434). Hor. normal desde 12h. **Paulista 2** (Lot. 284). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h. **Santana** (Lot. 286). Hor. normal desde 13h. Livre. **Cotação: ★★★**

■ **Estamos Todos Bem** (Stanno Tutti Bene) — Aposentado visita seus cinco filhos espalhados pela Itália. Dir. Giuseppe Tornatore. Prod. It/90. Com Marcello Mastroianni. ▲ **Cal 2** (Lot. 182). Hor. 16h30, 19h, 21h30 (sáb., dom. e fer. desde 14h). **Paramount 4** (Lot. 468). Hor. 16h, 18h30, 21h. Livre. **Cotação: ★★**

■ **Itinerário de um Garoto Mimado** (Itinéraire D'un Enfant Gaté) — Industrial resolve mudar de vida e assume uma nova identidade. Dir. Claude Lelouch. Prod. Fr-Al/88. Com Jean-Paul Belmondo.▲ **Belas Artes-Sala Villa-Lobos** (Lot. 284). Hor. 14h, 16h30, 19h, 21h30. Cens. 12 anos. **Cotação: ★**

■ **Loucos de Paixão** (White Place) — Balconista de lanchonete quarentona e jovem "yuppie" vivem paixão ardente. Prod. EUA/90. Com Susan Sarandon, James Spader.▲ **Center Iguatemi 1** (Lot. 219). Hor. normal. **Gemini 1** (Lot. 392). Hor. normal. **Metro 2** (Lot. 300). Hor. normal. Cens. 12 anos. **Cotação: ★★**

■ **Luzes da Fama** (Light of Day) — Joe e sua irmã tocam numa banda de rock, passam por momentos difíceis e sonham com dias melhores. Dir. Paul Schrader. Prod. EUA/87. Com Michael J. Fox. ▲ **Studio Alvorada 1** (Lot. 184). Hor. normal. Livre. **Cotação: ★★**

■ **Noturno Indiano** (Nocturne Indien) — Na Índia, ele procura por um amigo. O encontro é tão difícil quanto a compreensão do motivo dessa busca. Dir. Alain Corneau. Prod. Fr/89. Com Jean Hugues Anglade.▲ **Belas Artes-Sala Oscar Niemeyer** (Lot. 165). Hor. normal desde 16h. Cens. 12 anos. **Cotação: ★★**

■ **O Céu Que Nos Protege** (The Sheltering Sky) — Duas pessoas que não conseguem ser felizes juntas, tentam superar os problemas, indo viver na África. Baseado em romance autobiográfico de Paul Bowles. Dir. Bernardo Bertolucci. Prod. Ingl-It/90. Com Debra Winger, John Malkovich.▲ **Arouche B** (Lot. 627). Hor. 14h, 16h30, 19h, 21h30. **Paulista 4** (Lot. 186). Hor. 14h30, 17h, 19h30, 22h. Cens. 14 anos. **Cotação: ★**

■ **O Poderoso Chefão — 3ª Parte** (The Godfather Part III) — O herdeiro dos Corleone luta para se livrar do crime. Dir. Francis Ford Coppola. Prod. EUA/90. Com Al Pacino, Andy Garcia.▲ **Belas Artes-Sala Cândido Portinari** (Lot. 188). Hor. 15h, 18h, 21h. Cens. 12 anos. **Cotação: ★★★★**

■ **Orquídea Selvagem** (Wild Orchid) — Empresário americano vive caso com advogada durante viagem de negócios ao Brasil. Dir. Zalman King. Prod. EUA/89. Com Mickey Rourke, Carré Otis. ▲ **Arcades** (Lot. 280). Hor. normal desde 10h. **Ibirapuera 1** (Lot. 316). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. desde 14h). **Interlagos 5** (Lot. 210). Hor. normal desde 15h. **Lar Center 1** (Lot. 412). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. desde 14h). **Morumbi 2** (Lot. 221). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. desde 14h). Cens. 14 anos. **Cotação: ★**

■ **O Silêncio dos Inocentes** (The Silence of the Lambs) — Encarregada de traçar o perfil psicológico de um criminoso, estagiária do FBI recorre a um psiquiatra, antropófago, detido num presídio de segurança máxima. Dir. Jonathan Demme. Prod. EUA/90. Com Jodie Foster, Anthony Hopkins.▲ **Cal 1** (Lot. 140). Hor. 15h10, 17h20, 19h30, 21h40 (Sáb., dom., e fer. desde 13h). **Gazeta** (Lot. 720). Hor. 15h, 17h20, 19h40, 22h. **Jardim Sul 2** (Lot. 300). Hor. 15h10, 17h20, 19h30, 21h40 (sáb., dom. e fer. desde 13h). **Olido 3** (Lot. 244). Hor. 12h, 14h20, 16h40, 19h, 21h20. **Paulista 1** (Lot. 265). Hor. 15h, 17h20, 19h40, 22h. Cens. 14 anos. **Cotação: ★★★**

■ **Romuald e Juliette** (id.) — O amor quase impossível entre um empresário e a faxineira de sua empresa, uma negra gorda. Dir. Coline Serreau. Prod. Fr/89. Com Daniel Auteil.▲ **Copan.** Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. e fer. desde 14h). **Eldorado 1** (Lot. 305). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. e fer. desde 14h). **Gazetinha** (Lot. 574). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. e fer. desde 14h). Livre. **Cotação: ★★**

■ **Tempo de Despertar** (Awakenings) — Médico tenta "acordar" sobreviventes de um surto epidêmico de doença do sono nos anos 20. Dir. Penny Marshall. Prod. EUA/90. Com Robin Williams, Robert De Niro.▲ **Paramount 3** (Lot. 189). Hor. 15h, 17h10, 19h20, 21h30. Livre. **Cotação: ★**

■ **The Doors** (id.) — A meteórica trajetória de Jim Morrison, vocalista, líder desse lendário grupo de rock. Dir. Oliver Stone. Prod. EUA/91. Com Val Kilmer, Meg Ryan.▲ **Eldorado 3** (Lot. 100). Hor. 16h30, 19h, 21h30 (sáb., dom. e fer. desde 14h). **Paramount 5** (Lot. 440). Hor. 16h, 18h30, 21h. Cens. 14 anos. **Cotação: ★★★**

■ **Um Toque de Sedução** (Two Moon Junction) — Às vésperas do casamento, garota rica se apaixona por um plebeu musculoso. Dir. Zalman King. Prod. EUA/88. Com Sherilyn Fenn, Richard Tyson.▲ **Belas Artes-Carmem Miranda** (Lot. 99). Hor. normal desde 16h. Cens. 14 anos. **Cotação: ★**

Comédia

■ **Cenas em um Shopping** (Scenes From a Mall) — Nos preparativos para o 16º aniversário de casamento, eles vão às compras e acabam entrando em crise. Dir. Paul Mazursky. Prod. EUA/91 Com Bette Midler, Woody Allen.▲ **Arouche A** (Lot. 68). Hor. normal. **Cinearte 1** (Lot. 503). Hor. normal. **Lumière** (Lot. 680). Hor. normal. Livre.**Cotação: ★★**

■ **Ghost — Do Outro Lado da Vida** (Ghost) — Rapaz assassinado volta como fantasma para proteger a amada. Dir. Jerry Zucker. Prod. EUA/90. Com Patrick Swayze, Demi Moore.▲ **Ipiranga 2** (Lot. 370). Hor. 14h, 16h30, 19h, 21h30. **Morumbi 6** (Lot. 102). Hor. 16h, 18h30, 21h (sáb., dom. desde 13h30). **Studio Alvorada 2** (Lot. 142). Hor. 14h, 16h30, 19h, 21h30. Cens. 12 anos. **Cotação: ★★**

■ **Green Card — Passaporte Para o Amor** (Green Card) — Francês casa-se com americana só para obter o visto de trabalho no país. Dir. Peter Weir. Prod. Aust-Fr/90. Com Gérard Depardieu, Andie MacDowell.▲ **Paulista 3** (Lot. 192). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. e fer. desde 14h). Livre. **Cotação: ★★**

■ **Milionário Num Instante** (Taking Care of Business) — Presidiário fugitivo assume a identidade de um executivo. Dir. Arthur Hiller. Prod. EUA/90. Com James Belushi.▲ **Center Norte 3** (Lot. 254). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. e fer. desde 14h). **Iguatemi** (Lot. 870). Hor. normal. **Jamor** (Lot. 467). Hor. normal desde 13h. **Jardim Sul 1** (Lot. 300). Hor. 15h30, 17h30, 19h30, 21h30 (sáb., dom. e fer. desde 13h30). **Liberty** (Lot. 800). Hor. normal. **Olido 2** (Lot. 242). Hor. normal desde 12h. Livre.

■ **Rei por Acaso** (King Ralph) — Homem simples e despreparado assume o trono inglês. Dir. David S. Ward. Prod. EUA/90. Com John Goodman, Peter O'Toole. ▲ **Astor** (Lot. 828). Hor. normal. **Center Iguatemi 3** (Lot. 540). Hor. normal. **Comodoro** (Lot. 972). Hor. 14h40, 16h30, 18h20, 20h10, 22h. **Gemini 2** (Lot. 392). Hor. 14h40, 16h30, 18h20, 20h10, 22h. **Ibirapuera 2** (Lot. 400). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. desde 14h).**Lar Center 2** (Lot. 412). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (Sáb., dom desde 14h). **Metro 1** (Lot. 800). Hor. 14h40, 16h30, 18h20, 20h10, 22h. **Morumbi 1** (Lot. 221). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. desde 14h). Livre. **Cotação: ★**

■ **Rosalie Vai às Compras** (Rosalie Goes Shopping) — Casal com sete filhos vive a realizar os sonhos de consumo. Dir. Percy Adlon. Prod. Ale/90. Com Marianne Sagebrecht.▲ **Belas Artes - Sala Mário de Andrade** (Lot. 88). Hor. normal desde 16h. **Morumbi 4** (Lot. 219). Hor. 16h, 17h45, 19h30, 21h15 (Sáb., dom. desde 14h15). Livre. **Cotação: ★**

■ **Simplesmente Alice** (Alice) — Em busca do autoconhecimento, mulher entediada usa misturas de ervas receitadas por um médico chinês. Dir. Woody Allen. Prod. EUA/90. Com Mia Farrow. ▲ **Vitrine** (Lot. 297). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. e fer. desde 14h). Livre. **Cotação: ★★★**

■ **Tampopo — Os Brutos Também Comem Spaghetti** (Tampopo) — Motorista de caminhão e amigo ajudam viúva que toma conta de uma casa de massas. Dir. Juzo Itami. Prod. Jap/86. Com Tsutomo Yamazaki.▲ **CineSesc** (Lot. 336). Hor. 17h, 19h, 21h. Cens. 16 anos. **Cotação: ★★★**

■ **Uma Leitora Bem Particular** (La Lectrice) — Jovem apaixonada por livros faz até leituras apropriadas a cada pessoa que encontra. Dir. Michel Devillle. Prod. França. Com Miou-Miou.▲ **Majestic** (Lot. 312). Hor. normal desde 16h. Cens. 14 anos. **Cotação: ★★★**

Aventura

■ **Bruce Lee e Van Damme - O Melhor das Artes Marciais** (The Best of the Martial Arts Films) — Seleção de cenas dos maiores filmes do gênero. Dir. Sandra Weintraub. Prod. EUA/90. Com Jackie Chan.▲ **Ipiranga 1** (Lot. 1.150). Hor. normal desde 12h. Livre.

■ **Operação Kickbox — A Nova Era dos Dragões** (The Best of the Best) — Numa competição de karatê, ele tem como adversário o assassino de seu irmão. Dir. Bob Radler. Prod. EUA/90. Com Eric Roberts.▲ **Interlagos 3** (Lot. 170). Hor. 15h, 17h, 19h, 21h (sáb., dom. e fer. desde 13h). **Marabá** (Lot. 1.438). Hor. normal desde 10h. **Marrocos 1** (Lot. 530). Hor. normal desde 10h. **Sto. Amaro** (Lot. 966). Hor. normal desde 13h. Cens. 10 anos.

■ **Um Homem a Prova de Balas** (Bulletproof) — Policial tenta reaver máquina que resiste ao impacto de quaisquer armas e foi roubada por terroristas. Dir. Steve Carver. Prod.EUA/90. Com Gary Busey.▲ **Center Lapa** (Lot. 500). Hor. 17h, 19h, 21h (Sáb., dom. e fer. desde 15h). **Cinemar** (R. Vol. Delmiro Sampaio, 163. Tel. 246-0486. Lot. 284). Hor. normal desde 13h. **Interlagos 1** (Shop. Interlagos. Tel. 563-7644. Lot. 240). Hor. normal desde 13h. **Ritz** (Av. S. João, 593. Tel. 223-2466. Lot. 504). Hor. normal desde 12h. Cens. 10 anos.

Infanto-Juvenil

■ **Inspetor Faustão e o Mallandro** — As confusões de um ingênuo policial. Dir. Mário Márcio Bandarra. Prod. Br/90. Com Fausto Silva.▲ **Opera** (Lot. 475 lugares). Hor. 13h, 14h40, 16h20, 18h, 19h40, 21h20. Livre.

■ **Todos os Cães Merecem o Céu** (All Dogs Go To Heaven) — Desenho animado de Don Bluth sobre pastor alemão, de passado suspeito que chega ao céu. Prod. Irl/89. Dublado.▲ **Center Iguatemi 2** (Lot. 317). Hor. 14h, 15h30, 17h, 18h30, 20h, 21h30. **Metrópole** (Lot. 259). Hor. 14h, 15h30, 17h, 18h30, 20h, 21h30. **Morumbi 5** (Lot. 140). Hor. 16h, 17h45, 19h30, 21h15 (sáb. e dom. desde 14h15). **Top Cine** (Lot. 418). Hor. 14h, 15h30, 17h, 18h30, 20h, 21h30. Livre.

Terror

■ **A Criatura do Cemitério** (Graveyard Shift) — Durante as obras de uma antiga fábrica, operários enfrentam uma criatura mortífera que vive no subsolo de um cemitério próximo. Baseado em conto de Stephen King. Dir. Ralph S. Singleton. Prod. EUA/90. Com David Andrews.▲ **Center Norte 2** (Lot. 254). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. e fer. desde 14h). **Gazetão** (Lot. 513). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. e fer. desde 14h). **Interlagos 4** (Lot. 170). Hor. 15h, 17h, 19h, 21h (sáb., dom. e fer. desde 13h). **Regina** (Lot. 926). Hor. normal desde 12h. Cens. 12 anos.

REPRISES

■ **Amor, Estranho Amor** — Homem recorda seu despertar sexual, aos treze anos, quando estava em um bordel. Dir. Walter Hugo Khouri. Prod. Br/82. Com Xuxa Meneghel, Vera Fischer, Tarcísio Meira.▲ **Ibirapuera 3** (Lot. 102). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. desde 14h). **Interlagos 6** (Lot. 230). Hor. normal desde 15h. **Lar Center 3** (Lot. 346). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. desde 14h). **Marrocos 2** (Lot. 1.020). Hor. normal desde 10h. **Morumbi 3** (Lot. 221). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb., dom. desde 14h). Cens. 14 anos. **Cotação: ★★**

■ **A Vingança de Manon** (Manon des Sources) — Dez anos depois de perder o pai e as terras, ela prepara a desforra. Dir. Claude Berri. Prod. Fr/90. Com Emmanuelle Beart.▲ **Veneza Cineclube** (Lot. 96). Hor. 18h e 22h. Livre. **Cotação: ★★★**

■ **Cinema Paradiso** (id.) — Cineasta lembra sua infância e adolescência passadas numa cidade do interior, onde uma sala de cinema era a única diversão. Dir. Giuseppe Tornatore. Prod. It/90. Com Philippe Noiret.▲ **Bijou** (Lot. 116). Hor. normal. Livre. **Cotação: ★★★★**

■ **Jean de Florette** (id.) — Homem ambicioso e seu sobrinho travam guerra contra um camponês a fim de apoderar-se de suas terras. Dir. Claude Berri. Prod. Fr/86. Com Gérard Depardieu. Livre.▲ **Veneza Cineclube** (Lot. 96). Hor. 16h e 20h. **Cotação: ★★★**

■ **Miranda** (id.) — Viúva de um soldado desaparecido em batalha desperta paixões incontroláveis. Dir. Tinto Brass. Prod. It/85. Com Serena Grandi.▲ **Cineclube Oscarito** (Lot. 109). Hor. 16h, 18h, 20h, 22h (sáb. e dom. desde 14h).

ESPECIAIS

■ **Ciclo de Cinema Espanhol** — Filmes produzidos entre os anos 70 e 80. Hoje, **Cabbalos en Jerez** (Cavalos em Jerez), de Antonio Artero, de 84 11 min.; em seguida, **La Ley del Deseo** (A Lei do Desejo), de Pedro Almodóvar, de 86, 102 min. Versão original. Às 20h30. Grátis.▲ **MIS** (Lot. 180). **Até 26/6.**

■ **Mostra ECA/USP** — Em comemoração aos 25 anos da escola, exibição de filmes de alguns cineastas, videomakers e profissionais da área que passaram pela universidade. Hoje, **A João Guimarães Rosa**, de Marcelo Tassara e Roberto Santos, de 69, 9 min; em seguida, **Rua 100, Nova York**, de Aloysio Raulino, de 69, 9 min.; **Lacrimosa**, também de A. Raulino, de 70, 12 min.; **Vida de Doméstica**, de Eliane Bandeira, de 76, 19 min.; e **Fuzarca no Paraíso**, de Regina Rheda, de 81, 17 min. Grátis. Às 19h. Programação paralela na Sala de Vídeo. ▲ **MIS - Auditório** (Lot. 180). **Até 22/6.**

■ **Os Irmãos Marx** — O humor surreal e subversivo com os irmãos Groucho, Harpo e Chico em **Um Dia nas Corridas**, de Sam Wood, EUA/37 (hoje às 17h); **Uma Noite em Casablanca**, de Archie Mayo, EUA/46 (19h); e **Uma Noite na Ópera**, também de Sam Wood, EUA/35 (21h). ▲ **Cinemateca** (Lot. 315). **Até amanhã.**

■ **Consulte os endereços na penúltima página**

Show

ESTRÉIA

■ **Tetê Espíndolla** — A cantora faz o show de lançamento de seu 6º LP, **Ouvir**. De 3ª a 5ª, às 21h30. Cr$ 2.000,00.▲ **Teatro Crowne Plaza** (R. Frei Caneca, 1.360. ☎284-1144 - r.1908). **Até 27/6.**

EM CARTAZ

MPB

■ **As Eternas Cantoras do Rádio** — Carmélia Alves, Ellen de Lima, Nora Nei, Rosita Gonzales, Violeta Cavalcante e Zezé Gonzaga interpretam sucessos dos anos 40 e 50. De 3ª a 5ª, às 23h; 6ª e sáb, às 0h. Cr$ 6.000,00/7.500,00 (sócios) e Cr$ 7.200,00/9.000,00 (não-sócios).▲ **150 Night Club do Maksoud Plaza** (Al. Campinas, 150. ☎251-2233 - r.488). **Até 29/6.**

■ **Guinga** — O violonista se apresenta no **Projeto Compositores** e interpreta algumas das músicas que farão parte de seu 1º LP. Participação de Cláudio Nucci e Lúcia Helena. Hoje, às 22h. Cr$ 1.500,00.▲ **Vou Vivendo** (R. Pedroso de Morais, 1.017. ☎815-8129).

■ **Via Paulista** — Em sua oitava edição, o projeto destaca as cantoras Adyel, Jussara Silveira e Silvana Stiévano. Elas mostram repertórios individuais e finalizam o show cantando juntas. Hoje, às 21h30. Cr$ 1.500,00 (comerc.) e Cr$ 2.000,00.▲ **Sesc Pompéia** (R. Clélia, 93. ☎864-8544).

■ **Vocalise** — As vozes de Cibele, Leny e Solange se unem ao som de um violão, uma timba e um afoxé. O trio interpreta canções de Djavan, Tom Jobim, Joyce, entre outros. Hoje, às 21h30. Cr$ 1.200,00.▲ **Templo** (R. Dr. Melo Alves, 95. ☎852-0463).

ESPECIAL

■ **Festa do Matéria-Prima** — Há um ano no ar, o programa jovem da TV Cultura apresenta uma edição especial com show das bandas **Barão Vermelho, Ultraje A Rigor, Nenhum de Nós, Kid Abelha, Que Fim Levou Robin?, Paulo Ricardo e Jorge Benjor.** O apresentador Serginho Groisman comanda a festa. Hoje, às 19h30. Convites nas portarias do Auditório Cultura (Av. Tiradentes, 451) e da TV Cultura (R. Cenno Sbrighi, 378). Pede-se que na entrada do show os jovens levem um agasalho para colaborar com o Fundo de Solidariedade do Estado.▲ **Ginásio do Ibirapuera** (R. Manuel da Nóbrega, 1.361. ☎887-3500).

Instrumental/Jazz

■ **Ed Cortes e O Bicho de Pé** — Acompanhado de banda, o saxofonista mostra composições e arranjos próprios. 3ª e 4ª, às 22h e às 0h. Cr$ 1.200,00. C.M.: Cr$ 800,00.▲ **Sanja** (R. Frei Caneca, 304. ☎255-2942). **Até amanhã.**

GUIA

Cotação: ★ = fraco; ★★ = regular; ★★★ = bom; ★★★★ = ótimo

Visuais

Inaugurações

■ **Liebermann, Slevogt e Corinth** — 114 gravuras originais dos artistas conhecidos como o Triunvirato do Impressionismo Alemão. De 3ª a 6ª, das 13 às 17h; sáb. e dom, das 14 às 18h.▲ No 1º mezanino do **Masp** (Av. Paulista, 1.578 — ☎ 251-5644). **Até 14/7.**

■ **Pinacoteca do Estado** (Av. Tiradentes, 141 — ☎ 227-6329) — Mônica Colucci (desenhos, pintura e colagem), Dulcimira Capisani (encáustica e cimento), e Ricardo Barsuglia (retrospectiva de escultura). De 3ª a dom, das 13 às 18h. **Até 2/7. Abertura às 19h.**

■ **Tomie Ohtake** — Dez telas em grandes dimensões, mostrando uma nova fase de seu trabalho. De 2ª a 6ª, das 10 às 19h; sáb, até 14h.▲ **Gabinete de Arte Raquel Arnaud** (Av. Brig. Luís Antonio, 4.417 — ☎ 887-7088). **Até 27/7. Abertura às 19h.**

Continuações

Individuais

■ **Adriana Banfi** — "Atmosferas" — 16 pinturas em acrílico s/ tela, recentes. De 2ª a 6ª, das 14h às 19h; sáb, das 10h às 14h.▲ **Mônica Filgueiras Galeria de Arte** (R. Haddock Lobo, 1.568 — ☎ 282-5292). **Até 6/7.**

■ **Alexandre Sampaio** - Instalação "Caos Integrado". De 2ª a 6ª, das 8h30 às 18h. **Espaço Cultural Yázigi** (Av. 9 de Julho, 3.166 - ☎ 884-9600). **Até 28/6.**

■ **Artur Lescher** — "Construções" — dez esculturas recentes, em técnicas variadas. De 2ª a 6ª, das 9h às 20h; sáb, das 10h às 13h.▲ **Galeria Millan** (Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1.280 — ☎ 852-5722). **Até 25/6.**

■ **Célia Euvaldo** — "Desenhos" — 15 telas. De 2ª a 6ª, das 11h às 20h; sáb, até 14h.▲ **Paulo Figueiredo Galeria de Arte** (R. Dr. Mello Alves, 717, casa 1 — ☎ 883-7670). **Até 24/6.**

■ **Danilo Blanco** - "Do Osso à Arte", trabalhos decorativos feitos c/ lâminas de ossos e chifres. De 2ª a 6ª, das 10h às 16h. Aos sábados, workshops sobre o tema "Caixas", das 9h às 17h.▲ **Estação São Bento do Metrô. Até 2/7**

■ **Edson Lima** — 32 pinturas primitivistas, com paisagens rurais e urbanas. De 2ª a 6ª, das 8h às 20h; sáb, das 9h às 12h.▲ **Galeria Alliance Française — Brooklin** (Av. Santo amaro, 3.921 — ☎ 240-3478). **Até 29/6.**

■ **Evandro Carlos Jardim** — 76 obras — desenhos, gravuras, têmperas s/ papel e tela. De 2ª a dom, das 10h às 20h.▲ **Galeria São Paulo** (R. Estados Unidos, 1.456 — ☎ 852-8855). **Até 4/7.**

■ **Gal Oppido** — "Todo Dia" — 40 painéis mostram cotidiano da E.M.B. De 2ª a 6ª, das 9h às 17h.▲ **Escola Municipal de Bailado** (Baixos do Viaduto do Chá, s/nº). **Até 30/6.**

■ **Gustavo Rosa** — 20 obras recentes, óleos e madeira policromada, em "Trabalho Independente". De 3ª a dom, das 10h às 20h.▲ **Arte Vital** (R. Haddock Lobo, 1.398 — ☎ 282-9484). **Até 30/6.**

■ **Ildeci Torturelo** — Impressionismo — 15 telas. De 2ª a 6ª, das 10h às 16h30. ▲ **Espaço Cultural CEF — Carlos Sampaio** (Av. Paulista, 392). **Até 10/7.**

■ **Kenji Fukuda** — 20 telas em técnicas mistas, em "Abstrações". De 2ª a 6ª, das 9h às 18h30; sáb, até 13h. Apoio do Banco Geral do Comércio.▲ **Múltipla de Arte** (Av. Morumbi, 7.990 — ☎ 241-0157). **Até 30/6.**

■ **Ligia De Franceschi** — "Jardins Planetários". De 2ª a 6ª, das 10h às 20h; sáb, até 14h.▲ **Ars Artis** (R. Diogo Moreira, 312 — ☎ 212-8034). **Até 28/6.**

■ **Lúcia Buccini** — Pintura naif. Diariamente, das 13h às 22h.▲ No foyer do teatro da **Cultura Inglesa** (R. Deputado Lacerda Franco, 333 — ☎ 814-0100). **Até 27/6.**

■ **Maria Eva Rolón Miranda** — "Palpável Abstrato" — óleo, acrílico e colagem s/ tela. De 2ª a 6ª, das 10h às 16h30.▲ **Espaço Cultural da CEF — Granja Julieta** (Av. Santo Amaro, 7.327). **Até 26/6.**

■ **Mônica Nunes** — "A Reflexão do Olhar..." — colagens. De 3ª a dom, das 17h30 até 1h30.▲ **Jasmin Casa de Chá** (R. Haddock Lobo, 932 — ☎ 881-0502). **Até 3/7.**

■ **Nahum Levin** — 26 esculturas em pedra sobre madeira ou ferro. De 2ª a 6ª, das 9h às 20h; sáb, até 14h.▲ **IAB — sala Flávio Império** (R. Bento Freitas, 306-térreo). **Até 25/6.**

■ **Nêmora Fasolo** — "Forma & Cor" — 29 trabalhos em pastel seco e aquarela. De 2ª a 6ª, das 9h às 20h; sáb, até 13h.▲ **Abra — Academia Brasileira de Arte** (Av. Rebouças, 2.346 — ☎ 853-4082). **Até 26/6.**

■ **Pink Wainer** — 15 aquarelas. De 2ª a 6ª, das 14 às 19h; sáb, das 10 às 13h. ▲ **Espaço José Duarte de Aguiar/Ricardo Camargo** (R. Dr. Mello Alves, 397 — ☎ 881-3908).

■ **Ricardo Bezerra** — 13 desenhos e 11 pinturas, do figurativo ao abstrato. De 2ª a 6ª, das 10h às 19h.▲ **Galeria Sesc Paulista** (Av. Paulista, 119 — térreo). **Até 28/6.**

■ **Rolando Rasmussen** — 50 obras (vestidos, lenços, túnicas) em "As Cores da Luz". De 2ª a 6ª, das 10h às 18h30.▲ **Miriam Mamber Artwear & Design** (Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1.046 — ☎ 883-6064). **Até 30/7.**

■ **Sônia Rezze** — Pinturas recentes. De 2ª a 6ª, das 9h às 19h; sáb, até 12h.▲ **Dali Galeria de Arte** (R. Dr. Alberto Seabra, 626 — ☎ 62-2238). **Até sábado.**

■ **Stevan Marino** — Sob a curadoria de Olney Krüse, o artista gaúcho traz 16 obras em técnica mista, em "Ave, Galinha!". De 2ª a 6ª, das 14h às 19h.▲ **Viva Arte Galeria** (R. Estados Unidos, 1.626 — ☎ 883-0040). **Até 25/6.**

Coletivas

■ **A Árvore de Cada Um** — 19 artistas brasileiros, entre eles Siron Franco, Guto Lacaz e Ivald Granato apresentam desenhos, pinturas e esculturas. De 2ª a 6ª, das 10h às 20h; sáb, até 14h.▲ **Galeria Montesanti Roesler** (Av. Europa, 655 — ☎ 853-2123). **Até 29/6.**

■ **Arte na Cásper Líbero** - Trabalhos de Aírton Sobreira, Helena Freddi, Salete Mulin, Sheila Gasko Dryzun e Ricardo Dahora. De 2ª a 6ª, das 14h às 20h. **Espaço Cultural** (Av. Paulista, 900 - 3º andar - ☎ 287-4322). **Último dia.**

■ **Conheça o Artista** — 18 obras dos artistas Fang, Gustavo Rosa e Aldemir Martins; além de palestras sobre artes. Hoje: palestra c/ Aldemir Martins, às 20h. De 2ª a 6ª, das 14h às 20h; sáb, das 10h30 às 13h30.▲ **Graal Escritório de Arte** (R. Bandeira Paulista, 1.127 — ☎ 820-7526). **Último dia.**

■ **Nanuk e Nosbor** — Os dois artistas, dedicados à arte naif, mostram 40 trabalhos. De 2ª a 6ª, das 10h às 19h; sáb, até 17h.▲ **Galeria Jacques Ardies** (Rua do Livramento, 221 — ☎ 884-2916). **Até 29/6.**

■ **Paula Almeida & Carmen Maradei** — Cerâmicas decorativas e utilitárias na técnica de alta temperatura. De 2ª a 6ª, das 14 às 19h; sáb, das 10 às 13h. ▲ **Centro Cultural Sônia von Brüsky** (R. dos Ingleses, 95 — ☎ 283-2421). **Até 29/6.**

■ **Pinturas & Esculturas** — Óleos s/ tela de Anelise Wiener e esculturas em bronze de Margarita Farré. De 2ª a 6ª, das 9h às 18h; sáb, até 13h.▲ **Lustres Projeto — Espaço Cultural** (R. Karam Simão Racy, 303 — ☎ 946-8200). **Até sábado.**

■ **III Coletiva Arte—Própria** — Trabalhos de Cesar Miranda, José Oswaldo Mantovani entre outros. De 2ª a 6ª, das 9h às 20h; sáb, até 9h às 12h.▲ **Galeria Art — Jeune** (R. Lisboa, 74 — ☎ 852-1011). **Até 24/6.**

■ **3 Artistas** — Pinturas de Neuza Leodora, Luzinete Micai e Inês Spuras. Diariamente, das 10 às 22h.▲ No lobby do **São Paulo Hilton** (Av. Ipiranga, 165). **Até domingo.**

Fotos

■ **Adriática — 150 anos** — 20 painéis fotográficos; e **Bandeira nos Olhos** — 26 painéis que retratam a escravidão do ponto de vista dos negros. Promoção da Companhia Adriática de Seguros. De 3ª a 6ª, das 10h às 19h; sáb, das 10h às 17h.▲ **Espaço Cultural Adriática** (R. Dr. Cesário Motta Jr, 614 — ☎ 259-3377). **Até 6/7.**

■ **Antonio Saggese** — 36 fotos realizadas em cemitérios e marcenarias. De 3ª a 6ª, das 13h às 17h; sáb. e dom, das 14h às 18h.▲ **Masp** (Av. Paulista, 1.578 — ☎ 251-5644). **Até 30/6.**

■ **Carlos Sacramento** — "Flórida e Colorado em Outubro", um passeio pelas montanhas rochosas e pela Flórida. De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h; sáb, até 13h. ▲ **Galeria Cinótica** (Av. Brig. Faria Lima, 1.399 — ☎ 815-2085). **Até 30/6.**

■ **China em Dois Tempos** — Dois fotógrafos, o chinês Wu Yinxian e o suíço Barnabás Bosshart, mostram a China nos últimos 60 anos. Exposição coordenada por Stefania Bril. De 2ª a 6ª, das 12h às 19h.▲ **Casa da Fotografia Fuji** (Av. Vereador José Diniz, 3.400 — ☎ 533-7367). **Até 28/6.**

■ **Coleção Pirelli de Fotografias** — Trabalhos de 18 fotógrafos, entre eles Juca Martins, Luiz Carlos Felizardo, Marcos Santilli e Bob Wolfenson. De 3ª a 6ª, das 13h às 17h; sáb. e dom, das 14h às 18h. Cr$ 200,00.▲ **Masp** (Av. Paulista, 1.578 — ☎ 251-5644).

■ **Eduardo de Barros e Almeida** — Em "Cotidianos & Impertinências", o fotógrafo mostra flagrantes informais. De 2ª a sáb, das 9h às 12h; e das 14h às 19h. ▲ **Galeria Aliança Francesa** (R. General Jardim, 182 — 2º andar — ☎ 259-0229). **Até quarta.**

■ **Márcio Arroyo** — Mostra as belas paisagens de Campos do Jordão. De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h; sáb, até 13h.▲ **Galeria Cinótica** (R. Cons. Crispiniano, 76 — ☎ 36-6961). **Até 30/6.**

■ **Valdir Cruz** — "Retratos" — pessoas, mulheres negras, faces marcadas pela idade, entre outros temas, compõem a mostra do fotógrafo que há 14 anos vive em Nova York. De 3ª a dom, das 14h às 22h.▲ **MIS** (Av. Europa, 158 — ☎ 280-0896). **Até 7/7.**

Música

■ **Camerata Violonística** - O grupo, formado por nove violões e dois solistas, mostra obras de compositores do século XVII — Luzzasco Luzzaschi, Purcel e Frescobaldi, além de autores mais recentes como Haydn, Manfredini, Villa-lobos e Baston. Regente, Manoel São Marcos. Às 20h30. Grátis.▲ **Teatro Popular do Sesi** (Av. Paulista, 1.313. ☎ 284-9787).

■ **Quarteto de Flautas Brisa** — Formado por Ana Cristina Rocha, Marília Macedo, Bernardo Toledo Piza e Hélcio Muller, o quarteto mostra, em um programa eclético, obras de Pixinguinha, Bach, Beatles, Purcell, Paul Leenhouts, e outros. Às 20h30. Cr$ 500 (estudante) e 1.000,00.▲ **Masp-Grande Auditório** (Av. Paulista, 1.578. ☎ 251-5644).

Teatro

Drama

■ **Baba de Moça** — O amor sob a ótica de jovem contemporânea. Direção: Johana Albuquerque. Texto e interpretação de Lena Whitaker. 2ª e 3ª, às 21h. Cr$ 1.000,00. Duração: 50min./80 lugares.▲ **Ruth Escobar — sala Myriam Muniz. Até 30/6. Cotação: ★★**

■ **Nanaqui — A Lucidez em Artaud** — Baseado na vida e obra de Antonin Artaud. Concepção e atuação: Geraldo Fernandes. Direção: Carlos Alberto. 2ª e 3ª, às 21h. Cr$ 1.000,00. Duração: 1h10/60 lugares.▲ **Teatro do N.P.C.**

■ **O Seminarista** — Romance interrompido por uma carreira religiosa imposta. Adapt. do romance de Bernardo Guimarães. Com Waldoni Arseno. 3ª e 4ª às 21h. Cr$ 1.500/1.000,00 (estudantes). Duração: 1h10/265 lugares.▲ **Edgard Soares. Até 31/7.**

Comédia

■ **Camila Backer Lives in Concert** — A vida e os sucessos da famosa atriz americana. Texto: Emílio Boechat. Dir. Hiram Ravache. Supervisão geral: Ulysses Cruz. Com Ligia Lemos. 3ª e 4ª, às 21h. Cr$ 1.500,00. Dur. 1h20/377 lugares.▲ **Maria Della Costa. Cotação: ★★★**

■ **Super Sonho — a matineé** — Parodia o romance entre Clark Kent e Lois Lane. Texto e direção: Renato Kramer. Com Gustavo Bayer. De 3ª a 5ª, às 21h. Cr$ 1.500,00. Duração: 1h10/185 lugares.▲ **Antonio Abujamra.**

Leitura Dramática

■ **Quase Van Gogh** — No Ciclo de Leituras, a Associação Paulista de Autores Teatrais apresenta a comédia de Aziz Bajur, sobre um crime nos bastidores de um teatro. Direção: Décio Pinto. Com Lizette Negreiros. Às 21h. Entrada franca.▲ **Arena-Eugênio Kusnet. Somente hoje.**

■ **Consulte os endereços na penúltima página**

Eventos

■ **Agentes de Transformação** — Painel que tem o objetivo de alertar sobre a responsabilidade que o ser humano tem com o meio ambiente e como cada um pode colaborar. Participação de BK Mohini, há 30 ano se dedicando ao trabalho da Universidade Espitirual Mundial Brahma Kumaris. Também estarão presentes, Rubens Harry Born, especializado em engenharia ambiental, Walter Lazzarini, presidente da Cetesb, e Mário Daminelli, sociólogo. Às 20h. Entrada franca.▲ **Teatro Sesc Anchieta** (R. Dr. Vila Nova, 245).

■ **Atentado** — Com o objetivo de mostrar a expressividade nos limites da cidade e discutir se o grafite é arte ou não, o Sesc Carmo programou para hoje, às 20h, um show com Arrigo Barnabé e a abertura da exposição "Grafites de Eduardo Castro", além da abertura de inscrições para o curso "A Arte do Grafite. Entrada franca. ▲ **Sesc Carmo** (R. do Carmo, 147. ☎ 35-9121).

■ **Oficina Livre de Teatro** — Oficina, coordenado por Celso Frateschi e Tiche Viana, com o objetivo de trabalhar a percepção e os conteúdos básicos do jogo teatral, além de recuperar a história da Lapa e utilizar o resultado para montagem de um espetáculo no final do ano. As inscrições são grátis e estão abertas.▲ **Espaço Cultural Tendal da Lapa** (R. Guaicurus, 1.000, ou R. Constança, 72. ☎ 864-4420).

■ **1ª Exposição Internacional de História em Quadrinhos** — A Gibiteca Municipal Henfil mostra esta nova versão da exposição que aconteceu no dia 18 de junho de 1951. Nela poderão ser vistas fotos dos painéis originais com trabalhos de Will Eisner, Milton Caniff, Al Capp e Alex Raymond. O local tem também um acervo de Revistas em Quadrinhos que o público pode utilizar para leitura, consulta ou pesquisa, e a partir de deste mês está funcionando a circulante. De 3ª a 6ª, das 9 às 21h; sáb. e dom, das 10 às 17h. No dom, 10h, feira de troca de revistinhas. Entrada franca.▲ R. Sena Madureira, 298, Vila Mariana. ☎ 544-4017.

Curso

■ **Iluminadores de Teatro** — O Centro de Pesquisa Teatral do Sesc Vila Nova abriu inscrições para este curso preparatório. A coordenação é de Davi de Brito e conta com a participação de profissionais da área. A duração é de cinco meses. Inscrições durante o mês de junho. Cr$ 1.000,00.▲ R. Dr. Vila Nova, 245, 7º andar.

■ O roteiro do **Caderno 2** é feito pela **Agência Estado**. Na equipe: **Eliana Silva de Souza** (dança, música,infantil, eventos, livros, alternativos); **Denise Maria Santos** (bares, restaurantes); **Itamar Crivelli Jr.** (teatro, visuais, rádio); **Maria Angélica Pestana** (tevê—AE); **Maria Silvia Pereira** (shows, onde dançar); **Telma Ishiy** (cinema, vídeos); **Rosângela Maria Baia** (coordenação geral). Edição: **Vilmar Ledesma** (p/ C2).
Pede-se que seja enviado material para **Agência Estado** (Av. Engº Caetano Álvares, 55, Bairro do Limão. 7º andar. CEP 02550 — Tel. 856-2290).

CLASSIFICADOS

SHOWS E ESPETÁCULOS DE ARTES

DOLLAR RENT A CAR BRASIL
Alugue Um Carro Fone: 257.4400
Apresenta
A Cantora Revelação do Ano.
SONINHA
Simplesmente Soninha
DIA 19/6
ÀS 22 HS.
Couvert de 2.000 c/ direito a consumir 1.000
No Restaurante
Inverno & Verão
"Cozinha Internacional"
Fs:241.0163 - 530.0888 - R.Vieira de Moraes, 263
Apoio Cultural: NEW LINE JÓIAS — BELLINI

Classificados do Estadão. Sempre um bom negócio perto de você.
Ceará (Fortaleza)
Talita Representações Ltda.
Av. Santos Dummond, 5335 - s/ 806 - CEP 60150
Fax: 085-234-2888/Tel.: 085-234-2888
ESTADÃO
Absolutamente Eficaz

COMPOSITORES projeto Guinga
participação: CLAUDIO NUCCI
LUCIA HELENA e ZÉ NOGUEIRA
DIA 18/06 - 22 h - vou vivendo bar
Av. Pedroso de Moraes, 1017 - fone: 815-8129
CADERNO 2 — AUGUSTA PARK RESIDENCE

ZIZI POSSI
LANÇAMENTO DO NOVO DISCO "SOBRE TODAS AS COISAS"
NO PALLADIUM
SHOPPING ELDORADO 3.º PISO
Dias 27, 28, 29 e 30 Junho
INGRESSOS À VENDA NO PALLADIUM
INF. TEL.: 815-7066
Grid Vado Eldorado — 2ª Dagual Confecções — SIM Assistência Médica — LOC. OFICIAL unidas — Eldorado 92,9 mHz

CULTURA ARTÍSTICA
Orquestra Filarmônica de Leningrado
Regente: MARIS JANSONS
Junho 24 - 2ª feira - 21 hs.
Borodin — Abertura "Principe Igor"
Prokofiev — Romeu e Julieta
Tchaikovsky — Sinfonia nº 6 em Si menor "Patética" Op. 74
Junho 26 - 4ª feira - 21 hs.
R. Wagner — Abertura "Os Mestres Cantores de Nüremberg"
Dvorák — Sinfonia nº 9 em Mi menor "Novo Mundo" Op. 95
Shostakovich — Sinfonia nº6 em Si menor Op. 54
TEATRO CULTURA ARTÍSTICA
Rua Nestor Pestana, 196 - Fone: 258-3616
Central: Cr$ 28.000,00 - Lateral A: Cr$ 22.000,00
Lateral B: Cr$ 18.000,00 - Lateral C: Cr$ 15.000,00
Estudantes: Cr$ 5.000,00 (meia hora antes da apresentação nas bilheterias do Teatro)
Aceita-se cartão de Crédito (Credicard - Diners Club - American Express - Visa)
BancoCidade — Associado ao Banque Nationale de Paris BNP
Promoção: eldorado fm 92,9

SUPLEMENTO ESPECIAL

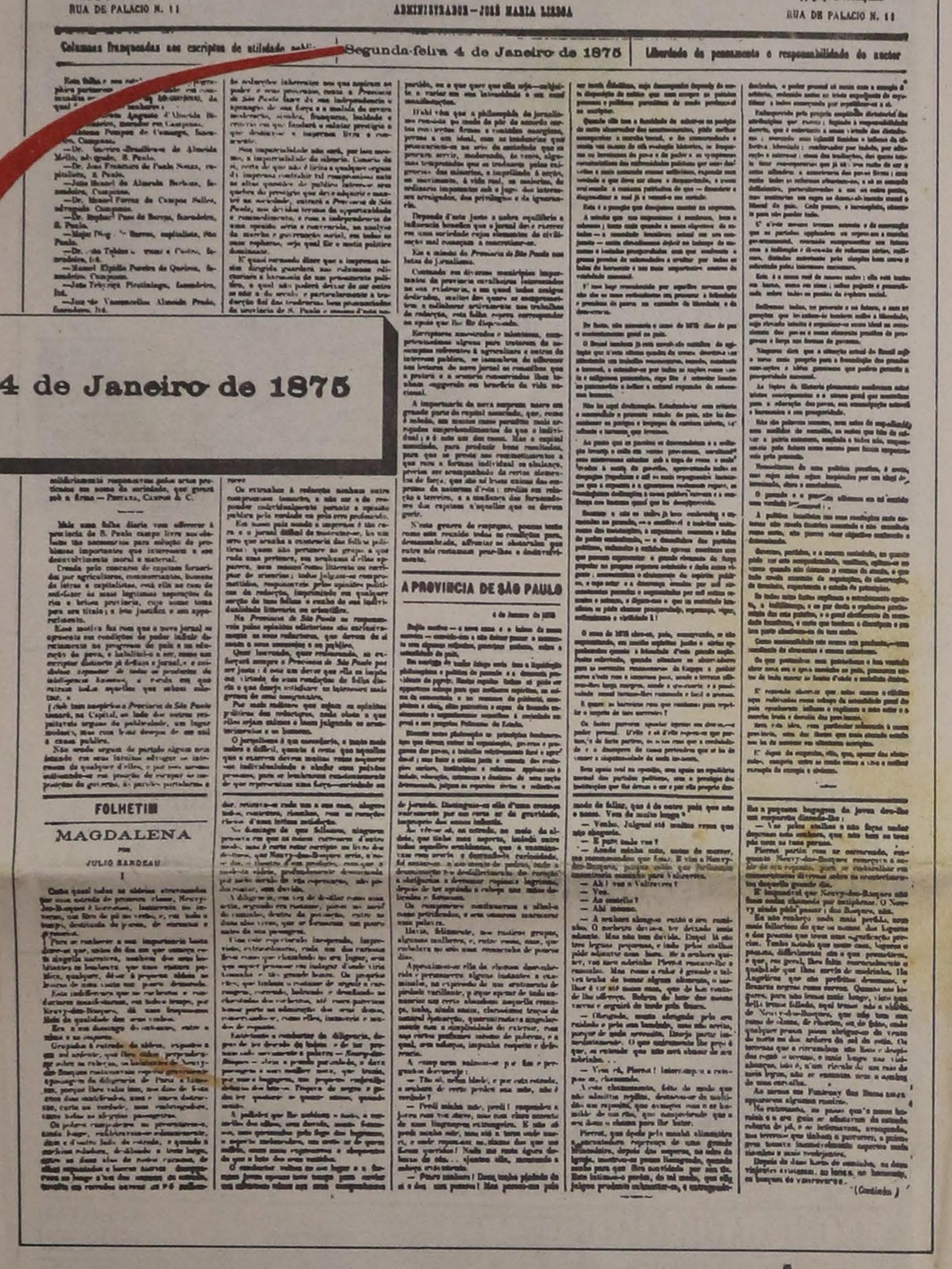
O ESTADO DE S. PAULO

Julio Mesquita (1891-1927) *Julio Mesquita Filho (1927-1969)* *Francisco Mesquita (1927-1969)*

SEGUNDA-FEIRA, 27/28 DE OUTUBRO de 1991

JULIO DE MESQUITA NETO
Diretor Responsável

A história de um jornal que sabe mudar o rosto sem desfigurar a alma



A primeira edição da **Província**, que circulou em 4 de janeiro de 1875, e o **Estado** remodelado (acima, um "boneco" do padrão gráfico redesenhado): uma história centenária marcada pelo compromisso com a coerência política e com a verdade jornalística

A contemplação simultânea da primeira edição da **Província de São Paulo** e do rosto exibido pelo **Estado** a partir deste 28 de outubro comprova que um jornal só alcança a permanência das instituições se aprende a remodelar a fisionomia sem desfigurar a alma. A rigor, há apenas duas semelhanças visíveis entre esses retratos de épocas distintas. A remodelação gráfica do **Estado** devolve à primeira página as mesmas cinco colunas da edição de 4 de janeiro de 1875. Tratava-se de uma segunda-feira – e é numa segunda-feira que se consuma mais uma etapa do ininterrupto processo de modernização do jornal. Por trás dessas coincidências visíveis, contudo, existe a ligar ambas as edições uma história marcada pela coerência e pela integridade.

Em 116 anos de existência – e 111 de vida independente, descontado o período em que permaneceu confiscado pela ditadura de Getúlio Vargas –, **O Estado de S. Paulo**, como passou a chamar-se a **Província** depois de proclamada a República, sempre soube distinguir-se de outros jornais pela limpidez de suas opiniões e pela qualidade do noticiário. No final do século 19, a **Província**, abolicionista e republicana, já ganhara o respeito dos leitores pela clareza dos seus pontos de vista e pela singular combatividade. Tais virtudes seriam para sempre incorporadas à alma do **Estado**.

"Os leitores são testemunhas de que jamais violamos o compromisso assumido com a verdade jornalística e a coerência política", lembrou o diretor-responsável Júlio de Mesquita Neto na mensagem com que o **Estado** homenageou o centenário da Proclamação da República. As reproduções incluídas nesta publicação especial ilustram essa profissão de fé, que elevaria o jornal à condição de testemunha obrigatória e, quando necessário, protagonista da História do Brasil. Confirmam, também, que o **Estado** sempre soube honrar sua vocação para conciliar a tradição e a modernidade.

Dessa vocação resultaram tanto a decisão de fazer com que o mais importante jornal do País passasse a circular todos os dias da semana quanto as reformulações agora apresentadas aos leitores – ao fim de um trabalho que, conduzido pelos editores-executivos Ariovaldo Bonas e José Paulo Kupfer e pelo editor de Arte Jô Acs, mobilizou durante seis meses dezenas de profissionais da redação e de diferentes setores da empresa. Graças a tais mudanças, apoiadas em requintes tecnológicos que o equiparam aos grandes jornais do Primeiro Mundo, o **Estado** circula a partir deste 28 de outubro agradavelmente remodelado, além de enriquecido por novos cadernos e suplementos que traduzem exigências dos tempos modernos. Saudavelmente centenário, o jornal exibe o viço indispensável à travessia dos próximos séculos.

O Ex-Libris do **Estado** lembra a figura de Bernard Gregoire, que vendeu jornais nas ruas de São Paulo entre 1876 e 1878

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

A PROVINCIA DE SÃO PAULO
1875

A PROVINCIA DE SÃO PAULO
1875

A Provincia de São Paulo
1878

O Estado de São Paulo
1890

O ESTADO DE S. PAULO
1892

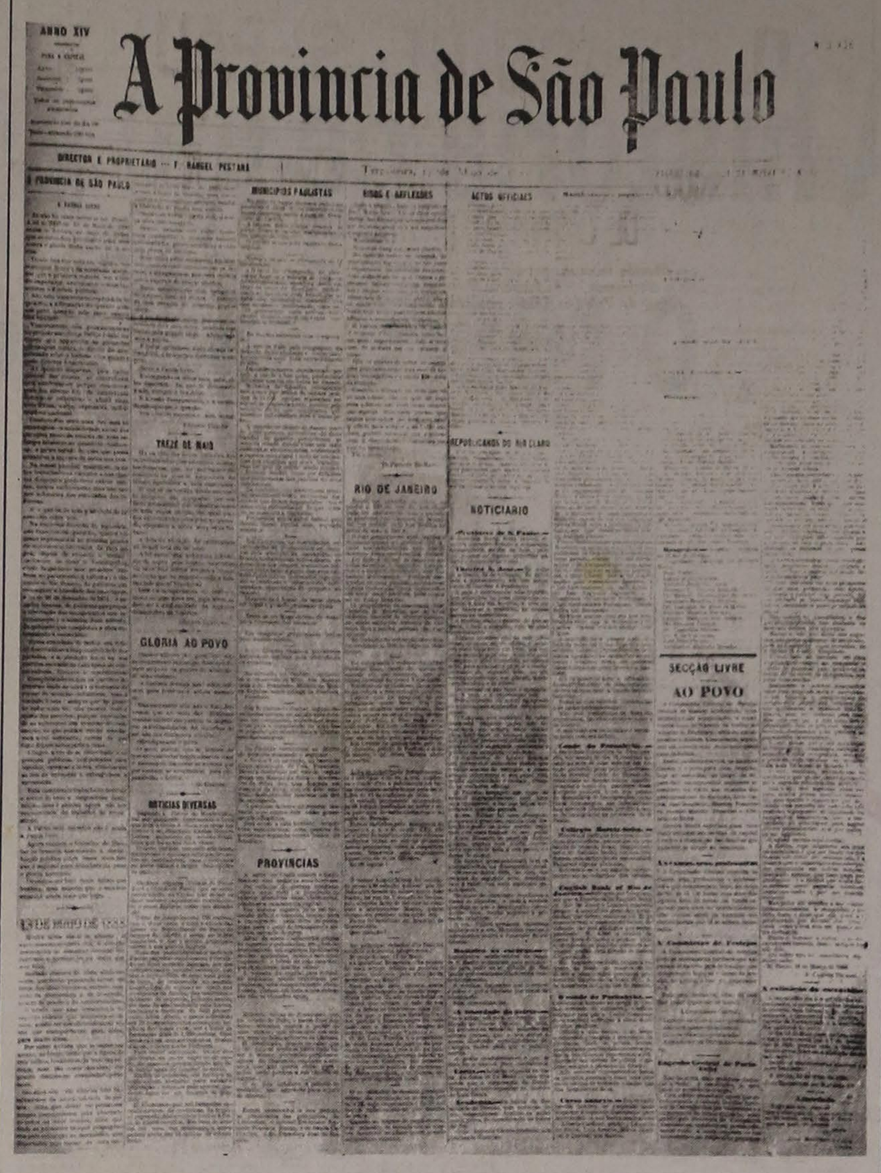
O ESTADO DE S. PAULO
1937

O ESTADO DE S. PAULO
1988

O ESTADO DE S. PAULO
1991

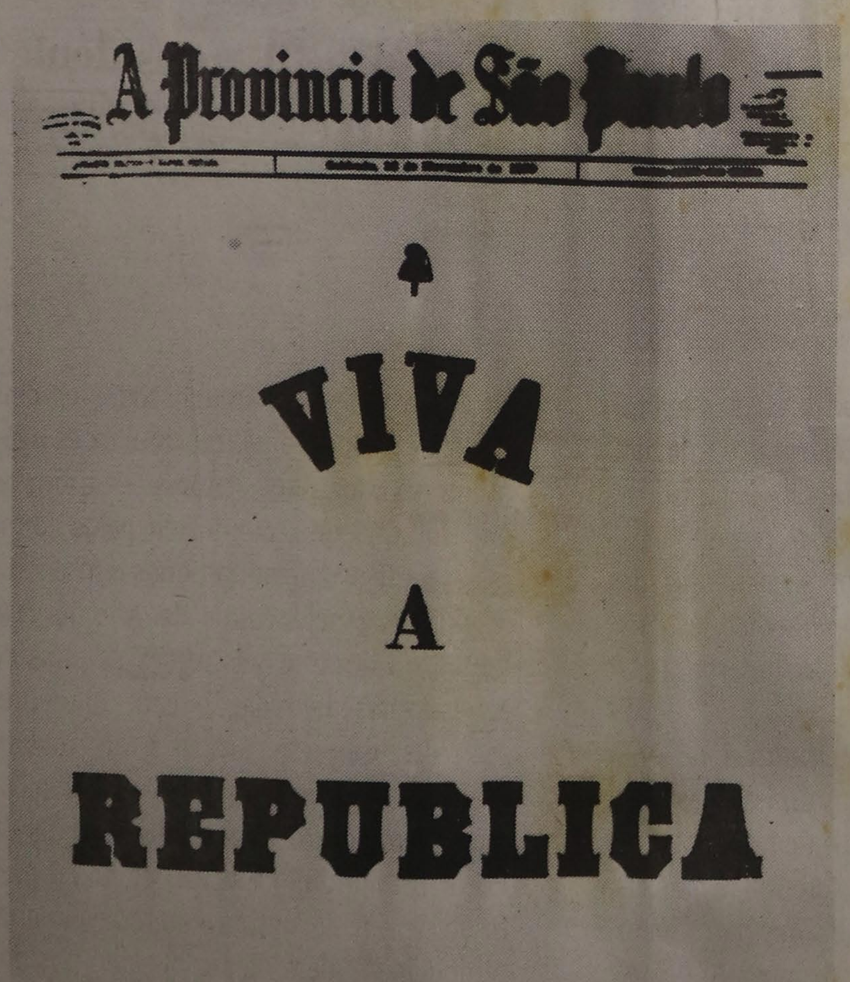
EVOLUÇÃO

Entre janeiro de 1875 e outubro de 1991, sete logotipos testemunham o esforço coerente para renovar sem perda de seus valores



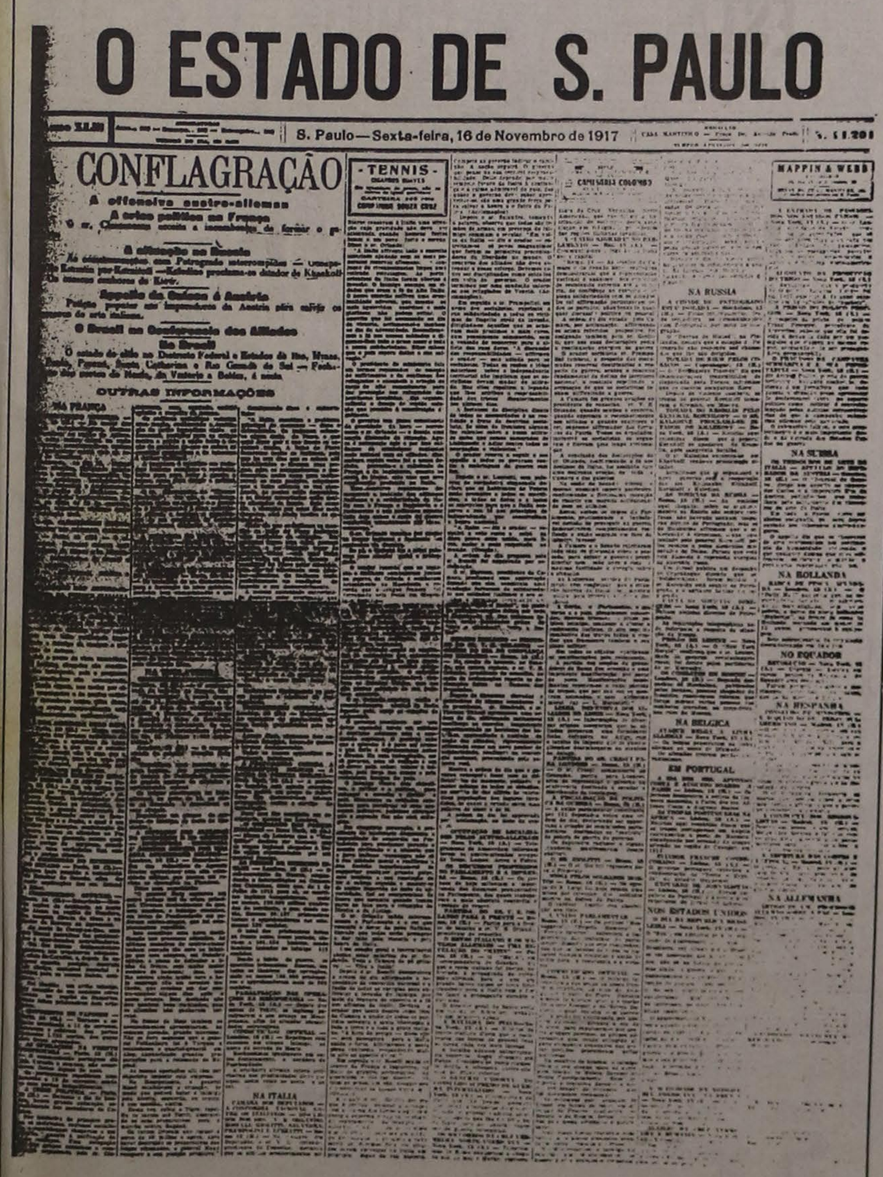
1888

Engajada na campanha em favor do abolicionismo, a **Província** começa a distinguir-se dos outros jornais por sua combatividade



1889

A **Província** celebra com uma histórica manchete a vitória do movimento que derrubou a monarquia e mudaria o próprio nome do jornal



1917

O **Estado** resume na primeira página a situação de um planeta convulsionado pelas conseqüências da grande guerra que envolveu a Europa

A Provincia de São Paulo

1878

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA

ESTA' VICTORIOSO, EM TODO O ESTADO, O MOVIMENTO REVOLUCIONARIO DE CARACTER CONSTITUCIONALISTA

já haviam aderido todas as guarnições federaes inclusive Quitaúna — Rio Grande do Sul, Minas Geraes e Santa Catharina integraes no movimento — As forças de Mato Grosso marcham para Baurú — O general Klinger chegará hoje de avião — A acclamação do dr. Pedro de Toledo presidente do Estado — Forte concentração de forças paulistas em Cruzeiro

SEGUNDA EDIÇÃO

1932

A Revolução de 1932 confirma a disposição do **Estado** para assumir, quando necessário, o duplo papel de testemunha e protagonista da História

O ESTADO DE S. PAULO

SEGUNDA EDIÇÃO

COMEÇOU A GUERRA NA EUROPA

proclamação do chanceller Hitler ao Exercito, annunciando a sua resolução de atacar Polonia – Os primeiros bombardeios de cidades polonezas – Proclamação do lider nazista Forster ao povo de Dantzig – Advertencia alleman á aviação dos paizes neutros Defesa aerea de Berlim – Declaração do "fuehrer" no "Reichstag"

Convocação do Parlamento inglez - Reunido o Conselho de Ministros da França - Seria convocado para amanhan o Parlamento Francez

O povo britannico está mais unido do que nunca - Milhares de crianças são retiradas de Londres - Suspensos os serviços aereos britannicos - Em vigor a alliança anglo-poloneza

Os ataques allemaes á Polonia Bombardeadas as cidades de Varsovia, Cracovia e Katowitz

A aviação alleman iniciou o bombardeio de Varsovia ás 9 horas – A direcção da offensiva alleman – Ameaças de Hitler – O "fuehrer" attribue á Polonia o inicio das actividades – Confirmada pelo "Reichstag" a annexação de Dantzig

CONFIANTE A POPULAÇÃO DE VARSOVIA — BLOQUEADO O PORTO DE GDYNIA

Hitler declara guerra á Polonia

1939

A cobertura intensiva do maior conflito de todos os tempos reafirma a preocupação com as grandes questões internacionais

O ESTADO DE S. PAULO

EXTRA

EDIÇÃO ESPECIAL DA VI TAÇA DO MUNDO

BRASIL CAMPEÃO SEM DERROTA

5 x 2

1958

A vitória do Brasil na Copa do Mundo disputada na Suécia é o tema da edição extra que chegou às bancas horas depois da decisão

2.º CLICHÊ

O ESTADO DE S. PAULO

Quadros renuncia; Mazzilli presidente

O ex-presidente deixou Brasilia e veio para a base aerea de Cumbica

A Renuncia Comunicada ao Congresso

Mazzilli Toma Posse

Acefalo por 130 minutos o Executivo

Quadros comunicou aos governadores as razões de sua renuncia

NÃO ESQUEÇA

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

NOVO Aero Willys 1961

AGORA COM NOVO PAINEL DE COURO

AGROMOTOR

1961

A surpresa provocada pela renúncia do presidente Jânio Quadros se traduz no noticiário que ocupa o 2º clichê da primeira página

O Estado de São Paulo

1890

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891 - 1927)

EDIÇÃO DE ESPORTES

Luizinho comanda vitória corintiana

Paginas 3 e 16

Esterzinha é bi nos EUA

Vinte e cinco minutos bastaram a Maria Ester Bueno para ganhar a final do Torneio de Forest Hills por uma contagem que não se verificava há 38 anos: 6/1, 6/0. Quem perdeu foi Carole Caldwell Graebner, norte-americana que leva para casa a lembrança triste de uma derrota do quinto que não se evitou.

Esta é o ano de Esterzinha: depois de ter recuperada a "bandeja" de Wimbledon, repetindo 59 e 60, a nossa campeã levanta o mais importante torneio dos Estados Unidos e confirma a sua condição de primeira do mundo.

Paginas 7

Futebol vai mal de ouro

O futebol de ouro vai mais ou menos das pernas e muito mal de bolso. Nas pernas, segundo Feola, passa por uma transformação parecida com a invenção do microscópio: os recursos ficam ou figurinhas, um direito de invenção e descobrem agora que pode ganhar na defesa. O interesse por se arcaísmo cem pouco gol.

No bolso as coisas vão mais ou menos das pernas e o futebol vai para se manter ir que vive das excursões de vender homens e dá ajuda de dirigentes ricos. Os Campeonatos não dão lucro a ninguém. O Santos não espera milagres e vê a solução para seu problema na Europa, onde recebe 30 mil dólares livres de despesas para mostrar seu Rei.

Paginas 5 e 1

Olimpíadas: 3 mil anos

Olimpíada é o acontecimento mais importante do esporte e tem história bonita. Foi pôr pagão, que um imperador cristão-no Bizâncio proibiu. Ninguém sabe quando ela começou na Grécia, mas há certeza de que sempre esteve ligada à paz e aos Deuses.

Olimpíada moderna existe por causa do barão de Coubertin, um francês que gostava de esporte. Lançou a idéia e trabalhou a idéia da restauração dos Jogos Olímpicos. Os tempos eram outros, mas a coisa ficou, e hoje correm bem mais do que os homens naquele tempo. E há muitas histórias dentro da História das Olimpíadas com nomes, heróis e glórias.

Paginas 3

O dono

Lazzarini foi o dono do time e dirigiu a vitória. Esteve em todo parte do campo, gritou até com a massagista e mostrou a que veio. Jogou como uma bola, sem pés. Julinho, o outro velho, saiu leve à derrota sorte

Contagem de 38 anos

Esterzinha com força à raqueada e sua adversária nada pôde fazer perante tanta à direita e os fios silhuetas. A brasileira defendeu com feito um título de campeã, com uma contagem que só existe há 38 anos atrás. (AP)

Só 3 não viram a festa

Dos 14 mil torcedores que foram ao Pacaembu, só um maioria corintiana, apenas 3 não comemoraram a vitória. Os outros, corintianos, acreditam brasileiros e produtores legítimos nos gritos no final do partido

1964

A Edição de Esportes do **Estado**, nas bancas em setembro, é o embrião do **Jornal da Tarde**, que seria lançado dois anos mais tarde

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891-1927)

Nôvo ato; Congresso em recesso

"Estado" é apreendido

Deputados reuniram-se no gabinete do presidente da Câmara para ouvir a leitura do Ato

Apreensão dos jornais é censurada pela ABI

Contra a auto-censura

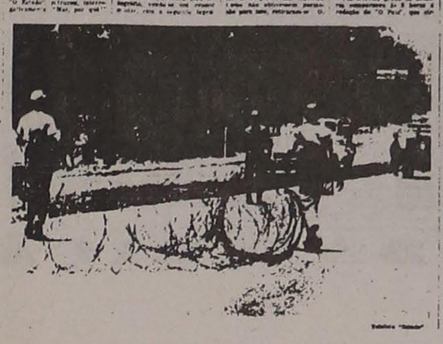
Cassação de mandatos

É a conclusão

As detenções

Nota de Sodr

46 páginas



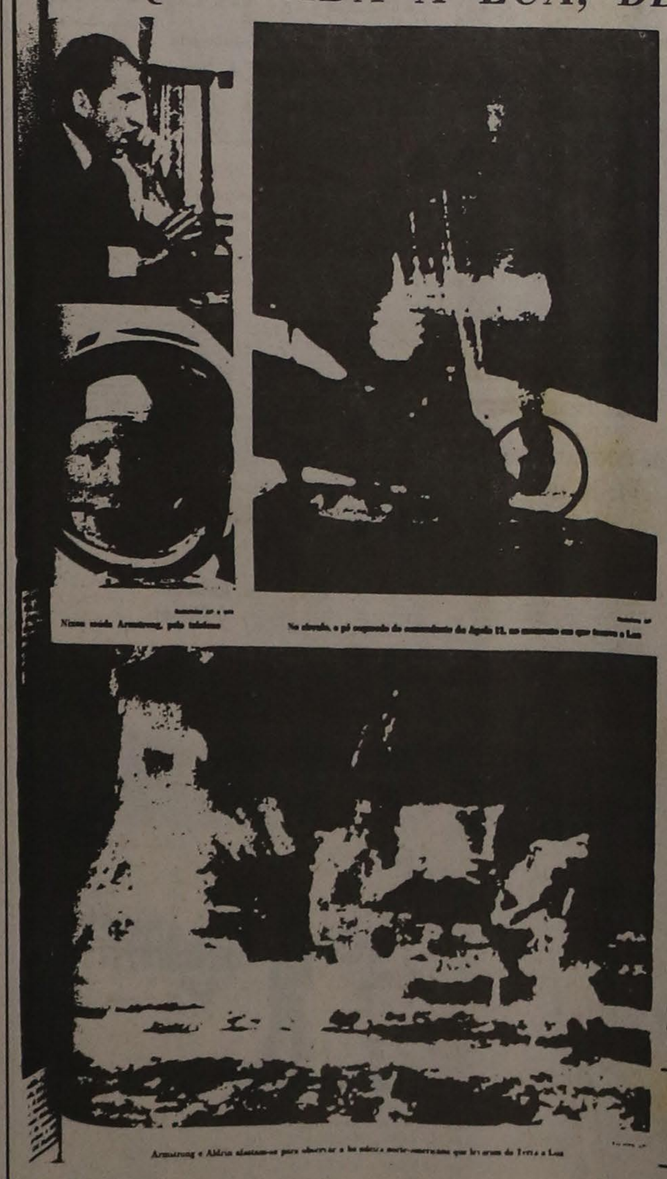
1968

O editorial "Instituições em Frangalhos", com fortes críticas ao AI-5, provoca a apreensão do jornal, denunciada em 14 de dezembro

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891-1927)

CONQUISTADA A LUA, DE VOLTA



E um passo pequeno para o Homem, um salto gigantesco para a Humanidade

It's a small step for Man, one giant leap for Mankind.

C'est un petit pas pour l'Homme, c'est un saut gigantesque pour l'Humanité.

登陸月球殊爲人類歷史上之壯舉

Es un paso pequeño para el Hombre, un salto gigantesco para la Humanidad.

人の人間の小さなふみだしであるが人類にとっては飛躍的な大一歩となろう

E un piccolo passo per l'Uomo, un salto gigantesco per l'Humanità

Es ist ein kleiner Schritt fuer den Menschen, ein riesenhafter Sprung fuer die Menschheit.

32 paginas

1969

A célebre frase de Neil Armstrong no momento da chegada do homem à Lua é reproduzida em vários idiomas numa ousada diagramação

O ESTADO DE S. PAULO

Médici nomeia um novo ministro

Recrudescem as lutas em todo o território libanês

agora é samba

DOMINGO 19:30 H - PROGRAMA ELDORADO

Rogers chega a 19 mas só vai a Brasília dia 22

Kissinger retorna sem ter marcado visita de Brezhnev

Nixon promete toda a verdade

Bem aceito plano Cámpora

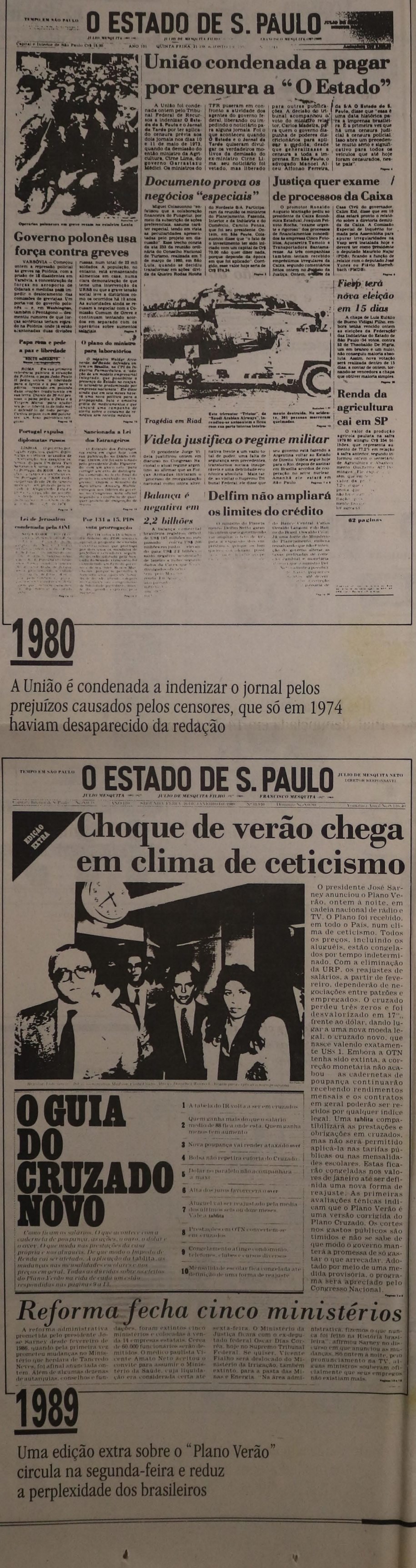
Senado será ouvido

112 páginas

1973

O **Estado** reage à ação da censura substituindo textos e fotos proibidos com ilustrações irônicas e cartas que falam de flores

O ESTADO DE S. PAULO
1892



TEMPO EM SÃO PAULO — O ESTADO DE S. PAULO — JULIO DE MESQUITA NETO, DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891-1927) — JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1969) — FRANCISCO MESQUITA (1927-1969)

Capital e Interior de São Paulo Cr$ 15,00 — ANO 101 — QUINTA-FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 1979

União condenada a pagar por censura a "O Estado"

A União foi condenada ontem pelo Tribunal Federal de Recursos a indenizar O Estado de S. Paulo e o Jornal da Tarde por ter aplicado censura prévia aos dois jornais nos dias 10 e 11 de maio de 1973, quando da demissão do então ministro da Agricultura, Cirne Lima, do governo Garrastazu Médici. Os ministros do TFR puseram em confronto a atividade dos agentes do governo federal, liberando ou impedindo o noticiário para alguns jornais. Foi o que aconteceu quando O Estado e o Jornal da Tarde quiseram divulgar os verdadeiros motivos da demissão do ex-ministro Cirne Lima: seu noticiário foi vetado, mas liberado para outras publicações. A decisão do tribunal acompanhou o voto do ministro relator, Carlos Madeira, para quem o governo dispunha de poderes discricionários para aplicar a medida, desde que generalizasse a censura a toda a imprensa. Em São Paulo, o advogado Manoel Alceu Affonso Ferreira, da S/A O Estado de S. Paulo, disse que "essa é uma data histórica para a imprensa brasileira. É a primeira vez que há uma censura judicial à censura policial. Isso abre um precedente muito sério e significativo para todos os veículos que até hoje foram censurados, neste país".

Operários polaneses em greve ream na estátua de Lenin

Governo polonês usa força contra greves

VARSÓVIA — Começou ontem a repressão policial às greves na Polônia, com a prisão de 18 dissidentes em Varsóvia, a concentração de forças no aeroporto de Odansk e medidas para impedir o deslocamento das comissões de grevistas. Um porta-voz do governo polonês — e, em Washington, também o Pentágono — desmentiu rumores de que forças soviéticas teriam cruzado na Polônia, onde já estão acantonadas duas divisões russas, num total de 22 mil soldados. A população, no entanto, está armazenando alimentos em casa, numa clara demonstração de que teme uma intervenção da URSS ou que a grave tensão social leve a distúrbios como os ocorridos há 10 anos. As autoridades ainda se recusam a negociar com a Comissão Comum de Greve e continuam tentando acordos em separado com os operários sobre aumentos salariais.

Papa reza e pede a paz e liberdade

ROCCO MORANDO
Mesma correspondente

ROMA — Em sua primeira referência pública à situação da Polônia, o papa João Paulo II pediu, ontem, a liberdade para a Igreja e a paz para o país, rezando em polonês duas orações tradicionais em sua terra. Disse de 20 mil peregrinos o papa pediu a Deus e a Virgem Maria "para ajudar seu povo a liberdade de todo mal e defender-lo de todo perigo". Citou, depois, com 800 poloneses, um hino patriótico religioso.

O plano do ministro para laboratórios

O ministro Waldyr Arcoverde, de Saúde, deverá enviar em Brasília, na CPI do Distrito Farmacêutico, a adoção de um modelo empresarial integrado, que possibilite a presença do Estado no controle oligopólio predominado por empresas nacionais. Ele disse ainda que em seis meses haverá uma nova política para a propaganda, bula e amostra grátis de medicamentos e que lançará uma campanha de alerta sobre o consumo de remédios sem receita médica.

Portugal expulsa diplomatas russos

LISBOA — O governo português expulsou quatro diplomatas soviéticos acusados de espionagem, nos quadros da Embaixada da URSS em Lisboa. O porta-voz do governo, Carlos Veiga Pereira, informou que os diplomatas russos deverão deixar Portugal no prazo de 24 horas. Segundo ele, a medida foi tomada em princípio pelo governo português, que não informou os nomes dos diplomatas. Segundo a assessoria do ministro, os diplomatas são ligados à KGB, a polícia secreta soviética.

Sancionada a Lei dos Estrangeiros

O Estado dos Estrangeiros entra em vigor hoje, com sua publicação no Diário Oficial, ontem, ele foi sancionado pelo presidente João Figueiredo, com um ano e meio para corrigir um erro de distinção feito no texto final do projeto no Congresso Nacional. Ontem, o ministro da Aeronáutica, Délio Jaguaribe, entregou aos líderes do governo no Congresso nota oficial sugerindo a criação de quatro pontos de emigração de estrangeiros.

Lei de Jerusalém condenada pela ONU

NÇÕES UNIDAS — O Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou, ontem, a proposta de condenação da Lei de Jerusalém, que proclama que Jerusalém é a capital de Israel. Ao todo, 14 dos 15 membros do Conselho votaram a favor da proposta, que não chegou a ser votada pela falta de quorum. Os Estados Unidos, que detêm o direito de veto, não participaram da votação, mas o representante do governo Carter, Donald McHenry, chegou a ser ameaçado de ser expulso da sala do Conselho.

Por 131 a 15, PDS vota prorrogação

Por 131 votos a 15 e 3 abstenções, foi aprovado, ontem, o projeto do governo que prorroga por dois anos os mandatos de prefeitos e vereadores eleitos em 1976 e 1977. O projeto, que foi votado no Senado, teve sua redação alterada pela Câmara dos Deputados. Os senadores, que não aceitaram a emenda, que prorroga os mandatos dos prefeitos e vereadores eleitos em 1976 e 1977, vão votar o projeto, sem alterações, na próxima sexta-feira.

Documento prova os negócios "especiais"

Miguel Colasuonno "enfatizou que a colaboração financeira do Fungetur, por meio da subscrição de ações preferenciais, assuma caráter especial, tendo em vista as peculiaridades apresentadas pelo projeto em discussão". Esse trecho consta da ata 233 da reunião ordinária do Conselho Nacional de Turismo, realizada em 7 de março de 1980, em São Luís, quando se decidiu transformar em ações dívida da Quatro Rodas Hotéis S/A. Participaram da reunião os ministros do Planejamento, Fazenda, Interior e da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, que foi seu presidente. Ontem, em São Paulo, Colasuonno disse que "o fato de o investimento ter sido julgado com um capital de Cr$ 70,00 não quer dizer nada, porque depende da época em que foi aplicado". Corrigido, esse valor hoje seria de Cr$ 876,34.

Justiça quer exame de processos da Caixa

O promotor Ronaldo Augusto Martagão pediu ao presidente da Caixa Econômica Estadual, Joaquim Peixoto Rocha, "exame urgente e rigoroso" dos processos de financiamentos concedidos às empresas Cisco Fotolitos, Açucareira Tamoio e Transportadora Santamarense. As três companhias também teriam recebido empréstimos irregulares da Caixa, segundo comentários feitos ontem no Palácio da Justiça. Ontem, o chefe da Casa Civil do governador, Calim Eid, disse que em 10 dias estará pronto o relatório sobre a diretoria demitida da Caixa. A Comissão Especial de Inquérito formada pela Assembléia para apurar irregularidades na Vasp será instalada hoje e deverá ter como presidente o deputado Maurício Najar (PDS), ficando a função de relator com o deputado José Yunes ou Flávio Bierrenbach (PMDB).

Este trimotor "Tristar", da "Saudi Arabian Airways", incendiou-se antes-ontem e ficou com sua parte interna inteiramente destruída. Na acidente, 301 pessoas morreram queimadas.

Tragédia em Riad

Fiesp terá nova eleição em 15 dias

A chapa de Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, embora tenha vencido ontem as eleições da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (54 votos, contra 52 de Theobaldo De Nigris, um em branco e um nulo), não conseguiu maioria absoluta. Assim, nova votação será realizada dentro de 15 dias, a contar de ontem, tornando de vencedora a chapa que obtiver maioria simples.

Renda da agricultura cai em SP

O valor da produção agrícola paulista na safra 1979/80 atingiu Cr$ 234 bilhões, que representa aumento de 77,27% em relação à safra anterior, segundo informou ontem o secretário de Agricultura e Abastecimento, Guilherme Afif Domingos. Ele explicou que em [illegible] valor da produção [illegible] 7,2% [illegible] provocou [illegible] queda [illegible] nordeste [illegible] brasileira.

Videla justifica o regime militar

O presidente Jorge Videla justificou ontem em discurso no Congresso Nacional o atual regime argentino ao afirmar que as Forças Armadas iniciaram o "processo de reorganização nacional como única alternativa frente a um vazio total de poder, uma falta de segurança sem precedentes, transtornos sociais insuperáveis e uma debilidade econômica absoluta". Mais tarde, ao visitar o Supremo Tribunal Federal, ele disse que seu governo está fazendo a Argentina voltar ao Estado de Direito. Videla segue hoje para o Rio, depois de assinar em Brasília acordos de cooperação no setor nuclear. Amanhã ele estará em São Paulo.

Balança é negativa em 2,2 bilhões

A balança comercial brasileira registrou deficit de US$ 197 milhões no mês passado — contra US$ 208 milhões em junho — elevando para US$ 2,2 bilhões o saldo negativo acumulado de janeiro a julho, segundo dados da Fundação Getulio Vargas (Conjuntura Econômica).

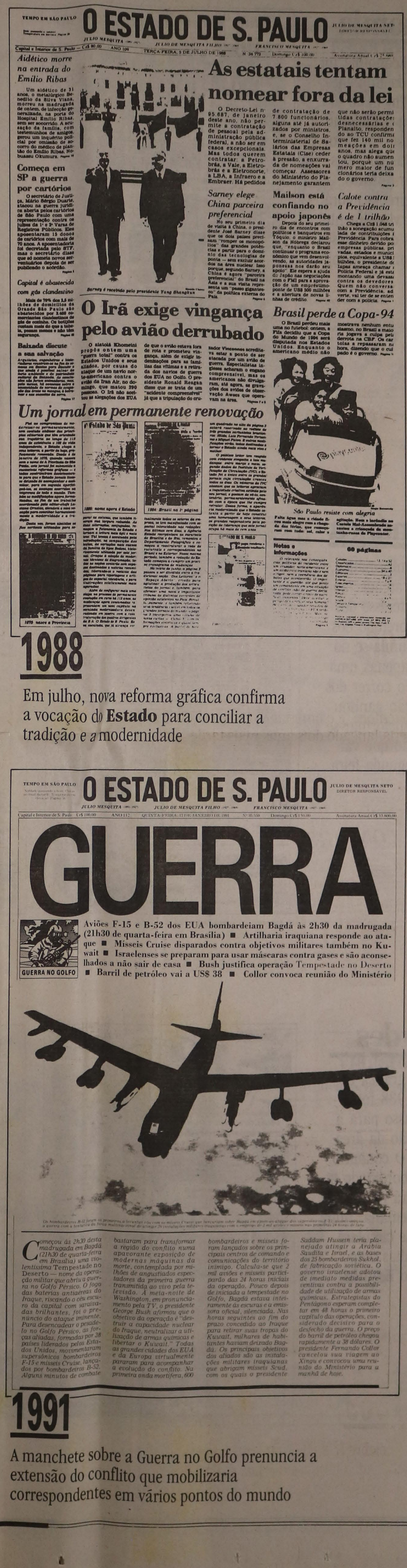
Delfim não ampliará os limites do crédito

O ministro do Planejamento, Delfim Netto, garantiu ontem que não pretende ampliar os limites de crédito para a exportação dos empresários, porque os bancos [illegible] do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni e do Banco do Brasil, Osvaldo Colin. Já uma fonte do Ministério do Planejamento, embora ressaltando que não há intenção do governo alterar as normas prefixadas de corte [illegible] candidatos a [illegible] pequenos e médios [illegible] ministro [illegible] até dezem[illegible] possibilidade [illegible]

62 páginas

1980

A União é condenada a indenizar o jornal pelos prejuízos causados pelos censores, que só em 1974 haviam desaparecido da redação



TEMPO EM SÃO PAULO — O ESTADO DE S. PAULO — JULIO DE MESQUITA NETO, DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891-1927) — JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1969) — FRANCISCO MESQUITA (1927-1969)

Capital e Interior de S. Paulo — Cr$ 80,00 — ANO 109 — TERÇA-FEIRA, 5 DE JULHO DE 1988 — N. 34.772 — Domingo Cr$ 100,00 — Assinatura Anual Cr$ 25.000

Aidético morre na entrada do Emílio Ribas

Um aidético de 31 anos, o metalúrgico Benedito da Silva Viana, morreu na madrugada de ontem, de infecção generalizada, na porta do Hospital Emílio Ribas, sem ser socorrido. A acusação da família, com testemunhos de amigos, gerou um inquérito policial por omissão de socorro do médico de plantão do Emílio Ribas, Nobuassu Okumura.

Começa em SP a guerra por cartórios

O secretário de Justiça, Mário Sérgio Duarte, atacou na guerra jurídica aberta pelos cartórios de São Paulo com uma representação contra os juízes da 1ª e 2ª Varas de Registros Públicos. Eles aposentaram 15 donos de cartórios com mais de 70 anos. A aposentadoria foi decretada pelo STF, mas o secretário disse que só nomeia novos serventuários depois de ser publicado o acórdão.

Capital é abastecida com gás clandestino

Mais de 70% dos 3,5 milhões de domicílios da Grande São Paulo são abastecidos por 3.600 botijões clandestinos de gás de cozinha. Os botijões custam mais do que a taxa, possam menos e não têm segurança.

Baixada discute a sua salvação

Arquitetos, engenheiros e historiadores reuniram-se na fim de semana em Santos para discutir o que ainda é possível salvar de seu ambiente e do patrimônio cultural da Baixada. As conclusões não foram animadoras. Não [illegible] nenhuma sobre a obrigatoriedade de normas de ocupação das áreas de manguezal, a [illegible] e nos encostas da serra.

Barney é recebido pelo presidente Yang Shangkun

As estatais tentam nomear fora da lei

O Decreto-Lei nº 95.687, de janeiro deste ano, não permite a contratação de pessoal pela administração pública federal, a não ser em casos excepcionais. Mas todos querem contratar: a Petrobrás, a Vale, a Eletrobrás e a Eletronorte, a LBA, a Infraero e a Embraer. Há pedidos de contratação de 7.800 funcionários, alguns até já autorizados por ministros, e, se o Conselho Interministerial de Salários das Empresas Estatais (Cise) ceder à pressão, a enxurrada de nomeações vai começar. Assessores do Ministério do Planejamento garantem que não serão permitidas contratações desnecessárias e o Planalto, respondendo ao TCU confirma que fez 140 mil nomeações em dois anos, mas alega que o quadro não aumentou, porque um número maior de funcionários teria deixado o governo.

Sarney elege China parceira preferencial

No seu primeiro dia de visita à China, o presidente José Sarney disse que os dois países precisam "romper os monopólios" das grandes potências e partir para o domínio das tecnologias de ponta — sem excluir acordos na área nuclear. Isso porque, segundo Sarney, a China é agora "parceira preferencial" do Brasil na Ásia e a sua visita representa um "passo gigantesco" da política externa do País.

Mailson está confiando no apoio japonês

Depois do seu primeiro dia de encontros com políticos e banqueiros em Tóquio, o ministro Maílson da Nóbrega declarou que, "enquanto o Brasil continuar o programa econômico que vem desenvolvendo, as autoridades japonesas nos darão seu apoio". Ele espera a ajuda do Japão nas negociações com o FMI para a aprovação de um empréstimo-ponte de US$ 500 milhões e a abertura de novas linhas de crédito.

Calote contra a Previdência é de 1 trilhão

Chega a Cr$ 1.048 trilhão a sonegação acumulada de contribuições à Previdência. Para cobrar esse dinheiro devido por empresas públicas, privadas, estaduais e municipais, equivalente a US$ [illegible] bilhões, o presidente de [illegible] Iapas ameaça chamar a Polícia Federal e já estuda montando uma devassa contra os devedores. Quem não conversa com a Previdência, adverte, vai ter de se entender com a polícia.

O Irã exige vingança pelo avião derrubado

O aiatolá Khomeini propôs ontem uma "guerra total" contra os Estados Unidos e seus aliados, por causa do ataque de um navio norte-americano contra o avião da Iran Air, no domingo, que matou 290 pessoas. O Irã não aceitou as alegações dos EUA de que o avião estava fora de rota e prometeu vingança, além de exigir indenizações para as famílias das vítimas e a retirada dos navios de guerra dos EUA no Golfo. O presidente Ronald Reagan disse que se trata de um "acidente compreensível" já que a tripulação do cruzador Vincennes acreditava estar a ponto de ser atacada por um avião de guerra. Especialistas iranianos acharam o engano compreensível, mas os americanos não divulgaram, até agora, as gravações dos avisos de observação Awacs que operavam na área.

Brasil perde a Copa-94

O Brasil perdeu mais uma no futebol: ontem, a Fifa decidiu que a Copa do Mundo de 1994 será disputada nos Estados Unidos. Enquanto o americano médio não mostrava nenhum entusiasmo, no Brasil a maioria jogava a culpa pela derrota na CBF. Os cartolas a repassaram nas horas, dizendo que o culpado é o governo.

São Paulo resiste com alegria

Um jornal em permanente renovação

Fiel ao compromisso de modernizar-se permanentemente, sem contudo abdicar dos princípios editoriais que têm orientado sua trajetória ao longo de 118 anos de existência e 100 de vida independente, o Estado chega a uma data-marco, a partir da hoje, profundamente renovado. Desde o início de 1978, quando nasceu sob o nome de A Província de São Paulo, este jornal foi submetido a sucessivas reformas gráficas — e todas contribuíram decisivamente para que o Estado jamais tenha deixado de acompanhar a sociedade, para em seguida aperfeiçoá-lo, as mudanças ocorridas no universo de todo o mundo. Também as modificações agora formuladas, ao fim de um trabalho coordenado pelo editor-chefe Lourenço Ornstein, atendem a uma exigência para conciliar tradição e modernidade e a tradição.

Dentre vem, foram abolidas as fios verticais utilizados para separar as colunas, que também tiveram sua largura reduzida. As duas alterações, conjugadas, propiciam a [illegible] do Estado e tornam a leitura mais fácil e mais [illegible]. Tal [illegible] é acompanhada pela introdução, na composição dos textos, de corpos mais reduzidos [illegible] das famílias de tipos Bodoni, historicamente utilizada por este jornal. Graças à adoção de modernas técnicas de diagramação, todas as seções ganharão uma apresentação diferenciada e notícias [illegible] de maneira [illegible] mais agradável.

Além de conferir mais uma etapa no processo de permanente evolução em curso há 118 anos, as mudanças agora concretizadas vêm [illegible] um novo capítulo na [illegible] modernização [illegible] a reformulação dos quadros dirigentes do S.A. O Estado de S. Paulo. Em [illegible] sociedade, que já alcança ter [illegible] bastaram para transformar a região do conflito numa apavorante exposição de modernas máquinas da morte, contemplada por milhões de angustiados espectadores da primeira guerra transmitida ao vivo pela televisão. A meia-noite de Washington, em pronunciamento pela TV, o presidente George Bush afirmou que o objetivo da operação é "destruir a capacidade nuclear do Iraque, neutralizar a utilização de armas químicas e libertar o Kuwait." Todas as grandes cidades dos EUA e da Europa virtualmente pararam para acompanhar a evolução do conflito. Na primeira onda mortífera, 600 bombardeiros e mísseis foram lançados sobre os principais centros de comando e comunicações do território inimigo. Calcula-se que 2 mil aviões e mísseis participarão das 24 horas iniciais da operação. Pouco depois de iniciada a tempestade no Golfo, Bagdá estava inteiramente às escuras e a emissora oficial, silenciada. Nas horas seguintes ao fim do prazo concedido ao Iraque para retirar suas tropas do Kuwait, milhares de habitantes haviam deixado Bagdá. Os principais objetivos dos aliados são as instalações militares iraquianas que abrigam mísseis Scud, com os quais o presidente Saddam Hussein teria planejado atingir a Arábia Saudita e Israel, e as bases dos 25 bombardeiros Sukhoi, de fabricação soviética. O governo israelense adotou de imediato medidas preventivas contra a possibilidade de utilização de armas químicas. Estrategistas do Pentágono esperam completar em 48 horas o primeiro capítulo das operações, considerado decisivo para o desfecho da guerra. O preço do barril de petróleo chegou rapidamente a 38 dólares. O presidente Fernando Collor cancelou sua viagem ao Xingu e convocou uma reunião do Ministério para a manhã de hoje.

1988

Em julho, nova reforma gráfica confirma a vocação do **Estado** para conciliar a tradição e a modernidade

TEMPO EM SÃO PAULO — O ESTADO DE S. PAULO — JULIO DE MESQUITA NETO, DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891-1927) — JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1969) — FRANCISCO MESQUITA (1927-1969)

Capital e Interior de S. Paulo Cr$ 100,00 — ANO 112 — QUINTA-FEIRA, 17 DE JANEIRO DE 1991 — Nº 35.550 — Domingo Cr$ 150,00 — Assinatura Anual Cr$ 33.000,00

EDIÇÃO EXTRA

Choque de verão chega em clima de ceticismo

O presidente José Sarney anunciou o Plano Verão, ontem à noite, em cadeia nacional de rádio e TV. O Plano foi recebido, em todo o País, num clima de ceticismo. Todos os preços, incluindo os aluguéis, estão congelados por tempo indeterminado. Com a eliminação da URP, os reajustes de salários, a partir de fevereiro, dependerão de negociações entre patrões e empregados. O cruzado perdeu três zeros e foi desvalorizado em 17%, frente ao dólar, dando lugar a uma nova moeda legal, o cruzado novo, que nasce valendo exatamente US$ 1. Embora a OTN tenha sido extinta, a correção monetária não acabou — as cadernetas de poupança continuarão recebendo rendimentos mensais e os contratos em geral poderão ser regidos por qualquer índice legal. Uma tablita compatibilizará as prestações e obrigações em cruzados, mas não será permitido aplicá-la nas tarifas públicas ou nas mensalidades escolares. Estas ficarão congeladas nos valores de janeiro até ser definida uma nova forma de reajuste. As primeiras avaliações técnicas indicam que o Plano Verão é uma versão corrigida do Plano Cruzado. Os cortes nos gastos públicos são tímidos e não se sabe de que modo o governo manterá a promessa de só gastar o que arrecadar. Adotado por meio de uma medida provisória, o programa será apreciado pelo Congresso Nacional.

O GUIA DO CRUZADO NOVO

Como ficam os salários. O que acontece com a caderneta de poupança, as ações, o ouro, o dólar e o over. O que muda nas prestações da casa própria e nos aluguéis. De que modo o Imposto de Renda vai ser atingido. A aplicação da tablita, as mudanças nas mensalidades escolares e nos preços em geral. Todas as dúvidas sobre os efeitos do Plano Verão na vida de cada um estão respondidas nas páginas 9 a 14.

1 A tabela do IR volta a ser em cruzados
2 Quem ganha mais do que o salário médio de 88 fica onde está. Quem ganha menos tem aumento
3 Nova poupança vai render a taxa do over
4 Bolsa não repetirá euforia do Cruzado
5 Dólar no paralelo não acompanhará a maxi
6 Alta dos juros favorecerá o over
7 Aluguel vai ser reajustado pela média dos últimos seis ou doze meses. Vale a tablita
8 Prestações em OTN converteram-se em cruzados
9 Congelamento atinge condomínio, telefones, clubes e cursos diversos
10 Mensalidade escolar fica congelada até definição de uma forma de reajuste

Reforma fecha cinco ministérios

A reforma administrativa prometida pelo presidente José Sarney desde fevereiro de 1986, quando pela primeira vez prometeu mudanças no Ministério que herdara de Tancredo Neves, foi afinal anunciada ontem. Além de algumas dezenas de autarquias, conselhos e fundações, foram extintos cinco ministérios e colocadas à venda 14 empresas estatais. Cerca de 60.000 funcionários serão demitidos. O médico paulista Vicente Amato Neto aceitou o convite para assumir o Ministério da Saúde, cuja liquidação era considerada certa até sexta-feira. O Ministério da Justiça ficará com o ex-deputado federal Oscar Dias Corrêa, hoje no Supremo Tribunal Federal. Se quiser, Vicente Fialho será deslocado do Ministério da Irrigação, também extinto, para a pasta das Minas e Energia. "Na área administrativa, fizemos o que nunca foi feito na História brasileira", afirmou Sarney no discurso em que anunciou as mudanças. Só ontem à noite, pelo pronunciamento na TV, alguns ministros souberam oficialmente que seus empregos não existiam mais.

1989

Uma edição extra sobre o "Plano Verão" circula na segunda-feira e reduz a perplexidade dos brasileiros

TEMPO EM SÃO PAULO — O ESTADO DE S. PAULO — JULIO DE MESQUITA NETO, DIRETOR RESPONSÁVEL

JULIO MESQUITA (1891-1927) — JULIO DE MESQUITA FILHO (1927-1969) — FRANCISCO MESQUITA (1927-1969)

GUERRA

GUERRA NO GOLFO

Aviões F-15 e B-52 dos EUA bombardeiam Bagdá às 2h30 da madrugada (21h30 de quarta-feira em Brasília) ■ Artilharia iraquiana responde ao ataque ■ Mísseis Cruise disparados contra objetivos militares também no Kuwait ■ Israelenses se preparam para usar máscaras contra gases e são aconselhados a não sair de casa ■ Bush justifica operação Tempestade no Deserto ■ Barril de petróleo vai a US$ 38 ■ Collor convoca reunião do Ministério

Começou às 2h30 desta madrugada em Bagdá (21h30 de quarta-feira em Brasília) uma violentíssima Tempestade no Deserto — nome da operação militar que abriu a guerra no Golfo Pérsico. O fogo das baterias antiaéreas do Iraque, riscando o céu escuro da capital com saraivadas brilhantes, foi o prenúncio do ataque iminente. Para desencadear o pesadelo no Golfo Pérsico, as forças aliadas, formadas por 28 países liderados pelos Estados Unidos, movimentaram supersônicos bombardeiros F-15 e mísseis Cruise, lançados por bombardeiros B-52. Alguns minutos de combate bastaram para transformar a região do conflito numa apavorante exposição de modernas máquinas da morte, contemplada por milhões de angustiados espectadores da primeira guerra transmitida ao vivo pela televisão. A meia-noite de Washington, em pronunciamento pela TV, o presidente George Bush afirmou que o objetivo da operação é "destruir a capacidade nuclear do Iraque, neutralizar a utilização de armas químicas e libertar o Kuwait." Todas as grandes cidades dos EUA e da Europa virtualmente pararam para acompanhar a evolução do conflito. Na primeira onda mortífera, 600 bombardeiros e mísseis foram lançados sobre os principais centros de comando e comunicações do território inimigo. Calcula-se que 2 mil aviões e mísseis participarão das 24 horas iniciais da operação. Pouco depois de iniciada a tempestade no Golfo, Bagdá estava inteiramente às escuras e a emissora oficial, silenciada. Nas horas seguintes ao fim do prazo concedido ao Iraque para retirar suas tropas do Kuwait, milhares de habitantes haviam deixado Bagdá. Os principais objetivos dos aliados são as instalações militares iraquianas que abrigam mísseis Scud, com os quais o presidente Saddam Hussein teria planejado atingir a Arábia Saudita e Israel, e as bases dos 25 bombardeiros Sukhoi, de fabricação soviética. O governo israelense adotou de imediato medidas preventivas contra a possibilidade de utilização de armas químicas. Estrategistas do Pentágono esperam completar em 48 horas o primeiro capítulo das operações, considerado decisivo para o desfecho da guerra. O preço do barril de petróleo chegou rapidamente a 38 dólares. O presidente Fernando Collor cancelou sua viagem ao Xingu e convocou uma reunião do Ministério para a manhã de hoje.

1991

A manchete sobre a Guerra no Golfo prenuncia a extensão do conflito que mobilizaria correspondentes em vários pontos do mundo

O ESTADO DE S. PAULO

1937 1988

Economia

A seção de Economia foi a primeira da imprensa brasileira. Em maio de 1989, surgiu o Caderno de Economia, recebido com entusiasmo pelos leitores do **Estado**. O caderno circula agora reformulado visualmente e com seções destinadas a informar com precisão.

Clima "excelente" para acordo

Adicional é explicado

'Prime' cai para 8,5%

Pagamento, 'boa vontade' do País

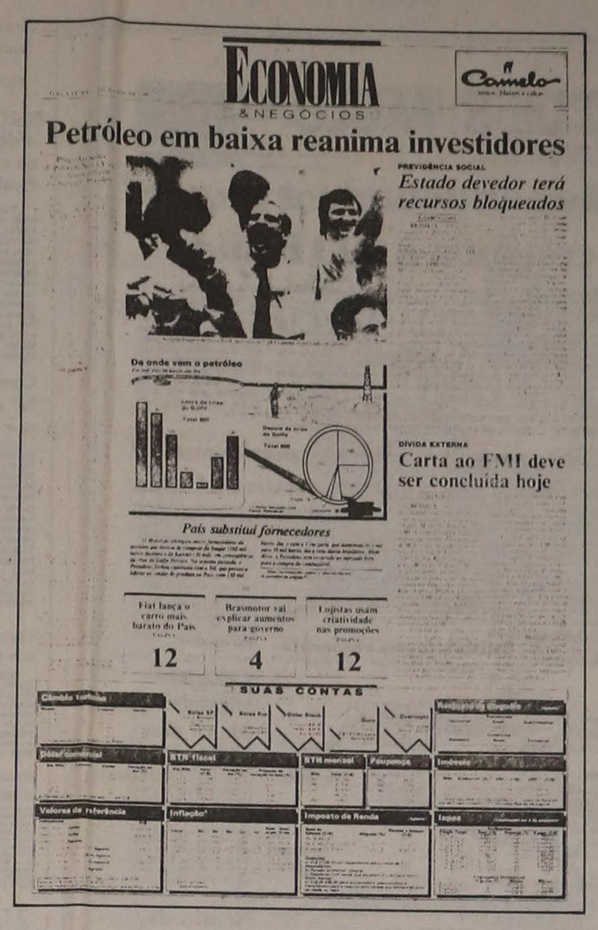
Clube de Paris não fixa data

Sarney admite: moratória foi o "maior erro" do seu governo

Comitê acha um avanço para a normalização

Advogado considera conversão difícil

Para banqueiro japonês, o Brasil não devia pagar os juros


ECONOMIA & NEGÓCIOS

Petróleo em baixa reanima investidores

Estado devedor terá recursos bloqueados

Carta ao FMI deve ser concluída hoje

País substitui fornecedores

Fiat lança o carro mais barato do País 12

Brasmotor vai explicar aumentos para governo 4

Lojistas usam criatividade nas promoções 12

SUAS CONTAS

Economia

Receita proporá volta da correção para IR

Dorothéia nega sexto aumento de combustíveis

Banco paga 46 bilhões a usineiros do NE

Greve paralisa agências do BB

Informática

A seção de Informática, criada para atender ao crescente interesse dos leitores – sobretudo dos jovens – resumia-se no seu início a apenas uma página. Com o correr dos meses, a seção ganhou espaço até transformar-se num caderno que vai circular na segunda-feira.

Digirede cria primeiro consórcio de supermicro

Computador ajuda agência de publicidade a compor "jingles"

Onde estão os recursos para informatizar

ADP Systems lança um novo programa para videolocadoras

Fac-símile Itautec. O telefone que desenha, fotografa, documenta e assina embaixo.

Itautec

Itax é Itautec.

O ESTADO DE S. PAULO INFORMÁTICA SUPLEMENTO ESPECIAL

A máquina agora também produz Arte

Macintosh e software, destaques da mostra

O mercado da inteligência artificial

Os principais lançamentos da exposição

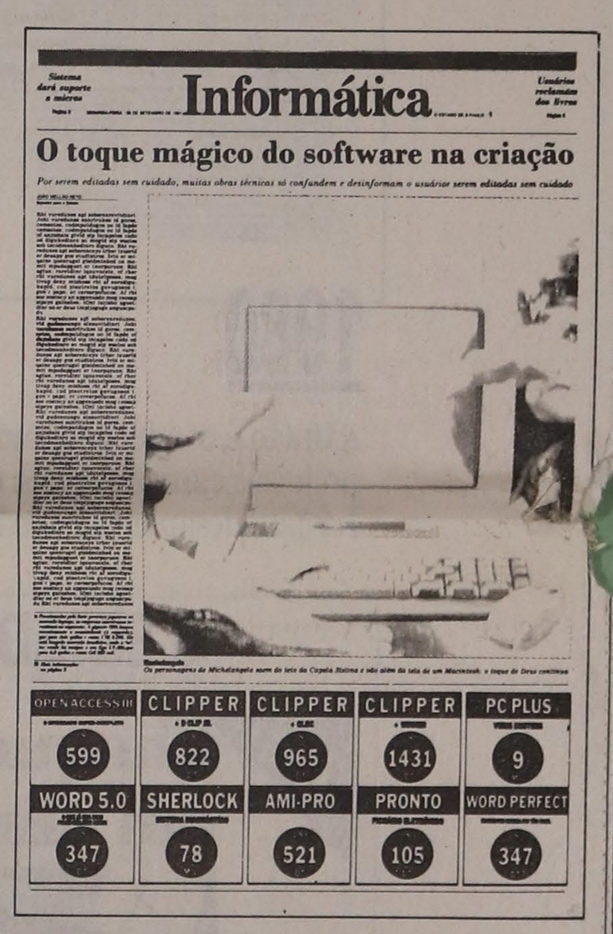
Empresa importa a tecnologia das salas limpas

Como entender a guerra dos padrões

Um teste do novo programa Windows 3.0

Soluções Monydata: qualidade, performance e suporte.

MONYDATA


Informática

O toque mágico do software na criação

OPEN ACCESS III	CLIPPER	CLIPPER	CLIPPER	PC PLUS
599	822	965	1431	9
WORD 5.0	SHERLOCK	AMI-PRO	PRONTO	WORD PERFECT
347	78	521	105	347

Cidades

A reforma gráfica de julho de 1988 foi o primeiro passo para a modernização da área de Cidades. O conjunto de temas subordinado a tal editoria será reunido, a partir desta semana, num caderno que circulará todos os dias com a edição do **Estado**.

Elevadores com serviço irregular

IPTU deve mesmo ser aprovado por decurso de prazo

Mutuários da Cohab agora invadem prédios

Juiz manda arquivar a reclamação contra 'JT'

Empresa pede seis meses

A família mora no interior, mas vive aqui em São Paulo.

O concreto plástico

Suas datas queridas. PIS

Eldorado Residence V.

Auditoria confirma fraudes na CMTC

Dinheiro desviado de estatização

Petistas dominam audiência pública

Reservatório vaza e alaga ruas do Centro

Comerciantes do Rio decidem reabrir lojas

Técnicos testam novo veículo sobre trilhos

Motoristas de ônibus param em Belém

Cidades

Erundina admite rombo de US$ 770 milhões

PSDB já arma novo governo com Feldman

Conta da CMTC foi a ponta do iceberg do PT

PM impede sequestro de garoto

O ESTADO DE S. PAULO

1991

Esportes

Depois de ter lançado em 1964 a Edição de Esportes, responsável por uma revolução nesse setor da imprensa, o **Estado** volta a reservar um caderno à cobertura dos assuntos esportivos, com especial destaque para a edição das segundas-feiras.

Pelé decide: não joga mais no Mundialito

DJALMA DIAS

Os súditos e sua majestade

VERÃO EXECUTIVO?

BERLITZ

Batista indo para a Inglaterra

ESPORTES 3

Ao meio-dia, a batalha de Turim

Alemanha e Holanda revivem final de 74

Checos e Camarões estão nas quartas

A trilha das suas férias está na Boca.

ATACADO E VAREJO

ESTACIONAMENTO DENTRO DA LOJA

Esportes

Falcão dispensa Leonardo e vai convocar Lira

Émerson Fittipaldi sai na pole hoje em Portland

Itália contratará só uma brasileira na temporada

Tempo

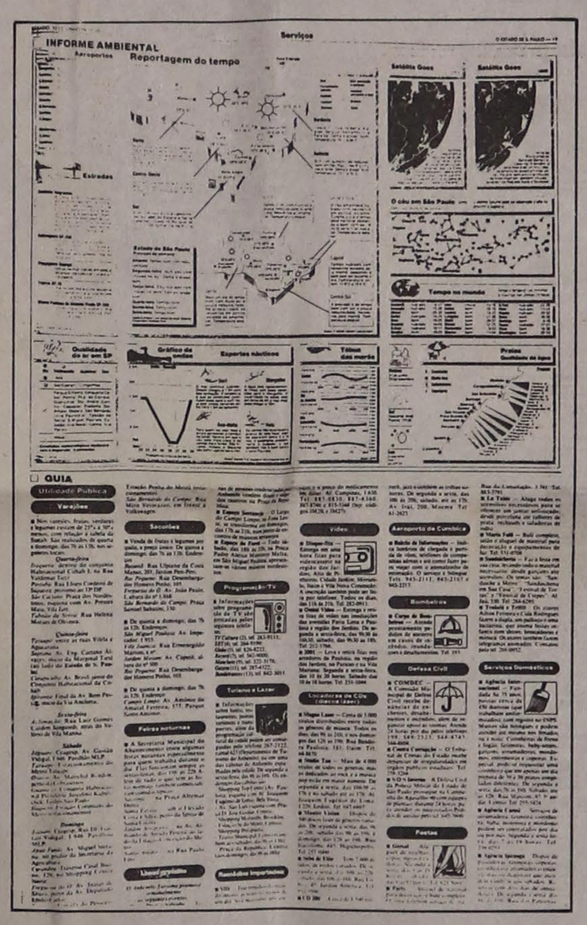
Antes confinadas num pequeno espaço, as informações sobre o tempo se ampliaram gradativamente. Há dois dois anos, passaram a ocupar uma página inteira, que agora fechará o Caderno de Cidades e usará cores intensivamente.

Guarda metropolitano é suspeito da chacina

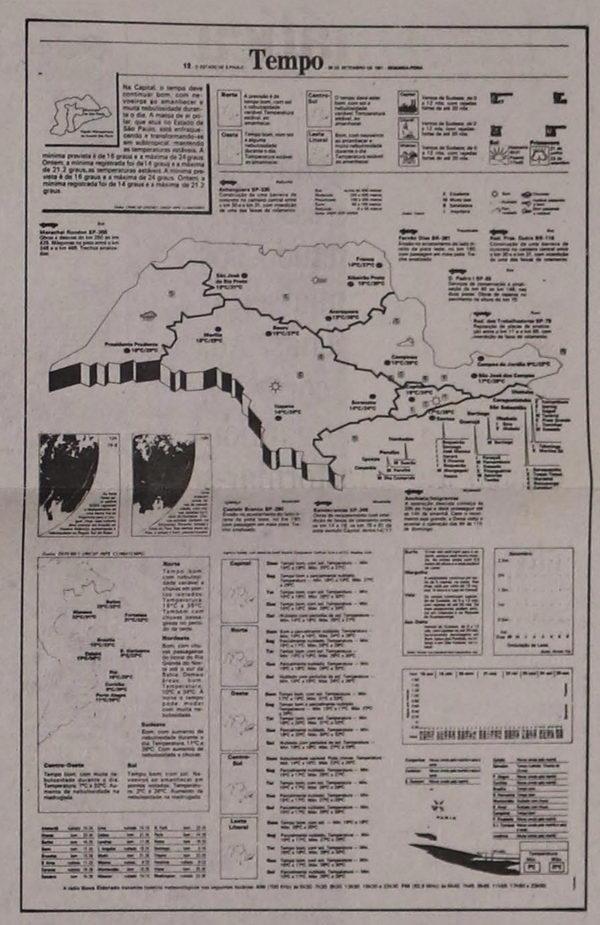
Justiça quase pronta para solicitar menina

Contrabando de café em Prudente

Brasil e Espanha discutem a cooperação judiciária

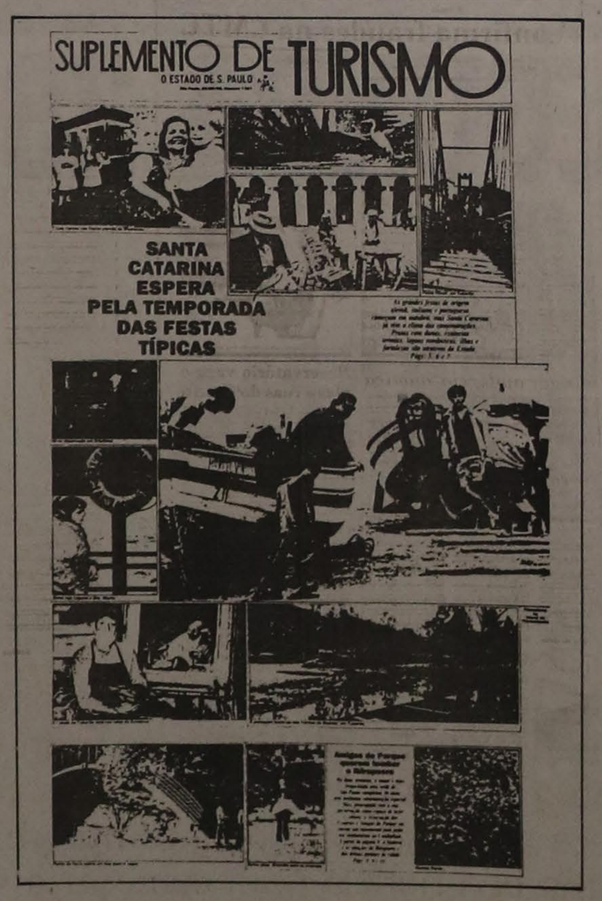

INFORME AMBIENTAL

Reportagem do tempo


Tempo

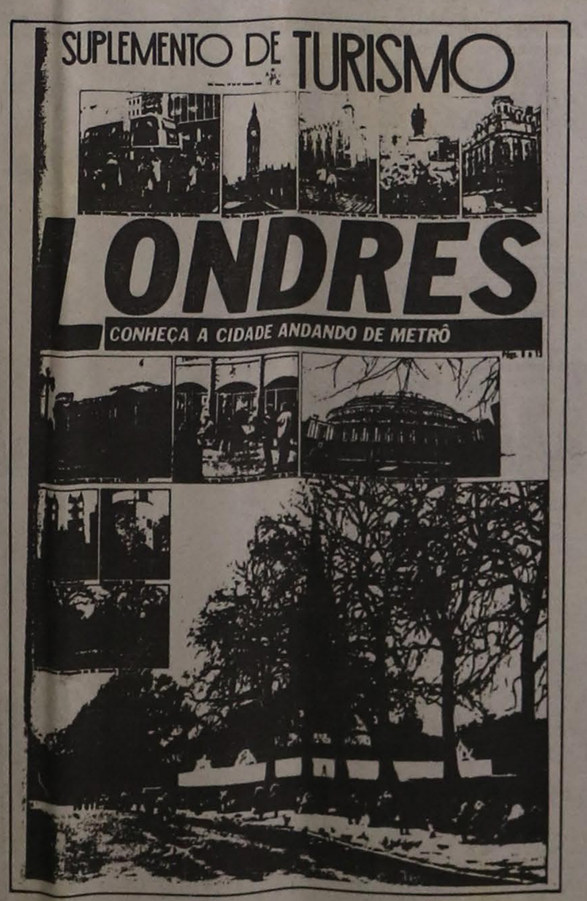
Viagem

O Suplemento de Turismo foi sempre uma das grandes marcas do jornal. Neste outubro, seguindo uma tendência da imprensa mundial, o antigo suplemento ganha um novo nome – Viagem – e amplia a abrangência dos assuntos de que trata.


SUPLEMENTO DE TURISMO

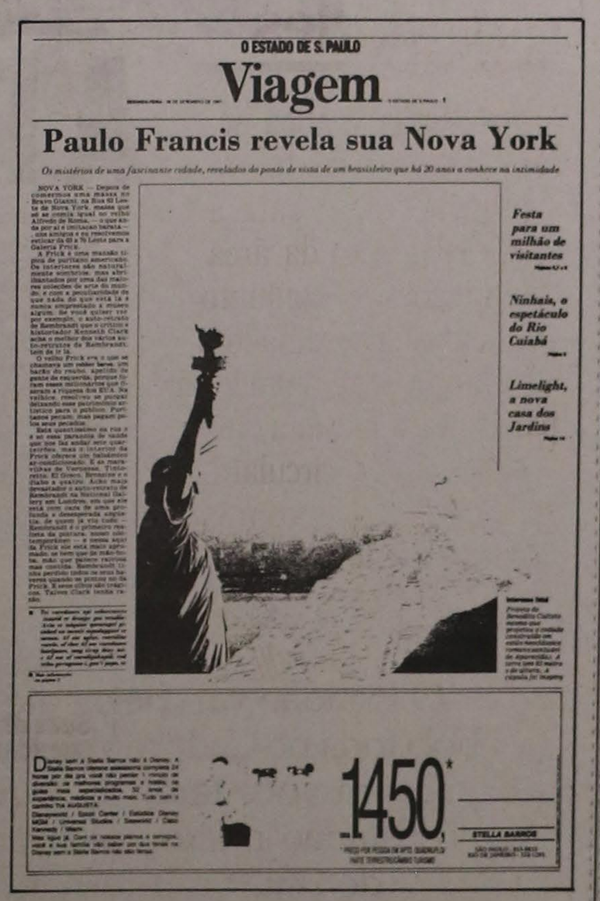
O ESTADO DE S. PAULO

SANTA CATARINA ESPERA PELA TEMPORADA DAS FESTAS TÍPICAS


SUPLEMENTO DE TURISMO

LONDRES

CONHEÇA A CIDADE ANDANDO DE METRÔ


O ESTADO DE S. PAULO

Viagem

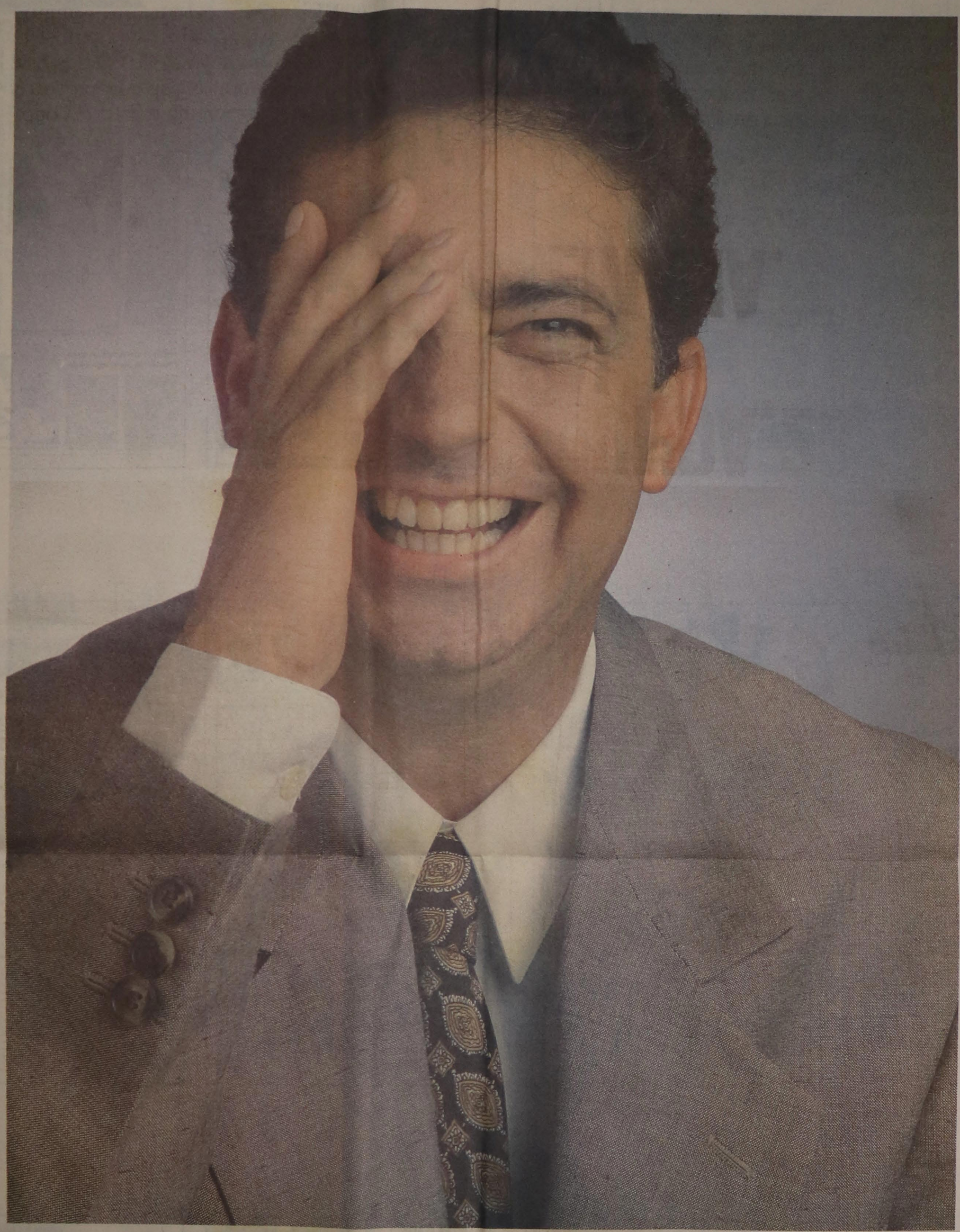
Paulo Francis revela sua Nova York

Festa para um milhão de visitantes

Ninhais, o espetáculo do Rio Cuiabá

Limelight, a nova casa dos Jardins

1450



A PARTIR DE SEGUNDA, 28, VOCÊ VAI GANHAR A SEMANA.

O Estadão vai chegar até você logo na segunda-feira. Quente, novo, no ponto para começar a semana. Com a bola toda no Caderno de Esportes. De olho no Caderno Cidades. E fazendo suas contas no Economia. Todos os dias. Assim você terá, de segunda a segunda, um novo Estadão. Como você vê e vai ver na próxima segunda, o Estadão mudou sem perder o essencial. O que permanece mesmo é o zelo, o compromisso e a seriedade de tratar a informação e a verdade dos fatos. Esta é uma boa notícia para começar a semana, não?

De segunda a segunda, um novo Estadão todos os dias.

O ESTADO DE S. PAULO
O jornal mais importante do País.